



**A FESTA A NOSSA SENHORA DOS ALTOS CÉUS E AS DANÇAS
TRADICIONAIS DA LOUSA**

**O valor da cultura de um povo, a força da sua identidade, coesão social e economia
da cultura perante a era da globalização**

Mestrado em Relações Interculturais

Helena Maria de Matos Gregório Vicente Francisco

Dissertação orientada pelo Prof. Doutor José da Silva Ribeiro

2012

ii

Agradecimentos

Um trabalho de investigação científico, levado a cabo com rigor competência e responsabilidade, não se faz sozinho. Há momentos em que é necessário recorrer aqueles que de uma forma ou de outra nos possam dar a mão numa caminhada que se revela a cada passo mais difícil. O prazer de o realizar passa não só, pelo interesse pessoal mas também por reconhecer que em alturas de maior dificuldade podemos contar incondicionalmente com pessoas que nos estendem a mão de forma absolutamente desinteressada. É a essas pessoas que quero deixar o meu sincero agradecimento achando, porém, ser pouco perante tamanha disponibilidade, boa vontade e amizade.

Começo por agradecer aqueles sem os quais este trabalho não teria sido, de todo, possível realizar, a comunidade da Lousa, onde foi elaborada a investigação de campo. De forma mais específica, pretendo referir aqueles que estiveram ao meu lado sempre que necessário, como Alexandra e Miguel Capinha, Alexandre Barata, Ana Maria Mendes, Sr. Padre António Castanheira, António José Justino D^a Assunção Marcelino, Sr. José Mendes e D^a Maria dos Santos, Sr. José Teles Chaves e Rosalina Barata. Também agradeço a todos os dançantes, tocadores outros Lousences que em distintos momentos me forneceram informações preciosas e dignas de registo, de forma informal. Seguidamente quero agradecer ao meu orientador Professor Doutor José da Silva Ribeiro que me permitiu organizar o pensamento com sabedoria, serenidade e amizade, contribuindo para o meu crescimento académico.

A todos os que comigo colaboraram, os meus queridos amigos, Ana Paula Perry, Helena Alves, António Pedro Dias, Alice Batista. Às minhas, especiais, amigas por me ouvirem e reconfortarem nos momentos de grande pressão. Ao Ilídio Batista e Sérgio Chitas, por alguns esclarecimentos técnicos de grande utilidade neste trabalho.

Às Professoras Doutoras Luísa Correia e Madalena Veiga Leitão pelo tempo que disponibilizaram fornecendo-me informações relevantes de carácter mais especializado nas áreas da música e das expressões artísticas, assim como o incentivo constante e preocupado.

Quero também deixar um agradecimento à Escola Superior de Artes Aplicadas na pessoa do professor Carlos Reis pela disponibilidade e cedência de imagens.

Acabo com um agradecimento muito especial aqueles que mais sentiram a minha ausência, agradeço aos meus filhos por compreenderem e aceitarem, apesar da tenra idade, agradeço aos meus pais a disponibilidade e ajuda incondicional, agradeço ao Gil pelo amor, compressão amizade que me dedicou.

Resumo

O grande objetivo deste trabalho, do ponto de vista antropológico, consiste em fazer chegar a um público geral o resultado de todas as investigações relacionadas com o conjunto de práticas performativas e comportamentos rituais próprios da aldeia da Lousa no distrito de Castelo Branco. Estudamos, por isso, um contexto específico, uma festa realizada todos os terceiros domingos de Maio, condição premente desde a data a que remonta uma lenda que justifica a sua realização. Neste caso específico de estudo, a vida quotidiana da Lousa apresenta-se à margem destes rituais que congregam o corpo comunitário uma vez por ano. Essa festa envolve um conjunto de práticas distintas de carácter religioso e pagão. Estes dois elementos fundem-se num só, onde o objetivo primeiro é presentear a Santa padroeira por um favor concedido em tempos áureos relacionado com a referida lenda. Todas estas práticas pautam-se por um tom profundamente religioso e ritualista pouco usual no nosso país. A tese relata a experiência prática de um grupo de cidadãos que teimam em manter viva a tradição, seguindo fielmente o que lhes foi ensinado e transmitido através do tempo, estabelecendo, assim, uma relação entre o seu padrão identitário, e a valorização da sua cultura, que passa por uma perspectiva espontânea e natural, por assim dizer, para uma perspectiva Cultural. Estudar estes rituais é perceber a comunidade na sua essência e fora dos padrões comuns, é entendê-la associada a um modo de vida mais puro que existiu e que ainda teima em subsistir.

Assim, consideramos pertinente referir que a nossa preocupação passa por colocar em evidência para futura reflexão o risco de se perderem estas práticas locais, face a um pensamento dominante e homogéneo. Atravessamos, assim, uma fase profundamente materialista fazendo com que os interesses economicistas dominem todas as tendências existencialistas e todos os setores sejam, inevitavelmente, afetados por este novo modo de pensar, nomeadamente a cultura.

Abstract

The great object, on the anthropological point of view, of this work is aiming to reach a general audience, the result of all investigations related to the set of the performativity practices and behaviour rituals of the village of Lousa, in Beira Baixa.

Therefore, it was studied a specific context, a festivity that takes place every third Sunday in May, preeminent condition since the date that goes back to a legend that justifies its implementation.

In this particular study case, the daily life of Lousa presents the margin of the body rituals that congregate community once a year. This festival involves a distinct set of practices of religious and pagan character.

These two elements unite into one, where the primary objective is to present the patron saint for a favor granted in the heyday relationship with the legend. All these practices pass a deeply religious and ritualistic tone unusual in our country.

The thesis reports the experience of a group of citizens who insist in keeping alive the tradition, faithfully following what was taught and transmitted to them through time, thereby also establishing a relationship between their standard of identity, and appreciation of their culture, making the passage of a spontaneous and natural perspective, so to speak, for a cultural perspective. Studying these rituals is to understand the Community in its essence and out of the common patterns associated to a pure way of life that existed and still persists.

So, we consider essential to mention that our concern is to take to evidence, for future consideration, the risk that these local practices are exposed in this times of unifying global thinking.

The World goes through times paying significant importance to materialism, with economical interests dominating everything from the mere existence of human being, passing through human thought, to affecting culture in its more primordial object.

Resumée

L'objectif principal de cette étude, d'un point de vue anthropologique, est de parvenir à vulgariser auprès du grand public, le résultat de toutes les investigations menées en termes de manifestations et de comportements rituels propres au village de Lousa situé dans le district de Beira baixa. Nous avons pour cela orienté notre étude et l'avons menée dans un contexte bien particulier, celui d'une fête qui se déroule tous les troisièmes dimanches du mois de mai, cette date qui constitue la condition essentielle à sa réalisation, puisque la justification de son origine remonte à la légende même. Dans le cas particulier de cette étude, la vie quotidienne de Lousa s'est positionnée en marge de ces rituels qui permettent une fois par an à la communauté de se réunir et de communier toute ensemble. Cette fête regroupe ainsi un ensemble de pratiques diverses de caractère à la fois religieux et païen. Ces deux éléments se fondent essentiellement sur la vénération de la Sainte protectrice qui offrit en des temps ancestraux une protection à l'origine de cette légende. Toutes ces pratiques sont, ainsi, chargées d'une signification profondément religieuse et ritualiste peu usuelle dans notre pays.

Ce travail retrace l'expérience pratique d'un groupe de citoyens ayant le souhait de maintenir vivante une tradition, qui suit fidèlement ce qui leur a été enseigné et transmis de génération en génération établissant ainsi, une relation entre leur caractère identitaire, et la valorisation de leur culture, passant ainsi d'une perspective spontanée et naturelle, à une perspective plus Culturelle. Etudier ces rituels et comprendre cette communauté dans son essence même et en dehors des sentiers battus, c'est essayer de la comprendre en l'associant à un mode de vie plus pur qui a existé et qui tente de subsister. Aussi, nous avons jugé pertinent d'orienter notre présentation sur la mise en évidence d'une réflexion liée au risque que courent ces pratiques locales face à la globalisation de la pensée actuelle. Le Monde traverse, de nos jours, des changements significatifs dans sa façon de concevoir son économie, sujet central de l'attention de la pensée humaine. Aussi, cette phase profondément matérialiste que traverse l'humanité, risque par la façon de penser qu'elle engendre, telle une boule de neige, détruisant tout sur son passage, d'affecter tous les autres secteurs, et en l'espèce la culture.

Índice Geral

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vi
Resumé	vii
Lista de Quadros	x
Lista de Tabelas e Figuras	xi
Lista de Anexos	xii
CAPITULO I - INTRODUÇÃO	
1.1. Temática do Estudo	1
1.2. Problemática, Necessidade e Pertinência do Estudo	3
1.3. Objetivos e Hipóteses de Trabalho	10
CAPITULO II – METODOLOGIA-FUNDAMENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA EMPREGUE NA INVESTIGAÇÃO	
2.1. A Escolha do Método	16
2.2. Técnicas e Recursos de Investigação	24
2.2.1. Notas de Campo	27
2.2.2. Entrevistas Livres	28
2.2.3. Gravações de Áudio	30
2.2.4. Gravação de Vídeo	32
2.2.5. Filme etnográfico	33
2.2.6. Fotografia	35
CAPITULO III – PERSPETIVA ETNOGRÁFICA E ANTROPOLÓGICA	
3.1. A Aldeia da Lousa- Contextualização, Social, Geográfica, Económica e Cultural	40
3.1.1. Lousa – Desde Quando e Onde!	40
3.1.2. Quem são os Lousenses e como Subsistem	42
3.1.3. “Legitimamente Seu” – Manifestações Culturais da Lousa	46
3.1.3.1. Património Arquitetónico, Conjunto de Edifícios	46
3.1.3.2. Força Espiritual – “A Nossa Senhora dos Altos Céus”	47
3.1.3.3. Festas e Romarias	48
3.2. A Lenda dos Gafanhotos	51
3.3. A Festa a Nossa Senhora dos Altos Céus	53
3.4. As Tradicionais Danças a Nossa Senhora	58
3.4.1. A Dança das Virgens	59
3.4.1.1. A Indumentária	60
3.4.1.2. A Melodia - Aspetos Musicais e Técnicos	61

3.4.1.3. Instrumentos Utilizados na Dança das Virgens	63
3.4.1.4. Aspetos Coreográficos	64
3.4.2. A Dança dos Homens, das Genebres ou da “Farrombana”	66
3.4.2.1. A Indumentária	68
3.4.2.2. Aspetos Musicais e Técnicos	68
3.4.2.3. Aspetos Coreográficos	71
3.4.3. A Dança das Tesouras ou Farsa da Tesouras	72
3.4.3.1. A Indumentária	73
3.4.3.2. Aspetos Musicais e Técnicos	74
3.4.3.3. Aspetos Coreográficos	75
CAPITULO IV - INTERPRETAÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO À LUZ DA	
REVISÃO DA LITERATURA	
4.1. Identidade e Pertença	79
4.1.1. Coesão Social	89
4.2. Ritual e Performance	90
4.3. Emoções e Sentimentos	100
4.4. A Economia da Festa	103
CAPITULO V- CONCLUSÕES	111
BIBLIOGRAFIA	117
ANEXOS	125

LISTA DE QUADROS

QUADRO I – Entrevistas Realizadas em Trabalho de Campo 2011	21
QUADRO II - Descrições dos acontecimentos religiosos e pagãos da festa a Nossa Senhora dos Altos Céus na Lousa realizadas em trabalho de Campo Maio 2011	22
QUADRO III - Variáveis de Estudo – Categorias	24
QUADRO IV – Categoria I – Identidade e Pertença	25
QUADRO V – Categoria II – Coesão Social	25
QUADRO VI – Categoria III – Ritual e Performance	26
QUADRO VII – Categoria IV – Emoções e Sentimentos	26
QUADRO VIII – Categoria V – Economia da Festa	27
QUADRO IX - Quadras recitadas antes da coreografia	65
QUADRO X - Quadras entoadas na dança das tesouras	75

LISTA DE TABELAS

TABELA I - Variáveis de Estudo – Categorias	78
TABELA II – Categoria I – Identidade e Pertença	81
TABELA III – Categoria II – Coesão Social	90
TABELA IV – Categoria III – Ritual e Performance	97
TABELA V – Categoria IV – Emoções e Sentimentos	102
TABELA VI – Categoria V – Economia da Festa	105

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Bandeira e Brasão	39
FIGURA 2 - Panorâmica das ruas principais que constituem a aldeia da Lousa	42
FIGURA 3 - As suas gentes	43
FIGURA 4 - Modo de vida – agricultura de subsistência	45
FIGURA 5 - Nossa Senhora dos Altos Céus	47
FIGURA 6 - Festas e Romarias	48
FIGURA 7 - A Lenda do Gafanhotos	51

LISTA DE ANEXOS

ANEXO I	125
ANEXO II	148
ANEXO III	156
ANEXO IV	191
ANEXO V	209

CAPITULO I

Introdução

Resumo do Capítulo

Neste primeiro capítulo propusemo-nos dar a conhecer o objeto de estudo que esta investigação teve em mente levar a cabo e que o próprio tema denuncia: **“A Festa a Nossa Senhora dos Altos Céus e as Danças Tradicionais da Lousa- O Valor da cultura de um povo, a força da sua identidade, coesão social e economia da cultura perante a era da globalização”**.

Assim sendo, elaboramos uma descrição do modo como será estruturada a dissertação e dos assuntos tratados em cada um dos capítulos, referencias à temática escolhida e pertinência da nossa escolha. Foram traçados os objetivos específicos que pretendemos alcançar em torno da problemática e expostas as hipóteses de trabalho que nos moveram e encaminharam nesta investigação.

1.1. Temática do Estudo

Tema do trabalho: **“A Festa a Nossa Senhora dos Altos Céus e as Danças Tradicionais da Lousa- O Valor da cultura de um povo, a força da sua identidade, coesão social e economia da cultura perante a era da globalização”**.

A Aldeia da Lousa no Distrito de Castelo Branco apresenta um conjunto de práticas ritualistas que manifestam uma maneira diferente de vivenciar uma experiencia comum a todos os seus habitantes. Esta aldeia vive, todos os 3^{os} domingos de Maio, um ritual que data, segundo os seus habitantes, talvez desde 1640. Salvado (2001) citado em Costa (2005: 39-42) refere que a Beira Baixa por volta da década de 1640 foi assolada por uma praga de gafanhotos que devastou a economia da região. Assim sendo, o facto da existência da festa a nossa senhora dos altos céus e todas as suas praticas ritualistas,

nomeadamente as danças das virgens dos homens e das tesouras, ter como base uma lenda que refere precisamente a praga dos gafanhotos, levou os seus habitantes a datar a existência desta festa e destas danças aproximando-a da data em que supostamente a beira baixa foi assolada pela referida praga. A lenda, profundamente religiosa, evoca a proteção da Santa Padroeira da Aldeia (Nossa Senhora dos Altos Céus), aquando da enorme devastação causada por uma praga de gafanhotos, que pôs em causa toda a subsistência da população. Concedida a graça, até hoje, fielmente, os seus habitantes cumprem e honram a promessa feita à Virgem sem nunca perderem de vista o seu sentido e significado.

Este trabalho, realizado no âmbito do Mestrado em Relações Interculturais, tem como principal objetivo analisar a importância de performances etnográficas locais (estudando este caso específico da Aldeia da Lousa – Beira Baixa). Os modos como se articulam e interagem refletem-se num conjunto bastante completo e complexo de formas de expressão artística. A música por um lado, a dança e a expressão corporal por outro, associadas a emoções sentidas, vividas e exteriorizadas, bem como as próprias vestes, que expõem um complexo conjunto de símbolos que, interligados, nos dão uma imagem peculiar carregada de significado antropológico. Esta riqueza de cruzamentos carrega em si mesma, uma dimensão popular e religiosa (lenda), aliadas a uma vertente popular (conjunto de práticas públicas), a que dão o nome de Dança das Virgens, Dança dos Homens e Dança das Tesouras, assim como, da própria festa onde, por tradição, são apresentadas, formando assim, um contexto geral muito bem definido.

Procura-se identificar o conjunto de modelos e/ou práticas adotadas, de modo a estabelecer uma possível reflexão sobre o valor da cultura, relacionando a economia da festa, os processos identitários e a coesão social no espaço físico onde se desenvolve toda a dinâmica inerente ao ritual. A visão geral e particular dos seus participantes, relativamente a esta reflexão, irá contribuir, significativamente, para um melhor entendimento das possíveis conclusões encontradas.

A dissertação é constituída por cinco capítulos.

No **capítulo introdutório** será determinada a problemática, os objetivos a traçar e a coerência do estudo em causa, assim como as hipóteses formuladas.

Seguir-se-á o **capítulo II**, onde será apresentada a metodologia e o porquê da escolha dos métodos, estratégias e recursos de investigação utilizados. A investigação foi realizada na aldeia da Lousa, onde foram entrevistados muitos dos participantes nas práticas em questão e algumas entidades consideradas idóneas. As filmagens, gravações áudio, fotografias, apontamentos e notas escritas foram realizadas em todos os ensaios, preparativos e momentos da festa, igualmente no Local da Lousa, no ano de 2009, 2010 e 2011. Os referidos momentos observados em trabalho de campo foram os seguintes:

Práticas religiosas: Procissões, homilias, adeus à virgem, dança das virgens e dança dos homens.

Práticas pagãs: carmesse, entrega da festa, garraiada, conjuntos musicais e bailaricos e dança das tesouras.

No **capítulo III**, pretende-se descrever e contextualizar as práticas ritualista observadas na festa a Nossa Senhora dos Altos Céus, quer geográfica quer socialmente, quer o modo como são praticadas e quais os recursos utilizados nessas práticas.

No **capítulo IV**, serão apresentados os resultados da investigação, os quais serão confrontados com os conceitos de antropologia, etnografia, identidade e pertença, coesão social, ritual e performance, imagem sonora e visual, cultura, economia da festa e valor da cultura. Face às teorias existentes, far-se-á uma análise comparativa e serão tecidos os resultados da investigação tendo em conta as hipóteses de trabalho.

No **capítulo V** será elaborada uma síntese conclusiva onde serão evidenciados aspetos relacionados com os resultados da investigação de forma sucinta e conclusiva. Serão inumeradas as vantagens deste estudo quer para o investigador, quer para a comunidade estudada. Será apresentada, ainda, a intenção, a viabilidade e pertinência da continuidade de estudo desta temática.

1.2. Problemática - Necessidade e Pertinência do Estudo

Grande parte das aldeias do nosso país, à semelhança da Lousa, mantem vivas determinadas dinâmicas culturais identitárias, tendo disponível, apenas, a transmissão oral. “As tecnologias da memória nas sociedades ágrafas eram as práticas sociais e

culturais vinculadas à tradição oral, à expressão visual e sonora e à sua transmissão efetuada através do corpo - incorporação visual da memória” (Ribeiro, 2010), como garante de perpetuação das suas crenças e performances.

Nestas culturas orais os ‘mediam’ (apoios de memória e portadores de informação) não estão separados dos sujeitos. Os sujeitos ‘são’ memória e cenarizam ou encenam a memória de maneira viva através da recitação oral (cantos, lendas, os mitos) e seus complementos - objectos rituais (coroas, espadas, instrumentos musicais), máscaras (rito de inversão - o escravo que se torna rei), vestimentas (fardas, chapéus), gestos e posturas corporais, etc. (Ribeiro, 2010: 299)

Com a Globalização, estas tradições, pelo modo como são transmitidas e perpetuadas, correm o risco de cair no esquecimento coletivo, uma vez que o modo de pensar “global” se impõe. Começamos gradualmente a assistir a novas perspectivas de conceber o mundo distintas da que mantínhamos até à atualidade. A sociedade atual vive em constante mutação tomando como objetivo, principal, a ideia de “transformar” o mundo numa imensa “aldeia global”, onde a economia e os restantes setores, nomeadamente o cultural, irão forçosamente sofrer mutações significativas. Assim sendo, corremos variadíssimos riscos, sendo, um deles, o de podermos assistir à uniformização de alguns aspetos culturais das sociedades afetando, assim, a perpetuação de rituais como o que se refere este estudo, à semelhança de tantos outros que teimam em manter-se vivos por essas desertificadas aldeias portuguesas, que se povoam aquando destas celebrações.

Perante esta nova visão do mundo, marcam terreno as questões económicas que envolvem o termo globalização, denotando-se um processo, cada vez mais acentuado, de canalizar o pensamento humano para a racionalização dos custos, dos valores monetários e dos lucros de todas as atividades, sendo que, a cultura não podia deixar de ser, influenciada por tais marcas.

Não se deve ao acaso o facto de George Yudice (2008) referir que “Me dei conta de que toda cultura precisa de um sistema de financiamento, de apoio”. Não se pode, no entanto, descurar a vertente social e psicológica dos agentes intervenientes

É pertinente perceber de que modo é que populações fechadas e com crenças tão enraizadas de tradição inabalável, se poderão moldar às novas exigências e modos de pensar globais, onde os gestores, produtores e agentes são mais importantes que os

próprios artistas, sobretudo com o aparecimento de novos suportes de informação disponíveis, como a Internet, TV por cabo, multimédia, entre outros.

George Yudice foi um dos pensadores que direcionou o seu estudo, seguindo um caminho que prevê a possibilidade de comprovar, o uso da cultura, como um expediente local, face à nova ideologia Global. Será que faz sentido estudar este fenómeno, específico, tendo em conta algumas critérios que passam por esta nova forma de pensar? Neste estudo, pretendemos demonstrar como a vertente economicista do fenómeno da globalização não se irá processar única e simplesmente a nível económico, mas também a nível do desenvolvimento da cultura de um povo e de que modo este povo, em particular, poderá sofrer ou não as consequências de tais alterações.

Dominique Wolton refere, ainda “quanto mais os cidadãos do mundo estiverem expostos a um número crescente de informações, mais reagirão e se expressarão” (Wolton, 2004: 74), o que conseqüentemente reforçará a sua identidade. Por seu lado, Ferreira confirma esta afirmação ao referir que “Quanto mais globalização houver, mais indispensáveis são as ciências sociais e humanas e maior diversidade cultural existirá” (Ferreira, 2006: 14). A pertinência de estudos como este, far-se-á sentir já que suscitam a reflexão de casos concretos. Refletir sobre estas questões poderá evitar, assim, que culturas locais com tradições centenárias se fundam com outros contextos que as possam, de algum modo, descaracterizar, e permitir que os atores sociais, que as asseguram e protagonizam, encontrem neles a garantia da sua singularidade.

A cultura é orientada por um conjunto de regras, com restrições e permissões. Desde o nascimento que os indivíduos vão sendo moldados e influenciados pela cultura que lhe foi imposta à nascença. Seguimos os nossos padrões identitários como não tendo, ou desconhecendo, outros à nossa volta. Esta influência poderá ser determinante na afirmação da identidade nacional. É ela que irá diferenciar um povo de outro.

Estes padrões identitários permitem-nos diferenciar de outros grupos sociais.

Relativamente ao espaço geográfico onde está inserida, a manifestação cultural da festa e danças da Lousa, incluímo-la como pertencente a um protótipo de cultura rural, é, precisamente, sobre os conflitos de interesses, de valores morais e sentimentais de uma região rural mais conservadora, profundamente religiosa, que irá ser orientada a forma do seu entendimento. Verifica-se um evidente contraste entre o modo de pensar mais

liberal das culturas urbanas, e o modo mais conservador do mundo rural, onde são perceptíveis assimetrias no modo de abordar esta questão.

Desde os tempos mais remotos, que a humanidade se divide entre esses dois grandes grupos, geograficamente falando, o ambiente rural e ambiente urbano... são mundos que comandam formas de atuação distintas, produto de visões diferentes da realidade, nalguns casos de forma oposta.

Assim, se por um lado, a cultura é vista como um modo de produzir capital, e conseqüentemente a criatividade é posta ao serviço dessa capitalização, por outro, é vista, tão-somente, como um modo de expressão de produção criativa, e apenas como manifestação de sentimentos e sentidos interiores e exclusivos do ser humano.

Estes diferentes modos de pensar uma mesma prática, causam desajustes que poderão por em risco a existência de práticas de significativo valor cultural e identitário das comunidades que representam.

Ainda há a referir que o fenómeno da globalização, acaba com as barreiras geográficas mas terá de manter fronteiras, relativamente às características individuais e identitárias dos povos. “Não se pode ser diferente sozinho. É a livre circulação das obras e dos talentos que permite a perpetuação das culturas pelo ato da renovação” (Revel, 2002, 34).

“A globalização não uniformiza, diversifica. A reclusão esgota a inspiração” (Ravel, 2011: 135).

Esta opinião vê-se constantemente em luta com movimentos “antiglobalização” que reúne pensadores das mais distintas áreas: política, económica, artística, que reveem a sua forma de pensar nesta afirmação de (Stiglitz, 2002) "Para a maior parte do Mundo a globalização como tem sido conduzida, assemelha-se a um pacto com o demónio.”

Devido ao modo como a finalidade da cultura é encarada atualmente, rituais como este da Lousa persistem a medo, vão “remando contra a maré” e só poderão encontrar o seu “porto seguro” em investigadores que lhes deem voz, dimensão e reconhecimento. Este esforço terá de ser conjunto e as comunidades terão de mostrar uma postura “aberta” relativamente ao uso das tecnologias e aos novos processos de gerir a economia, para que, sem perderem a sua identidade, possam trabalhar a perpetuação dos seus “tesouros culturais”.

Turner (1974) defende que estas culturas não ficam à margem das novas concepções, consideradas não só pelo modo como são encaradas, como também pelo modo como são transmitidas, geridas e organizadas: “não é inteiramente correto falar da “estrutura de uma mentalidade diferente da nossa”. “Não se trata de estruturas cognoscitivas diferentes, mas de uma idêntica estrutura cognoscitiva, articulando experiências culturais muito diversas” (Turner, 1974: 15), o que não faz delas menos ou mais ricas: “Gostaria de acrescentar, a título de condição neste ponto, que, em matéria de religião, assim como de arte, não há povos “mais simples”, há somente povos com tecnologias mais simples do que as nossas” (Turner, 1974:15), porque “A vida “imaginativa” e “emocional” do homem é sempre, e em qualquer parte do mundo, rica e complexa.

Questões como a desertificação, o preconceito social, a falta de abertura ao que é novo e diferente, a incapacidade de moldar estratégias e o isolamento das populações, reflete-se ao ponto de causar a perda de determinados padrões identitários e, à semelhança de outros rituais identitários no nosso país, o ritual das danças da Lousa, corre seriamente o risco de cair no esquecimento coletivo e posteriormente individual. A Lousa, tal como muitas outras zonas rurais que experimentam os problemas do isolamento, de fracas acessibilidades e de falta de estruturas de apoio, apresenta condicionalismos no que toca à fuga dos seus habitantes para locais onde as condições de vida são mais satisfatórias e onde possam dar aos seus descendentes um futuro melhor, garantidamente. Por outro lado, as antigas casas rurais que representam geograficamente metade da povoação, não abrem as suas portas nem criam condições dinâmicas de reaproveitamento dos recursos da localidade. Torna-se, assim, difícil alargar a zona de povoamento. Esta falta de gente jovem na aldeia pressupõe, conseqüentemente, a dificuldade em manter toda uma estrutura ritualista, cuja “matéria-prima” é preferencialmente composta por jovens dos 12 aos 17 anos, aproximadamente quando das danças tradicionais se trata.

O reconhecimento de que o fator desertificação pode por em causa a perpetuação deste ritual, por si só, não chega para colmatar o problema, será imperativo rever, tomar consciência dele e redesenhar formas de procedimento a fim de o transformar em algo mais poderoso, adaptado às novas exigências sociais e, se possível, geradores de bens económicos que possam, inclusivamente, ser favoráveis ao desenvolvimento económico da região.

As motivações pelas quais se levam a cabo certas práticas coletivas identitárias, são variadíssimas, e por consequência, os modos de atuação também. A sociedade de consumo leva, atualmente, a um desajuste entre as suas práticas e a realidade social atual.

Como a responsabilidade de manter viva a tradição é muito mais coletiva do que individual, há que educar e compreender as mudanças de modo a que os futuros membros da comunidade possam reajustar modos mais atualizados e geradores de uma economia benéfica adaptada à realidade atual.

Muitas coisas separam antropólogos e educadores, mas muitas outras os unem. (...) No diálogo entre antropologia e educação, a questão parece ser: a aventura de se colocar no lugar do outro, de ver como o outro vê, de compreender um conhecimento que não é o nosso (Gusmão, 1997:24 *cit* Cariunas, 2007) .

A reflexão acerca das variáveis estudadas será levada a cabo quando forem apresentados os resultados da investigação deste estudo e tal como qualquer estudo social de cariz antropológico e etnográfico, não poderá estabelecer resultados concretos, mas permitirá a reflexão e o entendimento do que está por detrás destas desigualdades e destas distintas formas de pensar. Russel dizia e bem, que “A experiência não permite nunca atingir a certeza absoluta. Não devemos procurar obter mais que uma probabilidade” (Bertrand).

O que move estas pessoas e o que não as move, no sentido de se integrarem na realidade atual do mundo no Séc. XXI.

A grande preocupação e interesse que motivaram esta investigação, prende-se com o facto de o investigador ser profissional da área da Música, lecionando a disciplina de educação musical, quer no ensino básico, quer no superior desde 1996/97. Como tal, o estudo social da Música representa uma constante preocupação, sobretudo no que toca à preservação da arte musical, de modo a que não se perca no tempo. Algumas das práticas abordadas neste estudo nem sempre se têm realizado, mas ainda assim, mesmo parcialmente, a sua essência nunca foi negligenciada. Felizmente, constatamos que desde 1958, uma nova geração se empenhou em mantê-las vivas e reconstitui-las, na sua quase perfeita produção. Movidos por fortes sentimentos de fé, tentaram pegar no que, “de boca me boca” se dizia e reconstruíram, o mais fielmente possível, todas as honras

que deviam ser feitas a Nossa Senhora, retomando um conjunto de práticas ritualistas de carácter profano e religioso, mantendo até hoje intacto e renovando o interesse dos menos crentes.

Torna-se bastante difícil identificar e correlacionar os elementos simbólicos de um ritual, para se poder afirmar que são eles os responsáveis pela identidade cultural de um povo. É bastante complexo o processo de identificar elementos musicais técnicos, coreográficos e de indumentária, relacionando-os com comportamentos típicos e/ou atípicos de uma micro ou macro sociedade. No entanto, é possível que venham a fornecer uma preciosa ajuda para compreender comportamentos individuais ou coletivos que poderão estar na base de uma identidade, neste caso, do povo da Lousa.

Investigar sobre o estudo de uma época passada que remonta a uma lenda, e relacionar com as práticas ritualistas em questão, não será tarefa fácil. Procuramos compreender as motivações que levaram a todo aquele aparato que nos é dado a conhecer no imediato.

Numa perspetiva mais abrangente, diria que compreender o comportamento de um povo, ajuda a aceitá-lo e a respeitar a sua diferença. Faz todo o sentido não deixar morrer a tradição, “se compreendermos o modo como as populações vivem, iremos compreender melhor os seus problemas” (Giddens, 2000).

Uma tradição autóctone, com música e instrumentos próprios, contribuem inequivocamente para a valorização da riqueza cultural da localidade, mas também numa aceção mais ampla, do próprio país.

Em resumo e relativamente a toda esta problemática revela-se pertinente levantar as seguintes questões, para as quais é imperativo obter uma resposta:

- Qual a principal função dos rituais religiosos e profanos praticados na festa a Nossa Senhora dos altos céus?
- Qual o papel identitário destas práticas?
- A imagem sonora e visual destas performances arrasta consigo traços identitários que caracterizam esta população?
- Os sentimentos visíveis serão representativos de emoções contidas e guardadas dentro de cada um?
- Que fatores identitários estão visíveis ou ocultos e de que modo se manifestam visual e sonoramente e sob formas de expressão?

- Como se caracteriza o perfil dos executantes mais jovens e mais idosos face à questão de uma eventual mudança ou *redesign* do ritual, ou da finalidade do ritual?
- Será que a mentalidade destes habitantes, condicionam crescimento económico e social da localidade?
- Que perspectivas futuras vislumbram os jovens relativamente a estas práticas?
- Será viável mante-las, suportando constantemente as adversidades com que lutam frente aos problemas subjacentes à desertificação?
- Poderiam as danças tradicionais da Lousa, ser por si só, uma mais-valia para assegurar de algum modo a fixação dos seus residentes, transformando-o e adaptando-o a uma realidade social mais moderna e global?
- E dessa forma manter-se-ia com os mesmos valores e com as mesmas funções?
- Terá a economia da festa algum poder substancial para a transformar num produto comerciável?
- Haverá outros fatores que estarão na base destas questões e que preocupam os seus habitantes?
- Estarão estes habitantes abertos ao esclarecimento, entendimento e readaptação destes valores?
- Será que a existência destas práticas transmitidas por via, exclusivamente oral, se irá manter?
- A intemporalidade destas práticas e o forte poder identitário será por si só suficiente para as manter, combatendo com os princípios de uma ideologia completamente distinta mais virada para uma vertente economicista?

1.3. Objetivos e Hipóteses de Investigação

A manutenção da cultura popular torna-se imperativa, uma vez que é através dela que nos contextualizamos numa realidade que é nossa, única, individual ou coletiva, e que nos torna seres sociais com características autênticas e unas.

Com a presente investigação, pretende-se contribuir para a compreensão e reflexão dos efeitos da intemporalidade das práticas culturais das sociedades, e permitir-nos a nós,

seres humanos, termos um sentido de pertença interior, e que nos faz mover, que nos faz seguir em frente, dando continuidade ao trabalho realizado pelos nossos antepassados, reajustando-o às novas realidades sociais, tentando não sofrer os efeitos devastadores da extinção dos usos e costumes que nos mantêm unidos ao longo dos tempos.

Objetivos do estudo:

- Perceber o contexto social, económico e cultural da aldeia da Lousa.
- Conhecer a dimensão visual e sonora, assim como os processos sociais e culturais das práticas ritualistas que envolvem a festa a Nossa Senhora dos Altos Céus, e o modo como ambos se articulam.
- Definir simbologias ligadas às práticas em causa, através da performance e da imagem visual e sonora.
- Estabelecer ligação entre imagem visual e sonora simbólica, e identidade coletiva.
- Definir e estabelecer inter-relações entre os conceitos Antropologia, cultura, identidade, pertença, coesão social, ritual e performance, imagem sonora e visual, economia da festa sentimentos e emoções individuais e coletivas e valor da cultura, com os resultados da investigação.
- Consciencializar o poder identitário das práticas ritualistas exibidas na festa a Nossa Senhora dos Altos Céus na Lousa.
- Valorizar o património cultural português.
- Enriquecer a investigação científica de carácter antropológico e as ciências sociais no nosso país.
- Incentivar este tipo de investigação e reflexão.
- Perspectivar o valor simbólico e social e garantir a sua passagem de geração em geração para que não se perca no tempo.

Este tipo de rituais estão em vias de extinção, neste ponto a antropologia de urgência fará sentido uma vez que permite a documentação e preservação de práticas culturais (Ribeiro, 2005)

Será necessário efetuar um estudo prévio e teórico que consistirá no amadurecimento dos conceitos envolvidos e que garantam antever coerentemente o caminho a percorrer, sem direito a erros, sem informação supérflua e desnecessária.

Será necessário averiguar os modos de pensamento dos seus executantes e dos que dele respiram a sua identidade.

Será também necessário perceber a intemporalidade destas praticas enquadrando-as no seu contexto originário.

No sentido de atingir estes objetivos, quatro hipóteses constituem o cerne da orientação deste trabalho, a saber:

Hipótese 1 – Todo o conteúdo simbólico, sonoro e visual das práticas religiosas e pagãs realizadas em louvor a Nossa Senhora dos Altos Céus na Lousa permite compreender a força identitária que define esta povoação.

Hipótese 2 – Existe uma forte coesão social e um poder identitário enraizado nesta população de forma a manter a perpetuação de uma tradição autentica e genuína.

Hipótese 3 - A crença religiosa está profundamente vincada na atuação destas gentes e consequentemente é a causadora da perpetuação do ritual.

Hipótese 4 – O valor da cultura poder-se-á perder apesar do forte enraizamento deste ritual, uma vez que o poder económico e o fator desertificação, assim como a aversão à mudança, poderão pôr em causa todo o trabalho de seis séculos, estando a humanidade exposta às ideologias que caracterizam o fenómeno da globalização.

CAPITULO II

Fundamentação e Descrição da Metodologia Empregue na Investigação

Resumo do Capítulo

O que e porquê estudar, como estudar, quem e onde estudar, resultados do que foi observado para estudo e conclusões, são questões inerentes ao modo como este estudo foi metodologicamente conduzido. A metodologia escolhida será apresentada neste capítulo. Optamos pelo **método etnográfico** e como estratégia de investigação o **tipo ou perspectiva Interpretativa**. No que diz respeito ao papel do observador, consideramos ser pertinente operar uma observação de interação, embora, não deixando de lado a observação participada, sempre que se justificasse necessário. Foram tidos em conta praticantes e não praticantes do ritual, não olhando a classe ou estratificação social. As técnicas de investigação utilizadas foram, o registo escrito das observações em trabalho de campo, entrevistas abertas, registo fílmico, registo áudio e fotográfico. Os recursos utilizados foram o diário de campo, a fotografia, o filme vídeo e etnográfico, e as gravações áudio que permitiram estudar os dados, registar todas as variáveis de estudo pretendidas e consequentemente permitir a sua apresentação. Só depois de todo este processo poderão ser tecidas conclusões relativamente às hipóteses elaboradas inicialmente. Foram selecionados para entrevistas alguns participantes das várias danças, antigos e novos bailarinos, tocadores, ensaiadores, pároco local, presidente da junta de freguesia, algumas mães ex-dançarinas, de jovens que hoje ainda dançam no ritual, pessoas externas ao ritual, mas que assistem fielmente, com enorme grau de envolvimento, a todo o processo de agradecimento, desde o primeiro momento

até ao termino do mesmo. O critério de seleção dos entrevistados esteve relacionado com as questões, base, deste estudo.

Las gentes entre las que estudian los antropólogos siempre dejan en ellos algunas huellas. Una de ellas, muy elemental y generalmente profunda, es el espíritu de convivencia, de comprensión (Velasco, 1994: 14).

José Ribeiro (2003: 25) refere que sempre que se pretende investigar em antropologia dever-se-á em primeiro lugar traçar um desenho de Investigação, esse desenho tem de se reajustar ao modo de vida e características específicas do grupo estudado, já que se trata de investigação socio cultural. Foi assim que depois de traçado o design de investigação este estudo se centrou na observação das práticas ritualistas relacionadas com a festa a Nossa Senhora dos Altos Céus, (quer no seu carater religioso quer pagã), que tem lugar todos os anos, no 3º domingo do Mês de Maio, na comunidade da Lousa, bem como na observação e registo dos relatos da população, o modo de executar os rituais e a articulação entre todos estes aspetos.

Poder-se-á prever que no estudo de um ritual se possa contar com a participação das pessoas que organizam o ritual, com os que desempenham os principais papéis rituais, cuidam o espaço ritual, constroem os objetos rituais e mesmo com as pessoas que a ele assistem ou aguardam a sua entrada em manifestações posteriores (Ribeiro, 2003:43).

A Antropologia é uma ciência que estuda o homem em todas as suas facetas comunitárias: individual, social e biológica. Todas as manifestações culturais e práticas sociais comuns, determinam e ajudam a entendê-lo como um ser diferente de todos os restantes animais. O ser pensante que pode, *per si*, estabelecer atividades que legitimam a sua existência na terra, tendo em conta uma série de comportamentos que o tornam único e autossuficiente.

A Antropologia Social por si só não conseguirá orientar esta investigação. Como tal, terá de contar com vertentes ecléticas na tentativa de encontrar respostas adequadas ao contexto em estudo.

Concordamos com a afirmação que refere a Antropologia aliada

à etnografia sonora descreve lugares, excessos dos prazeres que configuram a vida social de um povo. As escutas das sonoridades dos objetos tocados, das melodias das vozes são dadas sensíveis da vida coletiva (Rocha e Vedana, 2009)

Mas não podemos deixar de citar também Roberto Cardoso de Oliveira quando refere “o caráter constitutivo do olhar, do ouvir e do escrever, na elaboração do conhecimento próprio das disciplinas sociais” (Oliveira, 2000:18), (o trabalho do antropólogo).

Rocha e Vedana referem ainda que “a proposta de uma antropologia sonora está centrada, assim, nos sons e suas sonoridades como dados sensíveis que comportam a experiência humana no mundo” (Rocha e Vedana 2009).

Aliada ao seu instrumento e estratégia de investigação por excelência, a etnografia, mune-se de recursos imprescindíveis de trabalho, e, foi neste ponto, que encontramos o nosso rumo para este estudo. Ao preocupar-se com o ouvir, Roberto Cardoso de Oliveira aponta para o caráter dialógico da relação entre pesquisador e informante no momento em que este último é transformado em interlocutor, ou seja, enfatiza a “habilidade de ouvir o nativo e por ele ser igualmente ouvido” (Oliveira, 2000).

Deste modo, reafirmamos que se torna indispensável “observar sons musicais e não musicais, para assim se compreender como o social se apresenta, é então observar e estudar as práticas sensíveis das formas de sociabilidades ordinárias...” (Rocha e Vedana, 2009), já que a memória coletiva de um povo constrói-se a partir de registos visuais e sonoros de todos os elementos constituintes das suas práticas sociais individuais e coletivas.

Chamemos Antropologia dos Sons, a um conjunto organizado de sentidos para uma ordem social. Segundo Levi-Strauss (2004) “a antropologia sonora pode transmitir os significados sonoros de determinadas paisagens ou ambientes de uma forma temporal ou espacial.”

A Antropologia dos Sons procura conjuntos de símbolos de uma cultura em que os sons envolventes a toda a prática ritualista podem ser considerados um elemento chave no desvendar de respostas.

Margaret Mead (1975) também mostrou nos seus estudos que a antropologia não é mais do que uma disciplina das palavras, a importância específica das sonoridades banais fora da espetacularização do sagrado e do sensível amplificadas nos rituais e nas cerimónias.

Vikár foi o primeiro pesquisador em todo o mundo a utilizar nos seus trabalhos o fonógrafo Edison, registando as canções em cilindros de cera.

A música é uma manifestação do espírito humano similar à língua falada. Os seus praticantes deram à humanidade coisas impossíveis de dizer em outra língua. Se não quisermos que isso permaneça um tesouro morto, devemos fazer o possível para que a maioria dos povos compreenda esse idioma (Kodály, 1966)

Será imperativo penetrar no contexto social e dinâmico que envolve toda aquela prática ritualista da Festa da Nossa Senhoras dos Altos Céus, onde se inclui a prática das Danças dos Homens, das Virgens e das Tesouras. Ou seja, torna-se prioritária uma relação de proximidade com os sujeitos investigados.

Toda a investigação científica compreende, por um lado, um conjunto de metodologias adotadas e, por outro, técnicas de investigação específicas que vão ao encontro da necessidade do estudo em causa para que

através de uma discussão lógica dos conceitos açambarcados na literatura se possa trilhar uma pesquisa científica em torno do conhecimento real acerca do tema ao qual se pretende investigar (Aceti, et Cesar, 2009: 99-107).

2.1. A Escolha do Método

Etnografia, palavra Grafia vem do grego *graf(o)* significa escrever sobre, escrever sobre um tipo particular - um *etn(o)* ou uma sociedade em particular. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Etnografia> consultado e confirmado em 17 de janeiro de 2012).

La **etnografía** es un método de investigación que consiste en observar las prácticas de los grupos humanos y poder participar en ellas para poder contrastar lo que la gente dice y lo que hace (<http://es.wikipedia.org/wiki/Etnograf%C3%ADa> consultado em 23 de Agosto de 2011)

Fazer etnografia é realizar um estudo de carácter qualitativo, onde a grande preocupação é a compreensão de uma situação reescrita, concreta e não a generalização dos resultados. Michael Genzuk reforça esta ideia afirmando que

etnografia é um método de olhar de muito perto, que se baseia em experiência pessoal e em participação, que envolve três formas de recolher dados: entrevistas, observação e documentos, os quais, por sua vez, produzem três tipos de dados: citações, descrições e excertos de documentos, que resultam num único produto: a descrição narrativa. Esta inclui gráficos, diagramas e artefactos, que ajudam a contar “a história (Genzuk, 1993).

A etnografia, antes de ser considerada uma peça fundamental em qualquer processo de investigação, já se fazia, ainda que de forma não pensada. Os investigadores de então escreviam os seus relatos à luz da sua própria observação dos factos à medida que iam conhecendo e tomando contacto com outros povos. Diz-se, agora, que a etnografia tem como função descrever as situações de vida dos povos e de todas as circunstâncias que envolvem a sua vivência. Na apreciação de Geertz, um dos fundadores da chamada Antropologia Hermenêutica ou Interpretativa, que floresceu a partir dos anos 50, praticar etnografia não é somente estabelecer relações, seleccionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário "o que a define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma "descrição densa" (Geertz, 1989: 15).

Com base no objetivo central desta investigação, optamos pelo método etnográfico e como estratégia de investigação o **tipo Interpretativo**, uma vez que

a análise interpretativa é mais ampla que apenas uma interpretação do conteúdo, ela passeia nas entrelinhas do texto do pensamento, e na produção do autor, no confronto deste com os demais, e ao final, na discussão interna dos conceitos valorativos frente aos itens apresentados resultando em dados inovadores e com valor científico (Aceti, et Cesar, 2009: 99-107) .

Geertz (1989)

uma leitura das sociedades como textos ou como análogas a textos. A interpretação se dá em todos os momentos do estudo, da leitura do "texto" cheio de significados que é a sociedade à escritura do texto/ensaio do antropólogo, interpretado por sua vez por aqueles que não passaram pelas experiências do autor do texto escrito. Todos os elementos da cultura analisada devem ser entendidos, portanto, à luz desta textualidade, imanente à realidade cultural.

Temos consciência que, no estudo pretendido, depois de definido o método, e qual a estratégia de investigação, será pertinente acrescentar que não fará sentido abandonar técnicas de investigação de carácter exploratório, porque “mais frequentemente, o

modelo mais comum inclui informação na investigação exploratória e a investigação explanatória como complemento (Johnson, 2000: 144 *cit* Ribeiro, 2003: 33).

A perspetiva **interpretativa** interroga a possibilidade de objetividade do investigador, assim como, proporciona modos de pesquisa mais livres e menos formais. Este estudo incide numa sociedade, onde existe uma relação causal entre os acontecimentos e a história e, onde o investigador terá um papel fulcral, uma vez que, estará envolvido e estabelecerá com os sujeitos em estudo, uma interação subjetiva. Este facto confirma e legitima a escolha de métodos qualitativos ao invés de métodos quantitativos, uma vez que pretendemos “...a busca de conhecimento intersubjetivo, descritivo e compreensivo em vez de um conhecimento objetivo explicativo e nomotético” (Sousa Santos, 1996:). Pretendemos compreender a interação de todo um conjunto de práticas ritualistas num contexto específico de uma festa que acontece repetidamente (anualmente) naquele local.

Irá ser tida em atenção a observação dos pormenores, de “feitos” supostamente ocultos que nos podem fornecer, objetivamente, respostas a questões subjacentes à festa, mas que nos poderão guiar, fidedignamente, à compreensão das metas que traçamos estudar. Só assim poderemos chegar ao entendimento pretendido, relativamente ao valor da cultura naquele lugar e o modo como é gerida pelos seus praticantes. Os contextos históricos e culturais dependem de conteúdo científico que só pode ser entendido através dos métodos interpretativos.

O método de investigação eleito permitirá uma adaptação ao objeto/sujeito dinâmico, de modo a poder moldar-se às inúmeras contrariedades que vão surgindo ao longo do percurso, mas para isso é necessário a deslocação ao local, uma vez que

a presença do investigador no local resulta da necessidade de aprender (a ser socializado na) nova cultura. Ao ver fazer, ao ouvir falar e ao falar com as pessoas, concebe-se como possível entender a cultura autóctone e assim, supostamente, permitir ao investigador agir e pensar como se fosse elemento do grupo (Caria, 2000: 30).

Observação e interpretação ficam, assim, dependentes da perspetiva do investigador, uma vez que é ele que define as questões para as quais pretendemos encontrar respostas.

Para reforçar a observação e para que os resultados obtidos sejam fidedignos, não podemos deixar de ter em conta o poder da reflexividade enquanto meio de configurar a estratégia interpretativa dos factos.

Ao iniciar qualquer tipo de pesquisa, há um pressuposto implícito, de que estamos a investigar algo que nos é exterior, de quem o conhecimento que procuramos, não pode ser adquirido apenas e simplesmente através da introspeção (...) por outro lado não podemos pesquisar algo com o qual não temos nenhum contacto ou do qual estamos completamente isolados (...) por estas razões impõe-se algumas considerações sobre a flexibilidade em qualquer tipo de pesquisa (Ribeiro, 2003: 88).

A escolha do **método etnográfico** intimamente ligado ao método interpretativo justifica-se pela necessidade de o investigador tentar adequar, quer o método quer as técnicas do objeto de estudo, à recolha da informação efetuada, de modo a obter entendimento e descodificar os símbolos interpretativos a todo o aparato visual que envolve os vários momentos da festa. **O método etnográfico** permite oferecer aos participantes e não participantes das práticas ritualistas, uma ação ativa através de entrevistas e gravações de Vídeo e Áudio das representações. A participação ativa do investigador também se faz valer de importância nos contextos de vida dos participantes e não participantes do ritual. Só assim se torna “empiricamente possível” (Sarmiento, 2000). Teremos, enquanto investigadores, a capacidade de interiorizar, através da observação, aquilo que está naturalmente inerente ao objeto/sujeito de estudo, de forma a complementar o conhecimento e modo de refletir de forma lúcida e objetiva acerca dos dados que foram recolhidos. Um novo olhar, mais realista, emergirá na nossa consciência e aclarará algumas das dúvidas que possam emergir.

No que diz respeito ao papel do observador, consideramos que o tipo de observação utilizado neste estudo passa pela observação de interação embora, de alguma forma, possamos considerar a observação participada e direta como apoio. Como refere Ribeiro (2003), o recurso à observação participante manifesta-se pertinente enquanto reforço às técnicas de entrevista, uma vez que facilita a triangulação.

Neste estudo pretende-se compreender o significado dos gestos e expressões que manifestem sentimentos exteriorizados visivelmente pelos praticantes e não praticantes que assistem ao ritual. A observação direta de pormenores e detalhes, quer na entrevista quer nas manifestações populares relacionados com o ritual em situação de rua, assim

como os imprevistos, são pontos essenciais a focar quando o que está em causa é a obtenção de respostas que ajudem a compreender fenómenos identitários ocultos. Está, portanto, relacionada com o grau de envolvimento do investigador. O investigador tem de estar no terreno e focalizar-se numa “série de elementos em que se dá atenção aos detalhes, “regularidades”, de “comportamentos menores” (Goffman *cit* Ribeiro 2003: 207), em relação ao modelo de observação etnográfica” (Ribeiro 2003: 207). Este tipo de observação interativa remete para uma “adequação científica ao mundo empírico, de colagem ao real, para aí captar toda a complexidade do fenómeno estudado” (Ribeiro 2003: 207).

Foi estabelecida uma relação frontal entre o observado e o observador, não obedecendo, a esquemas rígidos e pré definidos em contextos de observação de rua. Simples olhares entre ambos, por vezes, reproduziam uma infinidade de significados que, estando o observador atento, representariam um enorme potencial de respostas verdadeiras para a investigação. “A Observação de interação é assim entendida como um encontro social constituído de conversas e jogos de olhares.” (Ribeiro 2003: 207) Já (Urbano, 1990) afirmava que “nós falamos com os órgãos, mas é com o corpo que nós conversamos” (Urbano, 1990: 64).

Obviamente que a observação participante aconteceu em determinados momentos em que presencialmente estávamos em contacto direto com o objeto observado. Não se pretendia, no entanto, viver a cultura estudada e infiltrar nela a nossa presença, até por o investigador ser originário de uma cultura geograficamente próxima. Ainda o objeto estudado ocorre apenas em 3 dias de festa, e a interação a um número pequeno de inquiridos que têm relação direta e/ou indireta com o ritual contribuiu para o produto final. “Os métodos de trabalho do investigador são os da vida quotidiana e os da interação vulgar do dia-a-dia” (Ribeiro 2003: 207). Reforço a ideia de que se este processo de pesquisa garante envolvimento do investigador com a comunidade escolhida, permite também um maior campo de visão dos acontecimentos.

Depois de termos refletido acerca do significado dos conceitos de etnografia, método interpretativo e observação participante e de justificarmos a nossa escolha por esses métodos torna-se, agora, pertinente mostrar qual o nosso trabalho efetivo de pesquisa.

Deslocamo-nos ao local da lousa, a casa dos entrevistados que manifestaram sempre grande disponibilidade em receber-nos, deixando-os determinar a hora o dia e o local que mais lhes conviesse. O dia do terceiro domingo da festa em Maio de 2010, assim como o ensaio das virgens que o antecedeu foi registado em notas de campo e filme vídeo. Em 2011 todos os momentos da festa durante os três dias em que esta decorreu, assim como os ensaios das danças das virgens, dos homens e das tesouras igualmente registados em filme vídeo, fotografia, registo áudio e notas de campo. Procedemos, também, a algumas entrevistas, nomeadamente aos acompanhantes das dançarinas e dançarinos, com e sem gravador e com a respetiva filmagem, igualmente com autorização prévia de todos os envolvidos, durante os ensaios em maio de 2011. Assim como entrevistas previamente marcadas. Deslocamo-nos, varias vezes, ao terreno para poder fotografar, tendo em conta as horas mais propícias para o fazer, em termos estéticos de conceção de fotografia. A Intenção foi fotografar a envolvência da aldeia, assim como os marcos referenciais de património cultural mais significativos e que poderão determinar de algum modo o modo de ser destas gentes.

QUADRO I

ENTREVISTAS REALIZADAS EM TRABALHO DE CAMPO 2011					
Nº	Nome do/s entrevistado/s	Idade/naturalidade	Profissão	Participante/Não participante	Tipo de entrevista
1	Sofia Barata Sílvia Centeio	15 anos Lousa 18 anos Lousa	Estudante Estudante	- Participantes na dança das virgens	Coletiva
2	Daniela Salvado Joana galhardo	17 anos Lousa 5 anos Lousa	Estudante Estudante	- Participantes na dança das virgens	Coletiva
3	Mariana Guerreiro Patrícia Baltazar	13 anos Lousa 15 anos Lousa	Estudante Estudante	- Participantes na dança das virgens	Coletiva
4	Rosalina Barata Alexandre Barata	41 anos Lousa 41 anos Lousa	Auxiliar de geriatria Motorista de pesados	- Ex-Participante na dança das virgens - Tocador e dançante na dança dos homens	Coletiva
5	José Mendes Feio Maria Bispo dos Santos	80 anos Lousa 78 anos Lousa	Reformado Reformada	Ensaaiador da dança dos homens	Coletiva
6	Assunção Marcelino	60 anos Lousa	Doméstica	Ensaiaadora e Ex-dançante da dança das virgens	Individual

QUADRO I (cont.)

Nº	Nome do/s entrevistado/s	Idade/naturalidade	Profissão	Participante/Não participante	Tipo de entrevista
7	José Teles Chaves	78 anos Lousa	Engenheiro eletrotécnico	Presidente da Junta de freguesia da Lousa. Não tem relação direta com nenhum dos rituais	Individual
8	António Castanheira	48 anos Estreito. Roqueiro	Pároco na paróquia da Lousa	Relação direta com o ritual religioso	Individual
9	Alexandra Capinha João Miguel Capinha António José Justino Paula Justino	40 anos Lousa 44 anos Lousa 41 anos Lousa 41 anos Lousa	Comerciante Fiscal da EDP Fiscal da EDP Auxiliar Ação Educativa	Penas assistem como Lousences	Coletiva
10	André Barata Samuel Mendes	17 anos Lousa 20 anos Lousa	Estudante Estudante	Dançantes e tocador na dança dos homens	Coletiva

QUADRO II

DESCRIÇÕES DOS ACONTECIMENTOS RELIGIOSOS E PAGÃS DA FESTA A NOSSA SENHORA DOS ALTOS CÉUS NA LOUSA REALIZADAS EM TRABALHO DE CAMPO MAIO 2011					
Nº	Acontecimento	Local	Dia e Hora	Quem observou	Tipo de observação
1	Ensaio da Dança dos homens	Salão da Junta de freguesia da Lousa	Dia 13 de Maio às 19.30	Helena Francisco	Direta acompanhada de registo escrito
2	Ensaio da dança das tesouras	Salão da Junta de freguesia da Lousa	Dia 13 de Maio às 19.30	Helena Francisco	- Direta acompanhada de registo escrito
3	Ensaio da dança das virgens	Salão da Junta de freguesia da Lousa	Dia 11 de Maio às 19.30	Helena Francisco	- Direta acompanhada de registo escrito. - Visualização de registo de vídeo elaborado em maio de 2010 registo escrito
4	Procissão de Sábado – Recolha de . Sebastião e Stº António às suas capelas e Homilias.	Saída do adro da igreja e volta pelas principais ruas da igreja com retorno á igreja matriz	Dia 14 de Maio de 2011 Homilias 14,15 de Maio de 2011	Helena Francisco registo escrito Helena Alves – registo fílmico Paula Rodrigues – registo áudio	Direta acompanhada de registo escrito - Visualização de registo de vídeo e áudio.
5	Procissão com nossa Senhora dos Altos Céus.	Saída do adro da igreja , percurso pelas principais ruas da aldeia e retorno ao adro	Dia 15 de Maio de 2011	Helena Francisco – registo escrito Alice batista – registo vídeo- António Pedro- registo áudio	-Direta acompanhada de registo escrito - Visualização de registo de vídeo e áudio.

QUADRO II (cont.)

Nº	Acontecimento	Local	Dia e Hora	Quem observou	Tipo de observação
6	Momento do adeus à virgem	Adro da igreja	Dia 15 de Maio de 2011	Helena Francisco – registo escrito Alice batista – registo vídeo- António Pedro- registo áudio Gil vicente- registo fotográfico	-Direta acompanhada de registo escrito - Visualização de registo de vídeo e áudio.
7	Baile e atuação do conjunto musical contratado	Por detrás do adro da igreja	Dia 14, 15 e 16 de Maio de 2011	Helena Francisco- registo escrito.	Direta acompanhada de registo escrito.
8	A carnesse	No recinto lateral esquerdo do adro da igreja zona co	Dias 14,15 e 16 de Maio de 2011	Helena Francisco – registo escrito	Direta acompanhada de registo escrito
9	Procissão de entrega dos santos Sebastião e Stº António às suas capelas	Saída do adro da igreja percurso pelas ruas e retorno ao adro da igreja	Dia 16 de Maio de 2011 pelas 14.30h	Helena Francisco – registo escrito Alice batista – registo vídeo- António Pedro- registo áudio Gil vicente- registo fotográfico	-Direta acompanhada de registo escrito - Visualização de registo de vídeo e áudio.
	Entrega da festa aos novos festeiros nomeados	Percurso pelas ruas da aldeia rumo a casa dos festeiros nomeados para o ano que vem.	Pelas 15.30h		
	Dança das tesouras	Adro da Igreja	Pelas 18.30h		
10	Garraçada à vara larga	Recinto improvisado por detrás da igreja	Dia 16 de Maio às 17.00h	Helena Francisco – registo escrito Imagens de vídeo cedidas pela Esart.	- Direta acompanhada de registo escrito - Visualização de registo de vídeo e áudio.
11	Dança das Virgens exibição pública	Adro da Igreja	Dia 15 de Maio pelas 16.30	Helena Francisco – registo escrito Alice batista – registo vídeo- António Pedro- registo áudio Gil vicente- registo fotográfico Imagens de vídeo cedidas pela Esart.	-Direta acompanhada de registo escrito - Visualização de registo de vídeo e áudio.
12	Dança dos Homens exibição pública	Adro da Igreja	Dia 15 de Maio pelas 16.45	Helena Francisco – registo escrito Alice batista – registo vídeo- António Pedro- registo áudio Gil vicente- registo fotográfico Imagens de vídeo cedidas pela Esart.	-Direta acompanhada de registo escrito - Visualização de registo de vídeo e áudio.

2.2. Técnicas e Recursos de Investigação

A experiência de terreno na investigação em antropologia é acompanhada por uma intensa atividade produtiva de informação: recolha, redação e composição de materiais resultantes das interações e relações desenvolvidas no trabalho de campo (Ribeiro, 2003: 95).

Através dos registos em vídeo, em áudio, fotográfico e diário de campo que partiu de uma observação direta no terreno foram elaborados textos onde, fielmente, o observado consta, compilando assim uma série de documentos que irão constituir uma mais-valia para dar a conhecer o objeto de estudo e poder colocá-lo à disposição das inúmeras teorias com ele relacionadas.

Começaremos por descrever quais as variáveis que foram tidos em conta para observação neste estudo neste biénio 2010/2011.

QUADRO III – referência geral das variáveis em estudo

VARIÁVEIS DE ESTUDO – CATEGORIAS			
Categorias	Tema Investigado	Subcategoria	Elementos específicos de estudo
Categoria I	Identidade e Pertença	- Identidade legitimadora - Identidade de resistência - Identidade de projeto	Todos os elementos passíveis de registo
Categoria II	Coesão Social	-	Todos os elementos passíveis de registo
Categoria III	Ritual e Performance	- Momentos Religiosos - Momentos Pagãos	-Expressão facial e corporal - Movimentação no espaço - Vestuário e adornos -Uso simbólico do espaço -musicalidade técnica e ordinária do cenário envolvente
Categoria IV	Sentimentos e Emoções	- Religiosos e de fé - Pelas danças tradicionais	Todos os elementos passíveis de registo
Categoria V	Economia da festa	-	Todos os elementos passíveis de registo

Quadro IV

CATEGORIA I – IDENTIDADE E PERTENÇA					
Sub categorias					
Identidade Legitimadora		Identidade de resistência		Identidade de projeto	
Entrevistas	Descrições	Entrevistas	Descrições	Entrevistas	Descrições
Entrevista 1	Descrição 1	Entrevista 1	Descrição 1	Entrevista 4	-
Entrevista 2	Descrição 2	Entrevista 2	Descrição 2	Entrevista 5	-
Entrevista 3	Descrição 3	Entrevista 3	Descrição 3	Entrevista 6	-
Entrevista 4	Descrição 7	Entrevista 4	Descrição 7	Entrevista 7	-
Entrevista 5	Descrição 8	Entrevista 5	Descrição 8	Entrevista 8	-
Entrevista 6	-	Entrevista 6	-	Entrevista 9	-
Entrevista 7	-	Entrevista 7	-	-	-
Entrevista 8	-	Entrevista 8	-	-	-
Entrevista 9	-	Entrevista 9	-	-	-
Entrevista 10	-	Entrevista 10	-	-	-

Quadro V

CATEGORIA II – COESÃO SOCIAL	
Entrevistas	Descrições
Entrevista 4	Descrição 4
Entrevista 5	Descrição 6
Entrevista 6	
Entrevista 7	
Entrevista 9	

Quadro VI

CATEGORIA III – RITUAL E PERFORMANCE				
Sub-categorias				
Momentos Religiosos			Momentos pagãos	
Prática	Descrição	Entrevistas	Prática	Descrição
Procissões	Des. 4,5,9	Ent. 4	Entrega da festa	Des. 9
Homílias	Des. 4,8	Ent.8	Garraçada	Des. 10
Adeus à Virgem	Des. 6	-	Carmesse	Des. 8
Dança das Virgens	Des. 3,10	-	Conjunto musical e bailarico	Des. 7
Dança dos Homens	Des. 1,11	-	Dança das tesouras	Des. 2,9

Quadro VII

CATEGORIA IV – EMOÇÕES E SENTIMENTOS			
Sub-categorias			
Religiosos e de fé		Pelas danças tradicionais	
Entrevista	Descrição	Entrevista	Descrição
Entrevista 4	Descrição 1	Entrevista 1	Descrição 1
Entrevista 6	Descrição 2	Entrevista 2	Descrição 2
Entrevista 7	Descrição 3	Entrevista 3	Descrição 3
Entrevista 8	Descrição 6	Entrevista 4	Descrição 6
-	Descrição 9	Entrevista 5	Descrição 9
-	-	Entrevista 6	Descrição 10
-	-	Entrevista 7	Descrição 11
-	-	Entrevista 8 e 9	-

Quadro VIII

CATEGORIA V – ECONOMIA DA FESTA
Entrevistas
Entrevista 4
Entrevista 6
Entrevista 7
Entrevista 9

Observando e registrando características ritualistas, traços de identidade e pertença, marcas de coesão social e pesquisando sobre a economia da festa tentaremos compreender todo um conjunto de símbolos que nos ajudarão a desvendar as questões que estão na base desta investigação e poderemos comprovar as hipóteses que nos propusemos confirmar.

2.2.1. Notas de Campo

“As notas de campo são fundamentalmente apontamentos realizados durante o dia para refrescar a memória acerca do que viu e ouviu e se deseja registrar” (Ribeiro 3003: 98). Neste sentido, para levar a cabo este estudo realizamos uma série de notas de campo, “curtas e nem sempre estruturadas” (Ribeiro 3003: 98), aquando dos ensaios das danças, das procissões, da envolvência ambiental destes contextos referidos. Sobre essas notas de campo foram “reescritas posteriormente notas mais extensas” (Ribeiro 3003: 98), em forma de texto para que o pormenor não falhasse e descrevesse o mais fielmente possível aquilo que foi observado. Segundo os critérios de Richardson, foram utilizadas as notas de observação e as notas pessoais como estratégia pessoal para futura leitura e (re) interpretação. Segundo o mesmo autor as notas de observação “são as mais detalhadas e concretas que eu for capaz de fazer. Quero pensar nelas como interpretações bastante precisas do que vejo e do, ouço, sinto, provo etc” (Richardson, 1999: 527 *cit* Ribeiro, 2003:100). Como notas pessoais o mesmo autor considera serem

“afirmações de sentimentos em relação, à pesquisa, às pessoas com quem estou a falar, a mim próprio no desenvolver do processo, às minhas dúvidas, às minhas ansiedades aos meus prazeres” (Richardson, 1999: 527 *cit* Ribeiro, 2003: 100).

Identificamo-nos, neste estudo, com estas citações na medida em que consideramos que o investigador terá de transformar o que observou e traduzi-lo perante aquilo que a sua percepção lhe permitiu. Um estudo deste género subjetivo deixará sempre em aberto inúmeros pontos de vista relativamente ao modo como cada um o recebe, é aqui que o investigador terá de ter atenção redobrada e imparcial relativamente a determinados comportamentos. Até confirmação de determinados significados não deverá fazer anotações precipitadas, não deixando que o modo como processa o seu entendimento, interfira nos seus registos. Transformar a observação em notas de campo representará “um desafio para o investigador uma vez que constituem um registo científico das experiências vividas para referência futura” (Ribeiro, 2003: 101).

2.2.2. Entrevistas Livres

A Entrevista enquanto técnica de investigação assenta em processos de recolha de informação verbal desenvolvidos no contexto de uma interação orientada de acordo com as hipóteses de trabalho e os objetivos de pesquisa previamente definidos (Ribeiro, 2003: 261).

O recurso à entrevista justifica-se já que esta fornece informação adicional de grande interesse para o estudo. A entrevista apresenta um forte cunho de informação clara, desde que seja devidamente conduzida e permite ao investigador ter acesso a uma sequência de dados determinados e específicos, acompanhados de uma imagem visual que associa determinados comportamentos às descrições feitas. Muitos autores consagrados como Nogueira (1968), Bugeda (1974), Ander-Egg (1976), Bleger (1980), Queiroz, (1983), Triviños (1987), Manzini (1990/1991) e Dias & Omote (1995) têm manifestado opiniões determinantes no que toca ao uso da entrevista como estratégia de trabalho de campo em etnografia.

Foi escolhido este método de trabalho de investigação, uma vez que representa o que mais se adequa aos critérios de pesquisa pretendidos. Nesta investigação o universo de sujeitos envolvidos é relativamente reduzido. Pelas suas características de estruturação e

diretividade, consideramos ser o mais viável e o que mais poderia satisfazer o nosso propósito.

Como instrumento de recolha de informação mais precisa foi utilizada **entrevista não estruturada, aberta ou não diretiva**. É um diálogo informal, “próxima de uma conversa” (Ribeiro, 2003: 262), com hora marcada, com um tema ou temas de referência, onde apenas o entrevistador conduz a entrevista no sentido de ir orientado o discurso, não deixando que o entrevistado se afaste dos temas propostos.

Este tipo de entrevista permite a obtenção de dados mais livremente, não condicionando as respostas do entrevistado. Este pode manifestar a sua opinião expressar os seus sentimentos e dar por terminada a sua respostas quando bem o entender. Traça perguntas amplas, e conduz a repostas longas. O papel do entrevistador é também o de controlador. Gere a entrevista conduzindo ou encaminhando as respostas de modo a que o entrevistado não forneça informação supérflua ou fora de contexto.

Para além da entrevista livre optamos também por outro tipo de entrevista situado entre este género livre e o formal estruturado, as **entrevistas semiestruturadas, ou semi abertas, ou ainda, simi-diretiva ...**”forma de pesquisa qualitativa, muito popular e importante em ciências sociais, especialmente em antropologia” (Edgerton, 1993; Spradley 1979 *cit* Ribeiro, 2003: 263). Já Triviños (1987:152) refere que “favorece não só a descrição dos fenómenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade...”), enquanto Manzini (1990/1991: 154), defende que este tipo de entrevista se centra num assunto principal e sobre ele realizamos um roteiro com perguntas chave, no decorrer da entrevista vamos complementando com questões pertinentes ao seguimento lógico da entrevista, sendo que, desta forma, o discurso do entrevistado surgirá de forma mais livre e menos condicionada.

Foram elaborados guiões com os temas chave de modo a estabelecer coerência entre determinados temas abordados pelos diferentes entrevistados. A ordem da colocação das questões foi aleatória a fim de não condicionar as respostas.

Em determinados momentos foi necessário solicitar entrevistas de grupo na tentativa de conseguir uma maior descontração por parte dos participantes, proporcionando-lhes a capacidade de proferir discursos menos tensos e mais espontâneos, acerca das questões colocadas. Algumas destas entrevistas de grupo foram solicitadas pelos próprios

entrevistados, outras por sugestão nossa, por conhecer os entrevistados e reconhecer o fator inibição perante o questionamento, “criando condições mais favoráveis e estimulantes à sua participação” (Ribeiro, 2003: 263).

O número de entrevistas não foi determinado com rigor e inflexibilidade, uma vez que não se trata de um estudo de carácter quantitativo, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas como referido em cima, mas à parte destas, sempre que necessário e enquanto consideramos necessário, outras, a fim de satisfazer as dúvidas que iam surgindo e/ou prevalecendo quer no tratamento da interpretação quer nas transcrições das mesmas.

Apesar de algumas entrevistas terem tido aproximadamente a duração de uma hora e meia, outras houve que duraram menos tempo e outras ainda foram novamente retomadas em outra ocasião, propicia ao entrevistado, por não ter sido possível completa-las de uma só vez. Ao prolongar as entrevistas para além de uma hora e meia começaram a ser “visíveis os efeitos do cansaço e quebra de atenção/interesse por parte do entrevistador e do entrevistado” (Ribeiro, 2003: 264).

Posteriormente as entrevistas foram transcritas obedecendo aos critérios base de transcrição de entrevistas citados por (Ribeiro, 2003: 277-278). Esta transcrição tem de ser fiel e rigorosa passando na íntegra o discurso efetivo do entrevistado, sem adulterações do pensamento do mesmo.

Meios audiovisuais: Partindo desta compreensão, poderemos afirmar que o estudo antropológico visual pretende antes de mais utilizar as tecnologias do som e da imagem na realização do trabalho de campo, assim como construir discursos ou narrativas visuais (Pink, 1992: 124 *cit* Silva, 2005).

2.2.3. Gravações de Áudio

Registo fonográfico e de filmes sonoros. Não se conseguirá apenas a voz humana, mas toda a música, anotando os batimentos dos pés e das mãos. Por cada registo, transcrever os textos e, se possível, dar a tradução com comentário. Não chega a repetir; é necessário poder repetir (Mauss, 1993: 33 *cit* Ribeiro, 2003: 97).

A utilização dos registos áudio como suporte de pesquisa em investigação começa a ter uma importância fulcral, na medida em que permitem toda uma extensão da voz da imagem e do movimento dos entrevistados. Os gravadores de áudio passaram a ser fiéis assistentes dos antropólogos aquando se equipam para levar a cabo as suas investigações em trabalhos no terreno.

Assim sendo, utilizamos nesta investigação no terreno um gravador de voz (Olympus – Digital Voice Recorder – VN-8600PC), o qual foi colocado ao serviço da investigação como complemento das anotações das entrevistas realizadas, como complemento das filmagens em vídeo e todo o registo empreendido desde o 1º dia da festa até ao último, incluindo nesses registos todas as atividades que envolvem a situação estudada. Este recurso permitiu, muitas vezes decifrar dúvidas relacionadas com imagens que ao serem captadas, deixavam o registo sonoro muito aquém do que era pretendido, não permitindo muitas vezes que fosse possível decifrar a parte sonora do registo, sobretudo quando foram realizadas gravações do exterior. Consequentemente, servimo-nos desses registos, para facilitar e complementar a interpretação dos fatos de modo a não perder nenhuma informação, significativa, que pudesse por em causa os objetivos do estudo.

Procedeu-se às gravações sempre com antecipada autorização dos intervenientes a fim de não causar nenhum transtorno moral e ético aos participantes. Ideia e recomendação defendida por diversos autores como Agar (1980), Erickson & Shultz (1981), Erickson & Wilson (1982), Erickson (1986, 1987) Ribeiro (2003).

Neste caso específico de estudo irá ser dada alguma importância ao estudo do som enquanto fator social, determinante crucial para o entendimento da significação determinante da identidade e pertença cultural do povo estudado. Assim sendo o registo do som de forma individual terá para este estudo um profundo significado e relevo, sendo este ritual musical por excelência. A utilização do gravador de som terá uma dupla função, para além das anunciadas anteriormente, que será o de permitir uma análise mais específica das sonoridades que envolvem o ritual quer na sua vertente social que na sua vertente mais técnica do ponto de vista da música enquanto forma organizada de sons e silêncios.

2.2.4. Gravação de Vídeo

Juntar movimento ao som e à imagem foi a grande descoberta do SEC XIX, e até hoje está fortemente vinculada aos estudos de carácter etnográfico.

Os registos videográficos e cinematográficos são preciosos documentos e organizados arquivos (bases de dados digitais), constituem excelentes meios à disposição do investigador, para o desenvolvimento de estratégias criativas de pesquisa a apresentação dos resultados da pesquisa (Ribeiro, 2003: 399).

Variadíssimos etnógrafos e antropólogos utilizaram e defenderam o uso deste recurso como sendo de primordial importância em qualquer processo de investigação. Muitos há que, ainda, preferem as notas escritas a caneta e o papel mas perante recursos tão eficazes já não faz qualquer sentido trabalhar sem eles.

Há referências a alguns antropólogos que utilizavam este recurso nas suas pesquisas mas foi com Mead e Bateson (1936: 38), que este recurso passou a ter uma função efetiva quando se tratava de analisar o comportamento humano. Estes autores determinaram esta prática como fundamental para a demonstração de evidências surgindo assim uma metodologia nova para esta disciplina.

Baseados em Marc-Henri Piault (1994: 63), que defende a utilização do recurso ao registo de vídeo como função de apoio às investigações de carácter social e etnográfico, justificamos a escolha deste recurso para este nosso trabalho. Utilizamos a câmara de filmar pelas inúmeras vantagens que apresenta relativamente à sua capacidade de anexar o visual ao sonoro e ao movimento. Estes três domínios (visual, sonoro e movimento) fornecem uma interpretação bastante completa de todo um conjunto de situações que se pretende investigar. Aproveitamos o facto de nos poder fornecer um enorme potencial de registos de observação já fora do terreno uma vez que o ritual só se passa uma vez por ano e em data fixa, naquela aldeia, os participantes só se vestem daquela maneira e só executam as melodias com os instrumentos naquele dia, nem nos ensaios tal acontece, pelo que, tudo o que é necessário registar relativamente ao desempenho e dinâmica do processo estudado só mesmo nesses dias. Esta limitação temporal confirma a legitimidade de utilizar a câmara de filmar como recurso de pesquisa e observação, todos os pormenores ficam assim disponíveis fora do seu tempo para serem tomados em mãos aquando da interpretação dos dados.

2.2.5. Filme Etnográfico

Se a viagem entre os continentes permitia alcançar a visão efêmera do outro, a fotografia e depois a câmara cinematográfica tornaram possível armazenar essas visões (Ribeiro, 2005).

Paralelamente a esta dissertação, iremos apresentar um filme etnográfico realizado a partir das recolhas visuais e sonoras que foram elaboradas, juntamente com as entrevistas. Pequenos excertos e montagens de situações cénicas dos distintos e mais marcantes momentos ritualistas, com descrições e referências às questões expressivas dos praticantes e não praticantes, assim como, toda uma dinâmica intrínseca do ponto de vista humano será organizada de forma a poder mostrar em 20 minutos todo o contexto das praticas em estudo. Estes excertos irão ser retirados das gravações integrais que foram realizadas na altura da festa, nas entrevistas e nos ensaios da mesma. Tratando-se de um filme etnográfico ir-se-á recorrer ainda um pouco a ficção como demonstração de cenas que não poderão ser demonstradas visualmente uma vez que se perderam no tempo. Reconstruções fictícias embora demonstrativas das realidades narradas pelos entrevistados.

A utilização deste recurso abrangendo estas duas vertentes de utilização, acreditamos ser uma mais-valia para o enriquecimento do estudo em questão.

A escolha deste método, está intimamente ligada ao facto de, o que se procura neste trabalho, ser precisamente a perceção de sentimentos, valores, modos de estar e de ver o mundo, confirmando esses estados através de gestos, emoções vividas, sentidas relativamente às suas “as crenças, valores, perspectivas, motivações e o modo em que tudo isto se desenvolve ou muda com o tempo ou de uma situação para a outra” (Woods, 1986: 11 *in* <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092002000100007>), e que são exteriorizadas através da palavra e da imagem visual e sonora que os envolve.

O cinema era reconhecido como o meio mais adequado ao estudo do movimento, dos processos dinâmicos, pois permitia o registo de todos os pormenores e o sociodrama no desenvolvimento de uma atividade (Ribeiro 2004:72).

O filme etnográfico “é enquadrado no contexto do filme científico” (Ribeiro 2004:70) e difere na sua génese do filme documental na medida em que as suas funções e objetivos são distintas embora se movam no mesmo terreno. Para alguns autores o cinema

etnográfico pode ser um subgénero do documental (Weinburger 199:4). Neste ponto e seguindo a lógica do seu pensamento, os fins a que se propõe a escolha destes géneros enquadra-se mais no género de cinema etnográfico na medida em que é elaborado um relato real, com recurso a reposição das imagens não conseguidas pela intemporalidade do ritual. No entanto não deixam de ser imagens de um contexto real, embora trabalhadas de forma fictícia. José Ribeiro alerta para o facto de a expressão cinema etnográfico

desviar a tenção da ideia, do propósito de filmar a realidade tal como ela é (...) para uma outra ideia de propósito (intenção) que exige o conhecimento da antropologia e da teoria antropológica, a fim de tratar o assunto, tema ou tópico, com rigor científico (Ribeiro 2004:71).

Muitas são as controvérsias relativamente a este paradigma, no entanto muitos autores consideram que este tipo de cinema etnográfico mostra com rigor uma realidade social de modo lúcido prático sem que para isso seja necessária formação antropológica específica. É neste sentido que nos propomos realizar este filme etnográfico, deixar a esta população uma referencia acessível de todo este processo que os detém no tempo e que durante tantos anos guardado apenas na memoria dos seus habitantes. Por algum motivo será necessário perpetuá-lo quer visualmente quer academicamente para que não se volte a perder no tempo e a sua reconstituição seja de fácil acesso e entendimento para todos os que a ele necessitem recorrer. A ideia de recorrer a um filme de carácter etnográfico misturando um pouco a forma ficcional como estratégia de realização prende-se com o facto de adicionar uma perspectiva artística e não apenas uma descrição da realidade talvez por uma questão de gosto pessoal e tentar fundir algum interesse visual mais para além do real. (Uma vez que é acompanhado por uma dissertação de cariz académico.) O Objetivo final que o etnólogo não pode perder de vista é em suma, compreender o ponto de vista do nativo, a sua relação coma vida, a sua visão do mundo (Malinowski, 1922).

A ideia base do filme é descrever em imagens e relatos o mais fielmente possível o ritual o porquê, o onde, o como e o quem que envolve todo o ritual. O filme expõe os objetos de estudo, assim como as entrevistas, as imagens de todo processo ritual que envolve a lousa naqueles dias de festa à nossa senhora. Tenta-se através do filme expor

a maneira como foi elaborado e refere imagens específicas de contextos que se pretendem evidenciar face à problemática do estudo em questão. Uma vez que “O desenvolvimento do filme etnográfico só poderá verificar-se se encontrar um público que o utilize, um espectador que o deseje, ou tenha dele necessidade, e objetivos que o justifiquem” (Ribeiro, 2004: 92).

Para quem “O filme irá essencialmente destinar-se as pessoas que filmadas numa perspetiva de câmara participante” (Rouch *cit* Ribeiro, 2004: 93).

O filme etnográfico poderá destinar-se também a um público especialista:” às redes discretas das universidades, às sociedades cultas, ou aos organismos culturais se a sua qualidade de testemunho for levada a serio passaremos a conferir-lhe idoneidade enquanto estudo académico por excelência.

O filme etnográfico torna-se necessário para conhecermos a diversidade das culturas, para compreendermos as relações interculturais e para conhecer o homem na sua totalidade...

2.2.6. Fotografia

A fotografia permitia fazer descrições globais precisas do campo a observar e a partir delas elaborar dados (...). Em suma suscitar o verbal (saberes laterais a partir da imagem, ilustrar e documentar (testemunhar a apresentação académica dos resultados ou a exposições para os grandes públicos (Ribeiro, 2004:72).

Seguindo a mesma linha de pensamento, afirma que “A imagem, hoje, não pode mais estar separada do saber científico” (Andrade, 2002). Para este autor o uso da fotografia está associado a inúmeras utilidades de carácter científico, como seja, fazendo parte do trabalho de amostragem onde será utilizada para comparar factos, controlar amostras repetitivas e ainda na identificação em foto-entrevista. Muito deste material poderá posteriormente servir apenas para estudo e nunca chegará sequer a ser publicado. Serve assim os propósitos da análise etnográfica servindo de documentação de relevo para o estudo.

Neste estudo a fotografia será utilizada como forma artística de demonstrar expressões e sentimentos e comprovar determinadas conclusões relativas as questões bases

propostas nesta investigação. Não é utilizada como instrumento principal neste estudo etnográfico, mas apenas como reforço e ilustração de determinados contextos pertinentes ao estudo. Poderá servir como resgate de informação adicional à observação efetuada no terreno a fim de conseguir traçar um perfil etnográfico ao grupo estudado, numa tentativa de legitimar e conferir credibilidade científica ao resultado final do estudo apresentado, uma vez que “a fotografia é um processo de abstração, embora seja em si um processo vital para a análise” (Júnior, 1973: 44-45).

O trabalho levado a cabo neste estudo, não faria sentido sem o apoio e suporte de imagens visuais, sendo a fotografia um dos recursos que não pode,

mais estar separada do saber científico. A Antropologia não dispensa os recursos visuais – e não são recursos apenas como um suporte de pesquisa, mas imagens que agem como um meio de comunicação e expressão do comportamento cultural. A Antropologia Visual não almeja, dentro dos novos padrões de pesquisa, apenas esclarecer o saber científico, mas humanisticamente compreender melhor o que o outro tem a dizer para outros que querem ver, ouvir e sentir (Andrade, 2002: 110-111).

Neste género de estudo etnográfico faz sentido

olhamos para fotografias para resgatar o passado no presente. Tiramos fotografias para nos apropriarmos do objeto que desaparecerá. Existe uma magia quando imortalizamos as pessoas e o tempo nas fotos (Andrade, 2002: 49).

A produção e utilização de fotografias etnográficas nesta dissertação permitiu compreender a força e o poder que este ritual exerce nesta população, a história que aqueles rostos contam, e a profundidade dos sentimentos que exteriorizam, como garante da identidade que os define. Retiradas de fontes e arquivos, as mais antigas e/ou retiradas do trabalho de campo foram elas que nos permitiram compreender e estabelecer ligações entre a transmissão oral e a memória dos grupos estudados, facto já anteriormente defendido por Novais (1998:116)

Se um dos objetivos mais caros da Antropologia sempre foi o de contribuir para uma melhor comunicação intercultural, o uso de imagens, muito mais do que de palavras, contribui para essa meta, ao permitir captar e transmitir o que é imediatamente transmissível no plano linguístico. Certos fenómenos, embora implícitos na lógica da cultura, só podem explicitar no plano das formas sensíveis o seu significado mais profundo.

Notas Finais

Num tipo de investigação com as características já mencionadas ao longo deste capítulo somos confrontados com obstáculos epistemológicos, uma vez que se trata de uma investigação relacionada com valor da cultura e o processo identitária através da prática de um ritual – a desertificação e a aversão à mudança, a economia da festa. Encontramos alguns endicaps no que diz respeito à concretização dos objetivos propostos e à tentativa de encontrar as respostas necessárias.

Do ponto de vista epistemológico foram tomados como referência o contributo inestimável de estudos realizados por autores como José da Silva Ribeiro, Viviane Vedana, George Yudice, António Damásio Victor Turner, Maalouf, Giddens, Domingos Morais, Canclini, Renato Almeida, Isabel Leal da Costa.

Quando confrontados com as suas teorias e com o trabalho que tínhamos em mãos, numa primeira fase relativamente ao trabalho que tínhamos de efetuar em campo, ocorreu-nos um misto de sentimentos. Por um lado perdidos, sem rumo, inseguros, baralhados e com uma enorme desorientação a nível de estruturação do pensamento. Como iremos proceder para que a nossa investigação não resulte num trabalho vazio, sem interesse científico? Ou ainda como iremos conseguir não repetir o trabalho e ser originais e credíveis nas nossas conclusões? Ou ainda como encaminharemos e que direção tomar relativamente ao estudo que nos propomos? Vestir o papel de investigador representa uma enorme responsabilidade uma vez que se trata de traçar objetivamente e de forma lúcida o trabalho a pesquisar. Questões como estas assolaram inicialmente o arranque do trabalho e conseqüentemente causaram a primeira tomada de consciência da responsabilidade que tínhamos em mãos. Programar um percurso coerente que levasse a obter respostas a questões que eram essenciais no estudo que se pretendia desenvolver foi a primeira grande dificuldade. O processo de pesquisa foi vivenciado com alguma apreensão, uma vez que, o modo de viver o ritual dos seus praticantes é absolutamente único e exclusivo deles, no entanto à medida que fomos entrando no terreno esta apreensão dissipou-se porque a envolvência com os sujeitos da investigação, facilitou e dissipou toda a relutância inicial.

Considerando que a metodologia adotada num trabalho de investigação em antropologia determina o sucesso ou insucesso da investigação, poderá afirmar-se que o modo como este estudo *específico* foi conduzido e o sucesso das conclusões obtidas se deveu aos métodos aplicados e ao entendimento que foi feito perante a aplicação dos mesmos.

CAPITULO III

Perspectiva Etnográfica e Antropológica

Resumo do Capítulo

Compreender o espaço físico, o desenvolvimento económico e os valores humanos que definem o carater desta população, permitir-nos-á compreender o forte sentimento de pertença que une estas gentes e desta forma direccionar a nossa investigação no sentido de encontrarmos as questões inerentes ao objeto de estudo proposto. Em ambientes rurais, práticas como esta da festa a Nossa Senhora dos Altos Céus, profundamente religiosas, apresentam-se tão naturalmente enraizadas na consciência coletiva que as questões pragmáticas como globalização, economia da festa, coesão social e fatores de identidade e pertença, ficam à margem da sua real importância, carecendo de um estudo concreto e mensurável, de modo a se obter conhecimento real a fim de minimizar o risco de desvalorização e, conseqüentemente, a extinção destes rituais. Assim este capítulo propõe apresentar os resultados da investigação relativamente ao enquadramento de todo o contexto físico da aldeia assim como a forma como manifestam a sua religiosidade e como regem o seu património quer cultural, quer económico, quer social, relativamente ao que herdaram dos seus antepassados.

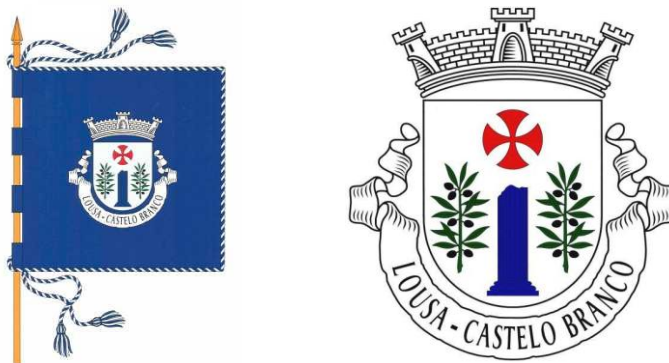


Figura 1: Bandeira e Brasão

3.1. A Aldeia da Lousa. Contextualização Social, Cultural, Económica, Geográfica

3.1.1. Lousa – Desde quando e onde!

O Brasão da Freguesia da Lousa carrega consigo o significado de todo o contexto social, económico e cultural desta freguesia.

As ilustrações impressas no brasão apresentam a cruz dos templários que representa a antiga donatária da região, a Ordem do Templo; a Coroa Mural de Três Torres; as Oliveiras que representam o sector primário, que determinaram a economia local e a fonte de rendimento destas gentes que viviam da agricultura, nomeadamente da produção de azeite, até à década de 60, principalmente. A ladear os ramos de Oliveira distingue-se o Fuste de Coluna de azul que representa a romanização.

O fundo azul da bandeira representa a cor do céu, assim como, a cor do Manto da Santa Padroeira da Terra, Nossa senhora dos Altos Céus (Chaves, 2004).

A origem da Aldeia da Lousa como se pode comprovar na leitura do brasão prevê-se ser muito antiga, pelos vestígios fosseis, encontrados na região. “Deve ter existido uma necrópole ou cemitério pré-romano, que terá originado o nome da povoação” (Lobo, 1987), prevê-se que remonte a idade pré-histórica.

A escolha da palavra “Lousa”, poderá estar relacionada com o significado antropológico de, “povoação muito antiga”, “Lousial”. Há também a possibilidade de ter sido colocado este nome à localidade, devido ao facto de ser abundante a existência de lousas (rochas) na região. Estas eram frequentemente usadas, juntamente com paus, na construção de edifícios, sepulturas e para capturar pássaros. A povoação da Lousa pertencia ao antigo Alfoz da Covilhã e foi com o Rei D. Afonso II em 1214 que passou a fazer parte da Herdade da Cardoso, passada mais tarde a designar-se por Vila Franca da Cardoso que mais tarde por vontade da Ordem do Templo passou a designar-se, Castelo Branco (Chaves, 2004).

Através da Escritura da Doação da Lardosa em 1226 (1263 da era de César), aos Templários podemos perceber que a ordem do templo recebeu em doação a Vila da Lardosa assim como a demarcação dos seus terrenos, onde esta incluída a aldeia das Lousa:

Em nome de Cristo. Seja conhecido de todos, tanto presentes como futuros, que nós, Simão Martinho Nuno, Mestre da Ordem do Templo nos Três Reinos de Espanha, com o concelho e o consentimento dos nossos Irmãos, fazemos um tal pacto com Dona Joana e seus filhos João Raimundo e Joana Raimundo e seu genro R. Martinho, isto é, que damos à Casa do João e Martinho Pedro, em vida deles, a nossa aldeia de Lousa, com todos os seus rendimentos, com os dízimos, assim como as outras coisas que nós aí temos. ... na era de 1263, reinando o rei Afonso em Portugal (<http://lousa.no.sapo.pt/index7.htm> blog Lousa-um cantinho da beira baixa organizado pela junta de freguesia da lousa consultado em 4 de julho de 2011).

Uma outra referência que não pode ser descurada, para melhor entendermos a origem deste povo, diz respeito ao modo como o Prior do Convento de Tomar se refere ao facto de a Igreja da Lousa deixar de pertencer à da aldeia vizinha dos Escalos de Cima. Em data incerta, talvez entre 1489 e 1495, o referido Prior afirma:

Esta igreja foi afastada da igreja de Escalos de Cima, como também foram as da Lousa e da Mata.» (José A. Teles Chaves, 2004). A acta mais antiga que o Arquivo da Câmara Municipal guarda é datada de 1 de Janeiro de 1655, onde informa que foram escolhidos para a Lousa os Juizes, António Frz Barroso, e Fedro Frz Cajado e o procurador Domingos Nunes Direito. (A.M. in 27b-09-1959, Jornal Reconquista)

Aldeia portuguesa situada no interior do país, pertencente ao distrito de Castelo Branco, localidade da qual dista, apenas, 15 quilómetros.

Composta por uma rua principal e duas secundárias, a Aldeia da Lousa ramifica-se em uma série de ruelas transversais que visualmente nos transportam para a era quinhentista. A sua área total ronda aproximadamente os 3571 hectares, sendo que, metade da povoação é habitada pelas gentes Lousences, e outra metade corresponde a um grande número de propriedades pertencentes à casa Vaz Preto, (uma das maiores casas agrícolas da aldeia até á década de 60 aproximadamente).

Características tipicamente rurais onde, Oliveiras, Vinhas de plantação antiga, Sobreiros, Eucaliptos, Pinheiros, pequenas hortas de uso domestico, matagais e ervas

aromáticas como o rosmaninho compõem o quadro bucólico da paisagem que a representa. Por esses campos habitam coelhos lebres e perdizes que estão hoje em vias de extinção. Muitas casas de granito antigo têm sido substituídas por outras de cimento e betão por influência da evolução do tempo e pela procura de conforto cada vez mais significativa. No entanto por aqui e por ali, espalhadas pela aldeia as construções mais antigas ainda sobrevivem à influencia dos tempos modernos e teimam em manter-se hirtas, denunciando a marca dos tempo passados. Por aqui e por ali em algumas habitações e fontanários surgem traços quinhentistas, como principais marcas de uma antiguidade longínqua de gente que deixou a sua existência profundamente enraizada na aldeia e nos seus habitantes.



Figura 2: Panorâmica das 3 ruas principais que constituem a aldeia da Lousa

3.1.2. Quem são os Lousences e como subsistem

A gente da Lousa é boa, poderá ser suspeito o testemunho de um Lousence, que o é de gema. Mas nunca se deixará cegar, pelo amor ou pela paixão quem procurar apreciar, antes de mais com a inteligência, tanto as pessoas como as coisas. Nas suas manifestações de civismo e religiosidade o Lousence distingue-se aferrado, às vezes excessivamente às suas tradições pouco emigrou e pouco se valorizou pelos estudos ou por tentativa de vida melhor, por tudo isto a lousa conserva ainda as características de uma aldeia, onde o tradicionalismo, sobretudo o religioso é tudo (A.M. *in* 27b-09-1959, Jornal Reconquista).

A desertificação tem sido um dos fatores que mais têm preocupado a população que ainda resiste em viver e manter esta aldeia viva, veja-se que “a Lousa baixa o numero da população de 1981 a 2011, baixa de 900 e tal pessoas para 600 e tal pessoas é de facto uma baixa demográfica muito grande...” Refere ainda que

... repare, na nossa catequese paroquial, juntamos as crianças todas de uma vez e são 6 ou 7 de uma vez, ao todo em 10 anos, dos 6 aos 16. Portanto não é muito fácil do ponto de vista da formação cultural religiosa. Repare que a escola do 1º ciclo fechou à 5 /6 anos e os meninos vão para a escola da Mata. Fizemos uma permuta. Assim, com a permuta, os

miúdos do 1º ciclo da Lousa vão para a Mata, e os bebés da Mata vêm para a Lousa, porque a Mata não tinha Jardim Infantil (Entrevistas numero 8, Padre Castanheira, 2011).

A deslocação da população para França em grande número, a evolução dos meios de transporte e a proximidade com a capital de distrito, foram as principais causas do afastamento dos Lousences da sua terra Natal, que ao longo do tempo foi deixando de poder satisfazer os seus desejos mais ambiciosos na procura de melhores condições de vida para si e para os seus descendentes. A Casa Vaz Preto poderá ter contribuído, também, para este afastamento, nomeadamente dos casais mais jovens na década de 70/80. Segundo José Teles Chaves a Casa Vaz Preto: “Já foi chão que deu uvas”... já teve cerca de 190 pessoas a trabalhar e agora se tiver 3 ou 4 pessoas é muito. E mais de metade da Lousa pertence-lhe ...”. Acrescenta ainda que:



Figura 3: As suas gentes

Mas há uma situação relacionada com ele que travou drasticamente o desenvolvimento da Lousa, isso deve-se um bocado a eles...” ,...” Cerca de 70 por cento dos terremos da lousa são deles. O resto é propriedade retalhada, minifúndio das pessoas cá da terra. A seguir ao 25 de abril, a questão de aparecerem loteamentos, surge e até aí raramente essas situações aconteciam a não ser nas grandes cidades. Em 1978 se a memória não me falha começaram a aparecer aqui na zona os primeiros loteamentos, nessa altura a Mãe a D^a Alda Vaz Preto, mãe do Manel Vaz Preto, encomendou-nos um projeto de loteamento aqui para a entrada da Lousa... aquilo era suposto demolir o muro que divide o povo e ter ali 3 faixas de casas ao longo da rua. Se isso tivesse acontecido as propriedades do Vaz Preto iriam ser todas urbanizadas e essa situação iria desenvolver a lousa em grande escala sem duvida nenhuma, entretanto o projeto foi feito, foi entregue e olhe, nem pagaram a obra nem pagaram o projeto. As outras terras aqui à volta conseguiram. Eram terrenos particulares e foram urbanizados. As pessoas queriam comprar terrenos e construir casa e compravam e assim fixavam mais residentes porque aquela ideia de casas com 30, 40m2 para criar famílias com 7 e 8 filhos, acabou. As pessoas, hoje, querem condições e acontece que naquelas terras que urbanizaram desenvolveram-se as que não o fizeram estagnaram completamente. Os escalos de cima têm lá imensa gente da Lousa que foi lá comprar porque cá não conseguiram, em toda a volta é tudo do Vaz Preto. Aquilo entrou drasticamente o desenvolvimento da freguesia, se fosse hoje já era inviável. Aqui, a Mãe do Vaz Preto teve muita culpa. Se não fosse isso a Lousa seria uma das maiores Freguesias do Conselho. Tinha condições para isso porque havia aqui muita atividade económica... (Entrevista numero 7, José teles Chaves, 2011)

Os habitantes da Lousa, em geral, são bastante trabalhadores, religiosos, crentes, a sua principal característica é a hospitalidade e a profunda crença na senhora dos Altos Céus, (Santa Padroeira da Lousa). A sua hospitalidade desmedida, a fartura e abundância dos tempos áureos, fruto do seu trabalho deu origem à famosa e antiga expressão: “Lousa, a terra onde a fome apousa” (27b-09-1959, Jornal Reconquista).

Desde os tempos mais remotos (Séc. XIX) e até 1960 a principal actividade na Lousa era a **produção de azeite**. Região que ficou famosa por ser a primeira a produzir “azeite para o prato”. Bulhão Pato em 1883, refere a propósito de Alexandre Herculano, quando em 1859 comprou a propriedade de Vale de Lobos: «Azeite de prato, como é notório, era coisa que não se conhecia em Portugal. Foi Herculano quem deu a iniciativa, fabricando o precioso azeite de Vale de Lobos. Seguiu-lhe o exemplo Manuel Vaz Preto Geraldês. (<http://rabiscoslousenses.blogspot.com/search/label/Actividades%20Econ%C3%B3micas>, consultado em 06 de Julho de 2011).

A sua longa tradição nesta produção fez com que no Museu Etnográfico da Lousa haja uma secção especialmente concebida para dar a conhecer a história desta actividade. Até a década de 50 do Séc. XX a população dedicava-se a inúmeras actividades de carácter rural como a pastorícia, onde grandes rebanhos de ovelhas “alimentavam” as indústrias de lanifícios da Covilhã e Portalegre, assim como a produção de queijo.

A casa Agrícola Vaz Preto, a casa Goulão e a Casa Abrunhosa foram entidades empregadoras por excelência. Outra actividade com bastante relevo foram os moleiros, cujo desempenho foi bastante significativo para o desenvolvimento da economia local. Foi de conhecimento público recente, a existência de duas profissões bastante singulares na Lousa e que surgem referenciadas num Anuário de 1934 oferecido por Eduardo Nunes onde vem referido a existência de um “**armador d’igrejas**” e de duas “**estalagens**” (<http://rabiscoslousenses.blogspot.com/2009/07/lousa-em-1934.html>). Devido ao factor desertificação, mais uma vez se constata que a agricultura em grande escala deu lugar, na actualidade, à agricultura de subsistência.



Figura 4: Modo de vida – agricultura de subsistência

Presentemente existem na Lousa pequenas empresas em nome individual e referidas por José Chaves (Presidente da Junta de Freguesia em funções):

nós temos aqui varias pequenas empresas em nome individual com características familiares dentro do povo, temos cerca de 130 a 140 empregos. Depois temos o João Sousa Baltazar, fora da Lousa nos arredores, que tem alguns empregos com pessoas da Lousa a trabalhar e já foi um dos maiores empregadores do conselho de Castelo Branco, neste momento deve ter entre 80 a 90 funcionários quase todos daqui da zona. A Empresa “Calaveiras” também entre 22 a 25 postos de trabalho. Temos ainda 3 ou 4 empreiteiros da

Construção Civil, com 4 a 6 pessoas a trabalhar em cada uma. E a outra malta vai para Castelo Branco, e o que há fora disso? (entrevista 7).

3.1.3. “Legitimamente Seu” – Manifestação Cultural da Lousa

A Lousa tem uma tradição artística e cultural riquíssima, única e autêntica, a qual faz os possíveis por preservar e, muita honra, em mostrar. Quer do ponto de vista de património arquitectónico que do ponto de vista da manifestação e expressão popular das suas crenças e tradições performativas. Como Localidade religiosa e antiga que é, a Lousa rege, sobretudo a sua demonstração cultural através de rituais, festas e romarias de carácter religioso. Existem documentos datados de 1758 (Memórias Paroquiais, 2004)

3.1.3.1. Património Arquitectónico, Conjunto de Edifícios

“O Património enfatiza os lugares da memória, que simbolizam a capacidade de gerar a identidade cultural” (<http://pt.scribd.com/doc/6732217/Identidade-Cultural-e-Patrimonio>).

Relativamente ao conjunto de edifício que retratam o património e a riqueza social e histórica da Lousa há a referir a Igreja Paroquial, as Capelas de S. António, S. Sebastião e Santa Bárbara, o Cruzeiro, os Portados Medievais, Fontes armoriadas de mergulho quinhentistas. Solar da família Vaz Preto antigo morgadio de S. Sebastião. Na envolvência da lousa outro vestígio antigo há, de grande valor e importância social e histórica, como sejam, as diversas Estações Romanas e Monumentos Funerários, que parecem ser pré-romanos. Vestígios romanos como uma calçada, uma ponte, uma lápide, uma coluna romana que esta exposta no Museu Tavares Proença júnior em castelo branco e que foi encontrada nas imediações da Lousa e segundo (Proença, 1910:9) possui 24 machados de pedra polida encontrados nesta região. Este conjunto de edifícios forma um conjunto de símbolos identitários dos modos de vida que passaram por estas terras e denunciam a relação com o modo de ser e estar actual destas gentes. A Lousa conta ainda com edifícios de uso

comunitário como um centro social, um centro de saúde e de dia, um parque infantil, junta de freguesia, museu do azeite e das danças tradicionais.

Humilde e modesta esta aldeia que em tempos áureo florescia e ostentava riqueza e prosperidade, actualmente vê diluir-se no tempo essa forte acção do passado onde o único testemunho da sua existência se vê denunciado na sua envolvência física composta pelo arquitectónico que visualmente nos é dado a conhecer.

3.1.3.2. “Força Espiritual” - A Nossa Senhora dos Altos Céus



Figura 5: Nossa Senhora dos Altos Céus

Nossa Senhora dos Altos Céus, a quem os Lousences cumprem, anualmente, a promessa feita à quase quatro séculos, organizando uma festa no Terceiro Domingo de Maio. Esta imagem faz parte integrante das suas vidas e está presente em toda a dinâmica da sua existência. Não se conhece a idade nem a origem desta imagem. Em livro de 1711 da autoria de Frei Agostinho de Santa Maria, intitulado Santuário Mariano, refere-se:

Examinando e inquirindo com toda a diligência o Vigário desta mesma Igreja, Frei Manuel Moreira Veloso Freire da Ordem de Cristo, a origem e princípios desta milagrosa Senhora, e a causa do seu título, ou quem lho impôs, não pode nem por tradições descobrir mais que o ser muito antiga; e nem do tempo em que começou a resplandecer em milagres. Para provar esta afirmação passo a citar a transcrição do título do tomo terceiro, do livro que tem por epigrafe “Da imagem de N, Senhora dos Altos Céus, da Lousa”. Outros autores do passado referem que a N^a S^a dos Altos Céus como arogo da população da Lousa desde tempos imemoriais” (Costa, 1708; Santa Maria, 1711; Fr. Mimoso, 1758, Silva, 2004).

Existem várias lendas às quais estão associados os milagres da Virgem dos Altos Céus. A Lenda dos gafanhotos está intimamente relacionada com o ritual das Danças.

Não sendo apenas padroeira da Lousa, esta santa protege e abençoa mais três aldeias portuguesas e a ela são dedicadas outras 2 festas nomeadamente em:

Esmojães, freguesia da Anta e concelho de Espinho, a "Festa de Nossa Senhora dos Altos Céus" ou "Festa dos Rojões", realiza-se no segundo domingo de Outubro; e no lugar de Meãs, freguesia das Minas da Panasqueira venera-se a Senhora dos Altos Céus, Santa protetora dos mineiros, celebrando-se a festa em sua honra a 15 de Agosto. (Informação encontrada em <http://rabiscoslousenses.blogspot.com/2008/08/uma-pesquisa-na-net-levou-me-encontrar.html> em 6 de julho de 2011).

3.1.3.3. Festas e Romarias



Figura 6: Festas e Romarias

Os Lousences praticam e dedicam várias homenagens à sua padroeira, para além da festa de Maio outras há que veneram a virgem. A festa de S. Sebastião que se realiza no 3º domingo de Setembro, a festa de S^{ta} Bárbara que se realiza na segunda-feira de Páscoa e a festa de S^{to} António, no dia 13 de junho. Uma das características destas festas é a manifestação gastronómica que envolve o conceito de Família reunida em volta da mesa nestes dias de festa. Os pratos típicos são simples, a sua composição é essencialmente à base de produtos regionais, sendo o modo de subsistência desta população a agricultura: O serrabulho, o arroz de tripas, cabrito no forno, fressura, enchidos, filhós, boas de mel biscoitos de azeite, bolos de aguardente (borrachões) e o tradicional queijo.

Entre muitas das tradições encontradas nesta aldeia destacam-se algumas com bastantes anos de existência tais como:

O Santoro, o Madeiro, Cantar das janeiras, Bailes organizados pela União Lousence Teatro amador, Danças em Louvor da Virgem. Festa da Nossa Senhora dos Altos Céus todos os 3ºs fins-de-semana do mês de Maio. Santos populares, S^{to} António dia 13 do Mês de Junho, S^{to} Bárbara na altura da Pascoa S. Sebastião, antigamente todos os 1ºs fins de semana do mês de setembro e atualmente dia 22 a 24 de agosto. Torneiros de jogo da malha, Cânticos à virgem Cânticos na quaresma e Procissões. Referências obtidas em entrevista 7 e no Blogue da Junta de freguesia da Lousa fielmente atualizado por José Teles Chaves atual presidente da junta que muito tem contribuído para a recolha de documentação relevante acerca da localidade e tudo o que cultural, económica e socialmente acontece.)

A presença religiosa mistura-se aqui com a pagã com uma finalidade comum: agradecer à virgem a concessão dos seus desejos e a sua proteção divina, anualmente. Elementos pagãos como a carnesse a dança das tesouras na segunda-feira, venda de rifas e leilões, espaço para comer e beber, bailes à noite e as garraizadas, são assim, misturados com elementos cristãos como a procissão e as celebrações litúrgicas. As procissões têm um grande valor simbólico para as gentes da beira baixa e as homilias são sempre precedidas de uma procissão. Praticam-se 3 procissões nestes três dias na primeira a intenção é ir buscar S. Sebastião e Santo António às suas capelas e deixa-los durante os três dias da festa dentro da igreja matriz a fazer companhia a nossa senhora. A nossa

senhora dos altos céus sai apenas na procissão de domingo, o seu dia por excelência. Nas outras procissões de sábado e segunda-feira a Nossa Senhora dos Altos Céus não sai, sai Nossa Senhora de Fátima em sua representação. Segundo refere Rosalina Barata (entrevista 4), “Senhora só há uma por isso não podem sair duas. Uma imagem representa a outra mas Nossa Senhora é só uma” (entrevista 4). Então a ordem de saída e posição das figuras obedece igualmente a uma regra. Na procissão de sábado a ordem pela qual os Santos desfilam pela vila é a seguinte: Santa Teresinha à frente seguida de Nossa Senhora de Fátima. Juntamente com o cortejo, param na capela de S. Sebastião onde recolhem este Santo que fica posicionado à frente, na procissão. Seguidamente passam pela capela de Stº António recolhendo esta imagem que toma novamente o lugar na frente das restantes figuras. E assim dão entrada no adro da igreja e seguidamente na igreja matriz onde irá acontecer a homilia e onde descansarão até ao dia seguinte. No domingo a ordem é outra, à frente sai Santa Teresinha, seguida de S^{to}. António, de S. Sebastião e atrás Nossa Senhora dos Altos Céus. O último do cortejo é sempre o Pároco que traz na mão o Santo Lenho. Segundo o Padre Castanheira “o último elemento numa procissão a encerrar o cortejo é sempre a banda”. Na procissão de segunda-feira os fiéis encenam um novo percurso pela aldeia cuja intenção é devolver os Santos às suas capelas. Então a ordem pela qual se movem é a seguinte: S. Sebastião, Stº António, Stª Teresinha e Senhora de Fátima em último lugar e em representação de Nossa Senhora dos Altos Céus.

3.2. A Lenda dos Gafanhotos



Figura 7: A Lenda do Gafanhotos

Reza a história, que na aldeia de Lousa, nos Escalos de Cima, Escalos de Baixo e também em Alcains e Lardosa, aconteceu no ano de 1640, (folheto da Junta de Freguesia da Lousa) uma praga de gafanhotos causadora de enorme devastação económica nas referidas aldeias, sendo a agricultura o seu único sustento. O prejuízo previa-se tal, que a população pediu a intervenção divina, aos seus Santos Protetores. A Lousa não foi exceção e uniu todas as suas forças e em unísono rogaram à virgem dos Altos céus que os protegesse de tal calamidade. Em troca deixaram a promessa que todos os anos vindouros cumpririam religiosamente uma retribuição em troca do favor solicitado. Essa retribuição e/ou agradecimento contaria de uma festa em homenagem à virgem. Parece, ao que consta, que as preces do povo foram imediatamente ouvidas e atendidas, pelo que até hoje, geração após geração os Lousences têm cumprido, fielmente, a referida promessa, numa festa de grande aparato litúrgico e pagã que

acontece todos os terceiros domingos do mês de Maio. Para além das habituais cerimónias religiosas este pagamento faz-se apresentar, em conformidade e coerência com a lenda, da representação das danças iniciadas por Micaela, Timóteo e as suas 8 filhas virgens, casal Lousence que depois de feitas as preces em comunidade, não se dirigiram aos seus terrenos a verificar se as suas preces teriam sido ouvidas, resolveram antes disso, agradecer antecipadamente à Virgem dançando a porta da igreja com as suas 8 filhas, aguardando assim a concretização do seu desejo. Entretanto um homem de nome Xisto Lourenço passando pelo adro e vendo aquele cenário, indignado sugere ao casal que deixe de dançar a vá olhar pelos seus campos a ver se realmente a prece foi concedida. Ele próprio foi verificar, com os seus próprios olhos, e constatou que de facto a virgem tinha atendido a povoação Lousence concedendo-lhes a graça de acabar com a praga. Este homem não cabendo em si de contentamento, correu a juntar-se ao casal para dançar. Juntamente com eles todos os Lousences se juntaram manifestando, assim, o seu agradecimento e contentamento pelo sucedido. Terminadas as manifestações de alegria entraram na igreja e repararam que a Virgem baixou as mãos como sinal de que deveriam estar todos unidos em agradecimento pelo milagre ocorrido, abençoando deste modo aquele povo para sempre.

Parece estar aparentemente justificada a existência da *Dança das Virgens*, já que segundo a lenda, a família tinha 8 filhas jovens, virgens portanto, por isso se vestem de branco e dançam de forma muito simples, manifestando à Virgem a sua alegria e agradecimento.

Quanto aos homens, como não quiseram ficar atrás, diz a tradição que realizaram uma dança igualmente simples mas muito mais máscula. O objetivo é o mesmo, no entanto as diferenças são substanciais, daí o nome *Dança dos Homens* ou *Genebres*, pelo facto de ser acompanhada por um estranho instrumento de nome Genebres, cuja origem não se conhece.

Toda a lenda, tal como o nome indica, não passa de uma explicação de pendor religioso que representa simultaneamente a aspiração e a crença pelo divino tão inerente à existência do homem. No entanto, e segundo as pesquisas feitas pela Dr.^a Maria Isabel Leal da Costa (2005), existem registos que conferem a existência de uma praga de gafanhotos por volta do ano referido na lenda. Bem como o facto de existirem registos

do pagamento feito pelos governos aos agricultores como prémio para quem conseguisse livrar-se da praga. A população refere ainda existir um registo paroquial provavelmente na torre do tombo que diz ter mencionada a existência de uma mulher de nome Micaela na data a que reza a lenda, facto é, que tal documento nunca foi visto por ninguém da aldeia mas vários o mencionam e verbalmente o passam de geração em geração. Posto isto, pode-se concluir que historicamente o fenómeno poderá ser verdadeiro, se a metafísica se juntou aos acontecimentos fica dependendo da fé de cada um. O que nos interessa por agora é enquadrar o sentimento do povo com a manifestação que apresenta.

3.3. A festa da Nossa Senhora dos Altos Céus

“Carta régia para um bodo no dia de N.^a Sr.^a dos Altos Céus” – Évora, 23.09.1534

Aos moradores do lugar da Lousa, termo de Castel Branco, licença para fazerem bodo neste modo por dia de Nossa Senhora dos Altos Ceos. Dom Joham, etc. a quantos esta minha carta virem faço saber que a mim me praz dar licença aos moradores do lugar da Lousam, termo da villa de Castello Branco, para que daqui em diante possam fazer por dia de Nossa Senhora dos Altos Ceos, cuja igreja estaa no dito lugar, o bodo que por sua devoção costumavam fazer, e isto enquanto o eu ouver por bem e não mandar o contrário, sem embargo da ordenação em contrário, e porem de todalas esmollas que tirarem para o dito bodo apartarão a quinta parte ante de fazerem dellas despesa alguma, a qual se apartaraa perante o juiz do bodo, escrivão e mordomos, e se entregaraa a hum homem dos que elles para isso enlegerem, e se carregará sobre elle em receita em hum livro que ho escrivão somente para isso fará, e da dita quinta parte se não fará despesa allguma em comer nem beber, somente se despenderá em ornamentos ou na fabrica da tall Irmida ou no altar em que se dizem as missas, qual destas cousas ao dito juiz, mordomos e confrades melhor parecer, e não tendo nece sidade das ditas cousas se despenderá em missas que mandarão dizer na dita Casa pellas almas das pessoas que derem as tais esmolos, e as outras tres partes gastarão no dito bodo seguindo seu costume, e com esta limitação lhe dou a dita licença. Domingos de Paiva a fez em Evora, a xxiii dias de Setembro de Vc xxxiiij. E posto que diga a quinta parte seraa quarta parte.

(<http://rabiscoslousenses.blogspot.com/2008/09/efemrides-bodo-em-honra-de-n-sr-dos.html>).

A festa em Honra da Nossa Senhora dos Altos Céus, referente ao agradecimento pela bênção de esta ter posto fim à praga dos Gafanhotos, realiza-se todos os 3^{os} fins-de-semana de maio, apesar de ter já sido alterado o número de dias da realização da mesma ao longo dos tempos. A adaptação aos tempos modernos impõe-se, mas a sua função de festa religiosa não se altera em nada no que propõe realizar. A profunda crença na nossa senhora dos altos céus foi transmitida de modo absolutamente incondicional o que faz notar uma função/finalidade sempre presente que não se demove ao longo dos tempos”. Existe nestes dias um forte sentimento de entrega e partilha entre estas gentes, toda esta festa funciona como um todo organizacional, onde cada um participa aleatoriamente sem falhas nem percalços. A missão é interiorizada seriamente por cada um dos elementos da comunidade. Todos estes momentos são vivenciados em comunidade e a partilha de sentimentos é comum a todos os elementos que com ela se identificam. Os filhos da terra que saem para trabalhar e/ou morar fora, regressam fielmente nestes dias a fim de ver cumprida a missão das suas gentes, da qual eles próprios também fazem parte. É a altura do ano em que todos estão em comunhão. Existe perante esta festa um dever comum, uma obrigação fielmente partilhada que todos teimam em manter (entrevistas 4, 5, 6, 7, 8). A comissão encarregada da realização destas festas é nomeada anualmente e era constituída por oito elementos: um juiz, um tesoureiro, um escrivão e cinco vogais. São como se diz na Lousa, "*os festeiros*".

Os festeiros são nomeados anualmente ou então são os próprios habitantes que solicitam fazer a festa em honra a nossa senhora dos altos céus como cumprimento de alguma promessa feita à virgem. Atualmente, a festa parte de custo zero. Os festeiros em cada ano, iniciam um peditório, pelas casas dos naturais da Lousa e reúnem assim fundos monetários para realizar as 3 principais festas da aldeia. A festa de St^o António, a de Sta. Bárbara e a de Nossa Senhora dos Altos Céus, sendo, esta ultima, considerada a mais importante. Este dinheiro obtido no peditório é gerido de modo a conseguir realizar todas as despesas inerentes às 3 festas e o restante é doado à igreja e aplicado em melhoramentos da mesma e/ou outros relacionados, sempre, com as próprias festas (entrevistas 4, 7 e 9). Durante a semana em que vai acontecer a festa denota-se uma agitação inerente aos procedimentos relacionados com a logística. Oito sonoras badaladas do relógio da torre da igreja marcam o início de mais um ritual referente a

esta festa: a Alvorada, logo na manhã do sábado, 1º dia “oficial”. Seguem-se, assim, 15 minutos de foguetes e a banda dá início a um percurso com destino à moradia de cada um dos festeiros, fazendo soar uma música animada que denuncia o clima festivo vivido nesses dias. Sexta-feira à noite surgem os primeiros sinais de festa, a iluminação está montada, a carnesse já pronta a funcionar, a música vinda da aparelhagem faz-se soar, o recinto está montado e pronto a ser utilizado. As pessoas circulam por ali já com os seus sentidos, receptivos e preparados para as fortes emoções que ali se irão passar nos dois dias seguintes. A festa na sexta-feira (presentemente o primeiro) constas apenas de convívio entre os habitantes da terra e outros que se deslocam lá em pequeno número a fim de petiscar algumas iguarias caseiras, ouvir um agrupamento musical de um qualquer género e ficar para assistir ou participar no bailarico até altas horas da madrugada.

No sábado logo de manhã acontece o “toque da alvorada”, as famílias convivem, vêm-se alguns homens a passear e conversar junto ao adro da igreja, local onde acontece a festa, enquanto as mulheres ficam em casa a preparar o repasto que os irá unir em confraternização familiar de grande cumplicidade. No final da tarde e com hora marcada pelo pároco dá-se início à procissão cuja finalidade é recolher os Santos das capelas vizinhas, nomeadamente, São Sebastião e Stº António que irão partilhar a igreja com Nossa Senhora dos Altos Céus. Tal como as pessoas, os Santos coabitam e acompanham a Nossa Senhora durante os 3 dias e na procissão de domingo em sua honra. Regressam, à sua “moradia oficial”, (capela de Stº António e de São Sebastião), na segunda-feira à tardinha, no período final da festa. Após a entrada dos santos na igreja matriz e finalizado o ritual da procissão, segue-se uma missa em honra dos mesmos e as portas da igreja são encerradas até ao dia seguinte, o grande dia da festa da Nossa Senhora dos Altos Céus.

Segue-se a actuação de um conjunto e a tradicional carnesse, onde são leiloados artigos oferecidos pelos habitantes da aldeia com a finalidade de angariar fundos para cobrir as despesas efectuadas na festa. No dia seguinte de manhã e após a alvorada, o convívio prossegue tal como na sexta-feira em casa de cada um. Depois do almoço envergando as suas melhores roupas, seguem em direcção à igreja onde irá acontecer a homenagem, por excelência, à tão adorada Virgem do Altos Céus. Após a eucaristia, com pompa e

circunstância, segue-se o passeio de Nossa Senhora pelas ruas da aldeia harmoniosamente enfeitadas com colchas nas janelas e flores no chão (que as habitantes da Lousa recolhem e guardam no frigorífico para se manterem frescas até ao dia da festa, ostentando longas carpetes de flores que se estendem desde a porta da igreja e percorrem as principais ruas da aldeia: “com panos, pinturas honestas e decentes e com todo o aparato, e concerto possível” (Constituições Synodales do Bispado da Guarda, 1759, *in* Salvado, 2003: 15). À saída da igreja todos se preparam para acompanhar a nossa senhora. Sai o cruciferário da igreja com os sinos da igreja em plena algazarra, sai o S. Sebastião seguido pelos restantes andores carregados pelos festeiros e por Lousenses que pedem para os carregar como forma de pagamento e agradecimento à Virgem por concessão de alguma graça concedida. Os homens à frente, seguidos das mulheres que seguram velas acesas e manifestam expressões solenes, profundamente serias e reflexivas.

A banda filarmónica (normalmente vinda de uma das aldeias vizinhas) entoa os acordes que marcam a pulsação de tal percurso, onde se torna perceptível a “Ave maria” de Gounot, arrastada e solene. A procissão culmina com a chegada ao adro da igreja, onde todos param e atentamente ouvem o sermão proferido pelo pároco, ali mesmo na rua e em frente a igreja matriz, onde será proporcionado um momento único, profundamente emotivo, de adeus à Virgem. Depois (entrevistas 4, 7, 9) do sermão, a Virgem regressa ao seu altar e centenas de lenços brancos se elevam dizendo adeus à virgem e aqui sim, existe um explodir de emoções que se fazem sentir através da imagem visual transmitida pelos rostos dos que ali estão a assistir e a participar. Uma vibração muito forte envolve aquele cordão humano ao ponto de os seus sentimentos deixarem transparecer emoções visíveis de tristeza, dor, saudade, alegria, alívio, agradecimento fé... A entrada da virgem na igreja é um eclodir de emoções acumuladas de agradecimento e sensibilização pela sua proteção depois de mais um ano de graças decorrido. Há quem verta lágrimas há quem fique arrepiado e até quem é de fora não deixa de ficar emocionado e indiferente a tamanha manifestação coletiva.

Os ânimos acalmam, quando dão entradas as Virgens Donzelas e os tocadores vestidos a rigor com uma indumentária *suigeneris* que não deixa de chamar a atenção dos populares que se concentram na sua atuação. Passados 8 minutos de danças que

simbolizam o agradecimento daquele povo à sua santa de devoção, segue-se a tradicional Dança dos Homens que segundo reza a lenda, não quiseram estes deixar, eles mesmos, de presentear a sua adorada Santa. Quando terminam as danças o povo Lousence prepara-se para mais uns momentos de convívio, e dividem-se pelas atividades que foram criadas para dar lugar à parte pagã da festa. No entanto algumas mulheres ficam dentro da igreja a cantar, em privado á Nossa senhora e apenas com a sua voz entoam cânticos com uma sonoridade estranha com alguns laivos de melodias árabes, proferindo as palavras com glissandos sonoros, como que se de um lamento se tratasse. As senhoras saem e as portas da Igreja são encerradas até ao dia seguinte.

Em livro publicado em 1711, da autoria de Frei Agostinho de Santa Maria da Congregação dos Descalços de Santo Agostinho de Portugal, e intitulado SANTUÁRIO MARIANO e História das Imagens Milagrosas, já vem referida Nossa Senhora dos Altos Céus como sendo imagem muito antiga. A festa tinha grande brilho litúrgico e era sempre precedida de luzido triduo e solenes vésperas cantadas no sábado à noitinha (Santa Maria, 1711).

O mesmo se passa desde então as alterações acompanham apenas o ritmo e o pulsar da caminhada destes fieis face a modernidade.

Finalmente, na segunda-feira, ouve-se a alvorada, sendo o mesmo ritual dos dias anteriores com a banda o fogueteiro e as badaladas do relógio após as 8 horas da manhã. Alguns Lousences têm de voltar ao trabalho e os mais novos para a escola, outros há que tiraram um dia de férias para viverem esta festa em pleno. O carácter festivo mantem-se e os rituais sucedem-se, fielmente, cumprindo a tradição. Assim sendo e durante a tarde vários acontecimentos ocupam este dia intenso de tradição.

A procissão tem início com a finalidade de repor as figuras de S. Sebastião e Stº António às suas capelas. O mesmo ar solene a mesma seriedade estampada nos rostos daquelas gentes que vêem, assim, chegar o fim daqueles dias sagrados. Repostos os Santos, a procissão chaga ao adro e dá-se início à eucaristia, à qual se segue a cerimónia de “entrega da festa”. Acontecimento, por excelência, bem-disposto, animado e com um aparato ritualesco bastante interessante. Os festeiros do ano que finda, juntam-se no adro da Igreja com a banda e o fogueteiro e seguem uma marcha acompanhando o ritmo da sonoridade da banda batendo palmas alegremente e parando à porta de cada um dos

festeiros nomeados para o próximo ano. Se o dono da casa aparecer, abrir a porta e os receber é porque aceita o desafio de fazer a festa à nossa senhora no ano que vem, se não abrir é porque não aceita ou porque não se encontra em casa, podendo sempre dar a sua confirmação posteriormente. De cada vez que um festeiro aceita a festa, é lançado um foguete para que, em todo o povo, se saiba quantos festeiros estão a aceitar o desafio. Seguem em direcção ao próximo até concluírem o percurso passando pela casa de todos os festeiros nomeados. O festeiro que aceita segue também no cortejo até a casa do próximo.

No final reúnem-se frente a frente no adro da igreja e sob um discurso de entrega de “pastas” são lançados tantos foguetes quantos festeiros aceitaram. Trocam-se impressões e cumprimentos e fica assim entregue a festa para o próximo ano.

Este ritual é seguido de um outro, a tradicional tourada "*à vara larga*". Neste ritual quer os Lousences quer os visitantes podem demonstrar a sua valentia enfrentando os touros (vitelos), livremente, medindo forças com os animais em praça pública.

Tal como o natal e Páscoa, esta é também uma festa de família com valor muito enraizado neste povo. Após a Garraiada e em hora incerta realiza-se, a Dança das Tesouras, sempre na segunda-feira, por ser considerada pouco religiosa. Esta característica não lhe confere legitimidade para ser apresentada no dia da nossa senhora o domingo. Há anos em que nem sequer se realiza e esta limitação deve-se ao facto de nem sempre haver disponibilidade dos homens Lousences. Um ritual que, como afirma Costa (2005), uma dança de origem pagã e/ou de trabalho que representa a tarefa da tosquia das ovelhas. Bem-disposta e alegre é as suas principais características, reinando no adro da igreja que vê, agora os seus fiéis, com sorrisos estampados no rosto.

3.4. As Tradicionais Danças da Lousa

O Ritual que envolve as Danças das Virgens, das Tesouras e dos Homens, representa um dos valores culturais que o Conselho de Castelo Branco teima em preservar uma vez que é demonstrativo da antiguidade da região, assim como, o seu carácter único em todo

o país. Por detrás desta apresentação haverá certamente um reportório de justificações para a sua existência, assim como, para determinar o modo de ser destas gentes.

3.4.1. A Dança das Virgens

Dança executada por 8 raparigas virgens condição “sine qua non” para poder dançar.” (...) as dançarinas devem obedecer, ainda a certos condicionalismos para poderem participar na dança, como o de estarem virgens” (Costa, 2005: 59). Orientadas por uma ensaiadora que não participa nas danças. Inicialmente a dança era feita por raparigas de doze e treze anos. Vestiam azul celeste passando mais tarde a vestir branco. Só mais tarde a dança começou a ser feita por raparigas mais velhas, tornava-se difícil encontrar raparigas disponíveis para realizar as danças. De qualquer modo as danças foram sempre feitas por raparigas solteiras e ainda hoje assim é. Os participantes nestas danças são as 8 donzelas, o tocador de guitarra portuguesa que acompanha as danças, e o guardião, cuja função é proteger as virgens uma vez que estas se apresentam carregadas de ouro, assim como zelar pela sua integridade enquanto raparigas. Sendo esta Dança uma forma de comunicar com o sagrado com aquilo que transcende o entendimento do ser humano comum, alguns autores como Santa Maria (1711), Marcelo (1993), Chaves (1942-a), Ribas (1974 e 1985), Salvado (2003), António Catana (*cit* Costa, 2006:50-53) e ainda o Jornal Reconquista (27/09/59), Sasportes (1970) defendem que esta poderá ser considerada uma dança de cariz religioso. Por outro lado pelo seu carácter ritualesco, pela duração longa e pelo facto de tentarem, de algum modo, interferir com as forças divinas onde se “ressalta o culto pelas forças da Natureza que exerciam grande influência na vida rural” (Costa, 2005: 18), autores como Oliveira (1984), Prina e Pandovan (2000), Viana 1967, Mello (1971) citados em Costa (2005: 22), em seus estudos estabelecem comparação com determinados rituais pagãos de carácter rural e consideram, pelas semelhanças com esta dança, que poderão ser as mesmas catalogadas na categoria de danças pagãs apesar de “adptadas pela religião” devido á sua função. A indumentária apresentada e os gestos delicados podem ainda atribuir um carácter

sedutor à dança das virgens quando “as raparigas demonstram as suas artes num movimento elegante e sensual ao som da guitarra” (Costa, 2005: 72).

3.4.1.1. A Indumentária

As raparigas

Blusa e saia branca pelo tornozelo. A saia rodada pelo tornozelo deixa aparecer as meias manualmente tecidas em croché, ornamentadas por uns sapatos simples brancos de salto de altura média. Uma faixa azul celeste envolve a cintura culminando num lindo laço, cujas pontas adornam as silhuetas das raparigas. Cabelo apanhado no centro da cabeça e a contornar um enfeite de flores brancas. Lenço branco bordado, na mão que faz parte da coreografia e que simboliza o adeus à virgem. O uso excessivo de ouro é outra das características, todo o povo se junta mais uma vez em perfeita partilha e comunhão para emprestar o seu ouro às 8 donzelas, apenas naquele momento em que as danças estão a ser executadas e ali naquele local, viradas para a igreja em honra da nossa senhora naquele dia específico.

A cor da roupa representa uma carga simbólica significativa, na medida em que o branco significa pureza relacionando este fato com o nome da dança, e ainda apelo facto de “na apresentação das raparigas casadoiras à sociedade em que vivem é de tradição vestirem-se de branco...” (Isabel Costa, 2005:52). A Coroa de flores brancas a envolver o carrapito no alto da cabeça poderá estar associado “às festas das maias as quais já na antiguidade eram representadas para comemorar a primavera em honra de Vénus como sinal de alegria e da beleza da natureza em flor” (*Idem*) assim como a faixa azul celeste representa a cor do manto da Nossa Senhora dos Altos Céus.

O Tocador e o Guardião

O tocador e o guardião envergam umas calças de cor preta com pinças na cintura. Uma camisa simples e branca e a envolver a cintura, uma faixa azul celeste, (cor do manto de Nossa Senhora), com as pontas a pender lateralmente do lado esquerdo. Os sapatos são

de atacadores pretos. Para além desta indumentária o tocador de guitarra portuguesa abraça este instrumento que está seguro a si por uma fita de seda azul celesta a combinar com a faixa da cintura e ainda com um laço de fita mais fina, colocado a rigor por dentro do colarinho da camisa. O guardião veste da mesma maneira e sustenta uma espada em riste, enquanto dura a execução das danças das raparigas. A presença do guardião segundo Costa (2005), poderá estar relacionado como o facto de as 8 raparigas virgens necessitarem de protecção enquanto exibem a dança.

3.4.1.2. Melodia – Aspectos Musicais Técnicos

Algum reportório musical da Beira Baixa “está imbuído de carácter modal da época medieval, com influências gregas e árabes” (Castelo: Branco; Toscano, 1988, *cit* Costa, 2005:51).

Os aspetos musicais técnicos foram devidamente abordados e complementados no estudo levado a cabo por Isabel Leal da Costa, que reúne no seu trabalho as partituras relativas às melodias das três danças. No que toca à danças das virgens, ela estabelece uma comparação entre os aspetos musicais técnicos que conseguiu auditivamente identificar em Giacometti (1958 – 198), com a análise da partitura transcrita por Ernesto Veiga de Oliveira em 2000 e finalmente com a sua própria transcrição levada a cabo em 2005 (Costa, 2005: 187-203). Do resultado deste seu estudo e com base nas suas conclusões, reunimos sucintamente os aspetos que consideramos importante referir neste estudo específico. Notam-se substanciais diferenças entre alguns aspetos de ordem técnica musical. Relativamente aos elementos musicais analisados, há a referir que o andamento se manteve Moderato nas transcrições de Giacometti (1958-1985), e Oliveira, (2000) em (Costa, 2006) o andamento alterou-se tornou-se mais rápido e foi caracterizado como Allegro. A tonalidade embora se mantendo sempre em modo maior alterou-se em cada uma das transcrições sendo que, em Giacometti (1958-1985), verifica-se em Sib Maior; em Oliveira, (2000), em Fá Maior e em Costa, (2006) em Sol Maior. Quanto à forma da peça musical foi mantida ao longo dos tempos em ambas as

transcrições, obedecendo ao esquema ABCD. A cadência final só se verifica com a execução de 3 acordes em Giacometti. Nas restantes transcrições verifica-se uma conclusão brusca na última nota da melodia apenas com uma nuncie de expressividade mais acentuada.

Na transcrição de Giacometti denota-se o uso de ornamentação em torno das notas chave da melodia. Esta ornamentação vai-se perdendo nas seguintes transcrições, devido ao facto relatado pela Assunção, ensaiadora das danças, que refere que o antigo tocador comum às duas primeiras transcrições ser um virtuoso da guitarra e embora não soubesse música de forma técnica e profissional, era detentor de capacidades artísticas de execução formidáveis, ao passo que o actual tocador sendo também autodidata, não se dedica com o mesmo empenho, pelo que não consegue obter os mesmos resultados do anterior (entrevista 6). A afinação da guitarra também é outro aspeto que convém ser evidenciado. Auditivamente, as 2 primeiras transcrições e comparativamente à audição referente à transcrição de Maio de 2004 nota-se uma diferença bastante significativa em relação ao factor afinação. Em ambos os casos, provida de formação académica, mas na transcrição de 2004, verifica-se uma enorme desafinação da guitarra portuguesa, assim como, bastantes enganos na interpretação recorrendo o tocador ao improviso bastantes vezes, para colmatar as pequenas gralha, descaraterizando, um pouco, o efeito final pretendido. As melodias eram interpretadas em compasso binário, ternário e quaternário alternadamente, exceto em Oliveira (2000). Existe ainda um desfasamento formal, relativamente à melodia e à coreografia, na opinião de Costa (2004:149).

A recitação dos versos mantem-se igual, ao longo dos anos e desde que há memória de transmissão oral desta prática. No entanto, não se sabe a origem destas quadras, havendo quem afirme, que numa data anterior e em que a memória popular já não chega, as quadras aos organizadores da festa, não existiam (entrevistas 4 e 6).

Qualquer uma das alterações verificadas nestas diferentes práticas, não é significativa quanto ao risco de perder no seu carácter o reconhecimento intemporal da história que as acompanhará.

Não se verifica a existência de elementos expressivos registados nestas transcrições. Este facto poderá comprovar as afirmações proferidas por alguns participantes (entrevistas 4 e 6) na dança e ensaiadores, em trabalho de campo realizado neste estudo.

Os envolvidos nestas danças manifestam uma enorme preocupação relativamente ao carácter original da melodia. Por um lado por ser executado por um amador e não existir mais ninguém que consiga tocar a melodia que acompanha as danças, por outro porque o próprio tocador afirma ter noção que a melodia original é ligeiramente diferente da que ele consegue reproduzir.

Este estudo realizou a pedido dos participantes e ensaiadores das danças, uma gravação da melodia das virgens entoada à capela por uma habitante da aldeia (D^a Maria dos Santos) que dizem, eles, ser a detentora da melodia original, uma vez que o recente tocador adulterou um pouco a sua essência melódica, por não saber música e por tocar apenas de ouvido. Assim, fizemos e após a nossa análise concluímos que a melodia que referida senhora entoou, é exatamente a mesma que foi transcrita por (Morais *in* Oliveira *cit* Costa, 2005: 190 e anexo 6).

A referida gravação, onde consta a entoação da D^a Maria dos Santos encontra-se em cd rom anexo a este trabalho.

3.4.1.3. Instrumento Utilizado na Dança das Virgens

A Convite do Etnólogo Jorge Dias, e com o apoio concedido pela Fundação Gulbenkian, Ernesto Veiga de Oliveira, juntamente com Benjamim Pereira, fizeram em 1961 um levantamento exaustivo dos instrumentos populares portugueses, que estabeleceu uma divisão do país em um determinado número de regiões músico -instrumentais, de acordo com as formas e manifestações musicais características de cada uma (Oliveira, 2000: 14).



A guitarra Portuguesa

O instrumento que a acompanha a Dança das Virgens é a Guitarra Portuguesa. A guitarra portuguesa pertence à família dos Cordofones na classificação universal organológica de Hornbostel Sachs.

A sua configuração é diferente na forma, dimensão e caixa-de-ressonância da dos restantes cordofones do nosso país. É constituída por 12 cordas

metálicas em pares de 6 (chamadas ordens). As cordas são dedilhadas apenas com as unhas do dedo indicador e polegar.

O cavalete é feito em osso e é móvel. O Cravelhal metálico e em forma de leque. A afinação difere também dos restantes cordofones portugueses, as cordas estão dispostas pela seguinte ordem: si, lá mi, SI, LÀ, RÈ ou lá sol, ré, lá sol, dó.

Pela sua antiguidade junto do nosso povo prevê-se que está entre nós desde a idade média sendo descendente directa da Cítara Europeia. Desde o séc. XVI.

A sua importância esta directamente ligada à sua função social. Enraizada nas tradições portuguesas manifesta-se como identitária de sentimentos ligados a saudade tristeza e destino. Características inerentes a nossa expressão através do fado.

Este instrumento representa a alma do nosso povo sobretudo a sua sonoridade ser identitária do nosso estilo de vida e modo de pensar, não só no fado, mas também neste ritual estudado onde o som da guitarra portuguesas está enraizado na memória de todos os habitantes Lousences, constituindo parte integrante e fundamental da imagem sonora que envolve todo o processo de ritual em causa.

3.4.1.4. Aspetos Coreográficos

A forma da música define a forma da dança, o resultado final consegue harmoniosamente interligar as duas formas simplesmente e sem grandes artefactos complicados do quadro coreográfico.

A coreografia tem início com a recitação de 8 quadras dedicadas à virgem dos altos céus, aos organizadores da festa e aos visitantes. Cada dançarina recita uma quadra e a 9º e décima volta ao início e são novamente as duas dançarinas da frente que as recitam. As dançarinas estão viradas de frente para a igreja para o tocador e para o guardião. Dispostas em duas colunas paralelas recitam os versos.

QUADRO IX - Quadras recitadas antes da coreografia

<p>Ó virgem dos altos céus Mãe do meu amparo bem Conservai na vossa graça Quem aqui visitar-vos vem</p> <p>Quem aqui visitar-vos vem Com silêncio há-de vir Nós estamos a vossos pés Prontas para vos servir</p> <p>Com o nosso uso antigo Pela graça do senhor Vivam as oito donzelas Mais o nosso tocador.</p> <p>Ó virgem dos altos céus, Que estais na vossa tribuna; Sois a mais linda rosa, Como vós não há nenhum</p>	<p>Ó virgem dos altos céus, Nossa mãe, nossa madrinha, Dai-nos o céu pró esmola, já que dele sois rainha.</p> <p>Ó virgem dos altos céus Aqui estou á vossa porta, Fazei-me boa mulher, Quero ser vossa devota.</p> <p>Ó virgem dos altos céus, Minha rosa encarnada, Lá baixo no Alentejo, Chega a vossa nomeada (1)</p> <p>Ó Virgem dos Altos Céus, Rainha do céu e da terra; Ó que lindo resplendor Deita a vossa cara Bela.</p>	<p>Ó Virgem dos altos céus, À vossa porta me empino; Meu coração toda a hora, Minha alma de contínuo</p> <p>Ó Virgem dos altos céus, Não vos peço outra coisa; Só a vossa proteção P'ra todo o povo da Lousa</p> <p>Vide (carta. Prefácio) do 1º vol. De etnografia da beira, 2ª Ed. Pg.9, pelo Doutor Leite Vasconcelos.</p>
--	---	---

Após a recitação das quadras dá-se o início da dança e surgem os movimentos onde a forma musical simultaneamente orienta as “voltas “ ou “figuras” como refere Costa (2005)

Desenham quadrilhas, rodas cadeias, fazem cruzamentos diagonais e vénias sempre em passo de passeio maneado rodado com o par e no lugar próximo. Começam e terminal as diferentes figuras sempre em colunas, viradas de lado umas para as outras e de frente para a igreja.

Costa (2005: 61), no estudo que elaborou relativamente à apresentação gráfica do esquema coreográfico apurou que “O tempo da dança é regular ao longo da coreografia com valor de semínima. Passo de passeio maneado rodado e no lugar.” O esquema final da coreografia é representado pelo seguinte esquema: ABCDEFGHABI

3.4.2. A Dança dos Homens, das Genebres ou da “Farrombana” (Viana 1967:16)

Mais máscula, mas também profundamente religiosa (Marcelo, 1993:99 *cit* Costa, 2005). A dança é composta por 9 dançarinos, (6 homens e 3 crianças). Os homens com idades compreendidas entre os 15 e os 80 anos, sendo que, um deles preside a dança tocando simultaneamente um instrumento único no nosso país de nome genebres. Todos os participantes tocam e participam na coreografia, simultaneamente. Para além do genebres, os restantes participantes tocam viola beiroa, também chamada de Bandurra. Estas (violas) marcam o ritmo da contradança e entram cadenciadamente os moços dos pandeiros - as 3 donzelas.

A Dança das Virgens é tocada numa guitarra portuguesa afinada uma terceira menor ascendente em relação à viola beiroa de Manuel Moreira, sem «requintas». Estamos talvez perante um caso em que se substituiu um instrumento por outro, que adotou a mesma afinação e técnica instrumental, o que justifica a sua inclusão neste local. (<http://alfarrabio.di.uminho.pt/arqevo/textospa/html/vbeiroa/violabei.htm>).

Refere a tradição que 3 jovens do sexo masculino de idades compreendidas entre os 9 e os 11 anos, tendo que ser naturais da Lousa se vestem de rapariga e posicionam-se no centro da dança e seguram na mão os trinchos, espécie de pandeireta sem pele. Tradição que se perdeu no tempo uma vez que não há rapazes atualmente que se queiram envergar uma vestimenta de rapariga. Para tentar colmatar este problema são solicitadas pequenas raparigas na idade dos 7, 8 anos para representar o papel que cabia outrora aos rapazes e é à sua volta, que a coreografia tem lugar. Hoje em dia não tem sido fácil angariar voluntários jovens que queiram participar vestidos de mulher, têm de ser seleccionadas raparigas para o fazer, fomentando um pouco o desmoronar da tradição. Nesta dança o ensaiador o Sr. José Mendes Feio, (ultimo ano que irá ensaiar as danças, pela idade vai retirar-se passando o cargo a “Quim Brilhantina” tocador das genebres) é ele que preside a dança tomando o primeiro lugar na fila do lado esquerdo, lugar de honra na hierarquia do ritual. Com a sua saída o posto será ocupado pelo tocador dançarino que ocupa o lugar imediatamente a seguir, ou seja, a primeira posição na fila da direita e consequentemente todos (entrevistas 4 e 5) rodarão. Esta deslocação nas

posições de dança representa uma hierarquia com profundo significado honroso. Da mesma forma que roda a posição na dança a rotatividade da guitarra também é um posto de honra a considerar. A viola do tocador mais velho que irá deixar o grupo, irá ser tocada pelo que ocupará o seu lugar e que se encontra posicionado imediatamente a seguir na dita fila, e assim sucessivamente (entrevistas 4 e 5).

Ninguém canta nem fala, a dança exhibe expressões contidas e serias dos participantes (descrições 11 e 12). Apenas o arrastar dos pés e os sons dos instrumentos quebram aquele silêncio religioso e um ou outro grito, ou salto do tocador de genébrés faz sobressaltar quem assiste, como que despertando para uma realidade completamente diferente do tradicionalmente conhecido (descrições 1 e 12). A atitude séria e respeitosa dos componentes dá um tom de solenidade à dança. Tal como a Dança das virgens, os mesmos autores que defendem considera-la religiosa e pagã proferindo a mesma opinião relativamente às duas. ” (...) de tarde se faz procissão ao redor da Igreja, aonde todos em loucor da Senhora dançavão, e bailavaõ com huma myuto grande, alegria, certos em seus corações de que não lhes havia de faltar o seu favor (...).“ (Santa Maria, 1711:67 *cit* Costa, 2005) No entanto pelo seu carácter másculo e pela finalidade que apresenta ao implorar à virgem proteção, à semelhança das danças guerreiras, como defendeu Chaves (1942-b *cit* Costa, 2005). Viana (1967 *cit* Costa, 2005) refere a mesma posição relativamente a estas danças, considerando a sua performance relacionada com rituais de dança de pedidos de protecção e agradecimentos pelas vitórias conquistadas, assim como pelo fato de a existência das 3 madamas poder ser equiparado ao das donzelas cativas que precisam ser salvas das garras do inimigo. Ribas (1974), Sasportes (1970) e Marcelino (1958, *cit* Costa, 2005), também justificam opiniões semelhantes estabelecendo padrões comparativos relativamente a função e desempenho desta dança. É denunciada também uma alteração significativa relativamente ao número de participantes. Há autores com Dias (1944, *cit* Costa, 2005) fazem referência à existência de 10 homens a participar.

3.4.2.1. Indumentária

Camisa Branca, Calças brancas e sapato preto liso de atacador, faixa enrolada à cintura azul celeste presa com uma laçada que deixa cair lateralmente as pontas com franja na ponta. A cor azul igualmente relacionada com o manto da Nossa Senhora dos Altos Céus, e uma capela ostensivamente ornamentada com flores colocada na cabeça com fitas coloridas que caem pelas costas dos participantes até à cintura, esvoaçando com os movimentos dos mesmos. A idade das capelas prevê-se muito antiga (entrevistas 4 e 5 e descrição 11), mas sem data precisa, ainda encontrada.

Três rapazes vestidos com trajes de donzela semelhantes à indumentaria das jovens donzelas das danças das virgens e ornamentados a ouro tocando pequenas pandeiretas de nome “trinchos” ornamentadas com fitas brancas em toda a volta deixando pender igualmente pontas brancas que aos erem agitadas oscilam e surtem um efeito visual característico no contexto do ritual.

3.4.2.2. Aspectos Musicais Técnicos

Tal como referido no ponto 3.4.1.2 as partituras que existem onde está registada a melodia desta dança e à semelhança da dança das virgens, pertencem aos autores Ernesto Veiga de Oliveira em 2002 e encontram-se compilados no estudo de Isabel Leal da Costa em 2005, e num registo auditivo de Giacometti em (1958 – 1985) que se encontra disponível para consulta no museu da musica tradicional portuguesa e que permitiu a Costa (2005) elaborar um estudo comparativo, acerca das questões técnicas entre ambas as melodias. Fizemos uma análise, através dos registos auditivos observados em campo neste nosso estudo e comparativamente àqueles autores, não se verificaram modificações significativas entre a partitura de 2005 resultante da apresentação pública do mesmo ano e a melodia executada em 2010 e 2011. No entanto tendo em consideração a análise levada a cabo por Isabel Leal da Costa (2005), consideramos importante referir neste nosso trabalho os seguintes elementos técnicos que constituem esta musicalidade específica: A melodia consta apenas de uma mudança de dois acordes e o ritmo é o mesmo interpretado pelo genebres. A melodia ou melhor

dizendo, o acompanhamento musical das viloadas beiroas é simples, composto apenas por 2 posições executadas alternadamente pela mão esquerda, com o rasgado da mão direita. Essas posições não se podem considerar acordes, uma vez que a afinação acústica das violas beiroas não permite uma clareza técnica do som. Assim, o suposto acompanhamento parece exercer apenas uma função rítmica uma vez que reproduz na íntegra o esquema rítmico das genebres e dos trinchos. A afinação é bastante irregular, devido ao caráter rústico das violas, não sendo a afinação um dos pontos primordiais da execução técnica deste instrumento. A própria construção acusticamente não está pensada a rigor. Relativamente aos elementos musicais analisados, há a referir que o Andamento não se manteve em nenhuma das transcrições sendo que, em Giacometti (1958-1985), Andante; em Oliveira, (2000), Moderato em (Costa, 2006), Allegro. Nota-se um visível acelerar da velocidade, na interpretação da melodia. A Tonalidade é Sib maior em Giacometti e Oliveira mas em Costa ouve uma alteração passando a ser em Lá maior. Quanto à forma da peça musical foi mantida ao longo dos tempos em ambas as transcrições, obedecendo ao esquema ternário ABA. As melodias eram interpretadas em compasso binário, ternário e quaternário alternadamente, exceto em Oliveira que apenas transcreve o compasso ternário. Não existe desfasamento formal, relativamente à melodia e à coreografia, na opinião de Costa (2005:149).

Não há letra, só a melodia preenche o cenário que envolve os passos de dança. Apenas se ouvem os acordes básicos na viola beiroa, que servem simplesmente para apoiar a estrutura rítmica imitando os genebres e os trinchos. A dinâmica, na interpretação, apenas se verifica nos genebres, quando o tocador faz determinados fortes e fortíssimos no instrumento ao mesmo tempo que salta em direção a uma donzela, a um dançante e/ou ao público.

A sonoridade das 6 violas é abafada pelo estridente som das genebres e como a dança é executada em praça pública o seu som perde-se misturando-se com o *cherreque cherreque* do genebres, que embora desprovido de caixa-de-ressonância emite um som fortíssimo e bastante característico.

Tal como foi referido na caracterização técnica musical da dança das virgens nenhuma destas alterações é significativa, desde o estudo de 2005 até à apresentação pública deste ano de 2010 e 2011 em que foi feito e registado sonoramente o ritual. Qualquer uma das

alterações verificadas nestas diferentes práticas, não é significativa quanto ao risco de perder no seu carácter o reconhecimento intemporal da história que as acompanhará.

Instrumentos utilizados na dança



Genébres – Genébres – cherraque cherraque – Idiofone de raspagem. Não tem caixa de ressonância e as lâminas são substituídas por cilindros de madeira exótica maciça. É suspenso ao pescoço por uma tira de cabedal. As lâminas são 14, cilíndricas de pau-ferro ou de pau-preto, supostamente. Coloca-se ao pescoço, ficando mais perto deste a de menor dimensão, são raspadas por uma pequena baqueta feita do

mesmo material e com a mesma forma e espessura das lâminas. Há quem afirme que quando a baçaneta se gasta retiram a mais pequena do instrumento substituindo-a por outra nova, a verdade é que relativamente a esta teoria há uma evidente divergência de opiniões, como podemos constatar na entrevista 5 e na descrição 1 e 2.

Modo de tocar – glissandos ou marcações mais ritmadas conforme o carácter das danças e de rasgado; deve afastar-se do corpo para que o som não seja abafado deixando uma passagem de ar entre o peito do tocador e o instrumento como que fazendo uma caixa-de-ressonância. Segundo pesquisas feitas por Costa (2005: 67, 68) a sua existência remonta o século VII. Poderá ter sido uma inspiração adaptada de muitos outros instrumentos, instrumentos africanos e do Brasil.

Viola Beiroa ou Bandurra



A Lousa é o último reduto da viola beiroa, a qual, a par das genébres (instrumento musical único no país), ocupa papel de relevo na actuação da Dança dos Homens (<http://jflousa.no.sapo.pt/index.htm>).

Instrumento cerimonial, com 5 ordens de cordas de arame ainda um outro Cravelhal com duas cordas simples agudas e curtas as requintas também elas de arame e que ao serem tocadas não podem ser pisadas.

Afinação natural com as cordas soltas. Presente na dança dos homens.



Trinchos, pandeiretas – idiofone percutido - sem pele com soalhas metálicas percutidos na mão, pernas ou ar; são entrelaçados com fitinhas brancas de seda para que abafe um pouco o som estridente do metal e são usados pelas 3 madames na dança dos homens.

3.4.2.3. Aspetos Coreográficos

Os homens colocam-se posicionados em duas filas, com as madamas ao meio. O tocador acena para os companheiros e a dança tem início. A melodia é muito longa e repetitiva, as madamas tocam trinchos, esta dança não é abordada na lenda dos gafanhotos, apenas a das virgens vem mencionada, mas muitos autores se referem a ela como parte integrante de todo o processo ritual apresentado na festa a nossa senhora. Poderá ter a mesma função e ter surgido em sequência de os homens quererem eles mesmo agradecer à Virgem a sua bênção. Esta opinião é defendida por autores como (Marcelo, 1993), (Oliveira, 2000) e (Dias, 1944, *cit* Costa, 2005) e alguns dos entrevistados corroboram esta opinião (entrevistas 4, 5, 6, 7, 8, 9).

Esta dança acontece a seguir à Dança das Virgens e no mesmo espaço físico e com a mesma posição voltados de frente para a Nossa senhora, no adro da igreja. É composta por 7 figuras coreográficas

no início e no fim de cada figura os dançarinos estão virados de frente para a igreja em colunas simples laterais faciais, uns atrás dos outros, estando as colunas lado a lado e todos de frente para o público, Na estrutura espacial fazem voltas, cruzamentos e diagonais, utilizando um espaço coreográfico maior que na dança das virgens, deslocando-se maioritariamente em passo de passeio maneado, excepto na 4ª figura, onde o dançarino das genébras faz passo corrido em direcção a uma das dançarinas ou pessoas da assistência. Fazem vénias quando estão de frente uns para os outros (Costa, 2005:75).

A mesma autora na sua análise coreográfica refere que “O tempo é regular ao longo da coreografia tem o valor da *semínima excepto na 4ª figura que passa ao valor da colcheia” (Costa, 2005:75).

Refere ainda que “O passo é maneado de passeio é rodado e no lugar. Em outras alturas da dança é corrido (Quando passa a colcheia). A forma final coreográfica é representada pelo seguinte esquema: ABCDEFG” (Costa, 2005:75).

3.4.3. A Dança das Tesouras ou Farsa das Tesouras

Dança peculiar na sua apresentação, associada a um ritual de trabalho, normalmente apresentada na segunda-feira da festa, nunca no domingo dia da Nossa senhora pelo seu carácter jocoso, não coincidir com a solenidade das realizações de domingo. Por vezes e já por vários anos não se realiza por falta de voluntários para nela participar. Este ano realizou-se cumprindo aquilo que referem ser a tradição.

Nesta Dança os participantes têm número incerto podendo ir dos 8 aos 12, um deles tem a função de mandador. Canta sem acompanhamento instrumental as quadras que dão corpo à melodia. Ao mesmo tempo segura um enorme pau, que simula o objeto onde afiavam as tesouras da tosquia. Este pau fica suspenso entre o ombro do mandador e o chão. À sua volta, os restantes homens, encenam a tosquia das ovelhas em tom de brincadeira juntamente com uma coreografia que acompanha a melodia da canção entoada pelo mandador. Cada vez que o mandador profere um verso das quadras, os restantes dançantes repetem-no em coro. A acompanhar a melodia os restantes participantes abrem e fecham uma tesoura, gigante, simulando o corte da lã e fazendo soar monorritmicamente os passos da coreografia, em unísono com o abrir e fechar das tesouras Descrição observada em trabalho de campo levado a cabo neste estudo e anteriormente descrita por (Dias, 1944; Marcelino, 1958; Viana, 1967 cit Costa, 2005) Entretanto surgo um outro momento em que os dançantes se aproximam do pau e sempre interpretando a mesma frase rítmica simples encostam as tesouras ao pau simulando que as afiam. Voltam novamente às posições e movimentos anteriores no final de cada quadra as crianças simulando as ovelhas dizem “Mé Mé... pelo meio o

mandador vai improvisando dizeres a fim de comandar o grupo e/ou de provocar o público.

Dança representativa de uma profissão – a tosquia das ovelhas, apesar de as quadras não referirem nada acerca deste tema. Nas quadras cantadas pelo mandador apenas há referência a Nossa Senhora dos Altos Céus. É considerada uma dança religiosa e simultaneamente pagã pelas características que apresenta, sendo que a justificação dada para este enquadramento foi proferida pelos mesmos autores que definem a dos homens e das virgens. Segundo Chaves, 1941 e Ribas, 1983 *cit* Costa, 2005) é considerada também uma dança de trabalho, devido à performance que apresenta. A referência às mulatinhas é reportada por Ribas, 1983 *cit* Costa, 2005) para o Séc.XVIII, aquando da chegada a Portugal de um enorme número de escravos negros vindos do Brasil. No entanto a simulação da tosquia ser feita no adro da igreja e na Festa a Nossa Senhora “está associada ao costume antigo de tosquiarem os borregos que depois eram oferecidos a N^a Sr^a dos Altos Céus no Adro da Igreja”. (Costa 2005:77) Esta oferenda terminou ficando esta dança como simulação dessa situação. O facto do conteúdo das quadras não estar relacionado com a performance evidenciada poderá estar justificado, segundo Graça (1953), pelo facto “sem falar dos produtos espúrios, fruto de influências e cruzamentos de proveniências duvidosas” (Graça, 1953:47).

Apresentam pouca expressividade facial no entanto nesta dança o carácter solene das restantes danças perde-se por completo e os dançarinos vêm-se rir e brincar com o público e entre eles cruzam-se olhares de cumplicidade evidente.

3.4.3.1. Indumentaria

Os homens vestem calça preta, sapato preto, camisa branca e um lenço igualmente branco atado à cabeça provavelmente para estancar o suor que tem que suportar nos quentes dias de verão em que a tosquia acontece.

Na mão envergam uma tenaz para simbolizar o instrumento de corte utilizado nas tosquias que abrem e fecham compassadamente acompanhando o ritmo da melodia. E produzindo uma sonoridade absolutamente única musicalmente falando.

3.4.3.2. Aspetos Musicais Técnicos

Mais uma vez referimos que o estudo exaustivo levado a cabo por Isabel Leal da Costa em 2005 reúne as fontes, onde constam os registos áudio e escritos referentes a esta dança à semelhança das anteriores. A sua análise baseou-se na audição deixada por Giacometti (1959-1985), e na partitura transcrita por Jaime Lopes Dias (1944) e ainda na sua própria transcrição elaborada a partir do seu trabalho de campo em 2004 e 2005. Estes registos encontram-se em anexo a este trabalho. Relativamente ao Andamento Dias não refere, enquanto Giacometti e Costa referem ser Andante e Moderato respectivamente. As tonalidades nas três transcrições não coincidem, Ré Maior em Dias, Mi Maior em Giacometti e Fá Maior em Costa. O compasso 2/4 referido por Giacometti e Costa não coincide com a transcrição de um compasso composto de 6/8 referido em Dias. No que diz respeito à forma, as opiniões também são divergentes, Dias (1944), afirma existir apenas uma parte estrutural da peça musical A. Por sua vez Giacometti (1959/85) e Costa (2005), garantem que a peça musical é composta de duas partes distintas organizadas da seguinte forma: AABAABAA.

A melodia é entoada pelo mandador que a decorou, apenas, pelo seu sentido auditivo. O mesmo não tem formação musical, mas constatamos que a interpreta sempre sem alterações ao longo dos anos, sendo que neste nosso trabalho de campo não verificamos alterações dignas de registo, relativamente ao relativamente aos registos levados a cabo por Isabel Leal da Costa em 2005.

A palavra aqui tem uma enorme importância apesar de não se conseguir apurar qual a origem e significado concreto deste texto que apresentam. Poder-se-remontar a 1500 data dos descobrimentos pelo teor do conteúdo dos versos, segundo Costa (2005).

QUADRO X – Quadras entoadas na dança das tesouras

<p>Senhora dos altos Céus, Que estais nessas alturas; Virai para cá o rosto, Não nos deixeis às escuras</p> <p>Mulatinhas da baia Foram-se a lavar ao mar; Deixaram as águas turvas, Sendo elas um cristal.</p> <p>Coro Mé</p>	<p>Quando eu vim da baia, Quando eu da baia vim; As mulatas carinhosas Todas choraram por mim</p> <p>Quando eu vim da baia, Lá me ficaram dez reis; Comprei duas mulatinhas Cada uma por cinco reis.</p> <p>Coro Mé</p>
---	--

3.4.3.3. Aspetos Coreográficos

Esta dança tem apenas a duração de 3 minutos, aproximadamente.

A estrutura coreográfica destas danças é composta por oito figuras, mas três destas são repetidas. Os dançarinos estão em carreiras faciais, uns atrás dos outros e de frente para o mandador. Nas figuras os dançarinos mais velhos, sempre em passo de passeio, simulam afiar as tesouras no pau que o mandador suturem ao ombro, aproximando-se deste e afastam-se quando simulam a tosquia das ovelhas. Estas por sua vez, saltitam na aproximação da “tosquia”. De quando em quando os tosquiadores trocam de lugares para o lado oposto (Costa, 2005:78).

A mesma autora concluiu que a estrutura rítmica é marcada pelas tesouras em tempo de mínima* e a forma coreográfica apresentada é; ABC ABC DE. Os tosquiadores acompanham este tempo em passo maneado de passeio, semi-rodado, no lugar e no lugar próximo. Enquanto os “carneiros” saltitam em cócoras, saindo por detrás do mandador acompanhando lateralmente o pau e dado a volta um pela esquerda outro pela direita.

Outras sonoridades que envolvem a festa em honra da nossa senhora

- Sonoridade de rua:

Procissão, ensaios, festa aparelhagem conjuntos musicais, carnesse, banda, murmurar «das pessoas, cânticos, rezas na igreja e fora da igreja o adeus a nossa senhora, silêncios, a guerreada, a marcha a casa dos festeiros. O silêncio matinal as badaladas da torre os foguetes a saída da procissão com algum burburinho contrastando com os silêncios do cortejo onde quase se ouvem as pétalas lançadas das janelas. Existem registos escritos e sonoros relacionados com todos os momentos de investigação estudados. O reaproveitamento da descrição destas sonoridades foi importante na medida em que nos permitiu analisar e compreender toda a envolvência ritualista das varias praticas nestes três dias. Simbolizam e significam por si só, um aglomerar de informação significativa para o nosso entendimento. No entanto o aprofundamento e tratamento destas fontes primarias recolhidas ficam em cd rom para utilização posterior a este trabalho de investigação.

CAPITULO IV

Interpretação do Trabalho de Campo à Luz da Revisão da Literatura

Resumo do Capítulo

Este capítulo fará uma breve reflexão acerca dos conceitos teóricos que envolvem esta dinâmica estudada e compara os resultados obtidos à luz das teorias existentes os modos de abordagem de vários autores. A intenção é a de conferir legitimidade ao estudo, uma vez que serão apresentados os dados recolhidos em trabalho de campo. A apresentação dos resultados foi direcionada numa tentativa de obter respostas concisas, coerentes e esclarecedoras. Consideramos pertinente fazer uma pequena reflexão acerca dos conceitos de identidade e pertença, coesão social, ritual e performance, economia da cultura e manifestações emocionais e sentimentais, relacionadas e manifestadas neste género de culturas locais. Neste estudo, o impacto visual dos gestos, expressões e manifestações sentimentais provocadas pelas emoções inerentes, serviu como ponto de referência, que se revelou bastante significativo. As tabelas em anexo a este trabalho, foram elaboradas a partir dos dados registados nas entrevistas e descrições que se encontram em anexo num cd rom, que será igualmente entregue juntamente com o presente estudo.

Considerações Iniciais

Para poder levar a cabo este estudo, teremos de nos familiarizar com um conjunto de conceitos a fim de compreendermos, inteiramente, as questões em causa. Trataremos, primeiramente, de estabelecer comparações, análises, e confrontar dados recolhidos em

trabalho de campo com teorias existentes, relacioná-las, na perspectiva de lhes conferir interesse científico e académico.

O homem, desde sempre, manifesta uma enorme preocupação pela compreensão da sua existência e é sobre esta mesma preocupação que constrói teorias explicativas apoiadas em fenómenos culturais e comportamentais que vai explorando. Este estudo visa procurar entendimentos para o conjunto de formas de expressão de carácter ritualista, que evidenciam identidades e sentimentos de pertença das gentes da aldeia da Lousa. Consequentemente, refletiremos sobre o valor da cultura popular e os seus riscos de preservação, caso não seja estimada, face ao desenvolvimento e pensamento globais do mundo atual. Revela-se importante relacionar e analisar os dados recolhidos no terreno face ao estado da arte.

...”culture, the historically accumulated artifacts of the group”... (Cole, 1993)

Benedict (s/d: 15) refere que

A história da vida individual de cada pessoa é acima de tudo uma acomodação aos padrões de forma e de medida tradicionalmente transmitidos na sua comunidade de geração para geração. Desde que o indivíduo vem ao mundo os costumes do ambiente em que nasceu moldam a sua experiência dos factos e a sua conduta. Quando começa a falar ele é o frutinho da sua cultura, e quando crescido e capaz de tomar parte nas atividades desta, os hábitos dela são os seus hábitos, as crenças dela as suas crenças, as incapacidades dela as suas incapacidades.

Assim, apresentamos o resumo das categorias que nos propusemos estudar na seguinte tabela:

TABELA I

VARIÁVEIS DE ESTUDO – CATEGORIAS			
Categorias	Tema Investigado	Subcategoria	Elementos específicos de estudo
Categoria I	Identidade e Pertença	- Identidade legitimadora - Identidade de resistência - Identidade de projeto	Todos os elementos passíveis de registo
Categoria II	Coesão Social		Todos os elementos passíveis de registo

TABELA I (cont.)

Categorias	Tema Investigado	Subcategoria	Elementos específicos de estudo
Categoria III	Ritual e Performance	- Momentos Religiosos - Momentos Pagãos	- Expressão facial e corporal - Movimentação no espaço - Vestuário e adornos - Uso simbólico do espaço - musicalidade técnica e ordinária do cenário envolvente
Categoria IV	Sentimentos e Emoções	- Religiosos e de fé - Pelas danças tradicionais	Todos os elementos passíveis de registo
Categoria V	Economia da festa	-	Todos os elementos passíveis de registo

4.1. Identidade e Pertença

A perceção do conceito de identidade e pertença está intimamente ligada ao objetivo deste estudo. Assim, poderemos determinar, até que ponto os “fantasmas” do passado enraizados na memória coletiva deste povo, e o modo como construíram a identidade que os define, poderá ajudar a compreender o valor da cultura desse grupo de cidadãos, comuns, de uma vila do interior do país como a da Lousa.

A questão da identidade pode ser entendida de duas formas distintas, por um lado “A identidade passa a ser qualificada como identidade pessoal (atributos específicos do indivíduo) e/ou identidade social (atributos que assinalam a pertença a grupos ou categorias)” (Jacques, 1998: 161). O termo identidade pressupõe “...o sentimento pessoal e a consciência da pessoa, de um eu...” (Brandão, 1990: 37).

Do ponto de vista, de Hamelink (1989), o conceito de identidade abarca, igualmente, dois significados distintos. Se por um lado, está relacionado com as características que uma determinada cultura apresenta, por outro, a identidade cultural abarca um conjunto de características que um determinado grupo atribui aos indivíduos, por considerar e sentir este/s pertencentes a uma cultura determinada. Por sua vez Ibáñez (1990) encara a definição do conceito de identidade apenas a nível individual, ou seja, entende que a identidade individual é obtida através da cultura que socializa os cidadãos, contrapondo a ideia de que a identidade cultural se estabelece com base no sentido da posse.

Leyens *cit* Santos afirma que “ser social é ter identidade pessoal através de uma pertença a um dos grupos de referência.”

Neste caso concreto em estudo, vamos debruçar-nos sobre o ponto de vista social. É imperativo compreender estas diferentes abordagens para que possamos relacioná-las com as informações que obtivemos em campo e que observámos no terreno, variáveis que estão intimamente ligadas aos conceitos de identidade e pertença. Já Vítor Turner (1975) referia que investigar sobre identidade, auxilia a consciencialização do conhecimento de nós mesmos e/ou da imagem que os outros fazem de nós.

Nesta prática e nesta procura de identificação é imperativo que o indivíduo sinta o reconhecimento de si, “Cada um de nós não apenas ‘tem’, mas vive uma biografia reflexivamente organizada em termos de fluxos de informações, sociais e psicológicas, sobre possíveis modos de viver” (Giddens, 1991: 14, *itálico no original*). Mas também não pode isolar-se do modo como os outros lhe atribuem esse reconhecimento.

Antes de mais, a sua existência e a qualidade de pertencer a um determinado grupo social, tem de ser reconhecida pelos demais elementos do grupo, premissa esta já referida por Duccini (2009) quando fala sobre a construção das identidades.

Construir uma identidade passa por estabelecer uma relação com a envolvência física. O próprio local onde se realizam os rituais tem igual significado perante a atribuição da designação de ritual. Normalmente são realizados em locais públicos e com significado relacionado com o mito em questão. As palavras sagradas ou atitudes comportamentais relacionadas com o pensar sagrado também são reveladoras e indiciais de culto ou de prática ritual.

Essa construção passa também por fatores pessoais e psicológicos em que as memórias constituem um contributo significativo para a reconstrução fidedigna do sentimento que faz o indivíduo “pertencer a”.

A construção da identidade justifica-se quando está presente no imaginário dos seus praticantes (vindo a enraizar-se através de memórias passadas). No entanto, ela existe, ainda, no momento presente, mas prevê-se, também, que se perpetue no futuro. Assim, o povo da Lousa estabelece os seus padrões identitários que passam por excluir ou incluir um sujeito, conforme os seus distintos modos de atuação, reconhecimento das diferenças e as semelhanças entre práticas e modos de sentir o ritual, de modo a

preservar e defender do conjunto de ideias comuns, que servem o interesse coletivo. Teremos em conta as considerações de Manuel Castells (2000: 24), no que diz respeito às três formas distintas de construir uma identidade:

Identidade legitimadora: introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais. Identidade de resistência: criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos. Identidade de projeto: quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo de buscar a transformação de toda a estrutura social.”

Refletindo acerca destas considerações traçamos as categorias que nos poderiam ajudar a compreender as práticas que nos propusemos investigar e apresentamos os resultados obtidos do trabalho de campo nas seguintes tabelas:

TABELA II

Categoria I – IDENTIDADE E PERTENÇA					
Sub categorias					
Identidade Legitimadora		Identidade de resistência		Identidade de projeto	
Entrevistas	Descrições	Entrevistas	Descrições	Entrevistas	Descrições
Entrevista 1	Descrição 1	Entrevista 1	Descrição 1	Entrevista 4	-
Entrevista 2	Descrição 2	Entrevista 2	Descrição 2	Entrevista 5	-
Entrevista 3	Descrição 3	Entrevista 3	Descrição 3	Entrevista 6	-
Entrevista 4	Descrição 7	Entrevista 4	Descrição 7	Entrevista 7	-
Entrevista 5	Descrição 8	Entrevista 5	Descrição 8	Entrevista 8	-
Entrevista 6	-	Entrevista 6	-	Entrevista 9	-
Entrevista 7	-	Entrevista 7	-	-	-
Entrevista 8	-	Entrevista 8	-	-	-
Entrevista 9	-	Entrevista 9	-	-	-
Entrevista 10	-	Entrevista 10	-	-	-

Depois de transcritos, os dados nas tabelas em anexo ao corpo do trabalho, analisados e baseados na teoria de Castells em cima referida acerca dos modos de construção da identidade dos povos, registamos acentuações denunciadoras de identidade legitimadora, de resistência e de projeto. Os três modos de construção referidos, podem estar relacionados e fundir-se. Partindo destes três conceitos, pareceu-nos pertinente investigar, de que modo este povo se pode enquadrar nesta teoria e compreender a forma como construiu/constrói a sua identidade. Buscamos assim as nossas respostas nos registos verbais dos inquiridos bem como em tudo o que nos foi dado a observar e que consideramos digno de registo.

Buscamos nas manifestações observadas e relatadas de forma profundamente sentida, elementos denunciadores de Identidade legitimadora, ao percebermos o reconhecimento ou utilização de determinados padrões com os quais estabelecem uma identificação quer coletiva quer individual. Consideram as suas práticas, suficientemente carregadas de valor cultural e simbólico de modo a tornaram legítima a sua apropriação (que obtiveram por herança secular) e poder passá-las aos seus sucessores como legítima propriedade. A teoria da identidade legitimadora defendida por Castells, abrange as chamadas teorias do nacionalismo quando verificadas em sociedades capazes de criar instituições dominantes, cuja intenção é expandir a sua atuação a todos os indivíduos que a compõem. Na Lousa, esta apropriação é feita, naturalmente à escala da terra e, neste sentido, a expansão da apropriação é passada aos filhos, não passando para além das fronteiras da aldeia, uma vez que se trata de rituais autóctones.

Existe, portanto, entre os habitantes da Lousa, um estado de memória comum, que lhes permite identificarem-se e constituírem entre si, laços comuns e em certos casos, se necessário, lutarem por um determinado ideal. As tabelas 1 a 12 do anexo 1, apresentados no corpo do trabalho denunciam referências que poderão comprovar que esta localidade mantém fortes laços de uma identidade única, genuína, autêntica e que prevê a sua futura perpetuação.

Consideram que este ritual lhes pertence e que dele fazem parte, desde que se lembram de existir, passado pela tradição oral e vivido desde sempre, marcando a memória coletiva.

Falando da prática da festa em si e de um modo mais generalizado verifica-se que a faixa etária poderá ser determinante nesta tomada de consciência e interiorização de posse de uma tradição, sendo que os mais velhos terão outra noção e sentimento mais profundo. Os mais novos já pressentem que algo ali lhes pertence e que devem por isso dar-lhe continuidade. Manifestam vontade de o praticar por o considerarem seu. Por outro lado, revelam ainda, orgulhosamente, em algumas afirmações, o facto de ser caso único.

Percebe-se ainda que o passado acarreta consigo uma série de vivências e sentimentos, transmissíveis de pais para filhos. Se o pai “faz a festa”, então o filho terá de a fazer. O pai toca e/ou canta nas danças, o filho terá por sua vez de dançar e/ou tocar, a viola do pai passa naturalmente para a geração seguinte. Este sentimento de pertença nasce quando tomam consciência do seu valor. A ligação é tanto mais forte quanto mais cedo se intervierem nos rituais. Muitos deles sentem que ao participar em algum dos momentos das festas, quer sejam as danças quer seja a festa a Nossa Senhora (carregar o andor na procissão ou outras tarefas inerentes às práticas comuns), lhes oferece uma ligação mais forte. Passaram a entendê-la ou vê-la com outros olhos. Quando não participam só o tempo, e a convivência com a realidade que os envolve, irá fazendo gradualmente essa apropriação e/ou identificação. Conclui-se então que a falta de participação pode afetar o sentimento de pertença que lhes é inerente. Muitas vezes os familiares insistem para que os jovens participem na tentativa de lhes passar o tal “bichinho” que os faz mover incondicionalmente (tabela, 3,5,6 e 9).

Relativamente à prática das danças das Virgens, dos Homens e das Tesouras, o sentimento de posse é tão visivelmente intenso que as mesmas nem necessitam estar anunciadas nos cartazes das festas, porque automaticamente estão implícitas (Tabela 9). Consideram ser um bem da terra ou seja, algo grandioso que faz deles aquilo que eles são. Denota-se ainda nos seus relatos um sentimento de honra por pertencer a tão nobre feito (entrevistas 4, 5 e 6). Sentem-se honrados por poder participar em algo que os representa a todos de uma forma geral. Revelam vontade de mostrar aquilo que têm e que é seu, de um modo geral. Muitos já dançaram, outros não, mas partilharam sentimentos comuns, ou porque de algum modo pertenceram ou pertencem a toda a envolvência em causa. O espaço é dos aldeãos e, como tal, sentem-no. Sente-se no

modo como o afirmam. Dizem haver “qualquer coisa” (entrevista 4) ali, naquele local, que os chama para lá. Nesta afirmação denota-se uma fusão de conceitos, como sejam a Fé, o dever e a tradição. Trata-se de uma ligação profunda, de uma nobre tríade.

Quando referem sentir um dever cumprido no final das danças ali naquele local, estão a assumir, como legitimamente seu o lugar, sendo que, foi ali que tudo começou e é ali que devem dar continuidade ao trabalho dos seus antecessores em nome de todos e de uma forma geral. Referem inclusive ser algo hereditário que, assim sendo, lhes corre nas veias, sendo uma parte constituinte deles próprios (tabelas, 5,6,7,8,9).

Outra questão descrita nas tabelas tem (tabela, 6,7 e 9) a ver com o facto de haver alguma polémica relativamente ao modo como são dadas, visivelmente, a conhecer as danças tradicionais da Lousa. Por um lado, alguns Lousences defendem a sua divulgação e visibilidade por acharem que, a sua tradição é tão nobre e rica, que deverá sair da terra e ser mostrada publicamente. Outros há, pelo contrário, que consideram não ser necessário mostrar as suas danças ao mundo, uma vez que existem por eles e para eles. A questão da legitimação destes rituais específicos das danças vê-se assim confrontada com modos diferentes de os vivenciar. Porém, é de notar que em qualquer dos argumentos a questão da identidade e pertença está mais que evidente. Segundo o pároco da aldeia, o que os move são valores culturais de fé que se entranham à nascença e que vão ficando para sempre gravados como um cunho muito pessoal sentindo-se por isso com legitimidade de o apregoar como seu (tabela 10).

Outra forma de construção da identidade do povo da Lousa é visível através do modo como resistem à mudança. Em todos os discursos registados se nota uma forte resistência à novidade e ao modo de encarar e perspetivar em termos futuros quer a festa quer as práticas ritualistas que envolvem a dinâmica da mesma, protegendo-a/s das influências e/ou ameaças exteriores.

Sempre que surgem opiniões posicionalmente divergentes dos padrões estabelecidos e “institucionalizados” pela tradição, criam-se grupos de defesa que, de forma coletiva, lhes oferecem resistência. Essa resistência é perceptível no modo como lutam pela sua preservação, mantendo-se fiéis às suas tradições. Estes “abanões” são causados por vezes por uma inversão dos valores humanos, sobretudo nos jovens ou no caso da emigração, que, naturalmente, têm uma perceção do mundo totalmente distinta. A luta

deste povo face a estes “abanões” tem funcionado como um escudo simbólico na perpetuação das práticas a que este estudo se refere, até por que toca no sagrado. Relativamente à afirmação que Hall (1999) proferiu, relativamente ao facto de “as mentalidades são evadidas por modelos de modernidade onde os antigos quadros referenciais deixam de fazer sentido” os factos observados permitem-nos concluir que, neste caso, a forte resistência que oferece revela falta de abertura a um reajuste a determinados modos de atuação, que permitam a evolução natural dos acontecimentos na era global. Tal facto, poderá por em risco a continuidade das suas práticas. Observamos e registamos comentários (tabelas 6,7,8 e 11) onde se pode confirmar que esta falta de visão global é notória. Fecham-se sobre si mesmos e não permitem que certas práticas, mais atuais, ajudem a manter esta tradição.

Relativamente à festa e sua execução de uma forma geral, há a considerar dois aspetos importantes. Por um lado, têm resistido aos impulsos da modernidade não se deixando afetar por tendências consumistas desmedidas, por outro, têm feito progressivamente pequenos ajustes na medida em que as questões de logística da própria festa tendem a ser incompatíveis com os moldes em que esta se praticava há algumas décadas atrás. (Como veremos no ponto 4. 4, onde se analisarão os resultados relativos à economia e logística da festa a Nossa Senhora dos Altos Céus.)

Relativamente às danças, o pensamento já não é o mesmo. São, absolutamente adversos a qualquer tipo de mudança. A única mudança aceite (apesar de alguns vacilarem) é o facto de colocar os tocadores numa escola de música para que não tenham de estar sujeitos à disponibilidade dos únicos elementos que tocam, sendo que na dança das raparigas existe apenas um tocador que nem sempre está disponível para cumprir a sua função.

Relativamente à importância da musicalidade técnica que envolve o ritual, também surgem divergências nas opiniões e que se predem de alguma forma com a tal resistência à mudança. Todos tocam de ouvido o que dificulta um pouco a tarefa da afinação. Quando se fala neste aspeto, muitos dos que apenas assistem assim como alguns dos que dançam e tocam, são da opinião que a melodia tem de ser como é, não se devendo mexer, nem sequer para melhorar a qualidade técnica da execução. Consideram (tabela 6, 7, 8 e 11) que o carácter “desafinado” da melodia também faz

parte do ritual e que é assim que se deve manter. Resistem também ao facto de implementar técnicas simples de melhoramento da condição acústica, como sejam a colocação de microfones, tendo isto acontecido pela primeira vez este ano sob o olhar de censura de alguns. Não consideram importantes estes reajustes, justificando que na altura era assim e que por isso não deve descaracterizar.

Uma outra luta que tem sido travada, tem a ver com alteração dos dias de festa na aldeia, tendo passado de cinco para três dias. O domingo é dia religioso por excelência, por isso o dia forte da festa, isso essa premissa é intocável. Segunda-feira é o dia “oficial para as atividades pagãs, cumprindo o princípio de não se misturar atividades pagãs com atividades religiosas.

A alteração para os três dias compreende-se, já que os cinco dias se revelavam demasiado dispendiosos e ainda pelo facto de que, hoje em dia, as pessoas trabalham fora da aldeia e não por conta própria, facto que condiciona a disponibilidade. Esta questão não se colocava no passado, quando a agricultura era o meio de subsistência individual das famílias. A questão do festeiro ser obrigatoriamente masculino, também foi alterada, sem grande adversidade. Inicialmente as mulheres ficavam em casa a preparar as refeições para a família e hóspedes, decoração dos espaços e participação nos rituais. Aos homens cabia o papel de participar nas reuniões onde eram tratados todos os aspetos organizacionais. Mais relutância e resistência se tem notado relativamente a possíveis alterações, nomeadamente na execução das danças, sendo que algumas não podem deixar de acontecer, devido à inevitável evolução natural dos acontecimentos na história da humanidade. A questão do uso do ouro nas meninas, que devido à conjuntura económica atual, deixou de fazer sentido ser ostentado nos moldes em que era. O seu uso quando dançam quer em frente à igreja quer nas saídas que fazem fora da aldeia, tornou-se perigoso e, como tal, começaram a usar ouro falso, premissa supostamente contrária ao objetivo inicial desta prática, que diz usar todo o ouro da aldeia como prova de agradecimento a Nossa Senhora. As meninas tinham de mostrar, como sinal simbólico, todo o seu melhor aparato de beleza, enquanto honravam o seu compromisso perante a adorada Santa, (tabelas 8 e 9).

Hoje também já se sai a dançar fora da aldeia, mas até há algum tempo atrás, tal não acontecia. Tal só se passa desde que as danças entraram para a federação nacional de

folclore proposta feita pelo professor Gardete (grande impulsionador das danças da Lousa). Outra luta denunciada pelos entrevistados foi travada pelo atual ensaiador Sr. José Mendes Feio. Dizia respeito à exibição das danças, no dia da festa, ser feita por toda a aldeia. Altura houve, em que as danças eram exibidas à porta de cada um dos festeiros. Esta prática não soava bem aos ouvidos da maior parte dos habitantes, uma vez que consideravam desrespeitar o propósito com que eram feitas, tal como fizeram Micaela e Timóteo e as suas oito filhas e posteriormente os homens da aldeia em forma de agradecimento (tabela 7).

Relativamente à dança das Tesouras, não é permitida a sua exibição em qualquer um dos dias da festa, senão no dia de segunda-feira, por ser considerada uma prática profana incompatível com o domingo, dia religioso, onde são exibidas as outras duas danças (tabela 6).

O próprio nome da dança das Virgens também é suscetível de mudança, devido à modernidade e mudança de valores nas sociedades atuais. Como a questão do nome dança da Virgens, que inicialmente se designava por dança das Donzelas: muitas das raparigas, segundo relatos da ensaiadora, (tabela 8) não se sentem confortáveis com o nome que lhes é atribuído, e exprimem sentir desconforto por pertencer a um grupo onde a condição essencial é o valor da virgindade. Segundo os mais velhos, a condição inicial não era essa, e não percebem por que motivo é que foi alterado o nome (tabelas, 7 e 8). A condição do estado de “virgem” nas raparigas data em que remonta, supostamente, o ritual era um dado assente pelos valores morais em vigor da altura, daí as raparigas serem chamadas de donzelas. Tal alteração não faz sentido até nas mentalidades mais velhas da aldeia. Outros relatos há que denunciam este receio de perder a essência de uma prática que lhes é reconhecida como sua, e da qual se mantêm guardiões até à eternidade.

Como exemplo nesta análise escolhemos o relato feito pela ensaiadora da dança das raparigas (D^a Assunção Marcelino, entrevista 6 em cd rom e tabela 8 anexo 1 neste trabalho) relativamente ao uso das danças numa campanha publicitária para o produto “Azeite galo”. Este exemplo revela como foi decisivo para que os seus guardiões não deixassem perder as características básicas, que fazem da danças das virgens aquilo que são e que sempre foram.

Como conclusão constatamos que toda a mudança que é feita ou apenas pensada dá de caras com uma enorme resistência. O modo como se movem, como se apresentam, como se vestem ou interpretam as danças, e todo o contexto de práticas vivenciadas naqueles dias de festa de uma forma geral, assim o denuncia.

Finamente Castells, considera ainda a possibilidade de um povo construir ou reconstruir a sua identidade com base num *redesign* da sua própria identidade, quando surgem indivíduos que pretendem redefinir formas identitárias, ajustando a modernidade aos padrões pré estabelecidos sem descaracterizar os propósitos primários das práticas que os definem. Ou simplesmente quando um indivíduo, de forma isolada, utiliza qualquer material ao seu alcance a fim de construir uma identidade que o define dentro de um contexto social transformando, de alguma forma, a estrutura social anterior.

Relativamente à identidade de projeto não se verificam atuações que justifiquem registo. O presidente da junta de freguesia da lousa, referenciou algumas pessoas que se dedicaram à manutenção destas práticas, assim como o grande contributo que deram para sua perpetuação, mas nunca tornando e ou descaracterizando o seu sentido inicial. Nunca o reajuste à modernidade pôs em causa um possível “gerar” de lucros, significativos, para o desenvolvimento económico da localidade da Lousa. É perentório em afirmar que, para que tal aconteça, seriam necessárias mudanças profundas e estruturais que envolvessem investimentos das autarquias, nomeadamente pela via do desenvolvimento turístico, mas a um nível de conselho, não apenas local e específico da lousa. O único propósito da festa é a fé. Mais que isso implicaria outras formas de gerar receitas como atividades económicas sazonais, por exemplo. Mas consideram de uma forma geral, que a festa não é suficientemente autónoma e com uma dimensão que consiga conduzir uma operação desse calibre, sozinha. Tal como o presidente da junta, alguns dos dançantes e o próprio padre da paróquia concordam com estas afirmações (tabelas 6, 7, 8, 9 e 11). É neste contexto que consideramos pertinente referir que a junta de freguesia candidatou as Danças Tradicionais e o Grupo de Teatro a um projeto de financiamento, “ProDeR - Programa de Desenvolvimento Rural, através da medida Conservação e Valorização do Património Rural. Este programa é financiado pelo Estado Português e pela Comunidade Europeia e visa a dinamização das zonas rurais e a melhoria da qualidade de vida das suas populações. Assim sendo, a Junta de

Freguesia recebeu uma verba que lhe permitiu renovar o guarda roupa, quer das danças tradicionais quer do grupo de teatro da aldeia, assim como, armários, equipamento de som,- microfones sem fios e instrumentos musicais que permitirão um melhor desempenho destas tradições que tanto estimam (tabela 9). Factos como estes comprovam que existe uma enorme preocupação em manter viva esta tradição, mas ainda numa perspectiva estanque. Não se perpetuam possibilidades de reajuste significativo para que o desenvolvimento económico da região aconteça, através de projetos que redefinam a sua identidade.

4.1.1. Coesão Social

Não se pode falar em identidade cultural excluindo o conceito de coesão de grupo. Existe uma estrita relação entre estes dois conceitos. Estar coeso e/ou ser coeso segundo Emile Durkheim (1983) no seu livro “Da divisão do trabalho social” diz respeito à força com que uma comunidade vive em consenso, com uma mesma identificação a um determinado padrão e representa o modo como luta em sua defesa e perpetuação. A força que os une é, para este autor, a perfeita definição para o termo coesão social. Notam-se *nuances* significativas nas entrevistas recolhidas no terreno, fatores comuns nas estruturas do pensamento relativamente a estas manifestações autóctones, que nos permitem concluir que existe uma forte coesão social entre este grupo de habitantes, uma vez que se apropriam substantivamente desta tradição, não admitindo ser possível que um outro indivíduo, qualquer, dela se aproprie, ou que consiga vivê-la de igual modo a um Lousence. É um caso em que a partilha se faz, mas não na totalidade da sua significação e simbologia, já que estas últimas só são apreendidas, inteiramente, pelos valores perpetuados pelo coletivo.

TABELA III

Categoria II – COESÃO SOCIAL	
Entrevistas	Descrições
Entrevista 4	Descrição 4
Entrevista 5	Descrição 6
Entrevista 6	
Entrevista 7	
Entrevista 9	

Concluimos dos resultados apresentados nas tabelas 13 a 18 do anexo II que associado ao visível carácter identitário e de pertença construído pelo povo da Lousa está o significado de “coesão social” que mantém vivas todas estas práticas. Toda a população da Lousa, os seus filhos que vivem fora da aldeia e até do país têm em comum, defender uma função que os une face e um mesmo propósito. Poderemos afirmar que se não fossem tão unidos e coesos nos seus propósitos, jamais conseguiriam construir a sua identidade da forma forte e enraizada com que o tem feito ao longo dos tempos. Em inúmeros momentos, foram descritas ações onde a coesão social é a personagem principal de um cenário que envolve inúmeros atores. Os seus motivos movem-se só fazendo sentido se estiverem juntos e unidos, quer no sentimento que partilham em determinados momentos, quer nas práticas que se propõem levar a cabo, a fim de não deixar morrer uma tradição que é legitimamente sua.

4.2. Ritual e Performance

Ritual is "a stereotyped sequence of activities involving gestures, words, and objects, performed in a sequestered place, and designed to influence preternatural entities or forces on behalf of the actors' goals and interests" (Turner, 1977: 183).

O mesmo autor diz ainda, “Entendo por ritual formas de comportamento, prescritas para ocasiões não ligadas a rotina tecnológica, estando relacionadas as crenças em seres ou poderes místicos.”

O estudo dos mitos e dos ritos representa uma faceta determinante do entendimento antropológico; estes são um veículo imprescindível de carácter etnográfico, uma vez que, através da sua compreensão, o homem encontra a identidade que tão insistentemente procura.

O ser humano é dotado de capacidades múltiplas de expressão, entre elas a corporal que, aliada à visual e sonora, forma um conjunto completo da demonstração de formas de sentir e estar na vida, afinal, “ se observarmos bem, somos mais gesto do que palavra” (Mota).

Toda a explicação não científica de acontecimentos que ultrapassam o entendimento humano se definem como mitos, crenças místicas e justificações para o injustificável que o homem incessantemente procura entender.

J.S. Croatto sugere a seguinte definição: “O mito é um relato de um acontecimento originário, no qual os deuses agem, e cuja finalidade é dar sentido a uma realidade significativa” (Croatto, 2001).

Assim sendo, o Mito poderá representar uma narração que descreve uma situação transcendente ao entendimento humano. Neste caso específico de estudo, a Lenda dos Gafanhotos poderá ser representativa desse relato, que se torna transcendente, uma vez que as forças misteriosas e inexpugnáveis estão na base da sua realização – o agradecimento à Virgem por uma graça, que resolve um problema irresolúvel por natureza, está na base da relação humana com a transcendência. Assim, apresenta-se aqui a intenção clara de conferir ao Divino a responsabilidade e o poder de interceder a favor do homem, o que terá uma dupla finalidade: a explicação necessária para aquilo que à partida carecia de compreensão (o que sempre apavorou o homem); por outro lado, a obrigação que fica de agradecimento à divindade por esta Graça insondável.

“Não há mitos sobre as coisas banais, mas sim, sobre o que é significativo para um povo” (<http://pt.scribd.com/doc/52597947/categorias-de-interpretacao-do-fenomeno-religioso>).

Quando surge a necessidade de “mostrar” o mito, encena-se uma representação visual o mais fielmente possível, demonstrativa da realidade que se quer transmitir, e é neste ponto que nos é permitido explicar a existência das práticas ritualistas. Através de manifestações substantivas, o homem comunica com as divindades e representa os seus

desígnios. Estas representações/apresentações, envolvem uma panóplia elaboradíssima de atores e multidões nas suas práticas sociais. Quer seja por mero objetivo representativo e informativo, quer para comunicar com o sagrado, movem-se pilares sociais muito poderosos, bem como recursos variadíssimos na tentativa de mostrar autenticidade. A partir do momento em que o homem exterioriza essas crenças, faz fé nelas, ao ponto de as tornar visíveis, demonstrativas e concretas daquilo que sente, transformando-as em rituais. Estes arrastam consigo toda a carga simbólica que está subjacente à sua execução.

Cada passo e cada gesto transferem do imaginário para o real toda a dimensão imaginária realizada do mito e é o corpo que serve de intermediário entre as forças do mundo real e as desse mundo idealizado e inteligível. São encenações vocais, instrumentais e de movimento; como refere Ribeiro,

Os sujeitos 'são' memória e cenarizam ou encenam a memória de maneira viva através da recitação oral (cantos, lendas, os mitos) e seus complementos - objetos rituais (coroas, espadas, instrumentos musicais), máscaras (rito de inversão - o escravo que se torna rei), vestimentas (fardas, chapéus), gestos e posturas corporais, etc. (Ribeiro, 2010).

Existe uma forte componente comunicacional entre o divino e o real, e representam uma simbologia própria que faz a ponte entre estes dois mundos. Esses símbolos ou códigos, são entendidos, segundo o Padre Mota

... como algo que representa algo comum a dois patamares da compreensão, aquilo que se vê e aquilo que não se vê, pelo menos de imediato, talvez a representação do que não está presente." Alguns especialistas definem o símbolo como a representação de uma ausência". "Not only do symbols reveal crucial social and religious values; they are also (precisely because of their reference to the supernatural) transformative for human attitudes and behavior. The handling of symbols in ritual exposes their powers to act upon and change the persons involved in ritual performance. (Deflem, 1991)

Para além da função comunicacional, uma outra lhes poderá ser atribuída: a de forma de memorização. Praticando o ritual e inculcando a sua prática a todas as gerações vindouras, evita-se que o mesmo se perca no tempo.

As tecnologias da memória nas sociedades ágrafas eram as práticas sociais e culturais vinculadas à tradição oral, à expressão visual e sonora e à sua transmissão efetuada através do corpo - incorporação visual da memória (Ribeiro, 2010).

O rito é a interrupção da vida rotineira. É a teatralização e a dramatização daquilo que é contínuo na sociedade, segundo uma vontade e uma simbologia que não está inscrita em um “manual cultural (Turner, 2005: 137-158).

Para além da Lenda dos Gafanhotos, relacionada diretamente com o ritual estudado, outros vestígios de memórias ritualistas fazem parte da imagem visual que nos é transmitida nesta performance das danças e são esses elementos, possivelmente identitários que tentaremos estudar a fim de lhes atribuir e conferir significado credível que justifique a intemporalidade destas práticas, assim como a idoneidade e o valor da sua existência.

Relativamente aos rituais, ou mesmo em relação às danças, não se sabe ao certo as suas origens: cristãs ou pagãs. Isabel Leal da Costa, no estudo aprofundado que realizou acerca destas três formas de manifestação performativa, enquadrou-as em 3 patamares sendo o mais forte o patamar religioso.

Isabel Leal da Costa (2005) defende que as danças dos homens, das virgens e das tesouras representam funções

rituais (festejo de um nascimento/morte, iniciação, casamento, situações climatéricas, culto de divindades, situações de guerra, de diferentes atividades laborais entre outras); funções religiosas, provenientes das rituais (agradecimento de diferentes dádivas obtidas, preces e bênçãos) e funções de espetáculo (compreendendo o grupo de bailarinos que apresentam o espetáculo e uma assistência) (Costa, 2005:17).

Ao falarmos em crenças e tentativas de explicar o insondável, seremos forçados a falar em religião. Intrinsecamente associado ao conceito da religião, vem o Sagrado. O Sagrado é considerado mistério porque permanece inatingível. Se falarmos em mistério, estaremos a falar de algo que produz atração, uma vez que suscita uma curiosidade face ao desconhecido, ao mesmo tempo que estabelece uma barreira intransponível que causa respeito e cerimónia. O sagrado comunica assim com o divino e faz fronteira entre este e a realidade. Segundo Mota

O sagrado/divino manifesta-se por intermédio de outra coisa que não é ele mesmo. Ele é sempre mediatizado e, por isso, permanece Mistério. Ao revelar-se, também se esconde, pois continua sendo inobjetével. Ele se mostra através de uma pluralidade de signos: objetos, pessoas, palavras... Revela-se.

Toda a lenda, tal como o nome indica, não passa de uma explicação de pendor religioso que representa simultaneamente a aspiração e a crença pelo divino tão ligadas à existência do homem.

O mesmo autor refere

... que determinados atos e gesto estão associados à oração. Muitas comunidades cristãs rezam ajoelhadas no genuflexório; algumas oram de mãos postas; os muçulmanos se inclinam até ao chão em direção a Meca. A oração também pode se relacionar à dança. O objetivo da dança pode ser múltiplo, como celebrar um acontecimento festivo, invocar a chuva, preparar seus participantes para a caça ou a guerra. Os dançarinos usam roupas especiais, máscaras e disfarces, e sua apresentação pode se assemelhar bastante a uma pantomina ou peça teatral.*(ibidem)*

Neste ponto, consideramos integrar a dança das virgens, do ponto de vista religioso, como sendo uma forma de oração, uma vez que tem um papel comunicacional com o divino, neste caso específico em forma de dança, cuja função foi/é dupla. Inicialmente, segundo relata a lenda, a divindade foi chamada a interceder através de dançares, que ocorreram toda a noite em frente à igreja, com o intuito de afastar a praga de gafanhotos dos campos; o mesmo é dizer, das vitais colheitas. Assim, e como foi concedida a graça, mantêm-se na íntegra os gestos, o vestuário, as atitudes comportamentais, a sonoridade e o impacto visual, com a finalidade de celebrar e respeitar a graça concedida, constituindo, inequivocamente, um ritual aglutinador e identitário das suas gentes.

Sabe-se que a dança das Virgens e dos Homens existe, segundo explicam algumas fontes da terra, como forma de reconhecimento, de agradecimento ou recompensa cristã, como moeda de troca a um favor. Estas asserções são compartilhadas pelos entrevistados em trabalho de campo, mas também sugeridas por autores como Santa Maria (1711), Marcelo (1993), Chaves (1942-a), Ribas (1974), Dias (1944) e Salvado (2003) citados em Isabel Leal da Costa (2005: 19).

Por outro lado, a festa a Nossa Senhora detém uma forte componente pagã, onde se verifica uma esclarecedora negociação entre populares e a entidade religiosa por excelência - a igreja.

Autores como Mello e Viana, citados em Costa (2005:24), referem que toda a questão ritualista, associada à virgindade das raparigas, assim como as vestes usadas, nomeadamente a cor das vestimentas das virgens donzelas, ou as capelas com as flores

com que se enfeitam os homens, detêm fortes características como práticas profanas que nada têm de religioso. Este aparato visual da indumentária encontra algumas semelhanças com outras práticas pagãs existentes noutros contextos espaciais que não o da Lousa, por exemplo as “Maias” a “Vestalia”, e outras de carácter puramente pagão (Costa 2005:24).

No que diz respeito às danças dos homens ou das genebres, Ribas (1983;1985) é peremptório em considerá-las puramente pagãs, por manifestarem, claramente, semelhanças com um rito de iniciação romano, apropriado pelo povo ibérico e posteriormente incluído nas festas cristãs: o facto de as três donzelas (rapazes que estão ao centro poderem estar (ou não) num estado de passagem temporal na sociedade, numa situação de liminaridade, perante um drama social. Neste caso, esta representação será uma passagem destas jovens num processo de iniciação. Vitor Turner, quando em “O processo ritual” fala de liminaridade e dramas sociais, está precisamente a falar de uma série de elementos que se podem verificar nesta apresentação ritualística específica da festa e das danças. Ele considera haver pontos de mudança a que chamou dramas sociais que ficam situados entre as realidades estanques vividas pelas sociedades. Na passagem de uns estádios estanques para outros, situa-se o período liminar, ou seja, a transição para o outro estádio estanque e com normas bem definidas (Turner, 1982). É neste ponto que macro ou microsociedades encenam performances ritualistas, na tentativa de superar esses momentos liminares em que aparentemente haverá uma rutura com o estado anterior. Para evoluir é necessário quebrar com o anteriormente estabelecido e passar ao estádio seguinte de forma plena. Os atores sociais envolvidos neste processo, tomam assim consciência da plenitude da mudança e da necessária estabilidade que daí advém. Esta reflexão de Turner (1982) faz sentido e permite-nos compreender que neste ritual das danças, apesar de não ser conferido o seu carácter exclusivo de ritual de passagem, está fortemente ligado a um “drama social” onde se insinua uma forte carga de passagem de um estádio a outro, já que existe um período liminar em que os praticantes das danças não podem dançar aos olhos e censura da sociedade envolvente.

Dramas sociais" e "ritos de passagens", portanto, seriam momentos nos quais os atores sociais se arriscam numa aventura "dramática" – de representação de papéis e jogo simbólico – de rutura e/ou inversão com a ordem estabelecida na vida cotidiana – porém,

tendo como perspectivas, segundo o próprio Turner, a resolução dos conflitos a propósito da manutenção do Status Quo (<http://www.scielo.br/pdf/ha/v11n24/a03v1124.pdf>).

Pagão, também será o carácter atribuído à Dança das Tesouras, uma vez que representa uma atividade agrícola, a tosquia das ovelhas levada a cabo nesta região, fazendo por isso parte das suas vivências. Esta dança não apresenta qualquer tipo de demonstração religiosa, é por isso chamada de “farsa” das tesouras onde é simulado todo o processo de tosquia das ovelhas de formas irónica e caricaturada, suscitando inclusive a intervenção dos que nela não participam. Alguns autores como Chaves 1941, Chaves 2000-a e Viana 1967 (citados em Isabel da Costa Leal, 2005: 9), atribuem a função do trabalho à dança das tesouras, praticada simbolicamente na segunda-feira.

Em suma, atribuir um carácter ritualístico a estas danças para podermos compreender o conceito de mito, de rito, de ritual e de performance, é essencial nesta fase do estudo. No entanto, atribuir uma característica ou função específica a todas as 3 danças em estudo, é uma tarefa assaz complicada, uma vez que ambas detêm uma série de elementos que poderão ser atribuídos a distintas funções sociais. Por um lado, poderão tratar-se de performances religiosas, por outro, guerreiras, e por outro ainda, pagãs, aquando da sua relação com o carácter da festa onde são exibidas. Assim sendo, constatamos que, perante as manifestações expressivas dos seus praticantes e devido ao carácter prolongado da sua apresentação, estas danças envolvem todo o sentido da festa em honra da Nossa Senhora. A sua riqueza dever-se-á também à integração plena das várias danças, cuja origem diversa (pagã, religiosa, romana, mitológica) está bem representada numa simbiose em que os significados e interpretações originais só se interpretam num estudo antropológico desta natureza. Assim, a cultura faz-se através da fusão de vários e diversos elementos que fogem ao padrão comum.

TABELA IV

Categoria III – RITUAL E PERFORMANCE				
SUB-CATEGORIAS				
Momentos Religiosos			Momentos pagãos	
Prática	Descrição	Entrevistas	Prática	Descrição
Procissões	Des. 4,5,9	Ent. 4	Entrega da festa	Des. 9
Homílias	Des. 4,8	Ent.8	Garraiada	Des. 10
Adeus à Virgem	Des. 6	-	Carnesse	Des. 8
Dança das Virgens	Des. 3,10	-	Conjunto musical e bailarico	Des. 7
Dança dos Homens	Des. 1,11	-	Dança das tesouras	Des. 2,9

A Fé move montanhas – rituais religiosos e pagãos fundem-se por um motivo comum – a Fé.

Ao resultados da análise destas entrevistas e descrições que nos permitiram elaborar as conclusões referidas neste ponto do trabalho foram expostos nas tabelas 19 a 32 do anexo III deste trabalho.

Relativamente aos rituais pagãos, servem os mesmos para “ornamentar” a festa oferecendo momentos de lazer, convívio e intercâmbio entre os habitantes da aldeia e outros que eventualmente queiram participar. Consideram ser útil, uma vez que é através desta parte pagã da festa, que conseguem reunir algum fundo económico que garanta a sobrevivência dos ritos. Muitos dos momentos pagãos estão igualmente enraizados nas suas mentes e mantêm-se inalteráveis ao longo dos anos. A carnesse faz parte e representa mais um modo de diversão juntando à sua volta todos os filhos da terra, que buscam não só comprar artigos que consideram interessantes, como também ajudar a manter as despesas da festa. Não deixa de ser, no entanto, mais um momento de partilha, união e coesão social onde todos lutam por um mesmo fim. O modo como é feita, o *timing* da sua execução, obedecem a padrões pré estabelecidos e que se vêm mantendo ao longo dos anos, a não ser os pequenos ajustes próprios de modernidade. Do mesmo modo que a carnesse, a garraiada é uma prática que se mantém ao longo dos

anos. Os traços e moldes em que é praticada tem-se adaptado às condições possíveis que o espaço envolvente oferece. Os Lousences anseiam este momento e vivem-no com muita emoção e alegria. A garraizada envolve um conjunto de traços característicos, que igualmente se têm mantido, conforme as descrições em anexo. A envolvência física é manifesta e divertida e mais uma vez se sente uma partilha de alegria e sentimentos de prazer perante uma forma de estar na vida comum. Estão ali, quer a participar quer a assistir por puro prazer, solidariedade e a cumplicidade inerente ao coletivo.

A dança das Tesouras, sendo uma dança de carácter jocoso, representa uma sátira a uma atividade antiga que é a tosquia das ovelhas. É apresentada em género de brincadeira, perdendo a solenidade das outras duas danças apresentadas no dia religioso. É interpretada no adro da igreja e reúne, mais uma vez, todos os Lousences que ainda resistem à “abalada”, neste dia a esta hora (final da tarde de segunda feira) já poucos forasteiros por ali circulam. As emoções vividas nestes momentos deixam transparecer, aos olhos de quem não é da terra, uma cumplicidade entre os presentes da aldeia quer pelos gestos quer pela participação quer pela postura que assumem ao ver aquele aparato que lhes é tão familiar. Trocas de olhares cúmplices, comentários paralelos alusivos a outros momentos vividos, apelando à memória coletiva.

A intenção com que se fazem estas atividade, segundo os relatos apresentados, é sempre a mesma: nestes dias a Nossa Senhora dos Altos Céus reúne os seus fiéis, que manifestam das mais diversas formas o seu agradecimento por tamanha dádiva e proteção. Vê-os assim embebidos em rituais únicos que lhes conferem legitimidade para os considerarem apenas seus. Confere-nos a nós legitimidade para afirmar que algumas destas práticas apresentam traços identificativos de práticas ritualistas, baseando e comparando as suas dinâmicas e intenções com as definições de performance e ritual de Vitor Turner defendidas em várias das suas obras, já anteriormente mencionadas neste estudo.

O espaço é preenchido com rigor intencional. A musicalidade que envolve todos os momentos é tipicamente característica de cada um, ajustando-se a vários elementos que o definem, particularmente como se pode verificar nas descrições em anexo, e a forte tendência a obedecer a padrões de atuação pré-definidos e considerados como “regra” assim como a finalidade com que são feitas. Vários elementos como a expressão facial,

a musicalidade técnica e ordinária que envolve os momentos, uma vez que, cada uma destas práticas é denunciadora de um fundo musical próprio e utilizado sempre que cada uma delas se pratica, associando automaticamente a essas sonoridades o contexto visual que se está a viver naquele momento, nomeadamente os ruídos da população, ou o megafone da carnesse, a música “distorcida” que sai da aparelhagem de serviço, o estrondo com que os conjuntos musicais se fazem anunciar na hora do bailarico, ou, até mesmo a musicalidade murmurada e arrastada que se faz ouvir nas procissões acompanhada por um legítimo pianíssimo da banda filarmónica que segue atrás no cortejo. Toda essa envolvência sonora é denunciadora do modo como cada contexto específico da festa vivencia e apresenta a sua dinâmica. A importância da escolha dos espaços, as decorações das vestes e do ambiente envolvente, perfazem um conjunto elaborado de elementos que se podem enquadrar numa categoria ritualista que os identifica e os torna únicos em qualquer parte do mundo. As danças das virgens, dos homens e das tesouras sobreviveram às intempéries da modernidade “caído” e erguendo-se várias vezes, por força das adversidades. No entanto, têm-se mantido, muito, pela força e persistência destes valores pelos quais se rege este povo da Lousa, assim como pelas imagens que retêm na memória das práticas que executam.

Todas as imagens que vemos, individualmente e no espaço coletivo, se formam por mediação dos ‘media’ que lhes conferem a visibilidade. Qualquer imagem visível por conseguinte está necessariamente inscrita num ‘medium’ de apoio ou de transmissão. Esta constatação vale mesmo para as nossas imagens mentais ou internas, que poderiam parecer subtrair-se a esta regra: é o nosso próprio corpo que nos serve neste caso de ‘medium’ vivo (2004: 8).

Hans Belting (<http://hedatuz.euskomedia.org/5224/1/05099116.pdf>) sendo que o corpo servirá assim de intermediário para levar a cabo as práticas que estão no inconsciente conectivo e/ou individual, mantendo-as vivas, pulsando intensamente nos momentos em que são re-vivenciadas.

A persistência destas pessoas e a tomada de consciência da responsabilidade cultural que têm em mãos, aliada à forte componente religiosa que sustenta a sua exequibilidade, tem conseguido que uma “pequena”, mas “grande” manifestação de cultura local não se tenha perdido no tempo. A crença nestas práticas e em Nossa Senhora dos Altos Céus é o motor que tem conduzido este conjunto de práticas, por um caminho cujo fim se espera, jamais, estar à vista.

4.3. Emoções e Sentimentos

As Emoções e os sentimentos representam a exteriorização de toda a simbologia inerente à sociedade. É, através das formas de expressão provocadas pelas emoções vividas, que conseguimos decifrar os códigos dos gestos apresentados. É visível aos nossos olhos a força anímica corporal imprimida nessas práticas, bem como a fortíssima carga sentimental que acarreta. António Damásio (2003) escreveu acerca da distinção entre sentimento e emoção, e em várias obras refere que:

As emoções são conjuntos complicados de respostas químicas e neurais que formam um padrão; todas as emoções desempenham um papel que conduz de uma forma ou de outra à criação de circunstâncias para o organismo que manifestam fenómeno.... (Damásio, 2003:72)

Refere ainda que as emoções “fazem parte dos dispositivos boi-reguladores com os quais nascemos preparados para sobreviver”. Considera que a cultura dos indivíduos determina o modo como se manifestam as emoções. Damásio (2003:77) afirma que

as emoções acontecem em dois tipos de circunstâncias. Primeiro tem lugar quando o organismo processa determinados objetos ou situações através de um dos seus dispositivos sensoriais: por exemplo, quando o organismo avista um rosto ou um local familiares. O segundo tipo de circunstâncias tem um lugar quando a mente dum organismo recorda certos objetos e situações e os representa, enquanto imagens, no processo do pensamento.

É neste sentido e nesta abordagem que nós consideramos estudar este autor aquando se trata de analisar as situações comportamentais emocionais e sentimentais dos envolvidos nas práticas estudadas neste ritual, ajudando-nos a compreender os processos pelos quais determinadas manifestações observadas aconteceram, uma vez que este tipo de manifestações está intimamente ligado ao modo de atuação ritualista que apresentam estas práticas.

Com toda a probabilidade, o desenvolvimento individual e a cultura sobrepõem as seguintes influências nos dispositivos predeterminados: em primeiro lugar, dão forma individual àquilo que vai constituir o induto apropriado para uma dada emoção; em segundo lugar, dão forma individual a alguns aspetos da expressão da emoção; em terceiro lugar, dão forma à cognição e aos comportamentos que se seguem ao desenrolar de uma emoção. (Damásio 2003:78)

As vivências práticas, relatadas neste capítulo, estabelecem com o ser humano que as pratica, um conjunto de reações emotivas que, seguindo o raciocínio de Turner (1982), se evidenciam a nível da “percepção”. Turner refere-se ao facto de as “imagens de experiências do passado são evocadas e delineadas – de forma aguda”; “as emoções associadas aos eventos do passado são revividas” e “o passado articula-se ao presente, numa “relação musical”(Dawsey, 2006 *cit* Turner, 1982). Conclui assim o seu raciocínio afirmando que “a experiência se completa através de uma forma de expressão, a Performance”. (Turner 1982:13-14), sendo o significado de Performance “completar ou realizar inteiramente”. Turner refere-o, assim, no momento da expressão total da manifestação cultural, como um todo, onde o corpo representa o recurso primordial. Schechner confirma esta afirmação de Turner ao proferir a seguinte frase: “All performing work begins and ends in the body” (Schechner, 1973: 13).

Turner desenvolve a sua teoria do rito à volta do conceito de performance. Encontramos em Turner um ponto possível de análise, que poderá enquadrar o conjunto de práticas que nos foram dadas a observar. O que nos interessa por agora é enquadrar o sentimento do povo na manifestação que apresenta. A tomada de consciência das emoções e dos sentimentos que os praticantes exteriorizam na festa à Nossa Senhora dos Altos Céus, e todo o cenário que envolve as danças são a prova dessa exteriorização das emoções, funcionando como uma espécie de catarse já que a

verdadeira causa de um estado de espírito “pode ter sido a imagem de um acontecimento, uma imagem que poderia ter-se tornado consciente mas que não se tornou, uma vez que, por estar ocupado com outra imagem, não chegou a dar-lhe atenção... Por outras palavras, as representações que induzem emoções e conduzem a subsequentes sentimentos podem não ser “atendidas”, embora estejam firmemente relacionadas com acontecimentos externos ou internos! (Damásio, 2003: 68)

As tabelas do anexo IV detêm informação recolhida em trabalho de campo onde se pode comprovar a manifestação emocional e/ ou sentimental referida neste ponto, afirmações e registos esses que falam por si.

TABELA V

Categoria IV – EMOÇÕES E SENTIMENTOS			
SUB-CATEGORIAS			
Religiosos e de fé		Pelas danças tradicionais	
Entrevista	Descrição	Entrevista	Descrição
Entrevista 4	Descrição 1	Entrevista 1	Descrição 1
Entrevista 6	Descrição 2	Entrevista 2	Descrição 2
Entrevista 7	Descrição 3	Entrevista 3	Descrição 3
Entrevista 8	Descrição 6	Entrevista 4	Descrição 6
-	Descrição 9	Entrevista 5	Descrição 9
-	-	Entrevista 6	Descrição 10
-	-	Entrevista 7	Descrição 11
-	-	Entrevista 8 e 9	-

Assim sendo, conhecer a dimensão visual e sonora / e os processos sociais e culturais que se nos apresentam e o modo como se articulam, é um dos objetivos deste estudo. É inevitável falar destas práticas ritualistas sem contar com os sentimentos e emoções que deixam transparecer. Assim, foi-nos possível identificar elementos de expressão sentimental e emocional nas vivências que envolvem todos os momentos da festa a Nossa Senhora e levar-nos a concluir que existem marcas evidentes de profunda emoção, sobretudo nos rituais que envolvem manifestações de Fé. As referências que nos permitiram tais afirmações encontram-se no anexo IV nas tabelas 33 a 47. Alguns dos relatos dos entrevistados revelaram-se carregados de uma forte carga emocional que transpareceu pela forma como verbalizaram as suas locuções, tendo dificuldade por vezes em descrever o que realmente de profundo lhes vai na “alma”. As entrevistas revelam e confirmam esta nossa afirmação. Os rostos sensíveis e as manifestações corporais que manifestam em cada um dos contextos são denunciadores de uma Fé intocável, inquestionável, que mexe com o Ser mais íntimo de cada um. A ocupação simbólica do espaço denuncia igualmente a preocupação em respeitar a tradição mas, estabelecer a mesma ligação de outrora com o divino. “Laços de fé” como refere o Padre Castanheira (tabela 10 anexo I , e tabela 39 anexo IV), e é por isso que teimam em dizer que enquanto houver gente na Lousa, a festa religiosa, pelo menos, jamais irá deixar de se fazer (tabela 36). Têm este propósito como absoluto, fazendo-os mover

custe o que custar, arrastando consigo todos os anos, fielmente, mesmo os de longe, a fim de cumprirem esta promessa secular com a mesma convicção com que outrora foi cumprida. Cada gesto, cada atitude exterioriza através de determinados comportamentos o que as emoções lhes “solicitam” mostrar, através de lágrimas, risos cúmplices, comportamentos efusivos, expressões solenes, olhares que ocultam pensamentos íntimos... e muitos outros observados e que nos permitiram pensar que por detrás de todos eles se escondem sentimentos individuais e comuns em cada uma das vivências referidas neste estudo.

4.4. A Economia da Festa

Compreender a economia da festa da Lousa faz-nos compreender o modo de gestão e a visão que dessa gestão têm os que nela participam. A gestão da festa, a sua finalidade e os elementos pagãos que envolvem estes dias do povo Lousence, terão um propósito sagrado e sentimental, ou também económico? No trabalho de campo encontramos vários elementos que nos permitiram concluir a este respeito e o anexo V contém alguns apontamentos relatados pelos entrevistados que nos permitiram obter algumas respostas a esta questão.

Entendemos por “economia” uma ciência que debruça a sua intenção sobre a organização da produtividade e distribuição dos bens e serviços de ou numa determinada sociedade (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Economia>).

Por cultura entendemos, através de uma perspectiva antropológica, que é a que mais nos interessa focar, um conjunto de códigos de valores, morais e comportamentos pelos quais a humanidade se guia seguindo uma linha própria e comum a todos os seus antepassados e raízes identitárias, como se expressam, como vêm o mundo.

Edward B. Tylor, define cultura como “aquele todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e aptidões adquiridos pelo homem como membro da sociedade”. (Edward B. Tylor citado em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura>, consultado em 02 de fevereiro de 2012).

Autores como Canclini (1997) e Yudice (2008) debruçaram-se sobre o estudo da economia da cultura, realçando a importância da era global e da sua influência relativamente ao uso da cultura com fim comercial. Neste ponto de vista poderemos considerar que este estudo visará compreender até que ponto as culturas locais estarão em risco face a esta nova maneira de pensar a produção artística num contexto específico e local.

Ao relacionarmos Economia com Cultura, damos conta de manifestações culturais que poderão ser geradoras de receitas para a própria sociedade. Assim, gerir o consumo e distribuição dessas receitas estará na base da intenção do estudo da economia da cultura dos povos. É exatamente a fortalecer a liberdade de escolhas das pessoas que atuam na esfera cultural e a concretizar o potencial econômico da produção cultural, que se dedica a economia da cultura.

As celebrações festivas, enquanto atividades culturais, produzem implicações diversas e entidades como a UNESCO (2007), defendem essas implicações segundo determinadas categorias que permitem organizar o seu estudo e modo de reajustamento às novas necessidades globais. Alguns autores como Mallarino (et al., 2004 *in* <http://pt.scribd.com/doc/63574999/economia-da-cultura>), defendem que as celebrações festivas são um “conjunto de manifestaciones culturales materiales e inmateriales” (Mallarino et al. 2004: 28) – e não como pertencentes ao “domínio” das “artes performativas”, como sugere o enquadramento proposto pela UNESCO (2007). Estas diferentes perspectivas delimitam, garantem e salvaguardam os direitos do património cultural, que é tão fundamental, mas ainda as não menos importantes artes performativas. É de salientar, assim, que o sentido e intenção de um determinado ritual inserido em contexto de festa, religioso ou pagão, preveem uma salvaguarda do seu potencial identitário. A festa da Lousa possui, assim, características organizacionais que garantem um lugar, certamente, numa das três categorias identificadas nos estudos feitos pelas entidades e autor em cima referidos, como seja, “as festas, os festivais e as feiras” (<http://pt.scribd.com/doc/63574999/economia-da-cultura>).

O património imaterial, ou “bem” imaterial, como os rituais nas sociedades atuais, é reconhecido também com a finalidade de gerar receitas económicas. No caso concreto da Lousa, estará esta intenção interiorizada nos praticantes do ritual? Haverá uma

intenção específica de gerar capital em torno dessas práticas? Estará subjacente a lógica de indústria cultural, na tentativa intencional de acompanhar as necessidades a um novo pensamento global, aliando a cultura a uma dinâmica de sentido económico regional e produtivo? Estas questões poderão levar-nos a concluir que poderá haver uma constante transformação na parte expressiva da prática ritualista que coexiste com a festa em si, estimulando outras possibilidades geradoras de produtividade económica. A Unesco tem-se debruçado sobre soluções que permitam manter os vincos de tradição dos povos, e ao mesmo tempo reinventá-los (sem os descaracterizar), de modo a serem promotores de economia local.

Em campo, reunimos uma serie de descrições e constatações dos locais entrevistados que nos permitiram compreender algumas das questões relacionadas com estes conceitos e modos de abordagem:

TABELA VI

Categoria V – ECONOMIA DA FESTA
Entrevistas
Entrevista 4
Entrevista 6
Entrevista 7
Entrevista 9

Concluimos perante os resultados observados em campo, (tabelas 48 a 51 do anexo V) que a festa da Lousa por si só não gera lucros capazes de fazer sobressair uma atividade local que sustente a economia da aldeia. O modo como a economia da festa é gerida pretende apenas uma intenção: gerar lucros e obter um determinado valor monetário que garanta, única e exclusivamente a logística da própria festa. Todos os lucros gerados nesta “micro” economia são doados à igreja e aplicados em contextos específicos de melhoramento das condições físicas do espaço envolvente da festa ou outros fins relacionados com a mesma intenção. É de notar, como refere a tabela (tabela 50) que nos dias da festa todos os comerciantes encerram os seus estabelecimentos para que não

haja possibilidade destes desviarem as receitas económicas: gerar um determinado montante que permita que a festa se realize nas melhores condições possíveis para que todos usufruam dela com a maior das comodidades de diversão e aparato.

Considerações Finais

Estamos agora numa nova era, essa em que o mundo se revê profundamente envolvido em significativas mudanças estruturais, onde o domínio económico comanda todos os sectores que envolvem a humanidade (Giddens, 2000). Defendeu existir uma estreita relação entre o termo globalização e o modo como as relações humanas se intensificam e se tornam interdependentes, detendo uma visão única e global parente determinados modos de atuação e concetualização de fatores inerentes à sua vivência. Olham todos numa única direção e movem-se num único fim comum, uma vez que perspetivam visões globais de todas as suas atuações.

Giddens (2005) reforça, ainda que

A globalização é um fenómeno social com vastas implicações e que não devemos resumi-lo ao sinónimo de desenvolvimento de redes mundiais – sistemas sociais e económicos que estão distantes de nossas preocupações individuais, uma vez que é também um fenómeno local que afeta a todos nós e ao nosso dia-a-dia.

Perante esta realidade, Giddens (2005) perspetivou sobre as consequências de tais formas de pensar e sobre os imprevistos que ocorrem, denunciando as situações que poderão ficar fora do nosso controle, colocamos em causa o modo como esta nova perspectiva pode gerar novos riscos.

Entramos agora num momento da nossa reflexão que nos dará oportunidade de constatar factos objetivos acerca do modo como é gerida toda esta questão num contexto específico em estudo – o povo da Lousa e toda a sua envolvência na Festa a Nossa Senhora dos Altos Céus. Assim sendo iremos averiguar a possibilidade de uma logística que gira lucros, dê visibilidade e crescimento económico à localidade, adaptando todas estas práticas à modernidade.

A reflexão acerca da forte componente emocional, ritualista e de sentimento de identidade e pertença que caracteriza o povo a Lousa faz-nos, agora, refletir sobre o valor desta cultura local e assim, compreender o risco que corre face à sua extinção aquando da chegada da modernidade e o modo como as suas simples práticas podem ser “devoradas”. Foi verificado que na tomada de consciência da construção de identidade do povo da Lousa não cabe a palavra adaptação ou redesign do modelo pelo qual se processam as suas práticas, já que questões de resistência e adversidade a novos modelos de gestão e de logística fazem parte do próprio conceito identitário.

Os modelos não passam, de todo, por obter fins lucrativos, apenas gerar receitas que cubram as próprias despesas inerentes à festa. Todo o dinheiro que sobra reverte a favor de aplicações imediatas em obras em favor do melhoramento do espaço que envolve a festa e/ou melhoramentos para a igreja e os estabelecimentos da aldeia fazem cedências a fim de não interferir na gestão económica da festa muitos deles mantendo-se fechados nos dias da festa (entrevista⁷ em cd rom). Como referido na análise do ponto 4.4.

Assim, através dos elementos identitários referidos nas tabelas em anexo, foi-nos permitido compreender onde se enquadra a festa da Lousa a Nossa Senhora dos Altos Céus, tendo em conta o carácter ou propósito da celebração festiva em si. Determinamos que esta festa, devido ao único e exclusivo propósito, se enquadra exclusivamente num género de celebração puramente religioso, com um propósito igualmente religioso, e, talvez por isso, mais congregador e menos suscetível a mudanças. O motivo ou fonte de inspiração da celebração festiva está igualmente relacionado com uma crença religiosa, a lenda de teor religioso que, como tal, extravasa qualquer raciocínio lógico: conta a Fé e, portanto, a sua veracidade. Expressa-se o agradecimento à divindade e procura-se a sua intervenção futura. Estamos assim perante o conceito de dádiva defendido por (Mauss, 2008). O Ser evocado e homenageado ali todos os anos é a Virgem Maria Senhora dos Altos Céus padroeira da Lousa, à qual são atribuídas determinadas funções que por sua vez geram manifestações de dádiva e agradecimento profundo pela bênção e proteção que lhe oferece. Todas as atividades que não são religiosas, são desta feita, pagãs, e servem para cobrir as despesas que permitem acontecer esta celebração que dura 3 dias, assim como proporcionar momentos de diversão onde a partilha, o convívio e a comunhão reforçam, ainda mais, a coesão que une estas gentes.

Quando George Yúdice (2002) se propôs estudar a arte como forma de gerenciar capitais e aprofundou o estudo acerca “da obra de arte com fins lucrativos” não se estava a referir às pequenas manifestações culturais locais, como esta produção em causa, com todos os seus pequenos trechos e que nada têm a ver com produtos encomendados ou com fins lucrativos. No entanto não podemos considerá-los à mercê desta visão economicista de ver a arte e poder temer pela sua extinção, uma vez que não detém ela própria (a festa a Nossa senhora dos Altos Ceus) capacidade suficientemente para gerar lucros capazes de mover e determinar o desenvolvimento económico da localidade ou até região envolvente. É algo de próprio e autóctone, fazendo parte da arte popular das suas gentes e da sua história. Constatamos que nesta festa, a finalidade lucrativa não é vista como um fim. Os festeiros serão neste caso os gestores de todo este produto que não se pode assim considerar económico.

A envolvência das danças tradicionais da Lousa representa uma manifestação artística na sua essência, apesar de apresentar uma função religiosa, com um valor artístico incontestável. Constatamos que será muito difícil alguma modificação, ainda que de algum modo pudesse ser benéfica para a região a até para a evolução do próprio ritual, sem, no entanto, contrariar a sua essência. A questão prende-se com o facto de que se não houver aqui um reajustamento a modernidade esta prática poderá cair no esquecimento, ou tornar-se desadequada, aos olhos dos mais novos, porque tal como Yudice (2005) refere que “A arte vai ser usada, quer eu queira quer não”. Sendo que a sua teoria passa por vislumbrar que “...a cultura seja vista como um recurso”. A nós parece-nos que a mentalidade e os valores culturais que movem esta pequena população do interior do país ainda não está preparada, sequer, para entender afirmações como a de Yucide (2005), afirmações essas absolutamente coerentes face a realidade global que o mundo está a começar a vivenciar.

Neste aspeto o raciocínio do presidente da junta de freguesia de freguesia da Lousa quando refere “Há ainda outro aspeto que deitaria pro terra essa possibilidade que é o facto de se poder criar aqui uma atividade relacionada com a festa e com as danças que teria de ser eventualmente algum tipo de artesanato que estivesse disponível nessa altura para isso... eu acho que a questão da festa e das danças assim como muito do património cultural material e imaterial da aldeia assim como da região. Poderia ser

rentabilizado sim, mas de outra forma, de uma forma mais global, mais abrangente a nível de conselho e até mesmo de região, mas isso teria de passar pela câmara municipal, não a junta de freguesia por si só poderia mover-se sozinha. Eu tenho batalhado muito neste sentido e embora a Câmara de Castelo Branco, tenho dado sempre uma grande ajuda e tem sido um grande apoio para nós ao longo destes anos, por outro lado tem descurado um pouco a parte do desenvolvimento turístico. Isto só poderá trazer alguma rentabilidade em termos globais de oferta de turismo. A Lousa tem um património muito rico, esta situação das danças e da festa é muito rica, tem valor patrimonial como haverá poucos e está muito bem divulgado porque temos feito um bom trabalho a nível da divulgação das danças e da festa uma atividade sazonal... só na própria altura da festa! Não me parece que fosse rentável...” (Entrevista 7 em anexo no cd rom) que vem ao encontro da afirmação proferida por Yudice, “Eu posso ser um artista “puro”, mas quando colocar minha obra em um museu, estarei contribuindo para o PIB da cidade”. Assim sendo, contamos que o futuro destas manifestações culturais locais passará por estarem integrados em projetos mais abrangentes e que envolvam a capacidade de atuação geradora de uma economia benéfica para a zona envolvente, logo, projetos que partam da própria autarquia para que, deste modo, haja uma contribuição benéfica para a economia local.

A produção cultural neste ritual, e seguindo o raciocínio de Yudice (2005), serve dois princípios fundamentais: se por um lado impõe uma tradição, por outro oferece uma legitimidade que servirá de plataforma para comunicar com entidades superiores e inatingíveis, sob o risco de serem penalizados se a não cumprirem. Isto é determinante para garantir a sobrevivência do ritual. Assim sendo, a questão que se coloca é a de como poderá este propósito ser suficientemente válido para manter esta tradição, num mundo global onde os atores sociais para sobreviverem terão de transpor a barreira do interesse social comum, para um patamar de conveniência económica, cairá por terra. Será possível fundir estes dois interesses? E neste sentido conseguir conjugar o ritual e o interesse genuíno da sua prática sem estabelecer um redesign da sua execução original, não o subvertendo aos interesses económicos propriamente ditos? Já refere as lutas sociais de reconhecimento de si, neste caso do que é legitimamente seu. É necessária esta luta e é necessária a valorização das práticas sociais sem descaracterizar a essência

das mesmas. “A globalização motiva uma ação de defesa da identidade e da cultura específica de cada povo” porque “Um povo sem memória corre o risco de sofrer o impacto negativo da massificação” (<http://pt.scribd.com/doc/6732217/Identidade-Cultural-e-Património>).

No entanto, esta questão não será colocada para já. As autarquias locais não estão neste momento interessadas em pensar estas questões, pelo menos nesta fase em que o país e o mundo de uma forma geral atravessam uma crise económica generalizada, e em que os dinheiros das autarquias têm de ser aplicados noutros interesses de maior necessidade.

Ao contrário do que Yudice (2008) refere, assim como outros autores que estudam a problemática da comercialização da arte e das manifestações artísticas, nesta aldeia ainda se vive a crença, profunda, de que neste ritual não se pode mexer, e que ele só existe com o propósito que o move ao longo de mais de 5 séculos. As questões económicas existem apenas enquanto garante da sua existência, e não como produção de lucros para que se possa perpetuar. Não cair no esquecimento individual e coletivo passa por mantê-lo vivo e fiel aos seus princípios. A tradição não se pode alterar, apenas ajustar e se não houver dinheiro suficiente para executar na íntegra e com mais conforto a festa de maio, far-se-á apenas com as possibilidades que estiverem ao dispor da população na altura, como já aconteceu em anos anteriores (tabela 48).

A nossa preocupação passa precisamente por tomarmos consciência desta realidade.

CAPITULO V

Conclusões

Este capítulo pretende sintetizar os vários propósitos que deram corpo a este trabalho. Por um lado, referir sucintamente as conclusões retiradas do trabalho de campo que deram origem à comprovação das hipóteses formuladas anteriormente.

Por outro lado, faremos uma reflexão acerca da importância deste estudo, relativamente àquilo que as ciências sociais esperam dele. A pretensão da sua devolução à comunidade de estudo, poderá representar uma valiosa contribuição para a continuidade da realização do ritual. Pretende-se, ainda, neste capítulo referir o uso imediato que será dado a quem o realizou, como ferramenta imprescindível para atuação prática na área de trabalho do investigador. Esta reflexão caminhará num sentido - determinar o que futuramente este estudo poderá suscitar, enquadrando-o numa perspectiva diferente, dando-lhe continuidade, explorando a comparabilidade com outros estudos ou situações semelhantes.

Depois de apresentados os dados e confrontá-los com as teorias existentes, conseguimos definir e/ou compreender até que ponto as hipóteses por nós levantadas no capítulo I deste estudo, se comprovaram ou não. Esta confirmação confere sentido às conclusões apresentadas neste capítulo e estas, por sua vez, permitem-nos refletir sobre a problemática em questão. Depois de identificados os problemas que poderão estar na base do risco que correm as práticas ritualistas estudadas, será mais fácil tomar consciência da dimensão do problema e refletir sobre os eventuais riscos de desaparecimento.

O carácter identitário visível e bem marcado que une estas gentes, a sua entrega a esta festa, são evidentes. Esta convicção torna estas práticas um bem precioso para a cultura popular do nosso país. É visível a forma como resistem à mudança e ao mesmo tempo como, ao longo dos séculos, se conseguem perpetuar. Os traços sentimentais e

emocionais que manifestam aquando dos rituais exibidos, o carácter permanente e constante das ações praticadas é definitivamente constatado neste estudo. O carácter ritualista, as sonoridades que envolvem todos os momentos, os seus movimentos e indumentárias, o uso simbólico dos espaços físicos, é revelador de fortes marcas de identidade às quais se sentem legitimamente pertencentes. A imagem visual e sonora que envolve todos estes momentos permitiu-nos compreender o modo como são, como sentem e como estão na sua “sociedade” e a forma coesa como se manifestam. Reunimos um conjunto de constatações que nos permitem afirmar que as mentalidades nesta aldeia estão cerradas a novas modos de abordagem da sua tradição. Estão fechadas sobre si mesmas e sobre o medo que têm de que estas se descaracterizem e que a sua intenção seja demovida. Receiam também que, de alguma forma, algo novo possa comprometer o objetivo que os une e os guia: cumprir a promessa a Nossa Senhora e presenteá-la pela dedicação e proteção que esta, a seu ver, permanentemente e incondicionalmente lhes oferece.

As formas artísticas manifestadas neste contexto específico socio cultural, envolvem uma forte ligação a elementos simbólicos relacionados com performances únicas com um cunho religioso impresso, bastante significativo. Este modo de encarar a sua própria arte torna este povo único, no modo de vivenciar e sentir a sua própria cultura, tal como afirma Geertz, 2002: 181) *"a variedade da expressão artística é resultado da variedade de conceções que os seres humanos têm sobre como são e funcionam as coisas. Na realidade, são uma única variedade"*. A vertente cultural está aqui em causa e foi analisada do ponto de vista do valor dessa cultura, o modo como é vivenciada, sentida, pensada e transmitida. Posteriormente foi analisada a capacidade deste povo entender as transformações globais a que fica sujeita a possibilidade da sua perpetuação. As culturas locais perder-se-ão no tempo se não forem acompanhando o ritmo global inerente ao pensamento atual da humanidade. É imperativo gerir a adaptação das mentalidades a formas mais modernas de atuação. A valorização e possível melhoramento das práticas tradicionais poderão contribuir para a sua preservação. O pensamento global atual, vê a cultura como um recurso gerador de fontes de rendimento, ao invés de valorizar a criatividade e a forte componente de cariz identitário que legitima os seus autores de a apelidarem de “sua”. Constatamos assim que o medo de perderem a sua tradição, ou

ainda, de esta ser descaracterizada ou alterada, faz com que a abertura a novas possibilidades de realização das suas práticas, sejam rejeitadas, o que poderá ser prejudicial face às novas formas de pensar. Ideal seria manter a coerência, o forte vínculo identitário, sem descaracterizar a sua essência e finalidade. Mas, no entanto, seria positivo conseguir gerir, de alguma forma, modos de atuação que permitissem uma maior visibilidade, e modos de gerar receitas e fontes de rendimento, a fim de permitir um maior desenvolvimento económico, chamando pessoas para a aldeia e, deste modo, fazer face à grande questão da desertificação.

A motivação para este estudo prendeu-se com o facto de sensibilizar e estimular o interesse dos envolvidos neste processo, para uma tomada de consciência da problemática que envolve todo este contexto da Lousa. Valorizar o património cultural português e pensar formas de combater o impacto negativo da massificação, ao mesmo tempo que se estabelece um pensamento de reajuste, para que as práticas culturais locais não sejam “engolidas” pela globalização. Assim, é nosso objetivo conseguir enriquecer a investigação científica de carácter antropológico e as ciências sociais no nosso país, assim como incentivar este tipo de investigação e reflexão. No entanto, e depois de concluído este trabalho, substituem ainda algumas questões que foram identificadas e que passamos a referir nesta fase conclusiva. Uma destas questões prende-se com a quantidade de recolha de informação obtida em campo. Muitos dos registos de vídeo e áudio foram efetuados com intenção de selecionar algumas imagens utilizadas na realização de um filme etnográfico que acompanha em anexo este trabalho. Como tal, deparamo-nos com uma quantidade imensa de fontes primárias que poderiam ter sido tratadas de forma mais aprofundada. No entanto não o fizemos por algumas razões que consideramos importante referir, quer por falta de tempo, quer pelas metas que uma dissertação de mestrado pretende atingir. Por outro lado, deparamo-nos com uma condicionante relacionada com o *timing* de apresentação do objeto estudado. Apenas pudemos gerir a nossa investigação e partir para o terreno, no 3º domingo de maio de 2011, ocasião em que tudo se passa. Apenas as entrevistas foram realizadas fora deste intervalo de tempo. No mês de maio do ano de 2010, já havia sido recolhida alguma informação, mas não haviam ainda sido traçadas linhas orientadoras para levar a cabo a investigação, uma vez que o tema ainda estava a ser pensado. Algumas das recolhas,

porém, realizadas nessa altura formam tidas em conta neste tratamento que demos aos dados recolhidos.

Consideramos importante referir que pretendemos manter em nossa posse todos os dados que não foram tratados, uma vez que se trata de documentação escrita, vídeo, áudio e fotográfica de enorme valor etnográfico. Pretendemos dar continuidade ao seu tratamento num trabalho de Doutoramento, a ter início imediatamente após apresentação desta dissertação. Este material poderá dar um forte contributo para a elaboração de um trabalho de estudos comparativos de práticas ritualistas e a sua importância relativamente ao seu uso na educação. Num estudo hipermédia, poderemos disponibilizar as fontes primárias recolhidas, e estudar comparativamente as mesmas, relacionando-as com outras práticas recolhidas à posteriori, noutros contextos e/ou situações nacionais ou internacionais. Esta intenção está intimamente ligada ao facto do investigador ser profissional de educação e mais especificamente da área da Educação Musical.

O presente estudo representa para o investigador, enquanto profissional de educação, uma visão bastante clara da importância da música regional portuguesa, uma vez que este ritual apresenta uma relação muito próxima com a música como forma de arte, que define a nossa forma de ser, enquanto pertencentes a um povo especificamente da Beira Baixa e, de forma mais lata, de Portugal. No 7º ano de Escolaridade do Ensino Básico, um dos temas do programa lecionado, incide, precisamente, no facto de dar a conhecer aos alunos a nossa tradição musical, passando por todas as regiões do país e, socialmente, estudar os sons que nos definem e com os quais nós nos identificamos. Este estudo ajudou a tornar consciente o papel que, enquanto educadores, temos em mãos, no que toca a alertar e sensibilizar, assim como criar o gosto pela tradição. A importância e a consciência que os jovens alunos terão desta “matéria” de estudo, será determinada, pelo menos em parte, pelo modo como os educadores dela farão uso e, simultaneamente, pela valorização que eles próprios lhe atribuem. No fundo, o papel do educador passa por incutir aos seus alunos esse forte sentimento de pertença, ensinando-lhes que essas tradições têm de ser mantidas valorizando e realçando o sentimento e o interesse pela cultura portuguesa e pela cultura local, o gosto e reconhecimento por uma identidade determinada, assim como a diversidade cultural que nos representa enquanto

povo Português que somos. A “educação” tem um papel muito importante nesta passagem de testemunho. Incentivar o prazer de se pertencer a um lugar, passa por conhecer o máximo possível de formas de manifestação cultural praticadas nesse local ou locais. Assim será mais fácil tentar mantê-las e preservá-las e até mesmo reajustá-las, de forma a mantê-las atualizadas para que não se percam no tempo. A nossa experiência prática no terreno, sendo esta a nossa área profissional, permite-nos constatar que os jovens se deixam embalar apenas pelos registos comerciais e passageiros que vão experienciando, e aquilo que esta por detrás da sua existência e que marca a sua identidade, ainda não lhes toca. Terá de ser devidamente ensinado e/ou incutido, cabendo, certamente, aos pais e à família passar esse testemunho, mas também à escola, uma vez que esta está munida de recursos disponíveis para o fazer. Assim, e concluindo, faz sentido reforçar a consciência para a nossa identidade, uma vez que isso ajudará, certamente, a não nos deixar cair em “modernidades excessivas” em detrimento de tradições que fazem de nós aquilo que somos.

Uma outra grande questão que está subjacente a este estudo, e que a podemos apresentar como função principal, é o facto de pretendermos devolver à comunidade toda a recolha de informação conseguida e analisada. Isto, uma vez que:

“Os factos depois de conquistados pela teoria não são só constatados e verificados empiricamente: os factos etnográficos são traduzidos pela reflexividade intercultural no quadro da relação social de investigação” (cf. Caria, 2001). O mesmo autor refere ainda que “ Esta reflexividade é desenvolvida apenas na medida em que se intercepta e se faz Coexistir a reflexividade institucional sobre a cultura local com a reflexividade interativa sobre a teoria social, protagonizadas tanto pelo investigador como cidadão e cientista como pelo atores sociais em estudo enquanto cidadãos e potenciais utilizadores contextuais da ciência” (cf. Caria, 2001). Fará sentido devolvê-lo devidamente elaborado a essa mesma comunidade, para que esta faça o que melhor entender. Deixamos-lhe um estudo mais aprofundado sobre o porquê e os porquês daquilo que os move, dando igualmente a oportunidade de deixar registado para o futuro, uma notificação onde se possam rever e rebuscar provas da sua forte existência e tradição.

“A Antropologia, como qualquer outra ciência, precisa de comunicar os resultados da investigação aos seus públicos”. Ribeiro (2003:388) Esta afirmação de Ribeiro vem confirmar a nossa intenção que não passa apenas por devolver à comunidade da Lousa (Junta de Freguesia da Lousa e Museu do Azeite e das Danças), mas apoiados nessa mesma afirmação, referimos que o mesmo irá ser dado a conhecer a diversos públicos, nomeadamente aos pares da comunidade científica, aos atores sociais investigados, aos estudantes e ao público em geral. Será também entregue uma cópia à Escola Superior de Educação de Castelo Branco, cujo papel é incentivar os jovens que estão a fazer a sua formação na área do ensino, e sensibilizá-los para as questões abordadas e debatidas neste trabalho. A comunidade local manifesta um interesse enorme na devolução desta investigação uma vez que poderá contar com este estudo para, mais uma vez, conseguir perpetuar uma prática intemporal e, simultaneamente, tomar conhecimento dos riscos que corre ao existir numa época em que o mundo deu uma reviravolta no modo como encarar a cultura e as práticas culturais. Como refere Ribeiro 2003, a linguagem especializada que utiliza e a análise onde enquadra os resultados à luz das teorias existentes “constitui como que um “tesouro partilhado” (Ribeiro 2003:388) ... “especializou o seu olhar com a elaboração de grelhas de leitura do real e ao fazê-lo produz uma rotura com as formas de perceção comum” (*idem*).

Concluí-mos que este estudo teve como propósito suscitar a reflexão em torno destas questões alertando os responsáveis sociais, políticos e gestores culturais, de um modo geral, assim como o próprio povo em estudo, para uma redefinição destas práticas locais enquadrando-as na realidade e modernidade próprias do séc. XXI e ainda pensar no modo como poderá este bem cultural único da aldeia da Lousa, sobreviver a uma sociedade global cada vez mais homogénea.

Lançamos então o desafio : como podem estes rituais ter lugar num séc. XXI, em que a tecnologia é o fator dominante, sem sofrerem o rótulo de obsoletos, e, ao mesmo tempo serem valorizados de modo a fazerem parte integrante dos roteiros do património artístico português. Será talvez o caminho para a sua preservação e, acima de tudo, de valorização.

E já agora impõe-se uma nota pessoal: tenho Fé... de que o caminho se faz caminhando.

BIBLIOGRAFIA

- ACETI, D. C. S. e CESAR, L. P. D. (2009). “O Pensamento Científico - Abordagem da Pesquisa no Estudo Interpretativo”, volume XII. In *Revista de Educação*, nº 13. São Paulo.
- BRANDÃO, R. C. (1990). *Identidade e Etnia: Construção da Pessoa e Resistência Cultural*. São Paulo: Brasiliense.
- CANCLINI, N. G. (1997). *Cultura y Comunicación: Entre lo Global y lo Local*. La Plata: Ediciones de Periodismo y Comunicación.
- CARIA, T. (2000). *A Mediação Intercultural no Debate sobre a Relação entre Ciência e Ação Social, Educação, Sociedade & Culturas*, nº14. Porto: Edições Afrontamento, pp. 89-102.
- COLLIER, J. (1973). *Antropologia Visual: a Fotografia como Método de Pesquisa*. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária.
- COSTA, M. I. S. L. (2005). *Perspectiva Antropológica das Danças Tradicionais da Lousa, Beira baixa. Análise Contextual, Coreográfica e Musical da Dança das Virgens, Dança dos Homens e Dança das Tesouras*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana.
- CROATTO, J. S. (2001). *As Linguagens da Experiência Religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas.
- DAMASIO, A. (2003). *O Sentimento de Si, o Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência*, 14ª edição. Fórum da Ciência. Publicações Europa América.
- DAWSEY, J. C. (2006). *Turner, Benjamin e Antropologia da Performance: O Lugar Olhado (e ouvido) das Coisas*.
- DEFLEM, M. (1991). “Ritual, Anti-Structure, and Religion: A Discussion of Victor Turner’s Processual Symbolic Analysis. In *Journal for the Scientific Study of Religion* 30(1), pp. 1-25.
- GEERTZ, C. (2002). *O Saber Local: Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa*. Petrópolis: Vozes.
- GIDDENS, A. (2002). *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- IBÁÑEZ, T. (1990). *Aproximaciones a la Psicología Social*. Barcelona: Sendai.
- JACQUES, M. G. C. (1998). “Identidade”. In M. N. Strey et al. *Psicologia Social Contemporânea*. Petrópolis: Vozes, pp. 159-167.
- MANZINI, E. J. A. (1990/1991). *Entrevista na Pesquisa Social*, v. 26/27. São Paulo: Didática, pp. 149-15.
- MARCEL, M. (2008). *Ensaio Sobre a Dádiva*. Edições 70.
- NOVAES, S. C. (1998). “O Uso da Imagem na Antropologia”. In *Eti-enne Samain, O Fotográfico*. São Paulo: Hucitec, pp.113-119.

- OLIVEIRA, R. C. (2000). *O Trabalho do Antropólogo: Ver, Ouvir e Escrever*. Brasília: Paralelo 15. S. Paulo Editora UNESP.
- O Saber Local - Novos Ensaio em Antropologia Interpretativa*. (1997- 2001) Petrópolis: Vozes.
- PIAULT, M. H. (1994). “Antropologia e Cinema”. In *Catálogo II Mostra Internacional do Filme Etnográfico*. Rio de Janeiro: Interior Produções.
- RIBEIRO, S. (2003). *Manual de Investigação em Antropologia*, pp. 202-225.
- RIBEIRO, J.S. (2004) *Antropologia Visual, da Minúcia do Olhar ao Olhar Distanciado*. Porto: Afrontamento.
- RIBEIRO, J. S. (2004). *As Imagens na Sociedade Contemporânea*. Porto: Edições Afrontamento, pp 17-65
- RIBEIRO, J. S. (2010). “Imagens de Congado - Uma Experiência Visual em Antropologia”. In *IC - Revista Científica de Información y Comunicación*, 7. Universidade Aberta, Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais, Laboratório de Antropologia Visual, pp. 293-320.
- SANTA MARIA, A. (1711). *Santuário Mariano*. Congregação dos Descalços de Santo Agostinho de Portugal
- SANTOS, J. M, (2008). *Memórias Paroquiais*. Terra Ocre – Edições.
- SARMENTO, M. (2002). *As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da 2ª Modernidade* Texto policopiado, pp. 1-22.
- SILVA, P. M. C. R. (2004). *Memórias Paroquiais*. Terra Ocre – Edições.
- A Festa e as Tradicionais, Danças da Virgem dos Altos Céus da Lousa* (1994). Lousa: edição da Junta de Freguesia.
- TRIVIÑOS, A. N. S. (1987). *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a Pesquisa Qualitativa e Educação*. São Paulo: Atlas.
- TURNER. V. (1974). *O Processo Ritual. Estrutura e Antiestrutura*. Universidade de Chicago. Petrópolis: Editora Vozes. CASTRO, N. C. (Trad.).
- TURNER, V. (1975). “Social Dramas and Ritual Metaphors”. In *Dramas, Fields, and Metaphors: Symbolic Action in Human Society*. Cornell: University Press.
- TURNER, V. (1977). “Symbols in African Ritual”. In *Symbolic Anthropology: A Reader in the Study of Symbols and Meanings*. New York: Columbia University Press, pp.183-194.
- TURNER, V. (1982). *From Ritual to Theatre: The Human Seriousness of Play*. PAJ: Publications paperback.
- TURNER, V. (2005). “Betwixt and Between: o Período Liminar nos Ritos de Passagem”. In *Floresta de Símbolos*. Niterói: EdUFF, pp. 137-158.
- URBANO, H. e PRETI, D. (org) (1990). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor

VELASCO, H. (1994 ou 1971, 2ª ed). Introducción” a *Pitt-Rivers: Un Pueblo de la Sierra: Grazaema*. Madrid: Alianza, pp. 14-20.

YUDICE, J. (2005) em entrevista a HOLLANDA.

YUDICE, J. (2008). *El Recurso da la Cultura – Usos de la Cultura em la Era Global*. Primera Reimpresion. Barcelona: Gedisa Editorial.

WEBGRAFIA

AGAR (1980), ERICKSON & SHULTZ (1981), ERICKSON & WILSON (1982), ERICKSON (1986, 1987) citados em GESSER, A. (2006). *Um Olho no Professor Surdo e Outro na Caneta: ouvintes aprendendo a língua brasileira de sinais*, pp. 9. Campinas: Unicamp-Instituto de Estudos da Language. Consultado em http://www.cultura-sorda.eu/resources/tesis_gesser_2006.pdf em 23 de agosto de 2011.

ANDRADE, R. (2002). *Fotografia e Antropologia. Olhares Fora Dentro*. São Paulo: Estação Liberdade. Citado em BONI, P. C. e MORESCHI, B. M. (2007). *Fotoetnografia: a Importância da Fotografia para o Resgate Etnográfico*. Universidade Estadual de Londrina, pp. 137-157 consultado em http://www.doc.ubi.pt/03/artigo_paulo_cesar_boni.pdf em 26 de agosto de 2011.

BERTRAND, R. <http://www.citador.pt/frases/a-experiencia-nao-permite-nunca-atingir-a-certeza-bertrand-russell-6025> consultado em 24 de janeiro de 2012.

BENEDICT, R (s/d). Padrões de Cultura. Lisboa: Livros do Brasil, consultado em <http://communication.ucsd.edu/Old.LCHC/paper/mcole.html>.

CARIA, T. *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento, pp. 9-20 [1º capítulo, de apresentação da temática e do livro] [versão draft]. *A Construção Etnográfica do Conhecimento em Ciências Sociais: Reflexividade e Fronteiras* consultado em http://home.utad.pt/~tcaria/actividades_interesses/expetno.pdf citado em 3 de janeiro de 2012.

CARIÚNAS, V. A. C. C. (2007). *Identidade, Significado e Performance*. Belo Horizonte: Escola de Música da Universidade Federal de Minas Ferais consultado em <http://pt.scribd.com/doc/63571041/5/a-etnografia-na-educacao> pesquisado em 24 de janeiro de 2012.

CASTELLS, M. (1999). “A Construção da Identidade”. In *O Poder da Identidade*. São Paulo: Paz e Terra em http://www.etni-cidade.net/poder_identidade.htm consultado em <http://rabiscoslousenses.blogspot.com/> consultado em 06 de maio de 2006.

CASTELLS, M. (2000). http://www.etni-cidade.net/poder_identidade.htm consultado em 23 de dezembro de 2011

Categorias de Interpretação do Fenômeno Religioso: Sagrado/Profano. Retirado de <http://pt.scribd.com/doc/52597947/categorias-de-interpretacao-do-fenomeno-religioso> consultado em 18 de janeiro de 2012.

CHAVES, J. T. (2004). *Blog Lousa - Um Cantinho da Beira Baixa* organizado pela junta de freguesia da lousa em <http://lousa.no.sapo.pt/index7.htm> consultado em 4 de julho de 2011.

COLE, M. (1993). "The Crisis in Education: is there a role for developmental research?". In *60th Meeting of the Society for Research in Child Development*. New Orleans, louisiana consultado em <http://communication.ucsd.edu/old.lchc/paper/mcole.html>.

CHAVES, J. T. (2004). *Blog Lousa - Um Cantinho da Beira Baixa* organizado pela junta de freguesia da lousa em <http://lousa.no.sapo.pt/index7.htm> consultado em 7 de julho de 2011.

CROATTO, J. S. (2001). *As Linguagens da Experiência Religiosa*, pp. p.48-72; 84-86; 117-118; 209-219; 329. São Paulo: Paulinas. Consultado em http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/2009/05/linguagens_experiencia.pdf em 13 de fevereiro de 2012.

FERREIRA, A. C. (2006). *Rumo a um Governo Mundial ou uma Nova Forma de Cidadania?* CIARI – Centro de Investigação e Análise em Relações Internacionais Globalização consultado em http://www.ciari.org/investigacao/globalizacao%20rumo_governo.pdf em agosto de 2011.

SOUSA SANTOS, C. (1989). "Pesquisa Qualitativa em Educação Física: Possibilidades de Construção de Conhecimento a Partir do Referencial Cultural". In *Qualitative Research in Physical Education: possibilities for knowledge building from the cultural frame of reference* consultado em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0102-46982008000200003 em 24 de agosto de 2012.

SOUSA SANTOS (1996). <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141988000200007>

GENZUK, M. (1993). *A Synthesis of Ethnographic Research Occasional Papers Series*. Center for Multilingual, Multicultural Research (eds). Center for Multilingual, Multicultural Research, Rosier School of Education. Los Angeles: University of Southern California. Citado em FINO, C. N. *A Etnografia Enquanto Método: um Modo de Entender as Culturas (escolares) Locais*. Universidade da Madeira. Consultado em <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/22.pdf> em 24 de agosto de 2011.

GIDDENS, A. (2000). *O Mundo na Era da Globalização*. Lisboa: Editorial Porto Alegre consultado em http://www.consumoresponsavel.com/wp-content/rncr_fichas/rncr_ficha_a1.pdf em 6 de julho de 2011.

GIDDENS, A. (2000). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2ª edição. Citado em Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Mestrado em Sociologia, Área de Especialização em Saúde. VILAS BOAS, M. P. B. (2004). *Amarras do Mundo Rural: Implicações do Isolamento Social na Saúde e nos Projectos dos Jovens* consultado em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/727/1/amarras%20do%20mundo%20rural.pdf> em 8 de julho de 2011.

GIUMBELLI, E. *Reflexões Supostamente Malinowskianas*. Consultado em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s010269092002000100007&script=sci_arttext em 26 de agosto de 2011.

HOLLANDA, H. B. <http://portalliteral.terra.com.br/artigos/economia-auto-sustentavel>, publicado originalmente em 17/08/2005 em portal literal http://pt.wikipedia.org/wiki/joseph_stiglitz consultado em agosto de 2011.

HONNETH (2003). Citado em SALVADORI, M. HONNETH, A. (2003). *Luta por Reconhecimento: a Gramática Mmoral dos Conflitos Sociais*. Tradução de Luiz Repa. São Paulo: Ed. 34. Consultado em <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/895/618> em 16 de 02 de 2012.

KODÁLY, O. (1966). *Semelhanças, Diferenças, Especificidades*. Trabalho para a disciplina: seminário: movimentos pedagógicos i do curso de pós-graduação em educação musical no conservatório brasileiro de música consultado <http://www.musicaeadoracao.com.br/tecnicos/interpretacao/educadores.htm> em 23 de agosto de 2011.

MALINOWSKI, B. (1922). Consultado em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092002000100007&script=sci_arttext em 20 de setembro de 2011.

MEAD, M. e BATESON, G. (1936). Consultado em <http://bocc.ubi.pt/pag/reyna-carlos-video-pesquisa.html> em 05 de julho de 2005.

MEAD, M. (1989). “Biographical Memoirs”, pp. 329-341. In *Educação em Revista*, print version ISSN 0102-4698, dec. 2008. Belo Horizonte: National Academy of Sciences. Consultado em <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-46982008000200003>.

MIGUEZ, P. (2009). “Festivais Feiras e Canais de Circulação”. In *Economia da Cultura – Ideias e Vivencias*. Copyright© por REIS, A. C. F. e MARCO, K. Produção Editorial: Publit Soluções Editoriais consultado em <http://pt.scribd.com/doc/63574999/economia-da-cultura> em 02 de fevereiro de 2012.

MOTA, A. Consultado em <http://pt.scribd.com/doc/52597947/categorias-de-interpretacao-do-fenomeno-religioso> em 23 e 24 de Agosto de 2011.

MÜLLER, R. P. (2005). *Ritual, Schechner e Performance*, ano 11, n. 24. Porto Alegre: Universidade Estadual de Campinas – Brasil Horizontes Antropológicos, pp. 67-85. Citado em RIBEIRO, J. S. *Estratégias Mediadas de Construção e Apropriação de Saberes em Antropologia*. Universidade Aberta. Consultado em <http://hedatuz.euskomedia.org/5224/1/05099116.pdf> consultado em 02 de janeiro de 2012.

NOGUEIRA, 1968; BUGEDA, 1974; ANDER-EGG, 1976; BLEGER, 1980; QUEIROZ, 1983; TRIVIÑOS, 1987; MANZINI, 1990/1991; DIAS & OMOTE (1995). Citados em: *Entrevista Semi-Estruturada: Análise de Objetivos e de Roteiros*, Eduardo José Manzini. Depto de Educação Especial, Programa de Pós Graduação em Educação, Unesp. Consultado em <http://www.sepq.org.br/IIsipeq/anais/pdf/gt3/04.pdf> em 23 de agosto de 2011.

OLIVEIRA, E. V. e PEREIRA, B. (1960/63) (2001). *Arquivos Sonoros*. Consultado em <http://alfarrabio.di.uminho.pt/arqevo/textospa/html/vbeiroa/violabei.htm> em 03 de fevereiro de 2012.

RIBEIRO, J. S. (2003). “Métodos e Técnicas de Investigação em Antropologia”. Universidade Aberta. Citado em CARDOSO, R. (2000). “*O Trabalho do Antropólogo*”, 2ª ed. In *Revista Chilena de Antropología Visual*, número 13. Unesp: paralelo 15 consultado em <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40141988000200007> em 03 de agosto de 2011.

RIBEIRO, J. S. (2005). “Antropologia Visual, Práticas Antigas e Novas Perspectivas de Investigação”. In *Revista de Antropologia*, vol.48, nº2. Print Version, ISSN 0034-7701 consultada em encontrado em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0034-77012005000200007&script=sci_arttext em 11 de fevereiro de 2012.

RIBEIRO, J. S. (2010). *Revista Científica de Informacion e Comunicacion*, 7. Pp.293-320) consultado em <http://www.ic-journal.org/data/downloads/1292342994-42ribeirobaja.pdf> consultado em 12 de Setembro de 2011.

ROCHA, A. L. C. e VEDANA, V. (2009). “*A Representação Imaginal, os Dados Sensíveis e os Jogos de Memória: os Desafios do Campo de uma Etnografia Sonora.*” In *Revista Chilena de Antropologia Visual*, nº 13 consultado em http://www.antropologiavisual.cl/imagenes13/imprimir/carvalho_&_vedana_por.pdf em 24 de agosto de 2011.

SANTOS, B. S. *Um Discurso Sobre as Ciências na Transição para uma Ciência Pós-Moderna*. Citado em REYNA, C. P. *Video & Pesquisa Antropológica: Encontros & Desencontros*. Universidade Estadual de Campinas consultado em http://www.jmarujo.com/artigos/abordagem_holistica.html em 18 de Janeiro de 2012.

TURNER, V. (1982). *From Ritual to Theatre*. New York: Paj Publications, pp. 39 -41. Citado em SILVA, R. A. (2005). *Entre “Artes” e “ciências”: a Noção de Performance e Drama*, ano 11, n. 24. Campo das Ciências Sociais da Universidade de São Paulo – Brasil Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, pp. 35-65. Consultado em <http://www.scielo.br/pdf/ha/v11n24/a03v1124.pdf> em 01 de fevereiro de 2012.

WOODS, M. (1986). “Newmarket, Ontario (murder) Argonauts of the Western Pacific [paperback]”. Citado em *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.17 nº48, São Paulo em <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69092002000100007> para além do "trabalho de campo".

LOBO (1987). Consultado em <http://rabiscoslousenses.blogspot.com> consultado em maio de 2011.

<http://www.scielo.br/pdf/ha/v11n24/a04v1124.pdf> consultado em 02 de janeiro de 2012.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/economia> consultado em 02 de fevereiro de 2012.

http://pt.wikipedia.org/wiki/clifford_geertz consultado em julho de 2011.

<http://pt.scribd.com/doc/52597947/categorias-de-interpretacao-do-fenomeno-religioso> consultado em 18 de janeiro de 2012.

<http://rabiscoslousenses.blogspot.com/> consultado em 06 de maio de 2011.

<http://rabiscoslousenses.blogspot.com/2008/09/efemrides-bodo-em-honra-de-n-sr-dos.html> consultado em 03 de fevereiro de 2012.

<http://pt.scribd.com/doc/6732217/Identidade-Cultural-e-Patrim%C3%B3nio> consultado em 02 fevereiro de 2012

ANEXOS

Anexo I

Categoria I: Identidade e Pertença

Tabela 1

	Identidade legitimadora	Identidade de resistência	Identidade de projeto
Descrição 1 - Ensaio da dança dos homens em 11 de Maio de 2011	<p>“O ensaio dos homens começa, enfim, o caracter repetitivo é bastante acentuado, e sobre voltas e meias voltas e reviravoltas que caracterizam a sua performance deixam transparecer uma profunda seriedade e orgulho por poderem pertencer a esta magnífica interpretação.”</p> <p>“Levam consigo para o futuro esta fixação a tal ponto que até hoje este reconhecimento à virgem é fielmente transmitido de geração em geração.”</p> <p>“No final do ensaio, o ensaiador diz em voz alta... “é isto, a dança dos homens é isto” diz estas palavras de forma altiva, vaidosa e orgulhosa. Elevando um pouco o volume na sua voz..”</p>	<p>“Como manda a tradição as donzelas eram representadas por 2 rapazes vestidos de mulher.”</p> <p>“Alguns dos presentes que assistem ao ensaio denunciaram-me a situação e em tom de reprovação referem “os rapazes não querem, como têm de se vestir de mulher, pronto”... “o pior é que todos nós tivemos culpa, começamos a chamar raparigas para dançar e eles foram-se habituando, o que agrava cada vez mais a situação”, “dantes não era assim e devia era ser como pertence”... todos os presentes ao ouvirem estas palavras manifestavam rostos descontentes perante tal contrariedade.”</p> <p>“Acima de tudo, esta adorada tradição deveria ser respeitada, nem que fosse pelos nossos antepassados... “mas é assim é o que temos”...</p> <p>“Tentam por todos os meios manter viva esta tradição, mas o seu pulsar, de vez em quando, é abalado por uma qualquer doença da moda.”</p> <p>“Vê-se assim, alterada uma tradição apenas por um capricho dos seus participantes e até mesmo por preconceito.”</p> <p>“Estes ensaiadores representam o pilar da existência desta danças nos tempos que correm, mas ainda assim o fator modernidade, associado ao estilo de vida dos indivíduos transforma esta luta, numa tarefa ingrata que não vê recompensa, reconhecimento nem mérito, por parte dos seus mais novos seguidores, com exceção de uns quantos (poucos) que persistem.”</p>	

Tabela 2

	Identidade legitimadora	Identidade de resistência	Identidade de projeto
<p>Descrição 2</p> <p>Ensaio da dança das tesouras em 13 de Maio de 2011</p>	<p>“Não discutem, são cordeais, ainda assim, nota-se uma pequena mas legitima tomada de posse deste ritual com sendo apenas e mais que de todos, seu...”</p> <p>“Nestes menus de diálogos onde as discussões são um prato fácil de conquistar, é curioso constatar que estas gentes estão todas unidas por um mesmo fim e defendem-no acerrimamente até às suas ultimas consequências.”</p> <p>“Ideia base é preservar estes ensaios por muitos e muitos anos. São eles a formula mágica que transportará no tempo esta tradição.”</p>	<p>“Todos concordam que a melhor hora será no intervalo da tourada, antes disso os jovens manifestam a sua indisponibilidade porque tem aulas em Castelo Branco e a camioneta que os transporta só chega por volta das 6.30.”</p> <p>“A Tradição já não é o que era! “Caramba, antigamente havia sempre gente disponível, hoje em dia é preciso andar a pedinchar às pessoas, que façam lá o favor de vir dançar...” comenta com desalento o Sr. José Mendes.”</p> <p>“Constatai que, de facto, com a diferença no ritmo de vida das pessoas, não é fácil angariar voluntários, mas ainda assim e devido a persistência destes dois grandes pilares do ritual, há sempre colaboradores apesar de, os horários terem de ser limitados às suas possibilidades...”</p> <p>“O grupo de jovens que frequenta, este ano pela primeira vez, aulas de guitarra e que participa por sugestão dos pais, estará a criar alguma relação de afetividade com esta tradição que a bem da verdade é deles também? Eles respondem-me que sim ... mas há situações que denunciam ainda um certo afastamento ou até mesmo indiferença, talvez pelo facto de o “tal sentimento” tão falado nas entrevistas ainda não ter tocado a sua alma”.</p> <p>“Num futuro próximo poderão ser eles a tomar a iniciativa de manter presente a tradição enraizando e inculcando os mesmos valores que os seus antecessores lhe transmitiram a eles).”</p>	

Tabela 3

	Identidade legitimadora	Identidade de resistência	Identidade de projeto
<p>Descrição 3 - Ensaio da dança das virgens em 11 de Maio de 2011</p>	<p>“Curioso observar que em contraste com tamanha modernidade, a persistência destas jovens em manter viva uma tradição tão antiga e denunciadora da sua (composição genética social cultural).”</p> <p>“A tez séria com que proferiram estas palavras não deixam dúvidas do sentimento de pertença, enorme e genuíno, que permitiu a intemporalidade deste ritual.”</p> <p>“Provavelmente foram afirmações como estas, referida por estas duas gerações Lousences que sustentaram a existência do ritual ao longo de tantos anos, qual vento que leva e trás murmúrios que pousam e repousam suavemente nas mais distintas paragens.... “</p> <p>Relativamente ao uso abusivo de ouro das raparigas nas danças verificam-se 2 opiniões distintas:</p> <p>“A senhora mais velha a D. ... teimava em afirmar que, - “assim é que pertence e assim é que deve de ser”, mas o Sr. José achava que não: - “com os tempos que correm e com a ladroagem que por aí anda, não é seguro para as meninas”, envergarem tamanha riqueza ao pescoço.”</p> <p>“A avó, indignada, discordou veementemente, ao ponto do Sr. José cair rendido aos seus argumentos e afirmar, - “afinal elas vão sempre protegidas pela Nossa Senhora”.</p>	<p>“Umas, talvez por insistência das mães que foram também elas representativas das 7 virgens, filhas de “Micaela”. Outras, que embora não tenham sido, mas que ainda assim, permitem dar-lhes continuidade, sentem-nas como suas e preservam-nas com todas as suas forças.”</p> <p>“A justificar este comentário, deixo aqui o testemunho de uma mãe de duas jovens que dançam e que está presente neste local de ensaio. Em conversa comigo sentenciou: “Eu nunca dancei, mas sinto isto como se tivesse dançado, é meu, da minha gente e enquanto puder mandar nas minhas filhas elas irão participar”.</p> <p>“A Voz da Avó, também presente e em representação de uma geração anterior, também se fez ouvir logo de seguida: “ Eu ando tão doente, tão doente , só nossa Senhora dos Altos Céus sabe o sacrificio que tenho feito para arranjar os fatos das garotas, mas se não sou eu a faze-lo não há ninguém que o faça..., tem de ser... Enquanto eu poder, olha, depois que se amanhem”.</p> <p>“Deste lado , nesta sala já reclamam...-“Este gajo é sempre a mesma coisa!", -"agora é que se lembrou de afinar a viola...", -"passa vida no café a beber bacardis e só quando para aqui vem é que se lembra, em cima da hora, de afinar a viola”.</p> <p>“Estes contratempos são provas evidentes de que a não obrigatoriedade desta pratica é um dos grandes andicaps da sua execução, no entanto e pesar dos contratempos ela persiste em resistir ás adversidades talvez pela força cultural que transporta.”</p>	

Tabela 4

	Identidade legitimadora	Identidade de resistência	Identidade de projeto
<p>Descrição 7</p> <p>Referente ao Bailarico e atuação do conjunto, em 14, 15 e 16 de Maio</p>	<p>“Os rostos felizes daqueles que por ali passam, denunciam a harmonia e clima de festa que se vive na aldeia. A ansiedade no rosto do jovens e os olhares cúmplices entre eles, mostram-nos que se vivi ali, naquele local, um momento de diversão plena de bem estar partilha e comunhão.”</p>		
<p>Descrição 8</p> <p>Referente à Carmesse em 14,15 e 16 de maio</p>	<p>“Outros porém continuam junto aos progenitores e observam atentamente todo o movimento que ali acontece, interiorizando para si que um dia serão eles que lá irão estar.”</p>	<p>“Outros porém continuam junto aos progenitores e observam atentamente todo o movimento que ali acontece, interiorizando para si que um dia serão eles que lá irão estar.”</p>	

Tabela 5

	Identidade legitimadora	Identidade de resistência	Identidade de projeto
<p>Entrevista 1</p> <p>(Sofia Barata 15 anos- dançante na Dança das Virgens) participa desde os 12 anos e (Sílvia centeio 18 anos- dançante na Dança das Virgens) participa desde os 10 anos.</p>	<p>SB- “Sim, é uma tradição e por isso deve continuar”.</p> <p>SB- “Convidaram-me e achei importante para preservar a tradição”</p> <p>SB- “Acho que gostam e que reconhecem ser uma tradição muito antiga. A festa perdia valor sem a dança”.</p> <p>SC- “convidaram-me para vir e acho que era importante fazer parte de uma tradição tão antiga e tão notável a nível nacional como é a dança. É importante manter esta tradição porque tem uma história por detrás, está ligada a uma lenda e é importante para mostrar-mos as nossas raízes”.</p>	<p>SC- “Acho que nada, esta tudo ótimo e acho que não devemos nem podemos fazer nada para alterar uma tradição que já vem de há tanto tempo. Acho que não temos esse direito”.</p>	
<p>Entrevista 2</p> <p>(Daniela Salvado, 17 anos- dançante na Dança da Virgens). Participa desde os 7 anos. (Joana Galhardo, 5 anos- dançante na Dança da Virgens). Participa desde este ano. Maio de 2011</p>	<p>DS- “é importante fazer a dança porque acho que é uma forma de a manter viva ... o passado e o que elas simbolizam”.</p> <p>JG- “participo na Dança porque gosto muito e já tinha vontade de participar o ano passado”</p>	<p>DS- “Eu desde pequenina fui habituada a ver e que espero ansiosamente pela festa de Maio, estou habituada desde pequena a estar lá à frente, sempre a desejei fazer. Comecei na dos homens e depois passei para esta”.</p> <p>DS- “É fácil manter a tradição se houver pessoas para colaborar, se as pessoas se interessarem e fizerem por isso. Se forem obrigadas, não é fácil, tanto para quem está a dançar como para quem está a dirigir. É difícil encontrar pessoas para dançar, isso eu acredito que sim”.</p>	
<p>Entrevista 3</p> <p>(Mariana Guerreiro, 13 anos- dançante na Dança da Virgens). Participa desde os 11 anos. (Patrícia Baltazar, 15 anos- dançante na Dança da Virgens). Participa desde os 8, 9 anos</p>	<p>MG- “Acho importante fazer a dança porque é uma tradição, isto já se prolonga há vários anos, têm que se manter as tradições nas aldeias. Para dar continuidade e para as pessoas verem como é que é, como é que são as coisas em certas aldeias, porque não é em todas as aldeias que se vê uma tradição tão antiga, como provavelmente esta desta aldeia.</p> <p>PB-“ como a minha colega disse as tradições têm de se manter e esta é uma das maiores tradições da nossa aldeia da Lousa e esta deve-se manter”.</p>	<p>MG-“ entrei porque houve um grande incentivo da minha tia, eu não queria muito entrar, mas depois, quando entrei comecei a adaptar-me, comecei a falar com as pessoas e comecei a ver que até era uma coisa engraçada e que não custava nada vir.”</p> <p>PB-“ primeiro pediram-me para ir para a dos homens e depois também me pediram para entrar na das virgens e eu aceitei logo, porque gosto mesmo da dança”.</p>	

Tabela 6

	Identidade legitimadora	Identidade de resistência	Identidade de projeto
<p>Entrevista 4</p> <p>Rosalina Barata, 41anos– Ex dançante na Dança da Virgens.</p> <p>Alexandre Barata, 42anos– dançante e tocador na Dança dos Homens. Maio de 2011</p>	<p>Relativamente a esta festa, RB-“ Há um sentimento muito forte em nós, que nunca acabará”.</p> <p>RB-“ As danças estão sempre nas festas religiosas, mesmo que não estejam no programa, as danças naquele dia àquela hora estão sempre lá.”</p> <p>AB-” ... é a nossa tradição, é um bem da terra”.</p> <p>RB-“ Penso que os nossos filhos já sentem alguma coisa, porque quando têm as saídas já entendem e vêm o interesse das pessoas pro saber o que é aquilo e a dizerem que é giro e que realmente é a mocidade que o faz, começam já a ter aquele bichinho”.</p> <p>Relativamente às posições ocupadas pelos participantes na dança. AB-“ É uma honra chegar à frente. Ao invés de colocar uma pessoa nova num sítio que fica vago, vai-se dando valor aos que já estão à mais tempo na hierarquia de honra do grupo.”</p> <p>Relativamente à utilização dos instrumentos, há um forte cunho de legitimidade visível e descrito da seguinte forma pelos seus participantes. AB-“ comecei a dizer ao meu filho que a minha viola, só lhe a dava a ele e mais ninguém. E agora a do Ti Zé Mendes, passa para mim e a minha passa para ele. É um estatuto. É a responsabilidade e deram-lhe o devido valor e a continuação da nossa tradição.”</p>	<p>Relativamente à festa e ao modo como geriam a festa RB- “ ... No tempo do meu pai todas as pessoas , ranchos, conjuntos, os senhores da iluminação e enfeites da festa iam comer a casa dos festeiros. Cada festeiro tinha a sua despesa. Eram 15 dias de festa. Viam o número de pessoas contavam todas as pessoas que vinham e dividiam-nas pelas casas de todos os festeiros. A minha mãe chegou a ter 16 pessoas à mesa nos dias da festa. Eu não fiz a festa dessa maneira, quando foi a minha vez já era diferente ...”.</p> <p>RB- “ ... depois fiz em 2002 e já não foi em casa. Juntávamos toda a gente e fazíamos no clube. Trazíamos uma cozinheira e ela fazia um cálculo do que era necessário. Nós dávamos a comida...”</p> <p>RB – “Agora 2 anos e meio depois de eu ajudar, contrata-se um restaurante e vem servir as pessoas todas ... perde-se completamente, aquele convívio de antigamente. Os festeiros agora nem têm trabalho é só para se mostrarem, não há entajuda, nem a responsabilidade que movia as pessoas em conjunto. Agora fazem muito tudo à grande...”</p> <p>AB- “ Esta festa religiosa em princípio nunca vai acabar, pode acabar a outra, a profana, mas a religiosa nunca.”</p> <p>Relativamente às danças: AB-“ Os nossos antigos iam ainda incentivando os novos, como eu que já lá vão 20 e tal anos, comecei a gostar daquilo, para não deixar acabar as danças, e é uma coisa de que eu gosto muito.... Vamos ficando.... E depois vamos puxando os novos para gostarem também.</p> <p>AB-“ É difícil inculcar aos novos esse gosto e fazer-lhes ver que é a tradição é um bem da terra...”</p>	<p>Acerca da possibilidade de poder converter a festa e todo o ritual em volta da mesma a um processo de desenvolvimento económico nomeadamente turístico:</p> <p>AB-“ Não isso envolveria mais gente, questões políticas, desentendimentos, as questões dos dinheiros são muito complicadas, a parte dos festeiros....</p> <p>Ui...Nós, as danças pertencemos à Junta de Freguesia, não pertencemos à festa.”</p>

Tabela 6 (cont.)

	Identidade legitimadora	Identidade de resistência	Identidade de projeto
<p>Entrevista 4</p> <p>Rosalina Barata, 41anos– dançante na Dança Virgens.</p> <p>Alexandre Barata, 42anos– dançante e tocador na Dança dos Homens. Maio de 2011</p>	<p>Sobre sentimento que os move AB-“ Para mim é bom, ainda por cima, lá (no adro da Igreja virado para a nossa senhora). Fora é uma coisa, ali é outra! Estar ali naquele local é uma honra. Vestir aquela farda em qualquer local é sempre bom, mas em frente a nossa senhora é outra coisa.”</p> <p>RB-“ ... é uma coisa que nos move, não é por ser a festa que se faz a dança, há um sentimento diferente.”</p> <p>RB-“ Talvez, no meu tempo para nós era uma honra fazer parte das danças, sermos as escolhidas, sei lá... o porquê de sermos escolhidas, se calhar fazia-nos pensar um bocadinho, há qualquer coisa de especial em nós, para sermos as escolhidas. Por exemplo no meu tempo havia muitas meninas Pronto.... Era um privilégio ser escolhido!”</p> <p>Acerca de apresentarem as danças fora da lousa. AB-“ É um espetáculo, mas com aquela garra de atuar em condições para mostrar aquilo que a gente tem na nossa freguesia, para mostrar aquilo que temos.”</p> <p>RB-“ : Ali no adro não é para mostrar porque quem esta ali a ver já conhece e bem e também tem o gosto que lhes vem de dentro e dos antepassados, e muitas das pessoas que lá estão também fizeram parte das danças e por isso também têm aquele sentido de Não sei”.</p>	<p>Relativamente à idade de entrada das raparigas para o grupo de danças RC-“ Há alguns anos atrás as raparigas eram mais velhas, agora não, eu fiz até aos 18 anos. Quando fiz 18 anos fui retirada.” ... Agora é mais complicado, elas sentem-se um pouco incomodadas com o nome das danças das donzelas, porque são questionadas com isso. (facto de serem ou não virgens)”... “Na fase da adolescência ainda não têm bem o sentido do que é a dança. As miúdas não gostam desta brincadeira é difícil explicar que é uma honra” pretender a estas danças.”</p> <p>RB-“ Antes da Assunção a menina Mariana era muito rígida, colocava e retirava as pessoas a seu belo entender. Agora a Assunção é mais aberta ao tempo e à situação. Enquanto tivermos pessoas da terra não faz sentido irmos ver de outras fora... só que está muito difícil.”</p> <p>AB-“ Este ano quiseram colocar os 3 garotos vestidos de garotas, na dos homens, (porque isso é que é bonito), antes os rapazes não se importavam era uma honra para eles e tinham mesmo aquele apreço de fazer. .. Mas lá está, os tempos começam a mudar e os meninos, “eu vestir saias? Chamavam-me maricas”, o meu filho Pedro sabe fazer a dança, mas diz que não quer ir aos ensaios porque depois obrigam-no a vestir uma saia.”</p>	<p>Acerca da possibilidade de poder converter a festa e todo o ritual em volta da mesma a um processo de desenvolvimento económico nomeadamente turístico:</p> <p>AB- “Não isso envolveria mais gente, questões políticas, desentendimentos, as questões dos dinheiros são muito complicadas, a parte dos festeiros....</p> <p>Ui...Nós, as danças pertencemos à Junta de Freguesia, não pertencemos à festa.”</p>

Tabela 6 (cont.)

	Identidade legitimadora	Identidade de resistência	Identidade de projeto
<p>Entrevista 4</p> <p>Rosalina Barata, 41anos– Ex dançante na Dança Virgens.</p> <p>Alexandre Barata, 42anos– dançante e tocador na Dança dos Homens. Maio de 2011</p>	<p>AB-“ Há qualquer coisa ali naquele local, um chamariz, ou chamamento...”</p> <p>RB-“ Aquilo toca-nos e no fim de a gente dançar ,não interessa se nos enganamos ou não... pronto.... mas o que interessa ali é a sensação de dever cumprido... há qualquer coisa....”</p> <p>AB-“ Eu quando acabo de dançar ali, sinto um enorme alívio, quando o Joaquim dá os últimas 3 toques que é o fim da dança é assim um (expressão de descarregar tensão), este ano já está, já cumprimos o nosso dever...”</p> <p>AB-“ Há um dever que vai passando dos velhos para os novos, para eles também comecem a sentir aquilo que a gente sente. É uma promessa... o meu filho também já levou a Nossa Senhora este ano, não que eu lhe dissesse mas um expresso de vontade dele “Oh mãe eu quero”...</p> <p>AB-“ É uma honra, é um momento que é único e comum e vive-se intensamente.</p> <p>AB-“Fazer na aldeia dá-nos uns arrepaíos pela coluna acima.”</p>	<p>AB- “Não se devia alterar a questão da posição da mão esquerda. Para mim é importante manter-se os dedos como o toque. Não se pode alterar uma coisa antiga se assim for, fica desfeita a dança. Se se altera fica desfeita a dança, os antigos estão habituados a ouvir assim. O povo começa a falar, não pode ser assim”</p> <p>AB- “Nem todos os anos fazem as danças das tesouras por falta de tempo, andamos a trabalhar e não chegamos a tempo de a fazer.”</p> <p>AB- “A tradição é segunda-feira o que se torna mais difícil. Também não acho que se deve alterar a tradição, o dia tem de ser no dia certo para mim é assim...”</p> <p>AB- “A dança das tesouras só é feita cá na Lousa. Uma porque o traje não é igual, tínhamos que sair, mudar de roupa e voltar a entrar o que não dava jeito, demora muito tempo ... e também porque esta dança é tradição da Lousa, por isso não se faz noutro lado. Não faz sentido... continua sendo cá.”</p>	<p>RB-“ As não têm nada a ver com a festa. O apoio económico dado às danças é feito pela junta de freguesia, são coisas à parte. Às vezes somos referidos nos cartazes e no programa, outras nem isso. O presidente da Junta faz o que pode tudo o que está na net foi ele que fez, conseguiu agora dinheiro para fazer fardas novas e violas o lançamento do livro.... Muitas coisas... mas nunca é suficiente para a importância que elas têm.”</p>

Tabela 7

	Identidade legitimadora	Identidade de resistência	Identidade de projeto
<p>Entrevista 5</p> <p>José Mendes Feio, 80anos – dançante na Dança dos Homens.</p> <p>Maria bispo dos Santos, 78 anos–assistente apenas e participa no arranjo e conceção da indumentária. Julho de 2011</p>	<p>JMF-“ Tinha amor às danças, são nossas e ainda hoje, sinto tudo isso, mas já não posso andar naquilo há 53 anos que andei naquilo!...”</p> <p>JMF-“... é uma coisa muito antiga e a gente não pode deixar... pronto.... Não podemos deixar de fazer aquilo!...”</p> <p>JMF-“ É um agradecimento a Nossa Senhora, as duas coisas, mas mais para o lado do dever a Nossa Senhora... é um dever... da promessa que fizeram quando foi da praga dos gafanhotos.”</p> <p>JMF-“ Eu quero ver se consigo que isto não acabe. Quando sair tenho de ir controlando. Eu posso ter uma opinião e dá-la e eles têm de a aceitar... eles não dizem nada... ao Alexandre tudo quanto eu digo está certo... e o Quim também.”</p> <p>Quanto ao facto de os jovens sentirem o ritual como algo deles:</p> <p>JMF-“ Elas e eles, querem é andar nas danças para saírem daqui para fora para passearem...”</p> <p>JMF-“Etas danças não deveriam andar por fora Que elas foram oferecidas a Nossa Senhora não têm nada de andar lá para fora...”</p>	<p>JMF-“ ... e digo-lhe mesmo, são capaz de acabar, não vejo jeito de elas continuarem sem mim! Ponho muita dificuldade... são 2 homens que ficam, um quer o outro também quer, mas não sei se se entenderão. Por isso entrego a chave à Junta. Um diz que se eu entregar a chave ao outro ele desiste logo... por isso digo que não sei se se aguentarão....e eu não gostava disso já que as aguntei até agora, gostava que elas fossem até ao fim... Até que deus Quisesse... porque faz parte, faz parte da nossa vida.”</p> <p>JMF-“ Houve uma altura em que não ligavam nada àquilo, agora já ligam. Há muita gente aí a dizer para eu não deixar isto senão acabam... mas não posso fazê-lo sempre...”</p> <p>JMF-“ O que custa mais é arranjar pessoa para elas, logo as garotas, foi tão difícil, tão difícil!”</p> <p>JMF-“ ... Eu não os posso obrigar a irem... e até lhe digo mais, se algum dia estiverem aflitos... ainda sou capaz de ir desenrascar, para a fazerem.”</p> <p>Dª M-“ No tempo delas das duas mais velhas as danças estavam completamente abafadas.” (paradas).</p> <p>JMF-“Começaram outra vez em 1958, e eu desde aí que estou nelas. Ouve uma temporada boa, depois o professor é que tomou conta delas até que as deixou parar mais 12 ou 13 anos... foram uns anos bons, ainda! Depois comecei eu a estar à frente e até hoje nunca mais acabei... e já lá vão 53 anos... eu comecei quando o Vaz Preto (Pai) fez a festa”.</p> <p>Acerca da possibilidade de melhoramento da melodia, da afinação:</p>	

Tabela 7 (cont.)

	Identidade legitimadora	Identidade de resistência	Identidade de projeto
<p>Entrevista 5</p> <p>José Mendes Feio 80anos – dançante na Dança dos Homens.</p> <p>Maria bispo dos Santos, 78 anos–assistente apenas e participa no arranjo e conceção da indumentária</p>	<p>Relativamente ao facto de as danças não saírem para exibições fora da aldeia e até mesmo do recinto onde pertencem ser exibidas: JMF-“ Isto foi uma oferta a Nossa Senhora não é para andarem lá por fora.... E são religiosas.... A promessa é nossa, à quatrocentos e tal anos. O povo nunca quis deixá-la! Sempre para frente com esta promessa.”</p> <p>Dª M-“ ... se deixar de haver as danças, é uma pena, porque não há nada igual na Beira Baixa... nem no país...”</p>	<p>Dª M-“ Ele não faz bem, porque o velhote que fazia isto, antes, nunca quis ensinar ninguém e este (atual) para lá andar, ainda foi difícil, porque ninguém queira ir, porque também ninguém sabia bem como era...”</p> <p>JMF-“ Não, não é assim. A melodia é a que tu tens na cabeça.”</p> <p>Acerca da possibilidade de os novos membros do grupo aprenderem o original que está retido da memória da Dª Maria e aprenderem a reproduzi-lo nas guitarras aprendendo assim a tocar guitarras: JMF-“ Isso é que era!”</p> <p>... .. mas acho muito bem haver mais pessoas, até para quando falta um...”</p> <p>Possibilidade de adaptar a dança e a musica a uma fase mais moderna:</p> <p>JMF-“ Oh, estão a mudar o quê? Não se pode mudar nada... isto é para ser feito tal e qual como elas estão... não se pode mudar nada, para mudar não!”</p> <p>Dª M- “... e as pessoas agora também gostam mais... As garotas de agora são mais modernas não se importam com as danças, mas as mais antigas agora até gostam mais, acho eu!”</p> <p>JMF-“ Este ano até estou admirado até na das tesouras houve gente ... precisava de 3 e apareceram 5....”</p>	<p>Contribuir para angariar outro tipo de rentabilidade económica para a aldeia e seu desenvolvimento:</p> <p>JMF-“ Não.... As pessoas que tem de vir vêm na mesma. Não, não.... Não é preciso isso, se acabarem não é por isso.”</p>

Tabela 7 (cont.)

	Identidade legitimadora	Identidade de resistência	Identidade de projeto
<p>Entrevista 5</p> <p>José Mendes Feio, 80 anos – dançante na Dança dos Homens.</p> <p>Maria Bispo dos Santos, 78 anos – assistente apenas e participa no arranjo e conceção da indumentária</p>		<p>Relativamente à resistência à alteração do nome da dança das virgens:</p> <p>JMF-“ Dantes não eram as “virgens” eram as 8 donzelas, porque foi feita com as 8 raparigas, filhas dessa senhora (Micaela)... Dantes eram donzelas, e quando puseram o nome de “dança das virgens”, deram um bocado de arrombo às moças, porque elas andavam lá, até por aí fora (quer dizer muito tempo) e agora quando chegam até ali a uma certa altura, vão-se logo embora... a época faz com que já não estejam como dantes (virgens) ... e não se sentem bem!”</p> <p>Dª M- “... Muitas delas também tinham medo da má-língua do povo e nem sequer queriam entrar nas danças com receio de serem descobertas (por já não serem virgens) e expulsas do grupo. Escusam-se logo a fazer a dança.”</p> <p>JMF-“Não achamos nada bem, andar lá por fora a mostrar. Mas gora já não vamos a mais nenhuma, a última foi a Fátima. O Homem que nos recebeu da federação, veio a estar comigo e perguntar de estamos federados, eu disse que sim, desde início.... Começou a implicar com a farda ser diferente e tudo mais.... Cheguei cá e disse logo a todos que queria riscar-nos da federação...”</p> <p>JMF-“A culpa foi do Professor (Gardete, antigo ensaiador e impulsionador das danças) se ele nunca se tem lembrado de as federar, nós nunca saía-mos ... a federação é que nos anda sempre a chamar! “</p> <p>JMF-“ Era para ser feito ali, viradas para a Igreja e com a porta da igreja aberta, a gente agora é que não respeita nada!”.</p> <p>JMF-“ Já houve uma altura em que corriam aa aldeia toda a dançar em frente ás portas dos festeiros e do Vaz preto agora não... voltou ao normal ... sempre foi para ser feita no adro da igreja e é aí que deve continuar a ser feita ... Dançavam era em todo o lado e já andava tudo farto de ver as danças.... Assim, como está agora é que deve ser. Ainda houve um ano em que fomos ao palco. Mas ninguém aplaudia e ainda faziam pouco, sabe como é, há gente que não é religiosa.... E então acabou-se com aquilo e agora é só ali no largo da igreja porque é ali que pertence. E pronto acabou-se!”</p> <p>JMF-“ Enfim, olhe se acabarem... Enquanto houver vontade elas continuarão.”</p>	

Tabela 8

	Identidade legitimadora	Identidade de resistência	Identidade de projeto
<p>Entrevista 6</p> <p>Assunção</p> <p>Marcelino - 60 anos – dançante e ensaiadora na Dança das virgens. Julho de 2011</p>	<p>D^a A- “Não se consegue a festa sem as danças porque esta festa é feita derivado a esta dança, porque esse casal o Timóteo e Micaela que tinha aquelas 8 filhas. Não havia cá esta festa, foi derivado à praga dos gafanhotos que já tinham destruído tudo aqui nos arredores, e este casal como era muito abastado era dos que vivia melhor, ao verem aquilo, fizeram a promessa a Nossa Senhora. Já existia a Nossa Senhora dos Altos Céus, Isto foi uma graça, um agradecimento que lhe fizera, e aquele casal prometeu que nos 3^{os} Domingos de Maio se faria a festa, porque os gafanhotos foram morrer todos à porta da Igreja.”</p> <p>D^a A-“ é hereditário, vem dos nossos antepassados, quer dizer, foi com uma crença tão grande, com uma fé tão grande que esta festa foi dedicada, pelo grande milagre que se deu...”</p> <p>D^a A-“ a gente agarrou-se de uma maneira que não conseguimos desligar.”</p> <p>D^a A-“ Toda agente anseia por aquele domingo de Maio, a gente esta cá mesmo agarrada, aquilo é nosso.”</p>	<p>D^a A-“... aqui há uns 6, 7 anos quase sempre chovia nos dias da festa e as pessoas, algumas sugeriam que se mudasse a festa para Agosto. Mas o povo de uma maneira geral, não deixava, nem ninguém deu um passo para se mudar... ninguém permitiu que mudasse é no 3^o domingo de maio e pronto! É assim que é e é assim que fica!”</p> <p>D^a A-“..... nem bocadinhos, os minutos que dedicamos a isto, nos fazem falta nenhuma ... parece que naquela hora... não sei descrever bem, aquela hora é tão sagrada, tão sagrada que tudo se esquece! Por mais que se corra faz-se tudo para que aquela hora esteja livre só para aquilo, para aquele momento.”</p> <p>D^a A-“... não quero que esta tradição morra, muito menos por minha causa. Acho que devemos dar continuação, que foi isso que a gente também já encontrou...”</p> <p>Acerca do fator desertificação as causas atribuídas serem a ida dos jovens para a faculdade:</p> <p>D^a A-“ Uma delas vai para a universidade este ano e anda muito triste. Há 8 anos que anda comigo mas em primeiro lugar esta a vida dela...”</p> <p>Outra grande causa de desertificação é o facto de não haver terrenos na lousa para vender:</p> <p>D^a A-“... Só no povo, casas pequenas, muitos casais foram embora comprar terreno e construir em outro lado.”</p>	<p>Referem haver uma família na lousa detentora de todos os terrenos e bem matérias para poder dar um impulso ao desenvolvimento económico da lousa, mas:</p> <p>D^a A-“ O Vaz Preto tem tanto e tudo abandonado....ele não é muito aberto a propostas, fecha-se. Já fizeram a festa e onde se vêm mais é no ato religioso. Desde o tempo dos pais, deitam as colchas, são muito religiosos sempre presentes, mas só nessas alturas religiosas.”</p> <p>D^a A “não há projetos nem quem invista nisso ... é mesmo fé, só fé! Vão-se renovando coisas necessárias para a festa e há ainda outra coisa, parte do dinheiro angariado nas festas é aplicado na igreja...”</p>

Tabela 8 (cont.)

	Identidade legitimadora	Identidade de resistência	Identidade de projeto
<p>Entrevista 6</p> <p>Assunção</p> <p>Marcelino - 60 anos – dançante e ensaiadora na Dança das virgens. Julho de 2011</p>	<p>D^a A-“ Mas é assim, isto é uma coisa que a gente tem tanto dentro de nós.”</p> <p>D^a A-“... achei graça... mal cheguei, reconheci logo o traje, no meio de tantos aquele distingue-se!”</p> <p>Acerca da possibilidade da festa religiosa sem as danças:</p> <p>D^a A-“ Ai... isso nem pensar! a festa sem danças não é festa...”</p> <p>D^a A-“... nós somos os representantes de uma tradição que é de todos.”</p> <p>D^a A-“ Era uma honra ser escolhida para as danças, toda a gente queria participar.”</p>	<p>D^a A-“, ... a população cada vez é menos, mas mesmo que a gente não consiga fazer a parte festiva e profana do acontecimento, a parte religiosa nunca se vai deixar de fazer... a minha mãe dizia muita vez... “quando não se pode fazer com arcos faz-se com o loureiro”, antigamente quando se começou também eram feitos os enfeites com arcos do campo, mas pronto... faziam-nos... “</p> <p>D^a A-“ Eu tenho certeza que se a festa fosse mudada não tinha o valor que tem”.</p> <p>Sobre a possibilidade de deixar inovar e modernizar as danças face às necessidades globais:</p> <p>D^a A-“ Não nem pensar! acho que perdia o sentido e a intenção que lhe queremos dar, não se pode mexer... Ouve situações que nós não encaramos nada bem a do Azeite Galo por exemplo!” (ler entrevista numero pagina)... queria descaraterizar o nosso propósito.....</p> <p>D^a A-“ ... aquilo caiu-me tão mal que fiz lá um pé-de-vento... não deixei.”</p> <p>D^a A-“... eu prefiro perder o tempo e as despesas que nos levaram ali, do que perder as tradições de tantos anos da minha terra... se querem como é, é! se não querem acabou!...</p> <p>D^a A-“ Eu tive de mandar parar não vamos trair a tradição que temos dos nossos antepassados...eu não deixo.... é por isso que eu digo, que mudanças nem pensar!...”</p>	<p>D^a A-“, nós somos os representantes de uma tradição que é de todos. Temos de estar agregados a alguém”.</p>

Tabela 8 (cont.)

	Identidade legitimadora	Identidade de resistência	Identidade de projeto
<p>Entrevista 6</p> <p>Assunção</p> <p>Marcelino - 60 anos – dançante e ensaiadora na Dança das virgens. Julho de 2011</p>		<p>Perante mais um adversidade que se prende co o facto de o tocador não comparecer sempre que é necessário e não tocar a melodia na perfeição.</p> <p>D^a A-“... Isso é um sofrimento.... Muito grande...”</p> <p>D^a A-“ O Tó Gil quando cisma que não toca não toca e nessas alturas temos de dançar a toque de cassete, ou eu canto, pronto são estas coisinhas que nos faltam e que são chatas...”</p> <p>Acerca de possíveis adaptações á melodia a fim de a modernizar ou apenas melhora-la:</p> <p>D^a A-“ Por mim para lhe ser sincera gosto mais como está... só que uma coisa bem tocada..... Que não é o caso! O Antigo tocador, esse sim!”</p> <p>D^a A-“ Mas temos aí um problema se virem pessoas novas.. por um lado acho bem e concordo virem pessoas ensinar os miúdos, ma so pior é que o tó Gil pode levar a mal e depois ficamos mesmo sem tocador...”</p> <p>D^a A-“... pronto isto mexe comigo, eu queria ter tudo perfeito, mas eu sei que não pode ser assim....Mas fico doente com estas coisas.”</p> <p>D^a A-“ temos de estimar quem esta connosco, quando mais porque não há...”</p> <p>D^a A-“ ...são estas passagens que doem mas que ainda dão mais valor a isto.”</p> <p>Relativamente á parte profana da festa:</p> <p>D^a A-“... Ali a barraca dos indianos parece-me muito mal mesmo ali no largo da igreja onde tudo se passa tão religioso... misturada com aquele cenário lindo que envolve o espaço físico da festa, o adro a decoração das ruas com as flores destoa ali uma barraca...”</p> <p>D^a A-“... Os comes e bebe ainda vá, as pessoas estão ali para se divertirem e onde há diversão há comida e bebida... mas a barraca ali não gosto tem de se dar uma solução a isso e ir para outro lado, não digo que não esteja lá... pagam para lá estar...Mas agora é as pipocas e essas porcarias todas.... No meu tempo não era assim... eu nem acho bem nada disso... Mas tem de ser...mas não queremos deixar avançar a ideia de esta festa se transformar numa festa turística.... Isso não!”</p> <p>D^a A-“ A parte das danças mantem-se desde sempre igual e aí é proibido mexer...”</p> <p>A propósito de as raparigas serem “virgens” ou não:</p> <p>D^a A- “Hoje se fossemos olhar a isso que seria desta tradição!</p>	

Tabela 9

	Identidade legitimadora	Identidade de resistência	Identidade de projeto
<p>Entrevista 7</p> <p>José Teles Chaves - 60 anos, atual Presidente da Junta de Freguesia da Lousa. Setembro de 2011</p>	<p>Acerca de um episódio onde foram pedidos direitos de autor á junta de freguesia pro colocarem publicidade as danças da lousa no cartaz da festa:</p> <p>JT-“ Nesse ano os indivíduos queriam obrigar-nos a pagar direitos sobre as danças tradicionais. Fiz la um pé-de-vento... então se nos obrigam a pagar direitos de autor, queremos saber quando é que nos pagam a nós, por isto ser tão nosso e de nos pertencer tão genuinamente. Mas desde sempre puseram em causa ao facto de isto ser mesmo nosso...”</p> <p>JT-“ Para os miúdos e no meu tempo de miúdo, aquilo era... sei lá qualquer coisa transcendente.”</p> <p>JT-“ Consideram que estão a pecar se não fizerem a festa a Nossa Senhora, segundo a origem e o compromisso que vêm de mil seiscentos e tal“</p> <p>JT-“ Hoje em dia encaram mais a situação como um bem que chegou até nós e que representa uma situação muito antiga e consideram isto como património cultural da freguesia. Digamos que é o nosso cartão-de-visita e sem dúvida nenhuma que é, quer a festa quer as danças tradicionais.”</p> <p>JT-“... Isto é uma situação que está muito enraizada nas pessoas” (relativamente à festa a Nossa Senhora)...”</p>	<p>JT-“ Esta festa é aqui na zona das poucas que se mantem um carinho especial por parte da população e mantem-se com algum esforço, inclusivamente.”</p> <p>JT-“ Ultimamente o número de residentes está a diminuir e as faixas etárias a tornar-se muito baixas e por isso mesmo tem-se notado um esforço grande de todos os filhos da Lousa, que moram fora e que se resignam ao fato de virem cá na altura da festa, como festeiros, a fazer a festa. “</p> <p>JT-“ Houve aí um ano em que não houve festeiros mas ainda assim não deixaram cair isto. Juntaram-se algumas pessoas e fizeram uma festa na mesma.”</p> <p>JT-“ Há uns anos atrás comecei a ficar um pouco preocupado, ainda nem estava na junta, com o destino da festa... Começamos a ver que as pessoas eram poucas, a nossa tradição só deixava que casais que morassem cá na terra e com uma vida económica estável pudessem fazer a festa... pessoas que não morassem cá e que não tivessem cá casa não podiam fazer... isso estava a deixar-me ficar preocupado.”</p> <p>JT-“ Mas entretanto houve aí um ano que começaram a nomear festeiros, pessoas que já saiam fora deste normativo que foi obrigatório durante todos estes anos. E as pessoas aceitaram bem!”</p> <p>JT-“ O Padre Castanheira teve uma importância bastante grande. Até há 15, 20 anos atrás, o conceito da festa era o festeiro homem.”</p> <p>JT-“ As mulheres não tinham participação na festa ativamente, estavam mais sujeitas à logística da casa, às lides da casa. Ao longo dos anos o conceito muda, o festeiro não é o homem, é a família e nota-se que as mulheres já participam mais ativamente na festa.”</p>	<p>JT-“ eu defendo que as nossas danças fora da festa ficam fora de contexto... é uma dança que não é um racho, tem de estar contextualizada e com uma determinada envolvente, para que pudesse de alguma forma ser geradora de receitas teriam de ser tomadas um conjunto de medidas para criar esse ambiente e essa envolvência.”</p> <p>JT-“ eu vejo por exemplo programas de Tv feitos cá na zona nomeadamente em castelo branco que trazem grupos e artistas de todos os géneros e culturas variadas distintas no entanto as nossas danças nunca constam. A própria camara não esta mentalizada para isto...” JT-“ eu farto-me de batalhar nisso.”</p> <p>JT-“ condecorar 3 pessoas ligadas às danças. E fi-lo no ano passado no domingo da festa uma e uma das coisas que disse lá, foi que dada a importância destas danças a Junta estará sempre disponível para coloca-las ao serviço de um plano mais abrangente de turismo e a camara municipal estava lá e nada!”</p>

Tabela 9 (cont.)

	Identidade legitimadora	Identidade de resistência	Identidade de projeto
<p>Entrevista 7</p> <p>José Teles Chaves - 60 anos, atual Presidente da Junta de Freguesia da Lousa. Setembro de 2011</p>	<p>JT-“ eu defendo que as nossas danças fora da festa ficam fora de contexto... “.</p> <p>JT-“Eu não tenho dúvidas que as nossas danças são um produto cultural genuíno não é fabricado... é do povo das origens, das mentalidades...”</p> <p>JT-“ Nós temos, inclusivamente ido a muitos lados e somos sempre muito bem recebidos porque aquilo é diferente...”</p> <p>JT-“... para mim, o que interessa mais não é a parte religiosa da festa, o que importa mais é a parte cultural, a cultura a etnografia, a antropologia, os hábitos, costumes e tradições.”</p> <p>JT-“... nota-se que a altura da procissão e o recolher da nossa senhora à igreja representa um marco.... Quer a gente queira, quer não.”</p> <p>JT-“ Mas aquele bocadinho, ali, representa toda a nossa tradição todas as nossas raízes tudo aquilo que somos...”</p> <p>JT-“ As pessoas que estão nas danças têm de sentir mesmo senão não estariam lá.”</p> <p>JT-“ Sentirão apenas o dever de, sendo Lousence dar continuidade a uma tradição...”</p>	<p>JT-“... os solteiros viúvos e divorciados neste momento ainda não fazem parte das comissões de festas. Mas o que mais custa é abrir um precedente, não quer dizer que isso não venha a acontecer.”</p> <p>JT-“Antigamente por exemplo, quando o meu sogro e o meu pai fizeram a festa, tinham de dar acolhimento durante a semana à banda, acordeonistas, 2 bandas naquela altura, pessoal da pirotecnia, da iluminação, dos enfeites... As festas faziam-se com 5 ou 6 festeiros, eram cento e tal pessoas divididas pelos festeiros, durante todos os 4 dias que durava a festa-“</p> <p>JT-“ Era ali uma semana daquilo! Muito complicado! Daí a necessidade de as pessoas terem cá a casa...”</p> <p>JT-“ Hoje em dia acabou, as pessoas já vão para os hotéis... a gente paga... As bandas já não têm esse problema, vêm e vão no mesmo dia... a comida vem o restaurante servir, ao clube... quando era miúdo todas as casas tinha um forro grande e então enchia-se o sótão com colchoes e “enchergas” de palha e aquela gente dormia lá todos ao monte. Hoje em dia era impossível por as pessoas nessas condições.”</p> <p>JT-“... a própria modernidade já permite outras coisas que antigamente não permitia.”</p>	<p>JT-“ condecorar 3 pessoas ligadas às danças. E fi-lo no ano passado no domingo da festa uma e uma das coisas que disse lá, foi que dada a importância destas danças a Junta estará sempre disponível para coloca-las ao serviço de um plano mais abrangente de turismo e a camara municipal estava lá e nada!”</p> <p>JT-“ A divulgação é uma coisa, mas ativar o turismo é um processo diferente...!”</p> <p>JT-“ Estas coisas têm forçosamente de partir do pelouro da camara municipal.”</p> <p>JT-“ Assim, desse modo, poderia trazer muitos benefícios para a nossa Lousa... agora só a festa em si, nos moldes em que está, não é viável...não acredito.”</p> <p>JT-“a Junta de freguesia candidatou-se a um projeto de financiamento o “ProDeR - Programa de Desenvolvimento Rural, através da medida Conservação e Valorização do Património Rural. Este programa é financiado pelo Estado Português e pela Comunidade Europeia e visa a dinamização das zonas rurais e a melhoria da qualidade de vida das suas populações. Assim sendo a Junta de Freguesia recebeu uma verba que lhe permitiu renovar o guarda roupa quer das danças tradicionais quer do grupo de teatro da aldeia, assim como armários equipamento de som-microfones sem fios e instrumentos musicais, são alguns dos equipamentos já adquiridos nesta primeira fase e que será benéfico.”</p>

Tabela 9 (cont.)

	Identidade legitimadora	Identidade de resistência	Identidade de projeto
<p>Entrevista 7</p> <p>José Teles Chaves - 60 anos, atual Presidente da Junta de Freguesia da Lousa. Setembro de 2011</p>	<p>JT-“...é engraçado falar com elas quando entram e depois quando saem.”</p> <p>JT-“ Saem com pena e o sentimento é diferente, relativamente à importância que representa para elas.”</p> <p>JT-“A mãe de uma das miúdas mais novinhas diz sempre uma coisa interessante : “Elas agora não entendem mas depois vão entender”, e é verdade isso”.</p> <p>JT-“ Felizmente vão sempre aparecendo umas pessoas assim, como a Maria João e o Alexandre que depois tentam inculir estes espírito nas suas filhas e filhos”.</p> <p>JT-“ A Assunção o Sr. Zé, (que já entregou a chave, mas que se for preciso alguma coisa estará presente), felizmente temos tido, assim, pessoas que se agarram e vivem esta tradição e que á conta disso tem movido montanhas para a manter.”</p>	<p>Sobre como é sentido o ritual por parte de quem está envolvido e da +parte de quem não está:</p> <p>T-“ é um bocado pela questão da fé. Mas mesmo dentro da fé temos de dividir aqui as coisas um bocado. Se acontecer que a parte civil da festa, não se faça, com este pároco, de certeza que a parte religiosa seria feita na mesma. E neste momento com muita parte do povo a ajudar. “</p> <p>JT-“Acontece também, que muitos desses casais são tão católicos quanto eu, o que não quer dizer que não tenham fé”. Eu defendo as danças e a festa da lousa como ninguém, mas E sou dos mais defensores desta situação, eu exteriorizo muito valorizando essa situação, agora não quer dizer que eu a interiorize para mim próprio. Eu vejo todo este aspeto do ponto de vista cultural e não como aspeto religiosos e de fé.”</p> <p>“Ainda em relação à questão do reaproveitamento da festa para poder incentivar o desenvolvimento local. Existe uma questão que é fundamental para explicar essa possibilidade. Nos dias da festa há uma preocupação constante de as várias empresas (pequenas que existem cá assim como as instituições como por exemplo a União Lousence, de nos dias da festa não tirar a clientela à festa... não sei se esta a perceber onde quero chegar! Eles entendem que a festa tem de se sustentar de sobreviver sozinha sem prejuízo. Logo essa perspectiva de rentabilizar a festa para desenvolver localmente a região demoraria a implementar, porque é uma questão de mentalidade percebe?”</p>	<p>JT-“ O Sr. Vaz Preto e o atual bispo marcelino, juntamente um com o outro falaram em fazer a festa nesse ano, e combinaram fazer um livrito que servisse de guião”.</p> <p>JT-“... aquilo representa uma espécie de bíblia... Já se editaram montes de livros daqueles.”</p> <p>JT-“ Há tb o livro do Sales viana onde as danças tem uma representação significativa, este senhor apaixonou-se pelas nossas danças... e mesmo recortes e fotografias.... O sales viana também deu muita divulgação a isso.”</p> <p>JT-“ O professor Gardete tb deu um grande impulso...”</p> <p>JT-“ de então para cá... o antigo presidente da junta, sempre acarinhou as danças no sentido de os levar aqui e ali e por ai fora...”</p> <p>JT-“ mas a divulgação a serio começou tb no dia 2 de janeiro de 2002. Quando e coloquei aquele site na internet...”</p> <p>JT-“ No ano de 2006 José alberto Sardinha e mais 2 ou 3 etnólogos nacionais também vieram cá...”</p> <p>JT-“... já se editou um livro, livro já se está a fazer um dvd. Temos folhetos de divulgação vários...”</p>

Tabela 10

	Identidade legitimadora	Identidade de resistência	Identidade de projeto
<p>Entrevista 8</p> <p>Sr. Padre António Castanheira - 48 anos, pároco na freguesia da Lousa)em funções na Lousa desde 1993, há 18 anos. Entrevista em Julho de 2011</p>	<p>Relativamente às danças:</p> <p>Sr. PC-“ ...Observo um empenho normalíssimo, assumido interiormente pelas pessoas que o fazem, apenas por não perder uma coisa, mas também por querer manter o dever devocional, das danças à Virgem Maria.”</p> <p>Sr. PC-“ Não se verificou grande diferença ao longo destes anos.”</p> <p>Sr. PC-“ A minha leitura pessoal tem a ver com pessoas que participam, são pessoas cujo modelo cultural é guiado por modelos de fé, que adquiriram na família, princípios que estão profundamente enraizados, genuínos e que fazem parte deles próprios e que fazem parte dos valores que entranharam.”</p> <p>Sr. PC-“ Não é como se fosse uma medalha que depois se arruma ao fim do dia. É algo que estava lá dentro e com que se convive pacificamente e com que se vive interiormente.”</p> <p>Sr. PC-“ a minha sensação é que, de facto, as pessoas foram entranhando essa cultura muito interiorizada e que a vivem com naturalidade.”</p> <p>Sr. PC-“A festa da Nossa Senhora dos Altos Ceus é inesquecível para qualquer pessoa que nela participa.”</p>	<p>Sr. PC-“ Noto uma coisa que é a qualidade dos que têm aquele desempenho, nomeadamente as crianças. Tem-se vindo a degradar, por falta de pessoas capazes de a fazer.”</p> <p>Sr. PC-“ Se há 17 anos havia por onde escolher, hoje em dia é preciso um bocado de jeito junto das famílias para que aceitem participar.”</p> <p>Sr. PC-“ Não é um problema motivacional é mesmo de falta de população jovem.”</p> <p>Sr. PC-“... a evolução das praticas ritualistas não se nota, especialmente, porque as pessoas mantêm-nas culturalmente. O Problema é que depois não têm muito a quem as passar. As gerações futuras? Não há essas gerações futuras...”</p> <p>Sr. PC-“ ...à exceção de meia dúzia de famílias que estão agora na idade deles (Rosalina e Alexandre) e que fazem parte desta geração que deveria estar nesta altura (em linguagem popular) a dar cartas.”</p> <p>Sr. PC-“ na nossa catequese paroquial, juntamos as crianças todas de uma uma vez e são 6 ou 7 de uma vez, ao todo em 10 anos, dos 6 aos 16. Portanto não é muito fácil do ponto de vista da formação cultural religiosa.”</p>	<p>Acerca da possibilidade de as entidades locais investirem papel na criação de algum modo de combater a desertificação, nomeadamente com a ajuda das danças:</p> <p>Sr. PC-“ Não, não vejo que as danças possam ser um ponto de âncora para desenvolvimento económico. Não, ponto final!”</p> <p>Sr. PC-“ Aliás, a cultura não dá dinheiro nem é um chamariz para o desenvolvimento económico, a não ser que tenham uma marca muito, muito grande.”</p> <p>Sr. PC-“ Aliás as danças da lousa, são um nicho, muito nicho, não quer dizer que não tenham valor.”</p> <p>Sr. PC-“ É preciso de facto muito investimento e passar isso a uma marca muito grande, para poder ter algum desenvolvimento económico, Não, não tem essa capacidade, essa potencialidade, na minha perspectiva não têm porque é de facto uma coisa muito restrita.</p> <p>A saída que têm feito, em encontros de folclore e de caracter etnográfico tem sido uma mais-valia na sua”</p> <p>Sr. PC-“ Relativamente a publicações escritas e estudos poder-se-á, sim, também fazer muito mais. Talvez nessas festas que se fazem por aí, levar as danças como cartaz de espetáculo seria também produtivo para a divulgação”</p>

Tabela 11

	Identidade legitimadora	Identidade de resistência	Identidade de projeto
<p>Entrevista 9</p> <p>Alexandra Capinha – 40 anos –, Natural da Lousa residente em Castelo Branco. Nunca participou nas danças, mas participa ativamente na festa.</p> <p>João Miguel Capinha – 44 anos- Natural da Lousa residente em Castelo Branco. Não participante</p> <p>António Justino – 41 anos- Natural da Lousa residente em Castelo Branco.. Não participante.</p> <p>Paula Justino - 41 anos. Natural da Lousa. Não participante.</p> <p>Entrevista em Julho de 2011</p>	<p>TJ-“ Sinto o ritual como meu.”</p> <p>TJ-“ Não creio que se faça alguma vez a festa sem as danças, porque a origem é toda neste estilo que se iniciou. A partir daí é que se desenvolveu o resto, ou seja, o ponto principal é a dança e tudo se desenvolve à volta dessa situação.”</p> <p>TJ-“ Aquela devoção a paixão com que as pessoas fazem e a preocupação que algumas têm em arranjar elementos para que a tradição não se perca é muito forte... Agora no íntimo o que é que isso me toca? Taca!.... É difícil descrever o que sinto, mas sei que toca muito, não há uma palavra que descrevam.”</p> <p>Acerca de as danças estarem a ser exibidas no espaço de identidade próprio em frente à igreja, o que sente:</p> <p>TJ-“ Ahh sim! aí sim! Nesse especto não tenho dúvidas, que aquilo é meu também.”</p> <p>AC-“ Eu não penso que a festa seja um obrigação transferida para nós pelos nossos antepassados, toda a vida vi isto, e sempre quis fazer a festa e sempre achei que devia fazer, e chegou a minha altura e eu fiz porque assim tinha que ser, não achei obrigação nem injusto ter de fazer algo que não fui eu que prometi. E sempre foi assim, sempre vi fazer e sempre achei que tinha de fazer...”</p>	<p>TJ-“ Quem chega ali e vê e não sabe nada sobre aquilo não dá valar, só dá valor quem sabe a história, ou entende nem que seja uma parte da história.”</p> <p>Relativamente ao facto de aperfeiçoar e melhorar a qualidade técnica da musica que acompanha as danças:</p> <p>MC-“ ... sou da opinião que se deveria melhorar a qualidade a volume do som, juntar a tecnologia de hoje ao que é feito lá... mas, penso que se forem mexer muito e alterar muito descaracterizam o efeito pretendido. Poderá perder o simbolismo autentico que tem. Não há necessidade de mexer.”</p> <p>TJ-“ Penso que alterar isso, ou seja, inserir uma melodia naquela dança, diferente, iria alterar as características.”</p> <p>TJ-“ No fim de contas a história da dança dos homens foi uma tentativa de prestar uma homenagem a Nossa Senhora e fizeram-nos com os meios que tinham, ou seja, eram pessoas simples do campo que decidiram também dar a sua prestação, modifica-lo penso que seria mau.”</p> <p>MC-“ Aquilo é tal e qual como, o passo a palavra, quem conta um conto... aumenta sempre um ponto!”</p> <p>MC-“ Ninguém quer mexer na música, mas melhorar a qualidade do som sim. A musicalidade ao longo dos tempos já sofreu pequenas alterações, porque os tocadores são diferentes. Mas mantê-la o mais fielmente igual ao original é sempre a luta que se pretende.”</p>	<p>Acerca do facto de as danças poderem vir a contribuir para o desenvolvimento económico da lousa de alguma maneira:</p> <p>TJ-“ Não de modo nenhum!”</p> <p>TJ-“ Devíamos divulgar mais a festa, isso acho que sim, divulgar mais.”</p> <p>MC-“ Sim, poderia ser mais divulgada para se começar a ver a Lousa com outros olhos ...”</p> <p>MC-“ Aí sim, mas a finalidade da festa nunca é divulgada. Até temos patrocínio nos 3 jornais locais e esses preocupam-se com a intenção e explicação do porquê da festa, mais das danças... mas mais que isso não acontece. Agora se isso pudesse ir a outros níveis,... o que poderia vir atrás disso? Não sei.”</p> <p>Acerca da gestão e possibilidade de a festa a Nossa senhora vir de lagum modo a ser tomada em mãos como um projecto benéfico para o desenvolvimento económico da lousa:</p> <p>MC-“ ... ninguém faz uma festa daquelas para ganhar dinheiro, o intuito da festa não é esse, nunca foi ”</p>

Tabela 11 (cont.)

	Identidade legitimadora	Identidade de resistência	Identidade de projeto
<p>Entrevista 9</p> <p>Alexandra Capinha – 40 anos –, Natural da Lousa residente em Castelo Branco. Nunca participou nas danças, mas participa ativamente na festa.</p> <p>João Miguel Capinha – 44 anos- Natural da Lousa residente em Castelo Branco. Não participante</p> <p>António Justino – 41 anos- Natural da Lousa residente em Castelo Branco.. Não participante.</p> <p>Paula Justino - 41 anos. Natural da Lousa. Não participante.</p> <p>Entrevista em Julho de 2011</p>	<p>AC–“... não fazer a festa a nossa a senhora já me iria tocar, é uma sensação diferente...”</p> <p>MC–“ Em termos de visão sentimental eu não sou tão ligado àquilo. Respeito Não vejo todos anos. “</p> <p>MC–“Gosto da procissão, emociona-me como espetador, mas não sinto provavelmente como sentem os que fazem parte ou outras pessoas mais crentes que eu, certamente. As danças não me emocionam, apenas o recolherem da Nossa Senhora. A Procissão diz-me mas as danças não em dizem tanto.”</p> <p>TJ–“ A alma daquilo não é a alma musical a alma daquilo é a presença e aquilo que o Alexandre disse o cumprir a promessa em frente á igreja... Com pessoas sem pessoas, com música ou sem música....”</p> <p>TJ–“ Aquilo podia ser feito sem ninguém a assistir. A pessoa que o fez, fez com uma intensão pessoal.”</p> <p>TJ–“As meninas que por lá passam, nem sempre sabem, a função exata que envolve aquilo. Muitas delas passaram por lá sem saber exatamente isso. Mas já há muitas agora, que sim, que já começam a ter noção da importância daquilo e que sentem profundamente já o que estão ali a fazer.”</p>	<p>TJ–“ O problema que ali reside e que eu vejo como prioritário é a continuação da “coisa em si”, com afinação ou sem afinação ... eles antigamente não sabiam música e havia uma pessoa que tentou embelezar a parte musical apenas.”</p> <p>TJ–“ Mas não foi essas a finalidade da música naquele ritual, a finalidade é outra e passa pelo sentido que está por detrás daquilo tudo que nós vemos.</p> <p>TJ–“ Penso que a questão de estarmos a aprimorar muito a música se calhar não se justifica, porque daqui amanhã suponhamos que o António Hermenegildo, o tocador das danças das Virgens, deixa de tocar, e que não tenhamos ninguém que saiba tocar os acordes? Será que justificará estar a contratar alguém para tocar aqueles acordes? Não sei se justificará a pessoa pode estar lá presente sem tocar que as meninas fazem a dança na mesma.”</p> <p>TJ–“ Entretanto, por uma questão de devoção, sempre quis fazer a festa, já tinha feito quando fui dos escuteiros sem qualquer objeção, entreguei-me de corpo e alma àquilo, sem qualquer interesse ou objetivo. Não foi só no sentido de que ela não findasse naquele ano, juntamos os escuteiros e a Junta de Freguesia (situação anteriormente relatada pela Rosalina na entrevista) e a malta toda junta levaram a bom porto aquilo a que nos propusemos.”</p>	<p>TJ–“ O que falta, realmente, é dar a conhecer mais um pouco a festa a Junta faz um trabalho notável, falta mais meios de comunicação... mas já houve mais trabalhos feitos. A Junta tem um papel muito importante, eu zelo um pouco pela angariação das meninas... para as motivar!”</p>

Tabela 11 (cont.)

	Identidade legitimadora	Identidade de resistência	Identidade de projeto
<p>Entrevista 9</p> <p>Alexandra Capinha – 40 anos –, Natural da Lousa residente em Castelo Branco. Nunca participou nas danças, mas participa ativamente na festa.</p> <p>João Miguel Capinha – 44 anos- Natural da Lousa residente em Castelo Branco. Não participante</p> <p>António Justino – 41 anos- Natural da Lousa residente em Castelo Branco.. Não participante.</p> <p>Paula Justino - 41 anos. Natural da Lousa. Não participante.</p> <p>Entrevista em Julho de 2011</p>	<p>TJ-“ Eu já contagiei a minha mulher que não é de lá, com aquele espírito que os envolve e ela já sente um pouco como nós.”</p> <p>TJ-“ Nossa Senhora do Altos Céus sempre me motivou, sempre me cativou, tanto o festivo como o não festivo.”</p> <p>TJ-“ Quanto ao testemunho e à passagem de geração da dita promessa, sim, isso acaba por ser connosco, está enraizado como a alegoria da caverna em que aquilo que nós temos e que faz parte de nós chega a uma altura da vida em que todos vamos passar por lá. Como da mesma forma se faz o batismo, casamento a comunhão para nós foi mais um passo, da mesma forma se daqui a um futuro próximo venham a nomear os nosso filhos e nós por trás estaremos para os empurrar, agora pronto é uma vivência....”</p> <p>Relativamente a passagem de testemunho aos filhos e as gerações vindouras de uma forma geral:</p> <p>TJ-“Passa-lhe ao lado... nós temos lá um sentimento, eles ainda não... com o tempo e provável que lhes venham a ter esta perceção diferente daquilo. Quando o cérebro dele tiver outra fisionomia, outro molde, acabam por se render e adotar uma tradição que é deles também.”</p> <p>TJ-“Quanto às danças e á participação nas danças, eles diriam que não queriam, tem a ver com o facto de nós não termos participado. A nossa envolvência no ato de participar poderá estar na base de não lhes conseguirmos passar a vontade de eles também participarem. Ouve ali uma entrega e uma zona que não nos envolveu a nós, por isso não nos diz tanto. Se falar com a minha mãe já não fala assim, porque já dançaram...”</p>	<p>Quanto ao futuro da festa:</p> <p>TJ-“ Prevejo que num futuro muito próximo aquela festa de comes e bebes irá terminar, mas que evidente, num futuro a seguir a questão das danças, quase de certeza... e no futuro um pouco mais distante talvez se mantenha apenas a parte religiosa. A procissão.”</p> <p>TJ-“ Não vamos ter população para o fazer, nas próximas 3, 4, 5 década, não vejo perspectivas para que possam haver pessoas para o fazer, poderá haver uma urbanização ou outra, mas nunca número de pessoas que justifique a vontade de fazer manter esta tradição.”</p> <p>TJ-“ Os nosso filhos poderão querer, sei lá..... Não sabemos, não.... A festividade pagã terminará muito em breve! Infelizmente, eu vejo isso assim... “</p>	

Tabela 11 (cont.)

	Identidade legitimadora	Identidade de resistência	Identidade de projeto
<p>Entrevista 9</p> <p>Alexandra Capinha – 40 anos –, Natural da Lousa residente em Castelo Branco. Nunca participou nas danças, mas participa ativamente na festa.</p> <p>João Miguel Capinha – 44 anos- Natural da Lousa residente em Castelo Branco. Não participante</p> <p>António Justino – 41 anos- Natural da Lousa residente em Castelo Branco.. Não participante.</p> <p>Paula Justino - 41 anos. Natural da Lousa. Não participante.</p> <p>Entrevista em Julho de 2011</p>	<p>TJ–“São coisas que não se devem deixar morrer...Nota-se nas entrevistas das crianças que dançam a diferença de discurso, a faixa etária faz enraizar e aprofundar o sentimento. A mãe da Joana pressionou-a bastante porque, lá está, a mãe já foi das danças... é o feeling que têm dentro delas e que move montanhas...”</p> <p>PJ–“ A festa nunca foi comigo, descobri a festa muito tarde há 17 anos que cá estou, mas explicar o que me faz fazer e estar na festa é uma sensação que não dá para explicar, principalmente a procissão que é no Domingo, não dá para explicar o que eu penso e o que sinto quando estive lá... Eu fiz a festa porque eu quis, não foi promessa nenhuma, mas que se sente alguma coisa sente-se! Achei que em sentia bem a fazê-la, e se não a fizesse não me iria sentir bem... mas o porquê desses sentimento é difícil de explicar.”</p>		

Tabela 12

	Identidade legitimadora	Identidade de resistência	Identidade de projeto
<p>Entrevista 10</p> <p>André Chiato- 17 anos. Tocador e dançante na dança dos homens. Natural e residente da Lousa</p> <p>Samuel Mendes – 20 anos, dançante na dança dos homens. Natural e residente da Lousa.</p>	<p>AC- “ A dança é importante na festa , faz parte da tradição e a festa não é festa sem as danças.”</p> <p>SM- “ É uma tradição de há muito tempo e por isso tem a sua importância. Apesar de sermos novos, temos de dar continuidade não podemos deixar acabar.”</p>	<p>SM- “ Eu entrei este ano, há pouco tempo e também há falta de pessoal, e é mais por causa disso, mas já conhecia as danças.”</p> <p>SM- “ ... não há gente interessada em falar nisso nem em participar...”</p> <p>SM- “ Sim, vou tocar e aprender. Enquanto aqui estiver.”</p>	

Anexo II

Categoria II: Coesão Social

Tabela 13

Coesão Social do Povo da Lousa	
<p>Descrição 4</p> <p>(Procissões e momentos religiosos da festa a Nossa Senhora dos Altos Céus) em 14,15 e 16 de Maio de 2011</p>	<p>“Algumas janelas abertas deixam espreitar o rebuliço da preparação de mais um almoço em família recheado de iguarias.”</p> <p>“Depois do almoço reúne-se o povo à porta da igreja para dar continuidade aos acontecimentos de mais um dia pleno de festa.”</p> <p>“O ambiente nestes dias é de partilha completa, até os santos coabitam na mesma casa fazendo companhia à cúmplice nossa senhora dos altos céus homenageada nestes 3 dias de intensa atividade ritualista.”</p>
<p>Descrição 6</p> <p>(Momento do adeus á virgem) em 15 de Maio de 2011</p>	<p>“É um momento de coesão muito forte onde os laços de fé se fundem com sentimentos pessoais transmissíveis ao longo de toda uma serie de gerações originando manifestações emocionais absolutamente dignas de registo.”</p> <p>“Por todo este terreiro, em frente à igreja, se vêm rostos embebidos numa emoção que é de cada um, mas que fundidos num só geram um sentimento de comunhão entre todos os que a ela assistem...”</p> <p>“Dizem-lhe adeus, renunciam aqui á sua presença por mais um ano, este sentimento é partilhado quando ao levantarem os lenços brancos deixam transparecer uma saudade que acaba já de começar.”</p> <p>“...mas visivelmente é inconfundível o momento de comunhão que ali se vive naquele terreiro.”</p>
<p>Descrição 11</p> <p>(Dança das virgens – exibição publica em 15 de Maio de 2011</p>	<p>“Um momento forte de comunhão atravessa aquele terreiro atingindo todos o que ali estão presentes, até mesmo os curiosos entram no espirito e não proferem ruido algum.”</p>
<p>Descrição 12</p> <p>(Dança das homens – exibição publica em 15 de Maio de 2011</p>	<p>“Estão reunidos naquele local muitas das entidades locais de relevo como sejam o presidente da camara municipal de castelo branco o presidente da junta de freguesia da lousa, a vereadora da cultura da camara municipal de castelo branco entre outras. Assim como quase todos os filhos da terra e outros que assistem apenas por curiosidade e interesse”.</p> <p>“Entre discursos e conversas assim se deu por encerrado este dia de suma importância por motivos variados para este povo da Lousa que mais uma vez retribui agradecendo à sua Santa Padroeira e protetora e de cuja bênção não prescindem.”</p>

Tabela 14

Referencias a fortes Momentos de Coesão Social do Povo da Lousa	
<p>Entrevista 4</p> <p>Rosalina Barata, 41anos– Ex dançante na Dança da Virgens.</p> <p>Alexandre Barata, 42anos– dançante e tocador na Dança dos Homens.</p> <p>Maio de 2011</p>	<p>RB -“No tempo do meu pai, todas as pessoas, ranchos, conjuntos, os senhores da iluminação e enfeites da festa iam comer a casa dos festeiros. Cada festeiro tinha a sua despesa ...”</p> <p>RB -“Eram 15 dias de festa.”</p> <p>RB -“A minha mãe chegou a ter 16 pessoas à mesa nos dias da festa. Eu não fiz a festa dessa maneira, quando foi a minha vez já era diferente, eu gostava era assim como foi no tempo do meu pai. Embora se tivesse muita despesa e trabalho havia mais convívio e união nestes dias entre as pessoas.”</p> <p>RB -“Depois fiz eu a festa em Mas não foi como das outras vezes naquela ano só havia um festeiro para fazer a festa. E nós, o grupo de escuteiros, achamos que poderíamos ajudar bastante para não ser uma sobrecarga muito grande para aquele festeiro sozinho. Então, juntamos o grupo e pensamos “não, a festa a Nossa Senhora não vai deixar de ser feita. Vamos falar com a junta e ver no que nos pode ajudar e nem que não seja 5 dias pelo menos 3 terá de ser”... e assim foi correu muito bem.”</p> <p>RB - “Não tivemos conjuntos, mas fizemos a festa na mesma e também foi divertida.”</p> <p>RB - “Hoje em ia esta a perder-se um pouco, quase que nem é preciso gente para ajudar, contrata-se um restaurante e vem servir as pessoas todas. Eu acho que não é muito justo este modo, porque é mais um modo de exploração do povo e sobrecarregar mais ainda o povo com despesas. Para além de que se perde, completamente, aquele convívio de antigamente. Os festeiros agora nem têm trabalho é só para se mostrarem, não há entajuda, nem a responsabilidade que movia as pessoas em conjunto.”</p> <p>Relativamente ao momento em que dançam em conjunto:</p> <p>AB - “É um espetáculo, dançamos, mas com aquela garra de atuar em condições para mostrar aquilo que a gente tem na nossa freguesia, para mostrar aquilo que temos.”</p> <p>RB - “Ali no adro não é para mostrar porque quem esta ali a ver já conhece e bem e também tem o gosto que lhes vem de dentro e dos antepassados, e muitas das pessoas que lá estão também fizeram parte das danças e por isso também têm aquele sentido de Não sei”</p> <p>AB - “Há qualquer coisa ali naquele local, um chamariz, ou chamamento... Quando chega aquela hora do fim da procissão, do recolher da procissão, as pessoas já não vão embora, sabem que... se vai passar ali uma coisa muito bonita e forte.”</p>

Tabela 14 (cont.)

Referencias a fortes Momentos de Coesão Social do Povo da Lousa	
<p>Entrevista 4</p> <p>Rosalina Barata, 41anos– Ex dançante na Dança da Virgens.</p> <p>Alexandre Barata, 42anos– dançante e tocador na Dança dos Homens. Maio de 2011</p>	<p>Acerca de o facto de entre eles e em comum sentirem algo que as outras pessoas que não sejam da Lousa não podem sentir:</p> <p>AB- “Sim, só um olhar entre nós diz tudo...”</p> <p>Relativamente à dança das tesouras:</p> <p>RB- “Às vezes há homens que já fizeram a dança á muitos anos atrás e que depois lá vão para recordar... e nós entramos na brincadeira...”</p> <p>RB -“Eu acho que o nosso povo sente igual a nós naquela hora sente-se, há ali uma vibração qualquer, ... o nosso povo na hora de dançar está ali em cima da gente com muito sentimento...”</p> <p>RB -“Sim.... Estamos muito ligados uns aos outros.”</p> <p>Acerca de A coesão social estende-se aos imigrantes e aos que saem da lousa por motivos pessoais:</p> <p>RB -“Eles estão todo ano fora, vêm em Agosto, mas temos alguns emigrantes que são fieis a virem, nem que seja só naquele fim-de-semana da festa e sentem a ligação porque se calhar já foram ouvidos pela nossa senhora.”</p> <p>RB -“Sem serem os festeiros há muita gente envolvida e, nas flores, nos andores, nas toalhas... etc muito voluntariado... temos a procissão no sábado, vamos buscar os santos a casa deles e leva-los para junto de Nossa Senhora.”</p> <p>RB -“No dia da festa, temos a procissão com a padroeira e na segunda-feira vamos leva-los a casa deles. É como que uma tradição que demora 3 dias, é uma partilha geral, as pessoas estão envolvidas nestes 3 dias... sentem que têm de ir buscar os santos para o grande dia até os santos convivem e coabitam nesse dia.”</p> <p>RB -“Eu levo as flores do meu jardim e todas as pessoas levam as delas e contribuem para isso. A procissão nem passa à minha porta nem aqui, nem no povo, e até do serviço eu trouxe flores e fui leva-las à igreja, às pessoas que enfeitam e disse “olhem aqui está o meu contributo” As pessoas empenham-se que é uma coisa doida!... As colchas nas janelas e atiram-se flores à passagem da procissão.”</p> <p>AB- “É uma honra, é um momento que é único e comum e vive-se intensamente.”</p>

Tabela 15

Referencias a fortes Momentos de Coesão Social do Povo da Lousa	
<p>Entrevista 5</p> <p>José Mendes Feio, 80 anos – dançante na Dança dos Homens.</p> <p>Maria Bispo dos Santos , 78 anos– Não participante.</p> <p>Julho de 2011</p>	<p>Dª M- “... toda a gente empresta ouro... as raparigas iam enfiadas com o ouro das pessoas da aldeia “.</p> <p>JMF- “Podem dizer isto e aquilo mas está a ver ... naquela altura da dança, cai ali tudo, toda gente vai, vê e gosta. Dizem que não vão... mas vão...”</p>

Tabela 16

Referencias a fortes Momentos de Coesão Social do Povo da Lousa	
<p>Entrevista 6</p> <p>Assunção Marcelino- 60 anos – dançante e ensaiadora na Dança das virgens. Julho de 2011</p>	<p>Acerca de numa das saídas haver a possibilidade de a ensaiadora não poder estar presente:</p> <p>D^aA – “Não imagina elas a olhar para todos os lados, porque eu prometi: “estai descansadinhas que eu se não estiver, quando vocês chegarem, eu hei de chegar... não imagina o rosto delas, quando em virem! Todas a contarem tudo ao mesmo tempo daquilo que se estava ali a passar ... isto diz tudo.”</p> <p>D^aA – “Mesmo os Lousences que estão espalhados, ninguém se esquece deste dia,... ninguém se esquece! Os que estão no estrangeiro vêm quase sempre nesta altura da festa e se não vêm, mandam dinheiro, dão prendas, é rara a pessoa que se esquece. É uma coisa tão querida, tão sagrada para nós!...”</p> <p>D^aA – “É a favor da igreja, entra nos lucros da festa tal como as outras barracas de comes e bebes. Na altura da minha mãe a carmesse já se fazia só que com coisas da horta ... o borrego, as alfaces, o feijão, a batata Quando podia, a pessoa dava um copo, uma caneca, pronto... sempre houve uma ajuda para a festa...”</p>

Tabela 17

Referências a fortes Momentos de Coesão Social do Povo da Lousa	
<p>Entrevista 7</p> <p>José Teles Chaves - 60 anos, atual Presidente da Junta de Freguesia da Lousa. Setembro de 2011</p>	<p>JTC- “Esta festa a Nossa Senhora dos Altos Céus tem tido sempre, e mantém um carinho especial por parte da população e mantem-se com algum esforço, inclusivamente.”</p> <p>JTC- “ Ultimamente o número de residentes está a diminuir e as faixas etárias a tornar-se muito baixas e por isso mesmo tem-se notado um esforço grande de todos os filhos da Lousa, que moram fora e que se resignam ao fato de virem cá na altura da festa, como festeiros, a fazer a festa. Esta festa que leva quase um ano inteiro a preparar.”</p> <p>JTC- “ No domingo de pascoa que antecede a festa, os festeiros aproveitam o facto de as famílias estarem juntas com os elementos que vem de fora e dão uma volta, depois do almoço, pelo povo a pedir essa esmola...faz-se no domingo de Pascoa a prolonga-se todos os domingos até à festa de Maio e todos colaboram.”</p> <p>JTC- “Houve aí um ano em que não houve festeiros mas ainda assim não deixaram cair isto. Juntaram-se algumas pessoas e fizeram uma festa na mesma. Isto é uma situação que está muito enraizada nas pessoas e manter esta situação é muito mais importante que os lucros.”</p> <p>JTC- “Eles, normalmente aplicam o dinheiro em beneficio da freguesia. Por exemplo a comissão de festa do ano transato, aplicou o dinheiro que sobrou na construção de uma casa de banho que serve a festa e a capela mortuária... benefícios da freguesia ou bens para o centro de dia de idosos, etc, depois apresentam as contas publicamente.”</p> <p>JTC- “As festas faziam-se com 5 ou 6 festeiros, eram cento e tal pessoas divididas pelos festeiros, durante todos os 4 dias que durava a festa.”</p> <p>JTC- “Isto era, incrivelmente, uma logística enorme, cada festeiro com esta gente toda em casa tinha de ter ali um batalhão de gente a trabalhar para manter as coisas como deve ser. Era a família toda, uma parte a trabalhar na festa e outra em casa a fazer comidas e camas, limpeza, para conseguir alimentar e albergar toda aquela gente.”</p> <p>JTC- “Se acontecer que a parte civil da festa, não se faça, com este pároco, de certeza que a parte religiosa seria feita na mesma. E neste momento com muita parte do povo a ajudar.”</p>

Tabela 17 (cont.)

Referencias a fortes Momentos de Coesão Social do Povo da Lousa	
<p>Entrevista 7</p> <p>José Teles Chaves - 60 anos, atual Presidente da Junta de Freguesia da Lousa. Setembro de 2011</p>	<p>JTC- “Um ponto muito alto que engloba a sociedade, as danças, a fé a religião a parte profana, é a procissão... indo culminar numa manifestação coletiva, num momento único. Eu não sei, se virem nas filmagens nota-se que a altura da procissão e o recolher da nossa senhora à igreja representa um marco...”</p> <p>JTC- “Mas aquele bocadinho, ali, representa toda a nossa tradição todas as nossas raízes tudo aquilo que somos...”</p> <p>JTC- “De certa maneira, há aqui certos momentos comuns, que nos tocam. Eu acredito que esta geração da minha idade, ainda tenha alguns sentimentos deste género, porque ainda foram criados na situação mais antiga em que a fé movia a festa.”</p> <p>JTC- “Esta situação que vou referir podemos agradecer ao Vaz Preto pai , porque foi festeiro naquele ano juntamente com o meu pai.... nesse ano o Sr. Vaz Preto e o atual Bispo Marcelino, juntamente um com o outro falaram em fazer a festa nesse ano, e combinaram fazer um livrito que servisse de guião... (livro amarelo) feito pelo Padre Marcelino aquilo representa uma espécie de bíblia... foi esse o primeiro livrinho de divulgação feito sobre as danças.... Já se editaram montes de livros daqueles... há tb o livro do Sales Viana onde as danças tem uma representação significativa, este senhor apaixonou-se pelas nossas danças e pelas adufeiras e como tinha alga influencia nos meios de poder da altura conseguia leva-las a todo o lado do pais... ao presidente aos desfiles de trajés... e mesmo recortes e fotografias.... O sales viana também deu muita divulgação a isso. O professor Gardete também deu um grande impulso... e de então para cá... o antigo presidente da junta, sempre acarinhou as danças no sentido de os levar aqui e ali e por ai fora... mas a divulgação a serio começou também no dia 2 de janeiro de 2002. Quando e coloquei aquele site na internet... no dia em que aquilo entrou na internet ele faleceu.... E somos muito mais solicitados presentemente... entretanto vim para a junta em 2006 temos mantido as condições de facilitar as deslocações apesar das despesas que isso acarreta. Fez-se o modelo que também serve de divulgação... a inauguração do museu... nesse mesmo ano o José alberto sardinha 2 ou 3 etnólogos nacionais também vieram cá... a toirar mais relatos... já se editou um livro já se esta fazer um dvd. Já temos folhetos de divulgação vários... Todos em conjunto tentamos manter e levar isto até onde nos for possível.”</p>

Tabela 18

Referências a fortes Momentos de Coesão Social do Povo da Lousa	
<p>Entrevista 9</p> <p>Alexandra Capinha – 40 anos –, Natural da Lousa residente em Castelo Branco. Nunca participou nas danças, mas participa ativamente na festa.</p> <p>João Miguel Capinha – 44 anos- Natural da Lousa residente em Castelo Branco. . Não participante</p> <p>António Justino – 41 anos- Natural da Lousa residente em Castelo Branco.. Não participante.</p> <p>Paula Justino - 41 anos. Natural da Lousa. Não participante.</p> <p>Julho de 2011</p>	<p>TJ- “Sim, existe sim. Há uma enorme partilha e união, porque as meninas das danças, por exemplo, apresentam-se ornamentadas com muito ouro. Todo esse ouro é emprestado pelas pessoas próximas, vizinhas etc... e há ali um compromisso verbal, nada escrito. Cada pessoa cede o seu ouro, só para que a menina vá como deve ser.”</p> <p>TJ- “Sim, a união que a aldeia tem! Vê-se pelas pessoas que vêm de Lisboa e de França e que não se vão embora sem assistir às danças. Vêm pela fé, pela Nossa Senhora mas não vão embora sem antes assistirem às danças.”</p> <p>TJ- “Não, não há interesse económico e se vir, tiro fotografias, partilho as fotos com toda a gente e ofereço, nada de interesse económico.”</p> <p>Acerca da festa ajudar a tornar a população mais coesa ligada por uma tradição comum:</p> <p>AC- “Exatamente. Mas se alguém paga a festa, posso dizer que é o povo da Lousa. Nem que seja na esmola, nas prendas que compram, não é o povo de fora que lá vai comprar as prendas da carnesse, há pessoas que até compram prendas para oferecer no ano seguinte. Até tenho a sensação que são as mesmas. O povo é mesmo muito unido”.</p>

Anexo III

Categoria III: Ritual e Performance

Tabela 19

Aparato Visual Exterior da Dança das Tesouras					
	Expressão Facial e Corporal e Sentimental	Movimentação no espaço	Vestuário/Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade técnica e sons ordinários
<p>Discrição 2</p> <p>Ensaio da dança das tesouras dia 13 de Maio de 2011</p>	<p>“A forma da peça nestes ensaios é aleatória, terminam quando o mandador a der por terminada com um simples gesto ou palavras.”</p>		<p>“Fala-se do vestuário a usar no dia da apresentação na festa mas ainda não estão vestidos a rigor.”</p> <p>“ Lenço branco sim ou não? a camisa branca? Calça preta? Parece que aqui todos estão de acordo...”</p> <p>“O Sr. Zé Mendes ainda explica aos presentes que antigamente era um pouco diferente.”</p> <p>“As crianças também andavam sempre vestidas com os casacos ao contrário, porque eram casacos de lã, mas presentemente usam um colete de pele de ovelha .”</p>		<p>-“Todo o ruído que preenchia o espaço da sala de ensaios desapareceu nesse instante, lugar a dança que durou cerca de 7 minutos.”</p> <p>“A forma da peça nestes ensaios é aleatória, terminam quando o mandador a der por terminada com um simples gesto ou palavras proferida discretamente por entre as oficiais que constituem as quadras.”</p> <p>“As vozes fundem-se novamente e instala-se o tal ruído ensurdecedor onde nos perdemos ao tentar encontrar informações precisas sobre algum comentário em concreto.”</p> <p>“Ainda assim os ensaiadores lamentam com profunda tristeza” quando eu morrer isto acaba...”</p> <p>“Ao serem proferidas estas palavras um silêncio ruidoso ecoa nos nossos ouvidos...”</p> <p>“Estas discussões são acompanhadas do ruído das tesouras que nas mãos dos seus utilizadores parecem estar vivas não conseguindo manter-se fechadas e em silêncio... assim como várias onomatopeias de ovelhas, ...”</p> <p>“E novamente as tesouras, as crianças, a aparelhagem atestar o som, os presentes em diálogos misturados de assuntos, cruzados na sua significância...”</p>

Tabela 20

Aparato Visual Exterior da atuação dos conjuntos e bailaricos					
	Expressão Facial/C/S	Movimentação no espaço	Vestuário/Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade técnica e sons ordinários
<p>Descrição 7</p> <p>Conjunto e bailarico em 14,15 e 16 de Maio de 2011</p>	<p>“Rostos felizes daqueles que por ali passam, denunciam a harmonia e clima de festa que se vive na aldeia. A ansiedade no rosto do jovens e os olhares cúmplices entre eles, mostram-nos que se vivi ali, naquele local, um momento de diversão plena de bem estar partilha e comunhão.”</p> <p>“O conjunto faz intervalo. Alguns manifestam aparente desagrado, outros porém vão a correr em direção à carmesse que os aguarda mais um ano fielmente.”</p>	<p>“Falam muito alto, falam em murmúrios e riem. Simultaneamente as crianças que se fazem acompanhar pelo seus progenitores proferem gritos surdos de significado, acompanhados de movimentos em circulo e correrias desenfreadas. “</p> <p>“O baile começa, a música da aparelhagem que fazia o fundo musical deste cenário, dá lugar aos primeiros acordes das guitarras dos músicos como que para chamar a tenção de todos, informando que o baile vai começar. A este sinal todos se calam e todos prestam atenção expecta curiosidade”</p> <p>“Muitos deles entregam as crianças ao “vizinho do lodo para ir dançar uma modinha”. x “As crianças também querem dançar e fazem-no descoordenadamente ao som da música.”</p>	<p>“Chegam à festa durante o dia, ostentando aparatosas carrinhas, ornamentadas com imagens referentes ao seu desempenho, carregadinhas de material sonoro que aguarda uma tarde inteira de trabalho para ser montado.”</p> <p>“As raparigas chegam em grupo, vestidas com roupas das lojas da moda com um género muito parecido. O adereço comum a todas é o telemóvel sem o qual não passam 5 minuto”</p>	<p>“O baile não se realiza junto ao adro da igreja mas sim na parte de trás desta, por uma questão de respeito à virgem.”</p> <p>“Aproximam-se do recinto e ai aguardam, num visível ritual de movimentos próprios da idade.”</p> <p>“Mantem-se em grupos de mãos nos bolsos, alguns com uma cerveja na mão a olharem as belas raparigas que se encontram à sua volta.”</p>	<p>“Sussurram risadinhas subtis, assuntos que lhes diga respeito, próprios da sua tenra idade, onde ainda é o coração que comanda a vida.”</p> <p>“O vocalista do conjunto vai anunciando as musicas que vão interpretando, umas inéditas outras não.”</p> <p>“Falam muito alto, falam em murmúrios e riem. Simultaneamente as crianças que se fazem acompanhar pelo seus progenitores proferem gritos surdos de significado, acompanhados de movimentos em circulo e correrias desenfreadas.”</p>

Tabela 20 (cont.)

Aparato Visual Exterior da atuação dos conjuntos e bailaricos					
	Expres.Facial/C/S	Movimentação no espaço	Vestuário/Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade técnica e sons ordinários
<p>Descrição 7</p> <p>Conjunto e bailarico em 14,15 e 16 de Maio de 2011</p>		<p>“Muitos deles entregam as crianças ao “vizinho do lado para ir dançar uma modinha”.</p> <p>“As crianças também querem dançar e fazem-no descoordenadamente ao som da música.”</p> <p>“Outras danças com adultos... as avós também querem dançar a puxam a amiga mais próxima para dar o seu passinho.”</p> <p>“Alguns pares de dança desistem á entrada de um novo tema ou pelo contrario correm, sempre que vem, um novo e que lhes agrada.”</p> <p>“Há muito movimento neste espaço, as pessoas circulam, conversam em grupos em roda , o barulho é ensurdecedor, todos gritam para se fazer ouvir, os rostos estão unidos na tentativa de perceber o que o vizinho do lado esta a dizer. Tarefa difícil, esta, de dizer alguma coisa a alguém naquele recinto.”</p> <p>“A noite vai-se arrastando, assim, pela madrugada... começam a notar-se os primeiros sinais de cansaço e alguns abandonam o local em direção às suas apetecíveis camas.”</p> <p>“O conjunto faz intervalo. Alguns manifestam aparente desagrado, outros porém vão a correr em direção à carnesse que os aguarda mais um ano fielmente.”</p> <p>“O adro da igreja passa novamente a estar povoado de gente que ali se mantem em animadas conversa com uma visível boa disposição.”</p> <p>“Horas em que os músicos dão por terminada a atuação e o baile. Ficam os resistentes já em grupos estreitos e já com alguns copos bebidos.”</p>		<p>“O adro da igreja passa novamente a estar povoado de gente que ali se mantem em animadas conversa com uma visível boa disposição.”</p> <p>“O recinto está sujo, pespegado de objetos jogados no chão pelos mais distraídos, copos vazios pontualmente decoram o chão.”</p>	<p>“O baile começa, a música da aparelhagem que fazia o fundo musical deste cenário, dá lugar aos primeiros acordes das guitarras dos músicos como que para chamar a tenção de todos, informando que o baile vai começar. A este sinal todos se calam e todos prestam atenção expectantes de curiosidade.”</p> <p>“Ouve-se musica, outra vez, mas da aparelhagem que se cala logo que o megafone do leiloeiro começa a entoar as primeiras palavras.”</p> <p>“Voz mais aguda se faz soar, uma gargalhada furtiva preenche, o que começa a ser, o silencio daquela aldeia que recolheu um a um os seus habitantes rendidos por um cansaço pleno de satisfação e conforto. ...”</p>

Tabela 21

Aparato Visual Exterior Carmesse					
	Expressão Facial e corporal e sentimental	Movimentação no espaço	Vestuário/Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade técnica e sons ordinários
Descrição 8 Carmesse em 14,15 e 16 de Maio de 2011	<p>“Vestidas a rigor para mais uma noite de bailarico e nos seus saltos altos encaminham-se alegremente de sorriso estampado no rosto ...”.</p> <p>“Por outro lado e olhando para alguns, a sua expressão facial manifesta supressa pelo elevado valor que determinadas oferendas adquirem.”</p> <p>“O salto alto que ostentam provoca-lhes dores nos pés e costas, deixando “descair” um encolher de ombros como se estivessem resignadas à sua condição de servidoras da carmesse...”</p> <p>“As senhoras apressam-se rumo à carmesse ... aparentando alguma ansiedade pala curiosidade...”</p>	<p>“A sua atividade inicia-se (durante os três dias), sempre que o conjunto e o baile fazem intervalo.”</p> <p>“As senhoras apressam-se rumo à carmesse ... aparentando alguma ansiedade pala curiosidade de serem surpreendidas com os brindes que estão expostos....”</p> <p>“As senhoras, encaminham-se alegremente Para ver ou até mesmo, participar desta atividade que já faz parte das suas vivências desde que se lembram de existir.”</p>	<p>“As senhoras, Vestidas a rigor para mais uma noite de bailarico e nos seus saltos altos encaminham-se alegremente...”</p> <p>“O salto alto que ostentam provoca-lhes dores nos pés e costas...”</p>	<p>“A carmesse tem um lugar de honra no recinto da festa.... E constituída por umas grades em madeira que perfazem um circulo que envolve umas outra bancada central no interior onde são colocados só artigos oferecidos.”</p> <p>“Destes constam todos os géneros e estilos de produtos, desde eletrodomésticos garrafas de bebidas, bibelôs, peluches e bijuteria... “</p>	<p>“Cá atrás ouvem-se gritos, risos e até discussões amigáveis sobre o valor dos produtos expostos...”</p> <p>“Ouvem-se, assim, em sussurro os desabafos dos mais indignados...”</p> <p>“-Vamos lá e esta ninguém dá mais?” Entre graçolas, pregões, quadras e frases soltas, lá se vai levando a cabo esta tradição que tem o único som que envolve esta atividade é mesmo o megafone do “leiloeiro” de serviço. A restante sonoridade é compostas por motivos pontuais, mas simultâneos, provindos de cada um dos que li estão assistir.”</p>

Tabela 21 (cont.)

Aparato Visual Exterior Carmesse					
	Expressão Facial/Corporal e sentimental	Movimentação no espaço	Vestuário/ Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade técnica e sons ordinários
<p>Descrição 8</p> <p>Carmesse em 14,15 e 16 de Maio de 2011</p>		<p>“É noite e raros são os presentes na festa que não estejam de algum modo ali, a ver a ouvir, e a participar naquele aparato “comercial”.</p> <p>“Os homens mantêm-se um pouco mais atrás, quais cavalheiros dando lugar às suas damas, mas são, ainda assim, os que mais se manifestam quando se trata de licitar...”</p> <p>“Os mais jovens, ... vão embora agrupar-se em conversas paralelas típicas dos seus interesses”</p>		<p>“A comissão de festas elaborou com primor um espaço próprio e volante, em contraste aos anos anteriores, onde o espaço físico era organizado de improviso como que para “desenrascar”... nesta nova organização, colocaram orgulhosamente em letras bem visíveis a frase “</p> <p>“Lá dentro do simulado estabelecimento, as festeiras não têm mãos a medir, correm para um lado e para o outro sempre que um produto é dado ao seu arrematado...”</p> <p>“De referir que este espaço móvel tem lugar de honra na envolvência física da festa, ou seja está situado na parte de baixo, lateral esquerda do adro da igreja. Essa zona é destinada à “atividade comercial” da festa, onde se encontra o restaurante, o bar, barracas de pipocas e gelados.”</p>	

Tabela 22

Aparato Visual Exterior da Dança das Tesouras					
	Expressão Facial e corporal e sentimental	Movimentação no espaço	Vestuário/Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade técnica e sons ordinários
<p>Discrição 9</p> <p>Dança das tesouras dia 16 de Maio de 2011</p>	<p>“É visível o seu contentamento. Quer pela expressão facial sorridente e traquina que apresentam como pela postura física inquieta e/ou irrequieta que manifestam”.</p> <p>“Nos seus inocentes rostos está estampado o espanto e a alegria de virem a ser protagonistas de um feito daquela envergadura... a sua gritaria é tanta que os membros mais velhos do grupo queixam-se da sua indisciplina e mostram-lhes má cara...”</p> <p>“Ouvem-se vozes de adultos, por todos os lados.”</p> <p>“Nota-se tristeza no seu olhar e um certo ar de impotência, sobre tamanha contrariedade.”</p> <p>“Perde o seu carácter religioso ganhando, imediatamente, uma exteriorização menos comedida das emoções de bem estar e felicidade.”</p>			<p>“Entro na sala, abafada e silenciosa.</p> <p>“... dar início ao tão esperado ensaio que fica guardado durante um ano naquelas paredes velhas e desgastadas pelo tempo.”</p> <p>“É nesta sala, onde as paredes são testemunhas da grande vontade de vencer as barreiras do tempo e as contrariedades dos tempos modernos, que todos estes sons, ruídos, barulhos, harmonias e desarmonias, se unem e se transformam numa melodia harmoniosa de tradição, cultura e perseverança de um povo que dela respira a sua identidade...”</p>	<p>“irão colocar, desta vez, coisa rara nos anos anteriores, uma aparelhagem de som, a fim de amplificar a sonoridade das guitarras e das violas beiroas que são engolidos normalmente pelo murmurar das vozes na rua e também pelo forte timbre das genebres.”</p> <p>“Até começarem a dançar o ruído que se faz sentir na sala é ensurdecedor...”</p> <p>“Os senhores da ESART a testar o som, as vozes estridentes das crianças...”</p> <p>“Falam todos ao mesmo tempo...”</p> <p>“Começam a ser proferidas as primeiras quadras da canção/lengalenga que serve de base musical às danças.”</p> <p>“As quadras são interpretadas uma a uma, sendo que, há um solista que as faz soar e seguidamente proferidas pelo “tutti” dos dançantes, em laia de repetição.”</p> <p>“Os passos ritmados e as tesouras a abrir e a fechar, marcam uma pulsação, sonante de vida, que alimentam as voltas e contravoltas que dão corpo ao tão desejado visual pretendido.”</p>

Tabela 22 (cont.)

Aparato Visual Exterior da Dança das Tesouras					
	Expressão Facial e Corporal e sentimental	Movimentação no espaço	Vestuário/Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade técnica e sons ordinários
<p>Discrição 9</p> <p>Dança das tesouras dia 16 de Maio de 2011</p>	<p>“Público ri e manifesta, claramente, sinais de diversão opostos ao ar solene com que acompanham e /ou assistem aos rituais do dia anterior.”</p> <p>“Os rostos dos que assistem são agora risonhos já que os dançantes estão constantemente a interagir com o público de modo a incentivar a participação deste no ritual.”</p>	<p>“Uma forma jocosa, alegre e muito bem disposta, assistindo a mais uma das tradicionais danças, únicas na nossa região.”</p> <p>“As danças das tesouras que não se realizam no domingo por não terem origem religiosa.”</p> <p>“São consideradas pelos seus praticantes e pelos Lousences em geral com danças de trabalho.”</p> <p>“São 6 homens colocados em duas filas.”</p> <p>“Após este movimento surgem ao centro, ao lado do pau, as ovelhas- crianças vestidas com casaco de pelo de ovelha que passam a correr entre as tesouradas simuladas pelos dançantes, sempre ritmicamente organizados nos movimentos de pés e tesouras.”</p> <p>“Alguns mais extrovertidos ainda arriscam passar por baixo das tesouras afiadas”</p>	<p>“As vestimentas são diferentes das outras danças.”</p> <p>“Vestem calça preta, sapato preto, camisa branca e um lenço branco à volta da testa simbolizando o lenço que seca o suor do trabalho árduo que irão ter pela frente.”</p> <p>“Envergam apenas um objeto na mão, uma tenaz do lume que simboliza a tesoura da tosquia das ovelhas.”</p>		<p>“O mandador que comenda a dança entoando uma melodia cuja letra refere, para além do trabalho que estão a executar, alusões a nossa senhora dos altos céus, assim como às mulatinhas da baía, (talvez, segundo alguns autores proveniente dos tempos dos descobrimentos e do tráfego de escravos para a europa) ...”</p> <p>“Os passos das danças são em ritmo de marcha acompanhados pelo batimento das ditas tesouras.”</p> <p>“Alguns mais extrovertidos ainda arriscam passar por baixo das tesouras afiadas, suscitando sonoras gargalhadas gerais.”</p>

Tabela 23

Aparato Visual Exterior da Entrega da Festa				
Expressão Facial/Corporal e sentimental	Movimentação no espaço	Vestuário/ Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade técnica e sons ordinários
<p>Discrição 9 Entrega da festa, no dia 16 de Maio de 2011</p>	<p>“Este ritual é engraçado por ser muito alegre, enérgico, bem disposto e anula completamente o carácter solene do momento vivido anteriormente.”</p>		<p>“Com passo acelerado lá vão em direção à primeira casa da lista de nomeados.”</p> <p>“Este percurso é longo, afinal os festeiros são 8 e as casas de cada um ficam espalhadas pelos 4 cantos da aldeia.”</p> <p>“Quando termina a correria reúnem-se em frente à igreja, lugar de honra nas cerimónias oficiais de aldeia, e frente a frente os antigos e novos festeiros passam oficialmente a pasta aos novos festeiros...”</p>	<p>“Aos festeiros atuais junta-se a banda e marchando ao ritmo da musica seguem em “procissão” (desta vez profana), batendo palmas...”</p> <p>“A aceitação da festa faz-se anunciar na aldeia inteira porque atrás da banda segue um fogueteiro que após cada “sim” lança um foguete que serve de aviso a toda a população de que a festa já não fica sem quem a organize no ano que vem...”</p> <p>“Este ano ouviram-se 6 foguetes dos 8 que estavam destinados.”</p> <p>“Se ouve a música popular vinda da aparelhagem mais o ruído das vozes e notas soltas da banda, que ainda por ali está a organizar-se para partir, desta vez até para o ano que vem.”</p>

Tabela 24

Aparato Visual Exterior da Garraçada					
	Expressão Facial/C/S	Movimentação no espaço	Vestuário/Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade técnica e sons ordinários
<p>Discrição 10</p> <p>Garraçada</p> <p>dia 16 de maio de 2011.</p>	<p>“Rostos ansiosos aguardam esbaforidos de calor pelo tão esperado momento. A ansiedade é visível.”</p> <p>“Existe um certo desespero no seu comportamento, quer pela espera quer pelo próprio desconforto da posição em que aguardam...”</p> <p>“Os mais velhos, ainda que, com menos energia que os rapazes de 20 anos, querem à força toda, provar a sua, ainda, coragem e entregam-se à lide com todo o empenho que lhe é possível oferecer.”</p>	<p>“Finalmente começa o «lide» e valentes jovens e homens de média idade saltam para a arena”.</p> <p>“ Mal entram os bezerros, um de cada vez, a correria começa e é vê-los a trepar pelas tábuas que compõem a arena.”</p> <p>“No entanto, quando é largado, a sua fúria faz-se sentir e todos os homens se desviam bruscamente mas com alguma cautela, ficando o rabejador a andar de carrocel até cansar o animal.”</p>	<p>“... há, os que envergam, a rigor, uma vestimenta à laia de «toureiro a sério» com polainas de carneira, faixa encarnada a volta da cintura, bolero cintado preto e bota ribatejana, qual mistura de campino alentejano com toureiro espanhol.”</p> <p>“... apenas à volta, os mais precavidos de lenço na cabeça.”</p> <p>“Abanam-se com o que lhes vem à mão, “</p>	<p>“O espaço físico onde se desenrola a garraçada está organizado a preceito, improvisaram uma arena, dentro das possibilidades do meio envolvente, com tabuas, perfazendo uma zona circular mesmo atrás da igreja matriz e um tapete de palha espelhado por toda a área.”</p> <p>“ Estamos em maio e o calor faz-se sentir nesta terra da Lousa, mas ainda assim, dentro do recinto nada se passa, apenas à volta, os mais precavidos de lenço na cabeça”.</p>	<p>“Entre gargalhadas, suspiros, urros e vivas, lá se vai passando um bocado daquela tarde.”</p> <p>“ Todos dão palpites, todos falam ao mesmo tempo quer os que participam quer os que assistem. O ruído é ensurdecedor, uma mistura de timbres vocais com diferentes intensidades ecoam naquele recinto que envolva a igreja matriz.”</p> <p>“Neste momento a aparelhagem de som e o relator oficial da festa estão em silêncio, para que não haja distrações perante a exposição de tão nobre acontecimento. Os rapazes aproveitam para mostrar a sua valentia às raparigas e estas aplaudem.”</p> <p>“ Somente a meio do evento é que se começa a ouvir, proveniente da aparelhagem, uma melodia tipicamente associada às touradas ...”</p>

Tabela 24 (cont.)

Aparato Visual Exterior da Garraçada					
	Expressão Facial/C/S	Movimentação no espaço	Vestuário/Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade técnica e sons ordinários
<p>Discrição 10</p> <p>Garraçada</p> <p>dia 16 de maio de 2011.</p>	<p>“O rosto dos que assistem deixa transparecer uma certa nostalgia porque o divertimento acabou ou porque foram chamados à realidade.”</p>	<p>“Algumas mulheres também participam, sem fato a rigor, apenas pela curiosidade de experimentar tão interessante tarefa e pegam numa capa vermelha e dançam a medo em frente ao animal, até este desistir por lhe ter surgido outra em frente do focinho...”</p> <p>“Estonteado, não sabe para que lado se virar, afinal, todos querem dar o ar da sua graça baralhando os movimentos do bezerro.”</p> <p>“No final a confusão é geral, sons, ruídos e movimentos fundem-se num todo absolutamente desafinado.”</p>	<p>“...Valentes jovens e homens de média idade saltam para a arena envergando <i>ticherts</i> brancas alusivas ao tema. Exibem nas costas a silhueta de um feroz touro bravo. Calças de ganga, e um ou outro com o tal disfarce de toureio improvisado....”</p> <p>“Algumas mulheres também participam, sem fato a rigor...”</p> <p>“ Pegam numa capa vermelha e dançam a medo em frente ao animal.”</p>		<p>“Chamam o touro com assobios, com verbalizações próprias adotadas, quem sabe, naquele próprio momento.”</p> <p>“...Mais correrias e mais gargalhadas ecoam naquele local.”</p> <p>“ Todos aplaudem, ouvem-se vivas.”</p> <p>“No final a confusão é geral, sons, ruídos e movimentos fundem-se num todo absolutamente desafinado.”</p> <p>“ Ouvem-se gritos dos progenitores dirigidos às destemidas crianças, chamando-as para junto deles.”</p>

Tabela 24 (cont.)

Aparato Visual Exterior da Garraçada				
Expressão Facial/C/S	Movimentação no espaço	Vestuário/ Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade técnica e sons ordinários
<p>Discrição 10</p> <p>Garraçada</p> <p>dia 16 de maio de 2011.</p>	<p>“Passado algum tempo, a arena é evadida por uma multidão de gente. Até as crianças percorrem a arena gritando pelo animal mas... a uma distância considerável, não vá este tentar investir a sua fúria contra eles.”</p> <p>“ As raparigas continuam com afinco a desempenhar a sua tarefa de «toureiras a pé», e alguns dos destemidos rapazes sentam-se no chão rendido pelo cansaço, uma vez que o touro anda entretido a seguir os pontos vermelhos que giram à sua volta em movimentos estonteantes.”</p> <p>“O procedimento relativo ao ritual em questão repete-se mais umas quantas vezes até se dar por terminado o espetáculo.”</p>			<p>“E ouvem-se as respostas negativas dos mesmos, perante tal contrariedade. Toda a gente quer dar a sua opinião, todos se sentem com legitimidade para o fazer: ”</p> <p>“- é agora, é agora, é agora”...</p> <p>-“Ah valente!...”</p> <p>“Palmas e mais palmas, risos e mais risos.”</p> <p>“ De novo a música da aparelhagem faz soar um passo dobre digno de musicar credivelmente o momento.”</p> <p>“Ouvem-se algumas conversas paralelas providas dos que assistem na plateia.”</p> <p>-“ Está bem, está! não tinha medo quando era pequeno agora é que hei de ter!...”</p>

Tabela 25

Aparato Visual Exterior da Dança dos Homens – Ensaio em 13 de maio de 2011					
	Expressão Facial/C/S	Movimentação no espaço	Vestuário/Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade técnica e sons ordinários
<p>Descrição 1</p> <p>Ensaio da dança dos homens no dia 13 de maio de 2011</p>	<p>“Alguns dos presentes que assistem ao ensaio denunciaram-me a situação e em tom de reprovação referem.”</p> <p>“Os rapazes não querem, como têm de se vestir de mulher, pronto...”</p> <p>“O pior é que todos nós tivemos culpa, começamos a chamar raparigas para dançar e eles foram-se habituando, o que agrava cada vez mais a situação”,</p> <p>“Dantes não era assim e devia era ser como pertence”...</p> <p>“Todos os presentes ao ouvirem estas palavras manifestavam rostos descontentes perante tal contrariedade.”</p> <p>“A melodia destas palavras permite-nos perceber o profundo tom de lamentação com que são proferidas, assim como, o desânimo que emoldura o rosto daqueles que delas se servem não há sorrisos, não há distrações, tal como nas virgens... a solenidade do momento transborda religiosidade.”</p>	<p>“Conseguem estar 10 minutos num estado de concentração total a dançar.”</p>			<p>“O Tocador das genebres está a postos, envergando orgulhosamente o seu instrumento, relíquia rara no mundo da música popular no nosso país.”</p> <p>“Ainda cheio de orgulho refere ser ele o único executante, não conseguindo nenhum outro retirar a sonoridade que ele próprio consegue.”</p> <p>“O Sr. José Mendes (ensaiador) afirma” que mais ninguém o consegue tocar com tamanha destreza”.</p> <p>“Estes diálogos passam-se paralelamente ao ruído das jovens dançantes menores de idade e que estão aqui para representar os tímidos rapazes, que por terem de vestir saias recusam participar no ritual.”</p> <p>“Muito ruído a envolver estas conversas informais que vou gravando e pelo que soa no meu gravador constato que à minha volta há um mundo infinito de sons reveladores que se misturam e que todos eles estão relacionados com o ritual e com o que ele representa para estas gentes.”</p> <p>“Vou-me concentrando, ouço e re-ouço as gravações, alguns desses sons perdem-se pela polifonia da sua envolvência, provocando um vazio sonoro, de intenção, não me dando oportunidade de os decifrar individualidade.”</p>

Tabela 25 (cont.)

Aparato Visual Exterior da Dança dos Homens – Ensaio em 13 de maio de 2011					
	Expressão Facial/C/S	Movimentação no espaço	Vestuário/Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade técnica e sons ordinários
<p>Descrição 1</p> <p>Ensaio da dança dos homens no dia 13 de maio de 2011</p>	<p>“Nesta dança revelam uma expressão séria e receosa de errar no seu papel de fulgurantes “principais” do ritual. “</p> <p>“Não podem errar, e então concentram todas as suas forças para que durante aqueles minutos esse propósito não seja violado. A sua expressão revela isso mesmo um esforço contido de concentração e seriedade.”</p>				<p>“No entanto, uma ou outra nuance sonora que acompanhada da imagem visual, dão-me uma pequena ideia da força que esta tradição arrasta e do modo como altera os estados de espírito de quem os pratica.”</p> <p>“Sinto-me contagiada por essa envolvimento sonora que ao parecer desastrosa se encontra repleta de significados riquíssimos dignos de estudo e observação.”</p> <p>“O ensaio dos homens começa, enfim, o carácter repetitivo é bastante acentuado, e sobre voltas e meias voltas e reviravoltas que caracterizam a sua performance.”</p> <p>“As guitarras um pouco desafinadas revelam a intuição dos seus executantes que por desconhecerem técnicas musicais encontram a afinação na sua própria experiência auditiva.”</p>

Tabela 26

Aparato Visual Exterior da Dança das virgens – Ensaio em 11 de maio de 2011					
	Expressão Facial/ corporal e sentimental	Movimentação no espaço	Vestuário/Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade técnica e sons ordinários
<p>Descrição 3</p> <p>Ensaio da dança das virgens em 11 de maio de 2011</p>	<p>“Com gestos, vai gerindo a expressão facial das dançarinas, que teima em ser cabisbaixa séria e solene...”</p> <p>“A ensaiadora pede sorrisos, as suas discípulas obedecem mas sem alarido. Aquele ar carregado de história, crença e gratidão, jamais se perde neste ritual religioso, desde o ensaio até a chegada e encerramento das danças no dia da festa.”</p> <p>“Relativamente aos que estão a assistir aos ensaios também existem traços significativos de expressões faciais, nomeadamente quando termina o ensaio e os mais atentos batem palmas, seguidos pelos mais faladores que revelam na sua expressão facial um certo “ar comprometido” pela sua visível falta de atenção a tão solene momento.”</p>	<p>“Perante tão enraizada sonoridade, as raparigas seguem os passos fielmente e concentradas na sua execução, não deixando esboçar nenhum ruído nem distração.”</p> <p>“Corrige também os o passos mais desacertados, a postura corporal, rígida inicial que ostentam.”</p> <p>2º ensaio:</p> <p>“O mesmo tom solene o mesmo comando firme da orientadora e a mesma postura responsável das raparigas.”</p>	<p>“Hoje e no ensaio, as raparigas não estão vestidas a rigor, mas ainda assim nestas conversas paralelas fiquei a saber que em tempos áureos as raparigas quando iam fazer a sua apresentação pública, quer na lousa quer nas aldeias vizinhas, carregavam ao pescoço uma infinidade de ouro.”</p> <p>“Toda a aldeia contribuía para que o brilho das suas meninas encandeasse ostensivamente a riqueza da aldeia.”</p> <p>“Mais tarde, com o passar dos anos essa moda caiu em desuso e atualmente cada uma só carrega o seu próprio ouro. “</p>	<p>“Espaço do ensaio- Junta d e freguesia da Lousa.”</p> <p>“Local onde estão reunidas todas as condições físicas e recursos necessários para realizar com sucesso esta intenção.”</p> <p>“Sala própria e exclusiva para este fim.”</p>	<p>“O cenário sonoro que envolvia esta cena, para além do ruído das vozes, era o timbre dos toques sucessivos de telemóveis...”</p> <p>“Enquanto esperam pelo início do ensaio.”</p> <p>“A espera terminou... na sala vizinha já soam os primeiros acordes da guitarra portuguesa que irá acompanhar musicalmente as danças das raparigas.”</p> <p>“Afinal ainda não começou, algumas discussões são mantidas ainda por mais algum tempo e envoltas na sonoridade da afinação e desafinação da guitarra do Sr. Tó Gil, que ainda não conseguiu obter aquela que lhe parece adequada...”</p>

Tabela 26 (cont.)

Aparato Visual Exterior da Dança das virgens – Ensaio em 11 de maio de 2011					
	Expressão Facial/ corporal e sentimental	Movimentação no espaço	Vestuário/Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade técnica e sons ordinários
<p>Descrição 3</p> <p>Ensaio da dança das virgens em 11 de maio de 2011</p>	<p>“As meninas sorriem contidamente sem desarmar o tom celestial e casto, como se estivessem envergando desde já as vestimentas.”</p> <p>“... mas o ensaio é novamente interrompido pelo tocador que afinal precisa de uma cadeira para por o pé, referindo que não se sente confortável...”</p> <p>“È visível o ar de indignação estampado no rosto de algumas pessoas do grupo que está a assistir denunciando alguma repulsa perante tal situação...”</p>				<p>“Perante o silêncio geral que se fez sentir, ela enuncia o início das danças com a melodia murmurada pela sua própria voz.”</p> <p>“Os sapatos das dançarinas marcam a pulsação que não sai desalinhada nem por um segundo, apenas muda quando a forma da melodia assim o exige.”</p> <p>“A D. Assunção vai dando ordens às suas meninas, sem nunca deixar de sussurrar o “don dingui dom” repetitivo da melodia.”</p> <p>“A Dança é longa e repetitiva.”</p> <p>“Ainda a D^a Assunção corrige outros aspetos relacionados com o desempenho das virgens raparigas, sem que o seu sussurrar pare, ou saia de tom ou de ritmo.”</p> <p>“O ritmo das danças é compassado, leve e sério, até porque estão a agradecer à Nossa Senhora dos Altos Céus. O momento não permite brincadeiras.- “O som ténue das suas vozes não é suficiente para suscitar distração ao grupo que ensaia.”</p> <p>No final do ensaio: “Os mais atentos batem palmas...”</p>

Tabela 26 (cont.)

Aparato Visual Exterior da Dança das virgens – Ensaio em 11 de maio de 2011					
	Expressão Facial/C/S	Movimentação no espaço	Vestuário/Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade técnica e sons ordinários
<p>Descrição 3</p> <p>Ensaio da dança das virgens em 11 de maio de 2011</p>					<p>“O tocador entra na sala, finalmente, mas não muito convicto da afinação conseguida, talvez insegurança.”</p> <p>“Está maluca esta guitarra”, “eu não tenho tempo para andar sempre em cima dela, depois, olha!!!...”.</p> <p>“Aproveita ainda para justificar que quando começou a tocar neste ritual, lhe entregaram uma cassete, apenas, e foi (de ouvido) que conseguiu retirar aquela melodia, mas que lhe parece ser completamente diferente da original.”</p> <p>“ Lá está, o tempo leva e trás e o ouvido tísico/absoluto, não é suficientemente credível para reproduzir e permitir uma execução fiel nas interpretações ouvidas.”</p> <p>Começa agora o 2º ensaio com o tocador, as meninas recitam os poemas a Nossa Senhora e ao tocador, agradece com um «gracias» como manda o ritual...”</p> <p>“O tocador por vezes não cumpre o seu papel de intérprete exemplar, tocando algumas notas ao lado, com a sua guitarra mas nem isso as demove.”</p>

Tabela 27

Aparato Visual Exterior das homilias a Nossa Senhora dos Altos Céus					
	Expressão Facial/C/S	Movimentação no espaço	Vestuário/ Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade técnica e sons ordinários
<p>Discrição 4</p> <p>Homilias e outras descrições referentes a 14,15 e 16 de Maio de 2011</p>	<p>“Não há qualquer olhar ou conversa paralela, o momento é verdadeiramente solene”</p> <p>“Mãos postas, algumas segurando o terço entrelaçado entre os dedos”</p> <p>“Olhar atento e ouvido alerta ao discurso do Sr. Padre.”</p>	<p>“Todos estão em silêncio quando principiam as liturgias.”</p> <p>Algumas pessoas chegam mais tarde, indo acumular-se nos poucos espaços livres que ainda restam.”</p> <p>“A certa altura, chega o momento da recolha dos donativos para a igreja...”</p> <p>“A certa altura algumas crianças entram mesmo dentro da igreja, empurrando todos os que encontram à sua frente., mas com a mesma rapidez com que entraram, desiste e voltam a sair.”</p> <p>“As pessoas saúdam-se na paz de Cristo. E a movimentação no espaço faz-se sentir”</p>	<p>“O altar é rico e aparenta uma boa conservação.”</p> <p>“Do lado direito, uma imagem com vestes de pano.”</p> <p>“Há flores azuis e brancas, envolvidas por verdura, enfeitando a igreja, um pouco por todo o lado; algumas das flores brancas dormem já, pois o sol passou já a linha do horizonte.”</p> <p>“Há imagens de santos e talha dourada”.</p>	<p>“Dentro da igreja os participantes na festa assistem á missa a igreja está cheia de gente até a á porta...”</p> <p>“Uma voz feminina que se faz ouvir através dos microfones da igreja, a partir do púlpito, mesmo à frente do altar.”</p>	<p>“Dentro da igreja se ouvem vozes entoando cânticos.”</p> <p>“Sem articular palavra...”</p> <p>“Assistem atentamente à missa, entoando cânticos, guiados por uma voz feminina que se faz ouvir através dos microfones da igreja, a partir do púlpito, mesmo à frente do altar.”</p> <p>Todos estão em silêncio quando principiam as liturgias «bem-aventurados os que choram, porque serão consolados (...) bem aventurados os misericordiosos, porque verão a misericórdia» refere o Padre Castanheira.”</p> <p>“Ouve-se o tilintar das moedas, caindo umas em cima das outras, dentro dos cestinhos de verga.”</p> <p>“Pela primeira vez, há mais ruído, para além dos cânticos e dos dizeres próprios da homilia.”</p>

Tabela 27 (cont.)

Aparato Visual Exterior das homilias a Nossa Senhora dos Altos Céus					
	Expressão Facial/C/S	Movimentação no espaço	Vestuário/Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade técnica e sons ordinários
<p>Discrição 4</p> <p>Homilias e outras descrições referentes a 14,15 e 16 de maio de 2011</p>		<p>“Algumas pessoas levantam-se e dirigem-se para o altar, entoando cânticos, na expectativa de receber o Corpo de Cristo.”</p> <p>“Alguns dos que ficam para trás aguardam em repouso nos bancos.”</p> <p>“No adro da igreja, crianças brincam e idosos conversam distraidamente.”</p> <p>“As pessoas começam a sair da igreja, espalhando-se um pouco por todo o adro.”</p>			<p>“Novos e velhos unem as suas vozes para entoar os dizeres que, do púlpito, lhes são solicitados.”</p> <p>“ Para lá da porta, ouvem-se crianças que brincam com carrinhos, ouvindo-se, de repente, um «já ganhei!».”</p> <p>“Cânticos são entoados em uníssono. Uma voz cá atrás, trauteia, incerta, uma letra que não conhece na totalidade.”</p> <p>“O ruído de crianças avoluma-se à porta.”</p> <p>“Há alguns comentários; a expressão “paz de Cristo” é repetida em surdina vezes sem conta.”</p> <p>“Algumas pessoas levantam-se e dirigem-se para o altar, entoando cânticos, na expectativa de receber o Corpo de Cristo.”</p> <p>“Por fim, faz-se novamente silêncio.”</p>

Tabela 28

Aparato Visual Exterior do momento do Adeus à Virgem					
	Expressão/ Facial/corporal e sentimental	Movimentação no espaço	Vestuário/Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade técnica e sons ordinários
<p>Descrição 6</p> <p>Momento do “adeus à Virgem” em 15 de maio de 2011</p>	<p>“Por todo este terreiro, em frente à igreja, se vêm rostos embebidos numa emoção que é de cada um, mas que fundidos num só geram um sentimento de comunhão entre todos os que a ela assistem...”</p> <p>“Os olhos destas gentes estão inundados de lágrimas ... lágrimas de emoção, de dor, de simpatia, de fé, de solidariedade e de profunda tristeza.”</p> <p>“... ao levantarem os lenços brancos deixam transparecer desde já uma saudade que acaba já de começar. “</p>	<p>“Das suas mãos pendem lenços brancos, movendo-se movimentos circulares que não quebram sem a imagem desaparecer dos sue angulo de visão pelo corredor centrar da igreja matriz.”</p> <p>“Cada movimento é lento cada pedaço daquele tempo é absorvido com imensa convicção.”</p> <p>“A virgem entra de costas na igreja para se despedir dos seus fies”</p> <p>“ a sua missão de presentear a virgem e entrega-la a sua casa após uma visita pela aldeia cuja missão é oferecer a sua bênção um ano de cada vez.... “</p>	<p>“Das suas mãos pendem lenços brancos, movendo-se movimentos circulares que não quebram sem a imagem desaparecer dos sue angulo de visão pelo corredor centrar da igreja matriz.”</p>	<p>“o espaço físico envolvente é propicio. Aquela adorada imagem, esta a entrar de costas na capela centenária que a recebe e alberga desde que esta gentes se lembram se ser gente. “</p>	<p>“Cantam agora!! Cantam fê, saudade nostalgia, serenidade e alívio.”</p> <p>“Entoam melodias de fé... esta sonoridade não termina nem com lágrimas, nem com movimento do adeus, nem sem o movimento do adeus, esta melodia preenche os espaços vazios existentes entre aqueles seres.”</p>

Tabela 28 (cont.)

Aparato Visual Exterior do momento do Adeus à Virgem					
	Expressão/ Facial/corporal e sentimental	Movimentação no espaço	Vestuário/Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade técnica e sons ordinários
<p>Descrição 6</p> <p>Momento do “adeus à Virgem” em 15 de maio de 2011</p>	<p>“Alguns deixam-nas rolar livremente pelo rosto, outros porém, tentam envergonhadamente disfarçar-las numa tentativa inglória de reprimir os sentimentos que o seu íntimo teima em exteriorizar.”</p> <p>“Denota-se em algumas das expressões faciais um certo ar de nostalgia talvez pelas e lembranças de algum momento em que aquela situação lhes foi familiar ou de perto lhes tocou a alma.”</p>	<p>“Termina, assim, este momento sagrado. Os que descalços se encontravam por terem prometido uma viagem pela vila nesta condição, começam a calçar-se, outros compõem-se da emoção dos últimos momentos limpando as lágrimas, arrecadando uma vivência, única que cada um poderá, por si só, relatar ...”</p>			

Tabela 28 (cont.)

Aparato Visual Exterior do momento do Adeus à Virgem					
	Expressão/ Facial/corporal e sentimental	Movimentação no espaço	Vestuário/Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade técnica e sons ordinários
<p>Discrição 6</p> <p>Momento do “adeus à Virgem” em 15 de maio de 2011</p>	<p>“Todos deixam transparecer um profundo sentimento de desalento, seja por se despedirem daqueles dias de comunhão quer seja pelo que a sua fé lhe permite fazer chegar ao coração. “</p>				

Tabela 29

Aparato Visual Exterior das Procissões					
	Expressão Facial/C/S	Movimentação no espaço	Vestuário/Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade técnica e sons ordinários
<p>Discrição 9</p> <p>Procissão – devolução de S^o Sebastião e St^o António às suas capelas. Em 16 de maio de 2011</p>	<p>“A procissão segue o seu caminho com o mesmo tom solene do dia anterior, visivelmente estampado no rosto dos que nela seguem fielmente.”</p> <p>“Não sorriem, não conversam, apenas caminham em passo lento.”</p>		<p>“As ruas perfumadas com essência dos tapetes de pétalas renovados que as compõe desde sábado à entrada da igreja.”</p> <p>“Tropeçamos com restos inertes de velas que ainda teimam em arder acabando por se extinguir à nossa passagem.”</p>	<p>“Dão a volta à aldeia, entregam os santos nas suas capelas calcorreando os 4 cantos da aldeia.”</p> <p>“As ruas principais da aldeia estão elegantemente enfeitadas com colchas debruçadas na varandas e janelas das casa que as compõem ...”</p> <p>“Outros espreitam entre as fitas da porta ou mesmo sentados nos balções das suas portas entre os vasos de flores que as enfeitam.”</p>	<p>“Seguem murmurando uma melodia quase monocórdica parecendo soar a Ave maria de Gounot.”</p> <p>“Lá mais atrás ouve-se a banda entoando a mesma canção fazendo-se notar um enorme desfasamento relativamente aos acordes murmurados pela população que segue mais à frente.”</p> <p>“Este desnível melódico não deixa no entanto de demonstrar um equilíbrio formal a todo este aparato que nos é dado a ver.”</p> <p>“O ritmo e a melodia que os acompanha estão sintonizados coerentemente numa mesma frequência...”</p>

Tabela 29 (cont.)

Aparato Visual Exterior das Procissões					
	Expressão Facial/C/S	Movimentação no espaço	Vestuário/Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade técnica e sons ordinários
<p>Discrição 9</p> <p>Procissão – devolução de S^o Sebastião e S^o Antônio às suas capelas. Em 16 de maio de 2011</p>	<p>“Seguem em tom lúgubre, cabisbaixo, murmurando uma melodia quase monocórdica parecendo soar a Ave maria de Gounot.”</p> <p>“É tudo coerente desde a solenidade na postura, à expressão séria, facial dos participantes.”</p>			<p>“As ruas perfumadas com essência pétalas renovados que as enfeitam desde sábado.”</p> <p>“Chegam enfim de novo ao adro da igreja. St^a é recolhida e desta vez as portas da igreja ficam abertas...”</p> <p>“À entrada da igreja tropeçamos com restos inertes de velas que ainda teimam em arder acabando por se extinguir à nossa passagem.”</p>	<p>“La fora no recinto da festa (fora do adro da igreja), soavam os primeiros acordes, estridentes a alegres, dos instrumentos da banda que se preparava para dar início ao ritual seguinte.”</p>

Tabela 29 (cont.)

Aparato Visual Exterior das Procissões					
	Expressão Facial/C/S	Movimentação no espaço	Vestuário/Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade técnica e sons ordinários
<p>Discrição 9</p> <p>Procissão – devolução de S^o Sebastião e St^o António às suas capelas. Em 16 de maio de 2011</p>	<p>“Conversam animadamente, embora de forma algo comedida.”</p> <p>“Carregam expressões sérias e um ar solene.”</p> <p>“E um pequeno riacho de gente faz-se ao caminho, com solenidade e emoção.”</p> <p>“É visível o ar solene com que desfilam os participantes da procissão...”</p> <p>“Aos músicos estende-se o tom solene.”</p> <p>“Tocam absolutamente concentrados e sem enganos ou distrações.”</p>	<p>“Detêm-se por instantes no adro da igreja.”</p> <p>“Todos tomam os seus postos...”</p> <p>“Caminhando em silêncio quase absoluto.”</p> <p>“E um pequeno riacho de gente faz-se ao caminho, com solenidade e emoção.”</p> <p>“Em duas filas, lado a lado, uma do lado direito, outra do lado esquerdo, deixando livre um estreito corredor ao meio, caminham em silêncio e de forma isolada.”</p>	<p>“As pessoas envergam a sua melhor vestimenta e observam e pelo canto do olho observam as restantes vestimentas discretamente e para não dar nas vistas.”</p> <p>“Assoma à porta da igreja o cruciférário, empunhando o crucifixo, rodeado das lanternas, seguras por festeiros envergando túnicas de um vermelho vivo.”</p> <p>“Os participantes levam na mão velas acesas.”</p> <p>“Para trás, a igreja, pejada de lâmpadas, das brancas e das azuis também, caindo dos beirais como se de chuva de verdade se tratasse.”</p>	<p>“As pessoas aglomeram-se ao redor da igreja, detêm-se por instantes no adro da igreja.”</p> <p>“Atrás do cruciférário, formam-se duas filas indianas, uma de cada lado...”</p> <p>“Para trás, a igreja, pejada de lâmpadas, das brancas e das azuis também, caindo dos beirais como se de chuva de verdade se tratasse de velas em punho.”</p>	<p>“Logo após as badaladas do sino se fazem ouvir anunciando, de uma só vez, a hora e o início da procissão...”</p> <p>“Todos tomam os seus postos, ao som dos sinos que, entretanto, começaram a tocar a rebate.”</p> <p>“E, em simultâneo, como não poderia deixar de ser, dão os foguetes ares de sua graça, anunciando que o momento é especial e de celebração.”</p> <p>“Caminhando em silêncio quase absoluto.”</p> <p>“E os sinos continuando a tocar, como música de fundo.”</p> <p>“A juntar-lhe, a música da banda, mesmo no fim do cortejo.”</p>

Tabela 29 (cont.)

Aparato Visual Exterior das Procissões					
	Expressão Facial/C/S	Movimentação no espaço	Vestuário/Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade técnica e sons ordinários
<p>Discrição 9</p> <p>Procissão – devolução de S^o Sebastião e St^o António às suas capelas. Em 16 de maio de 2011</p>		<p>“Os andores dividem-se por várias ruas, e a certo ponto, as filas que contornavam o andor de Nossa Senhora unem-se com as que vinham contornando o andor de São Sebastião, fundindo-se numa só.”</p> <p>“A procissão avança; já não está longe de retornar ao ponto de partida.”</p> <p>“A solenidade do momento contrasta com as bancas de vendas, cheias de artigos de consumo.”</p> <p>“E as portas da igreja parecem engolir todos os participantes da procissão.”</p>	<p>“Nas mãos, velas acesas, com os respetivos suportes para que a cera não pingue para as mãos.”</p> <p>“A certa altura, os andores, carregando belas imagens, vestidos de flores.”</p> <p>“Atrás da banda, uma bandeira e fitas de todas as cores.”</p>	<p>“Os andores dividem-se por várias ruas, e a certo ponto, as filas que contornavam o andor de Nossa Senhora unem-se com as que vinham contornando o andor de São Sebastião, fundindo-se numa só.”</p> <p>“Faz-se sentir um forte odor a queimado, quase parece cheiro de lareira, mas se o dia hoje até esteve quente</p> <p>Já no adro, a banda continua a tocar à porta da igreja...”</p>	<p>“Contrastando com o tom alegre da música da banda caminham em silêncio e de forma isolada.”</p> <p>“Uma ou outra conversa pontual, ruído surdo de pessoas que sussurram.”</p> <p>“De súbito, os participantes da procissão começam a entoar um cântico religioso.”</p> <p>“Prosseguem, agora, cantando, praticamente em unísono.”</p> <p>“Lá atrás, a banda e o coro vão um pouco “atrasados” na música; o “pelotão” da frente apercebe-se e aguarda um pouco, até apanhar o ponto certo.”</p>

Tabela 29 (cont.)

Aparato Visual Exterior das Procissões				
Expressão Facial/C/S	Movimentação no espaço	Vestuário/Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade técnica e sons ordinários
<p>Discrição 9</p> <p>Procissão – devoção de S^o Sebastião e St^o Antônio às suas capelas. Em 16 de maio de 2011</p>	<p>“Sem articular palavra, e sempre com a solenidade que vêm trazendo até aqui, os participantes da procissão assistem atentamente à missa.”</p>		<p>“Vendedores ambulantes aproveitam a ocasião para fazer negócio. Mesmo em frente ao adro, exibem-se t-shirts negras, com nomes de bandas rock famosas: Megadeth, Mailyn Mason, Iron Maiden...”</p>	<p>“A pequena multidão prossegue cantando “ave, ave, ave Maria”.</p> <p>“Já no adro, a banda continua a tocar à porta da igreja, enquanto os sinos tocam a rebate.”</p> <p>“De repente, os sinos ficam mudos, e avançam os foguetes para o centro das atenções.”</p> <p>“Todos fitam o céu, enquanto o ruído violenta os ouvidos indiferentes.”</p> <p>“Um pouco depois, novamente o silêncio; só dentro da igreja se ouvem vozes entoando cânticos.”</p> <p>“Voltam a fazer-se ouvir os sinos anunciando o fim da missa.”</p>

Tabela 29 (cont.)

Aparato Visual Exterior das Procissões				
Expressão Facial/C/S	Movimentação no espaço	Vestuário/Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade técnica e sons ordinários
<p>Discrição 9</p> <p>Procissão – devolução de S^o Sebastião e S^to António às suas capelas. Em 16 de maio de 2011</p>	<p>“Sem articular palavra, e sempre com a solenidade que vêm trazendo até aqui, os participantes da procissão assistem atentamente à missa.”</p> <p>“No adro da igreja, crianças brincam e idosos conversam distraidamente.”</p>		<p>“Vendedores ambulantes aproveitam a ocasião para fazer negócio. Mesmo em frente ao adro, exibem-se t-shirts negras, com nomes de bandas rock famosas: Megadeth, Mailyn Mason, Iron Maiden...”</p> <p>“As pessoas começam a sair da igreja, espalhando-se um pouco por todo o adro.”</p>	<p>“A pequena multidão prossegue cantando «ave, ave, ave Maria».”</p> <p>“Já no adro, a banda continua a tocar à porta da igreja, enquanto os sinos tocam a rebate.”</p> <p>“De repente, os sinos ficam mudos, e avançam os foguetes para o centro das atenções. Todos fitam o céu, enquanto o ruído violenta os ouvidos indiferentes.”</p> <p>“Um pouco depois, novamente o silêncio; só dentro da igreja se ouvem vozes entoando cânticos.”</p> <p>“Voltam a fazer-se ouvir os sinos anunciando o fim da missa.”</p> <p>“As pessoas começam a sair da igreja, espalhando-se um pouco por todo o adro.”</p>

Tabela 29 (cont.)

Aparato Visual Exterior das Procissões				
Expressão Facial/C/S	Movimentação no espaço	Vestuário/Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade técnica e sons ordinários
<p>Discrição 9</p> <p>Procissão – devolução de S^o Sebastião e St^o António às suas capelas. Em 16 de maio de 2011</p>				<p>“Ao mesmo tempo, um novo tipo de música faz-se ouvir, bem diferente daquele que se vinha ouvindo até aqui; o novo som vinha das barracas da feira, misturado com o barulho dos foguetes que, entretanto, foram lançados.”</p> <p>“Música entrecortada por uma voz masculina, falando em tom de quem anuncia algo, salientando o “dia de festa”.</p> <p>“O som de música proveniente das barracas de feira, deixou de se ouvir, entretanto.”</p> <p>“Agora, apenas o som de vozes conversando animadamente.”</p> <p>“Ao longe, um som de bateria começa a soar, acentuando o contraste com todo o ritual religioso que até aqui vinha ocorrendo.”</p> <p>“Uma badalada anuncia as 22 horas e 15 minutos, com uma música pop/rock soando ao fundo.”</p>

Tabela 30

Aparato Visual Exterior das Procissões				
Expressão Facial/C/S	Movimentação no espaço	Vestuário Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade de técnica e sons ordinários
<p>Entrevista 4</p> <p>Rosalina Barata, 41anos – Ex dançante na Dança da Virgens.</p> <p>Alexandre Barata, 42anos– dançante e tocador na Dança dos Homens.</p> <p>Maio de 2011</p>	<p>“Na procissão de sábado a ordem pela qual os Santos desfilam pela vila é a seguinte sai Santa Teresinha (que é Santa, não Senhora), seguida de Nossa Senhora de Fátima, a figura . Assim, seguem juntamente com o restante “cortejo” e param na capela de S. Sebastião onde recolhem este Santo que entra ficando á frente no cortejo. Seguidamente passam pela capela de Stº António recolhendo esta imagem que toma novamente o lugar na frente das restantes figuras. E assim dão entrada no adro da igreja e seguidamente na igreja matriz onde irá acontecer a homilia e onde descansarão até ao dia seguinte. No Domingo a ordem é outra, à frente sai Santa Teresinha, seguida de S. António, de S. Sebastião e atrás Nossa Senhora dos Altos Céus finalmente e o ultimo do cortejo é sempre o Pároco que trás na mão o Santo Lenho. A hierarquia numa procissão é sempre, segundo o Padre Castanheira referiu na sua entrevista, o último a encerrar o cortejo vai sempre a banda.”</p> <p>“Na procissão de Segunda feira os fies encenam uma novo percurso pela aldeia cuja intenção é devolver os Santos às suas capelas. Então a ordem pela qual se movem é a seguinte: S. Sebastião, Stº António, Stª Teresinha e Senhora de Fátima em Ultimo em representação de Nossa Senhora dos Altos Céus.”</p>			
<p>Entrevista 8</p> <p>Sr.Padre António Castanheira - 48 anos, pároco na freguesia da Lousa)em funções na Lousa desde 1993, há 18 anos. Entrevista em Julho de 2011</p>	<p>“Tanto vai na procissão o 1º, como o ultimo, antes de chagar a banda, costuma-se dizer que quem vai atrás da banda não vai na procissão tecnicamente é assim... mas as pessoas querem todas ir junto ao padre e às imagens e por vezes desentendem-se por isso, e desencantam-se por não conseguir. Quem vai em último na procissão é sempre o Padre por isso a hierarquia é assim, a figura de Nossa Senhora dos Altos Céus é a última do cortejo... por isso...”</p>			

Tabela 31

Aparato Visual Exterior Dança das Virgens dia 15 de maio de 2012				
Expressão Facial e corporal e sentimental	Movimentação no espaço	Vestuário/ Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade técnica e sons ordinários
<p>“O suor escorre do rosto dos mais encarolados...”</p> <p>“O mais velho tocador de viola e dançante na dança dos homens tem os olhos semicerrados, não sei se por causa da intensidade com que o sol lhe toca, se porque o que realmente lhe toca é aquele momento sagrado que vai viver a seguir.”</p> <p>“A expressão é séria e um pouco triste desde que se despediu da virgem dos altos céus há instantes atrás.”</p> <p>“Deixou esconder uma lagrima pelo rosto...”</p> <p>“Nostalgia e ansiedade verificada não só pela expressão facial, mas também pelo movimento nervoso comportamental que apresenta.”</p> <p>“A partir desse momento todas as instruções serão feitas por gestos e por expressões faciais, absolutamente dissimuladas para que a informação nelas detida não passe para o público ali presente.”</p>	<p>“Uma senhora com um casaco na cabeça protege-se de uma possível constipação advinda de tanto tempo ali parada e exposta.”</p> <p>“Alguns dos rapazes e raparigas posam discretamente para os fotógrafos.”</p> <p>“Por fim a multidão ao sentir as jovens donzelas comporem-se, especialmente, no terreiro começam a formar cordões em “u” á sua volta tentando não ficar longe para não perder um único movimento do que ali se vai passar.”</p> <p>“Ficam, assim “a postos” para que após o termino da atuação das mesmas ele entrem, sem intervalos nem sobressaltos.”</p>	<p>“Uma senhora com um casaco na cabeça protege-se de uma possível constipação advinda de tanto tempo ali parada e exposta.”</p> <p>“As roupas ainda estão intactas, os trajes perfeitamente engomados, os laços sem pontas fora do sitio... tudo bate certo.”</p> <p>“O branco é tão branco e luminoso que fere a vista dos que para ele olham com um olhar mais demorado.”</p>	<p>“O sol está a pique, ofusca a visão dos que se mantêm no recinto do adro onde tudo se vai continuar a passar.”</p> <p>“O tocador de Guitarra Portuguesa move-se de um lado para outro, segundo me pareceu em busca de uma cadeira para colocar o pé.”</p> <p>“Por fim a multidão ao sentir as jovens donzelas comporem-se, espacialmente, no terreiro.”</p> <p>“Está muito barulho no recinto, pelas vozes dos que ali assistem e mais ainda apelos foguetes que teimam em anunciar o momento de festividade patente naquele espaço e local.”</p>	<p>“Está muito barulho no recinto, pelas vozes dos que ali assistem e mais ainda apelos foguetes que teimam em anunciar o momento de festividade patente naquele espaço e local.”</p> <p>“Todos assistem silenciosos acotovelando-se para tentar chegar o mais próximo possível das raparigas.”</p> <p>“As crianças estão em silêncio contrastando com os momentos que antecederam o ritual .”</p> <p>“Começam os primeiros movimentos, os pés das jovens movem-se, alternados, mal o tocador executa a primeira nota musical.”</p> <p>“Está tudo estruturadamente bem organizado, os passos estão interiorizados dá-nos a entender que a melodia ali, naquele contexto, é apenas um adereço e não cum complemento imprescindível ao ritual.”</p> <p>“Ouve-se muito mal a melodia devido a capacidade acústica da guitarra portuguesa num terreiro ao ar livre e amplo como aquele. Tal facto poderá encobrir um pouco os enganos do tocador que não sendo profissional faz o que pode da melhor maneira que consegue.”</p> <p>“O ouvido do tocador foi/é o seu principal professor e tudo o que nos é e lhes foi dado a conhecer da melodia é transmitido oralmente.”</p> <p>“Ouvem-se e sentem-se os flashes tal a comprovar a fraca intensidade com que se ouve a melodia. Apenas um microfone sai da guitarra do tocador o que num local tão amplo e povoado de gente ...”</p>

Tabela 31 (cont.)

Aparato Visual Exterior Dança das Virgens dia 15 de maio de 2012				
Expressão Facial e corporal e sentimental	Movimentação no espaço	Vestuário /Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade técnica e sons ordinários
<p>“Os gestos são mecanizados, afinal há muitos anos os fazem e a memória não os poderá trair.”</p> <p>“Alguns olhares furtivos e impacientes apontam para a porta da igreja. Esperam ver de lá sair a “ordem” para o início do espetáculo.”</p> <p>“As raparigas dançantes conversam alegremente segredando comentários entre elas, riem e mantem uma expressão divertida e bem-disposta.”</p> <p>“Perante uma troca de olhares com a ensaiadora, se dá o início à dança.”</p> <p>“Neste momento a postura física e facial das raparigas alterou-se, não esboçam um sorriso, encarnam um personagem de rapariguinhas como se fossem elas as próprias filhas da Micaela, qual viagem no tempo estampada no comportamento destas pessoas que ali estão a dançar. A solenidade do momento não lhes permite divertimento.”</p>	<p>“Enquanto as raparigas se preparam para dar início à demonstração ritualista, os homens que a seguir vão também elas agradecer a Nossa Senhora em forma de dança, tomam posto atrás das raparigas.”</p> <p>“Os intervenientes estão ali naquele local e já prontos para iniciarem as danças.”</p> <p>“Finalmente vê-se surgir uma cadeira que irrompe no meio da multidão já muito ansiosa. O tocador coloca o pé sobre a mesma, ajeita a guitarra portuguesa, ladeado pelo guardião que igualmente já se encontra a postos.”</p> <p>“Todas a jovens proferem uma quadra ainda paradas.”</p> <p>“Ocupando o lugar que era dos homens até então, uma vez que estes avançam os homens porque vem lá a sua vez de agradecer à virgem.”</p>		<p>“Ouve-se muito mal a melodia devido a capacidade acústica da guitarra portuguesa num terreiro ao ar livre e amplo como aquele.”</p> <p>“Ao longe ouve-se agora a voz de uma criança provinda do outro lado do recinto.”</p> <p>“Daquele lado em que o restaurante e as barracas de pipocas e gelados devem estar-lhe a fazer as delícias.”</p> <p>“...aqueles que não sendo filhos da lousa, ali estão sem permanecem naquele local sagrado naquele preciso momento.”</p>	<p>“Ao longe ouve-se agora a voz de uma criança provinda do outro lado do recinto. Daquele lado em que o restaurante e as barracas de pipocas e gelados devem estar-lhe a fazer as delícias.”</p> <p>«Perante essa sonoridade que sobressai por cima da melodia e do momento que se está ali a viver alguém ao meu lado diz... <i>“estas pessoas de fora só cá vêm para isto, comer e beber e bailar”</i>»</p> <p>“Ouvem-se palmas...”</p>

Tabela 31 (cont.)

Aparato Visual Exterior Dança das Virgens dia 15 de Maio de 2012				
Expressão Facial e corporal e sentimental	Movimentação no espaço	Vestuário/Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade técnica e sons ordinários
<p>“Até os que assistem não manifestam expressões alegres, nem conversas paralelas, nem sorrisos ou gargalhadas.”</p> <p>“Neste momento o seu rosto sorri exageradamente com um movimento da mão direcionado para o rosto a fim de fazer perceber às raparigas que o momento é solene mas que podem levantar o rosto do chão e sorrir levemente afinal estão contentes porque Nossa Senhora atendeu as suas preces.”</p> <p>“O facto de sorrirem não pode ser confundido com histerismo ou comportamentos mais jocosos.”</p> <p>“Elas, as raparigas instantaneamente esboçam esse sorriso solicitado mas depressa envergam novamente a expressão sério no rosto.”</p> <p>“Apesar de tudo a ensaiadora não desarma em esforços para as manter de cabeça erguida.”</p>	<p>“Todos assistem silenciosos acotovelando-se para tentar chegar o mais próximo possível das raparigas.”</p> <p>“Começam os primeiros movimentos, os pés das jovens movem-se, alternados, mal o tocador executa a primeira nota musical.”</p> <p>“E ali rodam e rodam e fazem fila e agitam os lenços na simbologia própria de cada gesto próprio da tradição e durante 8 minutos a o papel de donzelas dançantes que envergaram, não desarma nem quando o tocador acerta na nota ao lado da melodia.”</p> <p>“A ensaiadora durante aqueles oito minutos veste o papel de dançarina silenciosa e faz sem dar conta todos os passos e todas as voltas apenas com o seu rosto e com passos alternados dos pés ainda que sem sair do mesmo sitio.”</p>			

Tabela 31 (cont.)

Aparato Visual Exterior Dança das Virgens dia 15 de Maio de 2012				
Expressão Facial e corporal e sentimental	Movimentação no espaço	Vestuário/ Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade técnica e sons ordinários
<p>“Talvez pela vergonha ou apenas pela seriedade com que encaram os momentos.”</p> <p>“Ouvem-se palmas e verifica-se um rol de emoções contidas e manifestada por quem esta a assistir e as raparigas voltam às suas posições de simples assistentes.”</p>	<p>“Os fotógrafos cá rastejando, “furam” por entre os assistentes e exibirem posições absolutamente impensáveis, na tentativa de conseguir registar aquele momento o mais artisticamente possível.”</p> <p>«“Passados oito minutos o tocador retira o pé da cadeira e encaminha-se sempre a tocar, ladeado por duas filas de meninas, que o acompanham até à ponta inversa do recinto, voltando para trás outra vez e proferindo a frase “Gracias” dando assim por terminado este ano aquele sagrado agradecimento.»</p>			

Tabela 32

Aparato Visual Exterior dos Homens em maio de 2011					
	Expressão Facial/C/S	Movimentação no espaço	Vestuário/Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade técnica e sons ordinários
<p>Discrição 12</p> <p>Dança dos Homens. Em 15 de maio de 2011</p>	<p>“As conversas paralelas vão dando lugar, a pouco e pouco aos primeiros acordes das violas beiroas que acalmam agora a sua anterior inquietação na mão dos seus executantes.”</p> <p>“Subtilmente, com um aceno de cabeça em direção aos restantes elementos, todos lhe obedecem.”</p> <p>“A expressão facial do Sr. José Mendes Feio, situa-se num misto de participação zelosa e preocupação do desempenho coletivo.”</p> <p>“Deixa transparecer uma calma aparente e os restantes olham-no com respeito e obedecem aos seus sinais.”</p>	<p>“Após algum tempo de aplausos e mal as jovens raparigas trocam a posição, com os dançarinos masculinos, ficando atrás dispostas em “U”, aguardando expectantes a atuação dos seus companheiros, cabendo-lhes a elas, desta vez, o papel de observadoras.”</p> <p>“Cada um dos dançarinos preenche o espaço que lhe é destinado por tradição.”</p> <p>“Dando início, assim, ao sem número trocar de voltas e reviravoltas daquela performance artística e cultural.”</p> <p>“Movem-se no espaço sem erros, com gestos e movimentos automáticos de tantos anos serem repetidos.”</p> <p>“É novamente com um aceno de cabeça dirigido aos dançantes que o Sr. José dá por terminada o ensaio.”</p>	<p>“A roupa branca dos dançantes imaculadamente exibida sem um único vinco, não denota, ainda, traços das longas horas que já está a uso neste dia tão quente de maio.”</p> <p>“...os chamam para registarem momentos em que eles estão eximamente vestidos, coisa que só acontece neste dia da festa.”</p>	<p>“... ocupa o lugar, hierarquicamente, mais importante da dança.”</p> <p>“O espaço onde se desenrola esta ação e ao ar livre.”</p> <p>“O presidente da Junta de Freguesia da Lousa encaminha as pessoas ali presentes a assistirem no Museu do Azeite e das Danças da Lousa para que possam assistir à cerimónia oficial do lançamento do livro de Isabel Leal da Costa sobre as tradicionais danças da lousa.”</p>	<p>“O silêncio volta a reinar naquele lugar da Lousa.”</p> <p>“As conversas paralelas vão dando lugar, a pouco e pouco aos primeiros acordes das violas beiroas que acalmam agora a sua anterior inquietação na mão dos seus executantes.”</p> <p>“A melodia pouco soa para além daqueles metros quadrados onde se apresenta.”</p> <p>“Este ano foram colocados microfones no intuito de fazer chegar a sonoridade das violas até ao público.”</p> <p>“A dispersão do som, dificultando, mais ainda, a capacidade, dos que assistem, de poderem ouvi-la.”</p> <p>“Mais, ainda, porque a sua ténue sonoridade é engolida pelo estridente som do genebres.”</p>

Tabela 32 (cont.)

Aparato Visual Exterior da dança dos Homens em 15 de maio de 2011					
	Expressão Facial/C/S	Movimentação no espaço	Vestuário/Adornos	Uso Simbólico do espaço	Musicalidade técnica e sons ordinários
<p>Discrição 12</p> <p>Dança dos Homens. Em 15 de maio de 2011</p>	<p>“A postura direita sustenta a viola beiroa e o ritual segue como manda a tradição.”</p> <p>“Por um lado há uns que suspiram, abanam-se revelando alguma inquietação por tamanha demora.”</p> <p>“Alternadamente apoiam o peso do corpo entre o pé esquerdo e o direito, deixando transparecer sinais de impaciência.”</p> <p>“Outros, porém, mantem a sua atenção ao rubro acompanhando todos os movimentos dos dançantes.”</p> <p>“A expressão dos dançarinos é solene séria à semelhança da dança anterior.”</p> <p>“É novamente com um aceno de cabeça dirigido aos dançantes que o Sr. José Mendes dá por terminada a atuação, 10 minutos depois.”</p>	<p>«Os dançarinos são chamados “a cena” pelos fotógrafos amadores que se encontram no local e que por curiosidade individual ou para dar contas à comunicação social local.»</p>			<p>“Alguns dos presentes comentam e lamentam o facto de estarem privados de ouvir as violas beiroas dizendo sentir-se como se assistissem a um filme mudo.”</p> <p>“O único instrumento que se ouve sem ser necessário microfone é o genebres, aquela sonoridade forte que está gravada nas paredes que envolvem o terreiro da Igreja volta nestes dias como que despertando de um sono profundo.”</p> <p>“Concluída a exibição soam palmas em unísono e de seguida as pessoas dispersam, afastam-se em conversas sonoras que contrastam com o silêncio do momento anterior.”</p> <p>“Volta a ecoar um ruído ensurdecedor.”</p>

Anexo IV

Categoria IV: Sentimentos e Emoções

Tabela 33

Descrição de Sentimentos – Momentos religiosos e de fé	
Descrição 3 Ensaio da dança das virgens no dia 11 de maio de 2011	<p>“Neste ponto, ouve discórdia nas opiniões, a senhora mais velha a D. ... teimava em afirmar que, - “assim é que pertence e assim é que deve de ser”, mas o Sr. José achava que não: - «com os tempos que correm e com a ladroagem que por aí anda, não é seguro para as meninas», envergarem tamanha riqueza ao pescoço.”</p> <p>“A avó, indignada, discordou veementemente, ao ponto do Sr. José cair rendido aos seus argumentos e afirmar, - “afinal elas vão sempre protegidas pela Nossa Senhora”.</p> <p>“Proferiu estas palavras com um sorriso simples e sincero, pausadamente, num tom absolutamente melodioso, suave e agradável ao ouvido.”</p> <p>“Profundamente crente daquilo que estava dizer, o seu olhar e a solenidade das suas palavras denunciavam a mais profunda fé, naquela Santa que em tempos áureos não os tinha deixado ficar mal.”</p> <p>“Há sentimentos muito profundos que envolvem toda esta dinâmica...”</p> <p>“O ritmo das danças é compassado, leve e sério, até porque estão a agradecer à Nossa Senhora dos Altos Céus. O momento não permite brincadeiras.”</p> <p>“Os mais atentos batem palmas, seguidos pelos mais faladores que revelam na sua expressão facial um certo “ar comprometido” pela sua visível falta de atenção a tão solene momento.”</p> <p>“Mas o ensaio é novamente interrompido pelo tocador que afinal precisa de uma cadeira para por o pé, referindo que não se sente confortável ... “Com um ar nítido de indignação estampado no rosto algumas pessoas do grupo que está a assistir mostram alguma repulsa perante tal, «caramba»! como era possível? parecia que o Sr. Tó Gil não lavava isto a sério...”</p> <p>“ A verdade é que a crença destas pessoas é tão pura e forte que não permite sequer ser posta em causa com qualquer atitude que não seja a de veneração e cumprimento do dever.”</p> <p>“Acabava assim o ensaio com o tocador a proferir as seguintes palavras: «Está fêta»... (palavras estas que não fazem parte do ritual mas que lhe saíram da boca provavelmente como expressão de alívio, como quem relaxa depois de um exame difícil.”</p> <p>“A ensaiadora pede sorrisos, as suas discípulas obedecem mas sem alarido. Aquele ar carregado de história, crença e gratidão, jamais se perde neste ritual religioso, desde o ensaio até a chegada e encerramento das danças no dia da festa.</p> <p>As meninas sorriem contidamente sem desarmar o tom celestial e casto, como se estivessem envergando desde já as vestimentas.”</p>

Tabela 34

Descrição de Sentimentos religiosos e de fé	
Descrição 6 Momento do adeus à virgem em 15 de maio de 2011	<p>“Mexe com emoções muito profundas já descritas por todos os entrevistados e ainda com momentos visuais, que não deixam de interferir com os próprios sentimentos de quem observa.”</p> <p>“É um momento de coesão muito forte onde os laços de fé se fundem com sentimentos pessoais transmissíveis ao longo de toda uma serie de gerações originando manifestações emocionais absolutamente dignas de registo.”</p> <p>“Neste cantinho da Lousa os sentimentos vão ao rubro, neste momento em que os fieis se despedem da sua adorada santa.”</p> <p>“Os olhos destas gentes estão inundados de lágrimas ... lagrimas de emoção, de dor, de simpatia, de fé, de solidariedade e de profunda tristeza.”</p> <p>“Todos deixam transparecer um profundo sentimento de desalento, seja por se despedirem daqueles dias de comunhão quer seja pelo que a sua fé lhe permite fazer chegar ao coração.”</p> <p>“Cantam agora!! Cantam fé, saudade nostalgia, serenidade e alivio.”</p>

Tabela 35

Descrição de Sentimentos religiosos e de fé	
Discrição 9 Procissão – Devolução de S ^o Sebastião e St ^o António às suas capelas. Em 16 de maio de 2011	“O ritmo e a melodia que os acompanha estão sintonizados coerentemente numa mesma frequência, não deixando dúvidas de que todos aqueles que ali estão, estão profundamente convictos da sua tarefa e assumem-na publicamente não deixando sequer dúvida em relação à credibilidade com que o fazem.”

Tabela 36

Descrição de Sentimentos – Momentos religiosos e de fé da Festa (procissões/adeus à virgem/homilia)	
<p>Entrevista 4</p> <p>Rosalina Barata, 41anos– Ex dançante na Dança da Virgens.</p> <p>Alexandre Barata , 42anos– dançante e tocador na Dança dos Homens.</p> <p>Maio de 2011</p>	<p>Relativamente à gestão e organização da festa e ao facto desta se fazer albergando os artistas e pessoal da montagem da festa em casa dos festeiros</p> <p>RB- “Gostava da festa como foi no tempo do meu pai, havia mais convívio e união entre as pessoas, nesses dias... como está agora perde-se completamente aquele convívio de antigamente.”</p> <p>RB- “ Eu acho que não é muito justo este modo, porque é mais um modo de exploração do povo e sobrecarregar mais ainda o povo com despesas.”</p> <p>RB- “Estas festas fazem-se porque há um sentimento muito forte em relação a Nossa Senhora que nunca acabará”.</p> <p>RB-“Os emigrantes têm uma devoção muito grande a Nossa Senhora. Eles estão todo ano fora, vêm em Agosto, mas temos alguns emigrantes que são fieis a virem, nem que seja só naquele fim-de-semana da festa e sentem a ligação porque se calhar já foram ouvidos pela nossa senhora. Agarram-se a esta fé... muitos deles já fizeram até a festa 2 vezes, porque quando há uma aflição a pessoa em vez de dizer que vai a Fátima a pé, aqui, promete fazer a festa a nossa senhora. Os emigrantes e as pessoas que estão em lisboa e outros sítios, deslocam-se aqui nem que seja só à missa e à procissão, nem é a festa em si que as trás... esta festa é provavelmente a que tem mais serviço religioso aqui das redondezas. Pessoas que pediram para fazer a festa em cumprimento de uma promessa e porque ouvem a concessão de qualquer graça. Este é um dos motivos porque a festa nunca termina e é uma das funções da festa... a festa a Nossa Senhora ... essa nunca vai acabar. Há sempre uma conceção de uma graça a alguém... As próximas gerações vindouras, pelo menos conservam essa fé e mostram ter essa tal coisa lá dentro...por enquanto, pelo menos...”</p> <p>AB- “ Eu tinha 3 promessas no mesmo ano, ir a pé à nossa Senhora do Almortão, outra, a nossa Senhora de Fátima e outra levar a Nossa Senhora dos Altos Ceus no dia da procissão. As 3 no mesmo ano. E agora é todos anos, vou a pé a Nossa Senhora do Almortão e levo a nossa Senhora dos Altos Ceus todos os anos até eu puder... é a fé que nos move.”</p> <p>AB- “ Já ouvi aí um rapaz que o Zé... esteve quase à beira da morte e já tinha feito a festa e prometeu se melhorasse faria novamente a festa a nossa senhora e assim foi.”</p> <p>AB- “ É uma honra, é um momento que é único e comum e vive-se intensamente.” As pessoas querem ir todas, ali, junto a nossa senhora...”</p>

Tabela 37

Descrição de Sentimentos – Momentos religiosos e de fé da Festa (procissões/adeus à virgem/homilia)	
<p style="text-align: center;">Entrevista 6</p> <p>Assunção Marcelino- 60 anos – dançante e ensaiadora na Dança das virgens. Julho de 2011</p>	<p>D^a A – “Isto já é... como hei de dizer... é hereditário, vem dos nossos antepassados, quer dizer, foi com uma crença tão grande, com uma fé tão grande que esta festa foi dedicada, pelo grande milagre que se deu...”</p> <p>D^a A – “... e então pronto a gente agarrou-se de uma maneira que não conseguimos desligar.”</p> <p>D^a A – “ Toda agente anseia por aquele domingo de Maio, a gente esta cá mesmo agarrada, aquilo é nosso.”</p> <p>D^a A – “ Olhe isso não há palavras que se digam, eu tenho dito às vezes mesmo assim: “ como é que tu (referindo-se à virgem dos Altos Céus” com uma vida tão grande, consegues abranger a tudo e estar sempre presente nestas horas?”</p> <p>D^a A – “ Isto é uma coisa que a gente tem tanto dentro de nós, que nem bocadinhos, os minutos que dedicamos a isto, nos fazem falta nenhuma.”</p> <p>D^a A – “ Eu parece que nem doente sei lá... não sei, parece que naquela hora... não sei descrever bem, aquela hora é tão sagrada, tão sagrada que tudo se esquece!”</p> <p>D^a A – “Por mais que se corra faz-se tudo para que aquela hora esteja livre só para aquilo, para aquele momento.”</p> <p>D^a A – “Não... é mesmo fé, só fé!”</p> <p>D^a A – “Até mesmo os Lousences que estão espalhados, ninguém se esquece deste dia,... ninguém se esquece! Os que estão no estrangeiro vêm quase sempre nesta altura da festa e se não vêm, mandam dinheiro, dão prendas, é rara a pessoa que se esquece. É uma coisa tão querida, tão sagrada para nós!... “</p> <p>D^a A – “Dizem que Nossa Senhora ouve e que faz e que cede aos pedidos que fazem.”</p> <p>D^a A – “Mas não se pode desligar desta convicção... a população cada vez é menos, mas mesmo que a gente não consiga fazer a parte festiva profana do acontecimento, a parte religiosa nunca se vai deixar de fazer...”</p> <p>D^a A – “Ali a barraca dos indianos parece-me muito mal mesmo ali no largo da igreja onde tudo se passa tão religioso.... Isto é que já é negócio, a única forma de negócio extra festa, onde os motivos pelos quais esta se realiza já não fazem parte..... eu nem acho bem nada disso...”</p>

Tabela 38

Descrição de Sentimentos – Momentos religiosos e de fé da Festa (procissões/adeus à virgem/homilia)	
<p>Entrevista 7</p> <p>José Teles Chaves - 60 anos, atual Presidente da Junta de Freguesia da Lousa. Setembro de 2011</p>	<p>JTC – “ Relativamente à festa, eu desde miúdo me lembro da entrega das pessoas da freguesia no favor, na devoção e até do acreditar plenamente na situação que originou o motivo da festa e que reinava na população de uma forma geral. De modo que desde pequeno me lembro que esta festa foi muito acarinhada. As pessoas quase que andavam o ano inteiro à espera que esta festa acontecesse.”</p> <p>JTC – “ Para os miúdos e no meu tempo de miúdo, aquilo era... sei lá qualquer coisa transcendente.”</p> <p>JTC – “ Estávamos sempre à espera que chegasse a festa.”</p> <p>JTC – “ Relativamente à população em geral... havia e continua a haver, embora de modo diferente, uma devoção muito grande em realizar a festa. Consideram que estão a pecar se não fizerem a festa a Nossa Senhora, segundo a origem e o compromisso que vêm de mil seiscentos e tal Hoje em dia encaram mais a situação como um bem que chegou até nós e que representa uma situação muito antiga e consideram isto como património cultural da freguesia. Digamos que é o nosso cartão-de-visita e sem dúvida nenhuma que é quer a festa quer as danças tradicionais.”</p> <p>JTC – “ Os emigrantes vêm mais na festa de Maio e no Verão. Antigamente era taxativamente na festa de Maio há 30 ou 40 anos atrás. Agora já não é bem assim, são os filhos deles que vêm e mudaram os hábitos. Aproveitam o verão para irem à praia coisa que os antigos não faziam. Esses iam para a França, depois vinham na festa de Maio aproveitavam a festa e tratavam das hortas que tinham e assim... “</p> <p>JTC – “ Houve aí um ano em que não houve festeiros mas ainda assim não deixaram cair isto. Juntaram-se algumas pessoas e fizeram uma festa na mesma. Isto é uma situação que está muito enraizada nas pessoas e manter esta situação é muito mais importante que os lucros...”</p> <p>JTC – “ ... é pela questão da fé. Mas mesmo dentro da fé temos de dividir aqui as coisas um bocado. Se acontecer que a parte civil da festa, não se faça, com este pároco, de certeza que a parte religiosa seria feita na mesma. E neste momento com muita parte do povo a ajudar.”</p>

Tabela 38 (cont.)

Descrição de Sentimentos – Momentos religiosos e de fé da Festa (procissões/adeus à virgem/homilia)	
<p>Entrevista 7</p> <p>José Teles Chaves - 60 anos, atual Presidente da Junta de Freguesia da Lousa. Setembro de 2011</p>	<p>Referi o sentimento descrito por alguns casais entrevistados e acerca desse facto:</p> <p>JTC – “ Agora há aqui outro aspeto a considerar, de todos esses casais que referiu terem manifestado esse tal sentimento os mais religiosas que estão aí nesse grupo, são o Justino e a Rosalina. Os restantes são tão cristãos quanto eu... raramente vão à igreja, mas isso não quer dizer que não tenham fé. Apenas não a exteriorizam tanto como os outros não são praticantes.”</p> <p>JTC – “ Você já me ouvir falar das danças e da festa. E sou dos mais defensores desta situação, eu exteriorizo muito valorizando essa situação, agora não quer dizer que eu a interiorize para mim próprio. Eu vejo todo este aspeto do ponto de vista cultural e não como aspeto religioso e de fé. Digo isto apenas para justificar o que vou dizer a seguir. Admitindo a hipótese de a parte profana da festa vir a acabar, ou não, a parte religiosa vem acontecer durante muitos anos.”</p> <p>JTC – “ Mas repare, quem vai à missa, até, no próprio dia da festa, quem é que você vê lá? Vê lá os festeiros, porque são obrigados a estarem lá nesse dia, desempenham funções lá, e vê lá os velhinhos e velhinhas que vão todos os domingos à missa. Não me vê lá a mim, não vê lá o Miguel... se terminasse a parte profana, a religiosa iria continuar enquanto houver aí meia dúzia de pessoas que aderissem àquilo e que matem ainda essas tais raízes religiosas mais profundos.”</p> <p>JTC – “ As pessoas de mais fé não têm esta visão realista. Eu até vou, mas sem devoção, à Igreja... para mim, o que interessa mais, não é a parte religiosa da festa, o que importa mais é a parte cultural, a cultura a etnografia, a antropologia, os hábitos, costumes e tradições. Tenho algumas reservas relativamente a isso e a minha opinião não passa disso. A melhor maneira é manter as duas coisas...”</p> <p>JTC – “ Há um aspeto que é importante referir... um dos pontos altos da festa é sem duvida a procissão.....”</p> <p>JTC – “ Um ponto muito alto que engloba a sociedade, as danças, a fé a religião a parte profana.... é a procissão... indo culminar numa manifestação coletiva, num momento único. Eu não sei, se virem nas filmagens nota-se que a altura da procissão e o recolher da nossa senhora à igreja representa um marco.... Quer a gente queira, quer não.”</p> <p>JTC – “ Para mim há que ter em atenção a parte profana da festa porque mobiliza mais as pessoas, os forasteiros, porque ninguém vem cá para ir à missa da Nossa Senhora dos Altos Céus. As pessoas vêm à festa e depois já que cá estão até vão á procissão e à Igreja. Mas aquele bocadinho, ali, representa toda a nossa tradição todas as nossas raízes tudo aquilo que somos.”</p> <p>JTC – “ uma das coisas que mais me emociona, a mim, é a procissão e o adeus e por incrível que pareça, estou presente por vários motivos. Mas o que mais me move é o facto de me lembrar da minha mãe naquele momento lembro-me sempre dela ... a minha Mãe era uma pessoa muito devota e que tinha uma adoração extrema por Nossa Senhora, uma devoção genuína mesmo. Lembro-me de ela ainda estar viva e vem-me sempre à memória as expressões faciais dela naquele momento do recolher da Nossa Senhora e isso emociona-me.”</p> <p>JTC – “ De certa maneira, há aqui certos momentos que nos tocam. Eu acredito que esta geração da minha idade, ainda tenha alguns sentimentos deste género, porque ainda foram criados na situação mais antiga em que a fé movia a festa. Mas de qualquer maneira acabámos por sentir um bocado essas influencias da Agora a festa não é movida pela fé, é movida pela tentativa de manter a tradição e a cultura.nossa infância o que ajuda a manter “ a coisa”. Já esta geração de jovens dos 15, 16, 20 anos, acho difícil nutrirem estes sentimentos, não tem sentimento nenhum relativamente a isso.... 0.”</p> <p>JTC – “ Eu tina 6 anos e ainda me lembro de andar atras da musica e do fato que tive para a festa...”</p>

Tabela 39

Descrição de Sentimentos – Momentos religiosos e de fé da Festa (procissões/adeus à virgem/homilia)	
Entrevista 8 Sr. Padre António Castanheira - 48 anos, pároco na freguesia da Lousa em funções na Lousa desde 1993, há 18 anos. Entrevista em julho de 2011	<p>SPC – “A minha leitura pessoal tem a ver com pessoas que participam, são pessoas cujo modelo cultural é guiado por modelos de fé, que adquiriram na família, princípios que estão profundamente enraizados, genuínos e que fazem parte deles próprios e que fazem parte dos valores que entranharam. Não é como se fosse uma medalha que depois se arruma ao fim do dia. É algo que estava lá dentro e com que se convive pacificamente e com que se vive interiormente.”</p> <p>“De uma forma geral é assim, do ponto de vista da cultura religiosa, sim, com alguma cultura aprendida e vivida. Do ponto de vista histórico, não posso ter dados para afirmar isso, a minha sensação é que, de facto, as pessoas foram entranhando essa cultura muito interiorizada e que a vivem com naturalidade. A festa da Nossa Senhora dos Altos Ceus é inesquecível para qualquer pessoa que nela participa. ... há pessoas que vem de longe para cumprirem as suas promessas à virgem.”</p>

Tabela 40

Descrição de Sentimentos - Dança das Virgens	
<p>Descrição 1</p> <p>Ensaio da dança de dia 13 maio de 2011</p>	<p>“É difícil atendendo a sua faixa etária, mas ainda assim conseguem como ninguém demonstrar os seus sentimentos tal e qual os seus adultos progenitores.”</p> <p>“No final do ensaio, o ensaiador diz em voz alta... “é isto, a dança dos homens é isto” diz estas palavras de forma altiva, vaidosa e orgulhosa. Elevando um pouco o volume na sua voz.”</p>
<p>Descrição 2</p> <p>Ensaio da dança das tesouras no dia 13 de maio de 2011</p>	<p>“«A Tradição já não é o que era! Caramba, antigamente havia sempre gente disponível, hoje em dia é preciso andar a pedinchar às pessoas, que façam lá o favor de vir dançar...» comenta com desalento o Sr. José Mendes.”</p> <p>“Nota-se tristeza no seu olhar e um certo ar de impotência, sobre tamanha contrariedade.”</p> <p>“Consta-tei que, de facto, com a diferença no ritmo de vida das pessoas , não é fácil angariar voluntários, mas ainda assim e devido a persistência destes dois grandes pilares do ritual , há sempre colaboradores apesar de, os horários terem de ser limitados às suas possibilidades...”</p> <p>“Ainda assim os ensaiadores lamentam com profunda tristeza: «-quando eu morrer isto acaba...»”</p> <p>“ Ao serem proferidas estas palavras um silêncio ruidoso ecoa nos nossos ouvidos...”</p> <p>“O grupo de jovens que frequenta, este ano pela primeira vez, aulas de guitarra e que participa por sugestão dos pais, estará a criar alguma relação de afetividade com esta tradição que a bem da verdade é deles também? Eles respondem-me que sim ... mas há situações que denunciam ainda um certo afastamento ou até mesmo indiferença, talvez pelo facto de o “tal sentimento” tão falado nas entrevistas ainda não ter tocado a sua alma”.</p> <p>“Num futuro próximo poderão ser eles a tomar a iniciativa de manter presente a tradição enraizando e inculcando os mesmos valores que os seus antecessores lhe transmitiram a eles.”</p> <p>“Nestes menus de diálogos onde as discussões são um prato fácil de conquistar, é curioso constatar que estas gentes estão todas unidas por um mesmo fim e defendem-no acerrimamente até às suas últimas consequências.”</p> <p>“A ideia base é preservar estes ensaios por muitos e muitos anos. São eles a fórmula mágica que transportará no tempo esta tradição.”</p>
<p>Descrição 3</p> <p>Ensaio da dança das virgens no dia 11 de maio de 2011</p>	<p>“A justificar este comentário, deixo aqui o testemunho de uma mãe de duas jovens que dançam e que está presente neste local de ensaio. Em conversa comigo sentenciou: “Eu nunca dancei, mas sinto isto como se tivesse dançado, é meu, da minha gente e enquanto puder mandar nas minhas filhas elas irão participar”.</p> <p>“A Voz da Avó, também presente e em representação de uma geração anterior, também se fez ouvir logo de seguida: “ Eu ando tão doente, tão doente , só nossa Senhora dos Altos Céus sabe o sacrifício que tenho feito para arranjar os fatos das garotas, mas se não sou eu a faze-lo não há ninguém que o faça ..., tem de ser, enquanto eu poder, olha, depois que se amanhem”.</p>
<p>Descrição 9</p> <p>Apresentação pública da danças das tesouras em 16 de maio de 2011</p>	<p>“Os populares fazem uma roda em volta do adro e assiste-se a um espetáculo único suigeneris, impossível deixar qualquer um indiferente àquele aparato visual e sonoro que nos é dado a ver.”</p>

Tabela 41

	Descrição de Sentimentos - Dança das Virgens e dos Homens
<p>Entrevista 1</p> <p>Sofia Barata 15 anos- dançante na Dança das Virgens participa desde os 12 anos</p> <p>Sílvia Centeio 18 anos- dançante na Dança das Virgens. Participa desde os 10 anos.</p>	<p>SB- “A minha grande preocupação é não me enganar...”</p> <p>SC- “As pessoas gostam, o recinto está cheio e as pessoas querem chegar ao pé de nós, é muito bom, muito bom mesmo.”</p> <p>SC- “O mais difícil é entrar dentro do espírito da dança. Porque quando nós estamos dentro do espírito é muito fácil.”</p>
<p>Entrevista 2</p> <p>Daniela Salvado, 17 anos – dançante na Dança da Virgens). Participa desde os 7 anos.</p> <p>Joana Galhardo, 5 anos – dançante na Dança da Virgens. Participa desde este ano.</p>	<p>DS- “ Eu desde pequenina fui habituada a ver e que espero ansiosamente pela festa de Maio, estou habituada desde pequena a estar lá à frente, sempre a desejei fazer.”</p> <p>JG - “ porque gosto muito desta dança, e porque é muito bonita.”</p>
<p>Entrevista 3</p> <p>Patrícia Baltazar, 15 anos – dançante na Dança da Virgens. Participa desde os 8, 9 anos.</p>	<p>PB – “Primeiro pediram-me para ir para a dos homens e depois também me pediram para entrar na das virgens e eu aceitei logo, porque gosto mesmo da dança.”</p>

Tabela 42

Descrição de Sentimentos - Dança das Virgens e dos Homens	
<p style="text-align: center;">Entrevista 4</p> <p>Rosalina Barata, 41anos – Ex dançante na Dança da Virgens.</p> <p>Alexandre Barata, 42 anos – dançante e tocador na Dança dos Homens.</p> <p>Maio de 2011</p>	<p>RB – “Na fase da adolescência ainda não têm bem o sentido do que é a dança. “Ah ... pertence à dança das virgens ... e as miúdas não gostam desta brincadeira é difícil explicar que é uma honra” pretender a estas danças.”</p> <p>RB– “ Ser escolhida para as danças faz-nos sentir especiais... é uma honra! Porquê nós??? Com tantas meninas para entrar?”</p> <p>RB – “ Acho que não é o sentido da festa, a gente ali dança... não sei... é uma coisa que nos move, não é por ser a festa que se faz a dança, há um sentimento diferente.”</p> <p>RB – “Talvez, no meu tempo para nós era uma honra fazer parte das danças, sermos as escolhidas, sei lá... o porquê de sermos escolhidas, se calhar fazia-nos pensar um bocadinho, há qualquer coisa de especial em nós, para sermos as escolhidas. Por exemplo no meu tempo havia muitas meninas Pronto... Era um privilégio ser escolhido!”</p> <p>RB – “Toca e ao fim da gente dançar não interessa se nos enganamos ou não... pronto.... Que se faz sempre o possível para não nos enganarmos ... mas o que interessa ali é a sensação de dever cumprido... há qualquer coisa....”</p> <p>AB – “É uma honra chegar à frente.” (A propósito do que sente em relação ao facto de ir este ano começar a tocar na posição da frente onde se encontrava o membro mais velho do grupo o Sr. José.”</p> <p>AB – “ Dançar em frente à igreja, para mim é bom, ainda por cima, lá (no adro da Igreja virado para a nossa senhora). Fora é uma coisa, ali é outra! Estar ali naquele local é uma honra. Vestir aquela farda em qualquer local é sempre bom, mas em frente a nossa senhora é outra coisa....”</p> <p>AB – “É uma sensação que não se consegue descrever... estará a atuar naquele sítio.”</p> <p>AB – “Há qualquer coisa ali naquele local, um chamariz, ou chamamento... Quando chega aquela hora do fim da procissão, do recolher da procissão, as pessoas já não vão embora, sabem que... se vai passar ali uma coisa muito bonita e forte. Aquele momento ali de o recolher da procissão toca...”</p> <p>AB – “Eu quando acabo de dançar ali, sinto um enorme alívio, quando o Joaquim dá os últimas 3 toques que é o fim da dança é assim um (expressão de descarregar tensão), este ano já está, já cumprimos o nosso dever...”</p> <p>AB – “Eu acho que o nosso povo sente igual a nós naquela hora sente-se, há ali uma vibração qualquer, ... o nosso povo na hora de dançar está ali em cima da gente com muito sentimento...”</p> <p>AB – “É uma honra, é um momento que é único e comum e vive-se intensamente.”</p> <p>AB – “Fazer na aldeia dá-nos uns arrepios pela coluna acima.”</p> <p>AB – “Gostam muito das danças. Não saem do recinto no dia da festa. Não saem de cá sem as ver, tanto os de cá como os de fora e na segunda-feira é igual com a dança das tesouras...”</p> <p>começam já a ter a quele bichinho. Quem vem de fora e olha pela primeira vez para o ritual até pensa que estão todos ali a fazer um “frete”, pouco descontraídos e tão sérios que vão... no entanto na das tesouras mudam de postura ...”</p> <p>AB: “ Uma coisa não tem nada a ver com outra, metemo-nos com o público e brincamos com as pessoas na das tesouras é uma brincadeira... uma dança de trabalho.”</p>

Tabela 43

Descrição de Sentimentos - Dança das Virgens e dos Homens	
<p>Entrevista 5</p> <p>José Mendes Feio, 80 anos – dançante na Dança dos Homens.</p> <p>Maria Bispo dos Santos, 78 anos – Não participante.</p> <p>Julho de 2011</p>	<p>JMF – “ oh, então ... sinto-me bem a fazer as danças a Nossa Senhora. Porque gosto, gostava porque agora já não o faço. Gostava que os outros contribuíssem também para elas e assim. Tinha amor às danças, são nossas e ainda hoje, sinto tudo isso, mas já não posso andar naquilo há 53 anos que andei naquilo!...”</p> <p>JMF – “ ... gosto muito, há quem diga que eu não entrego a chave que não sou capaz!..”</p> <p>JMF – “ Eu quero ver se consigo que isto não acabe. Quando sair tenho de ir controlando. Eu posso ter uma opinião e dá-la e eles têm de a aceitar...”</p> <p>Dª Maria-“ Eu sei as 3 melodias, mas não sei quando mudam porque não vejo muito as danças... adoro-as ... e as pessoas agora também gostam mais.”</p> <p>Dª Maria-“ As garotas de agora são mais modernas não se importam com as danças, mas as mais antigas agora parece que gostam mais, acho eu!”</p> <p>Dª Maria-“ A dança mete um vistão, então no palco é que é. Muito lindo... era sempre uma grande emoção...” se deixar de haver é uma pena, porque não há nada igual na Beira Baixa... nem no país. Eu adoro as danças das raparigas, é um ballet muito, muito bonito.”</p> <p>Dª Maria: “Eu é que costumava ir com eles e compunha as raparigas e ajudava no que podia... e via bem que guardavam sempre estas danças pra o fim para segurarem o pessoal...A dança mete um vistão, então no palco é que é. Muito lindo... era sempre uma grande emoção...”</p>

Tabela 44

Descrição de Sentimentos - Dança das Virgens	
<p>Entrevista 6</p> <p>Assunção</p> <p>Marcelino- 60 anos – dançante e ensaiadora na Dança das virgens. Julho de 2011</p>	<p>D^a A – “A gente agarrou-se de uma maneira que não conseguimos desligar.”</p> <p>D^a A – “Eu creio... não sei pronto! Toda agente anseia por aquele domingo de Maio, a gente esta cá mesmo agarrada, aquilo é nosso. Olhe isso não há palavras que se digam... Mas é assim, isto é uma coisa que a gente tem tanto dentro de nós, que nem bocadinhos, os minutos que dedicamos a isto, nos fazem falta nenhuma. Eu parece que nem doente sei lá... não sei, parece que naquela hora... não sei descrever bem, aquela hora é tão sagrada, tão sagrada que tudo se esquece! Por mais que se corra faz-se tudo para que aquela hora esteja livre só para aquilo, para aquele momento.”</p> <p>D^a A – “Não consigo dormir por causa disto quando tenho um problema para resolver, e não descanso enquanto não encontro a solução...”</p> <p>D^a A – “Uma delas vai para a universidade este ano e anda muito triste.”</p> <p>D^a A – “Cai-me mal quando querem descaraterizar o nosso propósito.. fico zangada e luto para manter a tradição com ela é.</p> <p>D^a A – “Estava simulado eu prefiro perder este tempo e as despesas que nos levaram ali, do que perder as tradições de tantos anos da minha terra... se querem como é, é! se não querem acabou!”</p> <p>D^a A – “Eu tive de mandar parar não vamos trair a tradição que temos dos nossos antepassados...eu não deixo.... é por isso que eu digo, que mudanças nem pensar!...”</p> <p>D^a A – “... Isso é um sofrimento.... Muito grande....”</p> <p>D^a A – “pronto isto mexe comigo, eu queria ter tudo perfeito, mas eu sei que não pode ser assim....Mas fico doente com estas coisas.”</p> <p>D^a A – “ Era uma honra ser escolhida para as danças, toda a gente queria participar.”</p> <p>D^a A – “ Eu sinto-me, tão leve a dançar. Às vezes elas andam tão pesadas, aquilo entra cá tanto!... Eu ate parece que andava no ar... tão leve! Aquelas voltas, aquela, música..... Tão bom! “</p> <p>D^a A – “Sinto alivio quando elas aceitam vir dançar para o grupo...”</p>

Tabela 45

Descrição de Sentimentos - Dança das Virgens	
<p>Entrevista 7</p> <p>José Teles Chaves - 60 anos, atual Presidente da Junta de Freguesia da Lousa. Setembro de 2011</p>	<p>JTC – “Vamos lá a ver, você já me ouvir falar das danças e da festa. E sou dos mais defensores desta situação, eu exteriorizo muito valorizando essa situação, agora não quer dizer que eu a interiorize para mim próprio.”</p> <p>JTC – “Eu vejo todo este aspeto do ponto de vista cultural e não como aspeto religiosos e de fé.”</p> <p>JTC – “o Alexandre diz sentir um arrepio quando termina aquele momento.”</p> <p>JTC – “O Alexandre será um caso diferente, a Rosalina é uma pessoa muito religiosa muito ligada à Igreja, Catequista, sempre de volta do padre. O Alexandre anda há muitos anos nas danças, Ligado a esta mística da festa, da tradição, a ouvir, a sentir. O próprio filho dele já integra as danças, ele já está a inculcar isto... Acaba por estar já a fazer o papel dele e depois têm o mais pequeno que também já fez na dança das tesouras.”</p> <p>JTC – “Isto também se passa porque ele já sente aquilo por lá estar há muitos anos e vai ficando enraizado, ele sente muito a tradição. As pessoas que estão nas danças têm de sentir mesmo senão não estariam lá.”</p> <p>JTC – “A dança das raparigas é mais difícil porque a passagem delas por lá é curta. Elas entram com 12, 13 anos depois quando namoram saem aos 16, 17 anos. Vale-nos isso, aquela força de vontade da Assunção, senão a dança das virgens já teria acabado. AS miúdas quando entram dificilmente sentem alguma coisa. Sentirão apenas o dever de, sendo Lousence dar continuidade a uma tradição, não tem nada a ver com esse sentimento que o Alexandre fala. Depois quando saem, algumas delas e por terem vivido neste meio, banhadas por toda aquela situação, acabam por ter... e é engraçado falar com elas quando entram e depois quando saem.”</p> <p>JTC – “Saem com pena e o sentimento é diferente, relativamente à importância que representa para elas. entrevista com a Mãe e filha das miúdas mais novas.”</p> <p>JTC – “Elas agora não entendem mas depois vão entender..... felizmente vão sempre aparecendo umas pessoas assim, como a Maria João e o Alexandre que depois tentam inculcar estes espirito nas suas filhas e filhos.”</p> <p>JTC – “A Dª Assunção o Sr. Zé, que já entregou a chave, mas que se for preciso alguma coisa estará presente, felizmente temos tido, assim, pessoas que se agarram e vivem esta tradição e que á conta disso tem movido montanhas para a manter.”</p>

Tabela 46

Descrição de Sentimentos - Dança das Virgens	
<p>Entrevista 8</p> <p>Sr. Padre António Castanheira - 48 anos, pároco na freguesia da Lousa. Em funções na Lousa desde 1993, há 18 anos. Entrevista em julho de 2011</p>	<p>SPC – “Presentemente, observo um empenho normalíssimo, assumido interiormente pelas pessoas que o fazem, apenas por não perder uma coisa, mas também por quer manter o dever devocional, das danças à Virgem Maria.”</p> <p>SPC- “Mas aqui na Lousa o sentido de vir a participar, particularmente, na celebração e na procissão como voto interior. Está muito marcado. As promessas que fazem, algumas assim do ponto de vista dos cânones, nem são muito direititas... mas paciência..., as pessoas em determinadas alturas e situações não olham ao que prometem e prometem até situações menos sérias ou melhor dito, justas, por exemplo as pessoas não têm de cumprir determinados tipos de coisas que lhe exija fisicamente muito esforço... mas fazem-no muito frequentemente e depois de uma palavra dita, não há palavra que a desdiga... nem que o pároco lhe diga que a promessa pode ser comutada e tem de ser comutada. Essa situação está mais que prevista, mas para as pessoas isso não tem valor, nem validade. E às vezes na procissão há ali um certo desencanto, porque as pessoas querem todas ir no mesmo sitio e isso não pode ser, tanto vai na procissão o 1º, como o último, antes de chagar a banda, costuma-se dizer que quem vai atrás da banda não vai na procissão tecnicamente é assim... mas as pessoas querem todas ir junto ao padre e ás imagens e por vezes desentendem-se por isso, e desencantam-se por não conseguir. Quem preside à procissão é sempre o último. Atrás vai o Stº Lenho como presidente da procissão e esse vai atrás da imagem da Nossa Senhora, isto é assim tecnicamente só que as pessoas não olham assim...”</p>

Tabela 47

Descrição de Sentimentos - Dança das Virgens	
<p>Entrevista 9</p> <p>Alexandra Capinha – 40 anos –, Natural da Lousa residente em Castelo Branco. Nunca participou nas danças, mas participa ativamente na festa.</p> <p>João Miguel Capinha – 44 anos- Natural da Lousa residente em Castelo Branco . Não participante</p> <p>António Justino – 41 anos- Natural da Lousa residente em Castelo Branco. Não participante.</p> <p>Paula Justino - 41 anos. Natural da Lousa. Não participante.</p> <p>Entrevista em julho de 2011</p>	<p>TJ- “Não, nunca fiz parte das danças. Vivo o ritual como espetador e participo como posso no que é necessário.”</p> <p>TJ - “ Sinto o ritual como meu.”</p> <p>TJ – “Já por lá passaram a minha mãe e as minhas tias, não é pelas pessoas, é mesmo pelo sentimento com que aquilo foi criado e penso que algumas pessoas já não têm noção do que é.”</p> <p>TJ – “ Aquela devoção a paixão com que as pessoas fazem e a preocupação que algumas têm em arranjar elementos para que a tradição não se perca é muito forte.”</p> <p>TJ - “Agora no íntimo o que é que isso me toca? Taca!... É difícil descrever o que sinto, mas sei que toca muito, não há uma palavra que descrevam.”</p> <p>TJ- “Talvez seja gratidão.”</p> <p>TJ - “Não tenho dúvidas, que aquilo é meu também. Quem chega ali e vê e não sabe nada sobre aquilo não dá valar, só dá valor quem sabe a história, ou entende nem que seja uma parte da história.”</p> <p>MC – “ Eu não vejo a coisa da mesma maneira que o Tô-Zé. As pessoas que não conhecem a história não sentem aquilo, devem questionar-se.”</p> <p>MC – “Agora em termos de visão sentimental eu não sou tão ligado àquilo. Respeito Não vejo todos anos.”</p> <p>MC - “As danças não me emocionam ... as danças não em dizem tanto.”</p> <p>TJ - “As meninas que por lá passam, nem sempre sabem, a função exata que envolve aquilo. Muitas delas passaram por lá sem saber exatamente isso.”</p> <p>TJ - “Mas já há muitas agora, que sim, que já começam a ter noção da importância daquilo e que sentem profundamente já o que estão ali a fazer.”</p> <p>TJ - “A finalidade das danças é outra e passa pelo sentido que está por detrás daquilo tudo que nós vemos. A alma daquilo não é a alma musical a alma daquilo é a presença e aquilo que o Alexandre disse o cumprir a promessa em frente á igreja... “</p> <p>TJ - “Com pessoas sem pessoas, com música ou sem música.... Aquilo podia ser feito sem ninguém a assistir....”</p> <p>AC - “Nas danças nunca pensei em fazer ou não fazer, na altura em que eu poderia ter feito elas estavam paradas...não me tocou muito não ter participado, não fazer a festa a nossa a senhora já me iria tocar, é uma sensação diferente... “</p> <p>TJ – “Os nossos filhos já diriam que não queriam, tem a ver com o facto de nós não termos participado. A nossa envolvência no ato de participar poderá estar na base de não lhes conseguirmos passar a vontade de eles também participarem. Ouve ali uma entrega e uma zona que não nos envolveu a nós, por isso não nos diz tanto. Se falar com a minha mãe já não fala assim, porque já dançaram...”</p> <p>TJ – “Nota-se nas entrevistas das crianças que dançam a diferença de discurso, a faixa etária faz enraizar e aprofundar o sentimento... A mãe da Joana pressionou-a bastante porque, lá está, a mãe já foi das danças... é o feeling que têm dentro delas e que move montanhas...”</p>

Tabela 47 (cont.)

Descrição de Sentimentos - Dança das Virgens	
<p>Entrevista 9</p> <p>Alexandra Capinha – 40 anos – Natural da Lousa residente em Castelo Branco. Nunca participou nas danças, mas participa ativamente na festa.</p> <p>João Miguel Capinha – 44 anos- Natural da Lousa residente em Castelo Branco. Não participante</p> <p>António Justino – 41 anos - Natural da Lousa residente em Castelo Branco. Não participante.</p> <p>Paula Justino - 41 anos. Natural da Lousa. Não participante.</p> <p>Entrevista em julho de 2011</p>	<p>AC- “ A grande motivação que trás as pessoas que não residem na Lousa e que voltam nesse fim-de-semana, vem do sentimento de cumprir promessas. Há muita gente que só vem nesse fim-de-semana, mais até do que no natal e pascoa, e que se vê na procissão e na missa no domingo da festa da nossa senhora. Há gente que regressa e que volta fielmente.”</p> <p>AC- “ Eu não penso que a realização da festa seja uma obrigação passada pelos nossos antepassados toda a vida vi isto, e sempre quis fazer a festa e sempre achei que devia fazer, e chegou a minha altura e eu fiz porque assim tinha que ser, não achei obrigação nem injusto ter de fazer algo que não fui eu que prometi. E sempre foi assim, sempre vi fazer e sempre achei que tinha de fazer...”</p> <p>PJ- “A festa nunca foi comigo, descobri a festa muito tarde há 17 anos que cá estou, mas explicar o que me faz fazer e estar na festa é uma sensação que não dá para explicar, principalmente a procissão que é no Domingo, não dá para explicar o que eu penso e o que sinto quando estiou lá... Eu fiz a festa porque eu quis, não foi promessa nenhuma, mas que se sente alguma coisa sente-se! Achei que em sentia bem a fazê-la, e se não a fizesse não me iria sentir bem... mas o porquê desses sentimento é difícil de explicar.”</p> <p>TJ- “Eu já contagiei a minha mulher com aquele espirito que nos envolve, e ela já sente um pouco como nós. E assim, a questão de fazer a festa foi um bocado controversa. Faze-la naquela ano... eu sou devoto, extremamente, tenho uma feição muito forte por Nossa Senhora, Nossa Senhora de Fátima já não é tão relevante para mim, sendo a mesma entidade. Entretanto Nossa Senhora do Altos Céus sempre me motivou, sempre me cativou, tanto o festivo como o não festivo. Entretanto, por uma questão de devoção, sempre quis fazer a festa, já tinha feito quando fui dos escuteiros sem qualquer objeção, entreguei-me de corpo e alma àquilo, sem qualquer interesse ou objetivo. Não foi só no sentido de que ela não findasse naquele ano, juntamos os escuteiros e a Junta de Freguesia (situação anteriormente relatada pela Rosalina na entrevista) e a malta toda junta levaram a bom porto aquilo a que nos propusemos.”</p>

Tabela 47 (cont.)

Descrição de Sentimentos - Dança das Virgens	
<p>Entrevista 9</p> <p>Alexandra Capinha – 40 anos –, Natural da Lousa residente em Castelo Branco. Nunca participou nas danças, mas participa ativamente na festa.</p> <p>João Miguel Capinha – 44 anos- Natural da Lousa residente em Castelo Branco. Não participante</p> <p>António Justino – 41 anos- Natural da Lousa residente em Castelo Branco. Não participante.</p> <p>Paula Justino - 41 anos. Natural da Lousa. Não participante.</p> <p>Entrevista em julho de 2011</p>	<p>TJ- “Quanto ao testemunho e à passagem de geração da dita promessa, sim, isso acaba por ser connosco, está enraizado como a alegoria da caverna em que aquilo que nós temos e que faz parte de nós chega a uma altura da vida em que todos vamos passar por lá. Como da mesma forma se faz o batismo, casamento a comunhão para nós foi mais um passo, da mesma forma se daqui a um futuro próximo venham a nomear os nossos filhos e nós por trás estaremos para os empurrar, agora pronto é uma vivência...”</p> <p>TJ- “Aos nossos filhos ainda lhes passa ao lado... nós temos lá um sentimento, eles ainda não... com o tempo e provável que lhes venham a ter esta perceção diferente daquilo. Quando o cérebro dele tiver outra fisionomia, outro molde, acabam por se render e adotar uma tradição que é deles também.”</p> <p>TJ- “Prevejo que num futuro muito próximo aquela festa de comer e beber irá terminar, mas que evidente, num futuro a seguir a questão das danças, quase de certeza... e no futuro um pouco mais distante talvez se mantenha apenas a parte religiosa. A procissão. Não vamos ter população para o fazer, nas próximas 3, 4, 5 décadas, não vejo perspectivas para que possam haver pessoas para o fazer, poderá haver uma urbanização ou outra, mas nunca número de pessoas que justifique a vontade de fazer manter esta tradição. As pessoas pensam como os nossos antigos imigrantes quando forem velhos voltam à aldeia. Aqui, será mais ou menos assim,... penso eu! Esta é a minha opinião. Os nossos filhos poderão querer, sei lá..... Não sabemos, não.... A festividade pagã terminará muito em breve! Infelizmente, eu vejo isso assim...”</p>

Anexo V

Categoria V: Economia da Festa

Tabela 48

Referências ao modo de gestão económica da festa a Nossa Senhora de Altos Céus	
Entrevista 4 Rosalina Barata , 41anos– Ex dançante na Dança da Virgens. Alexandre Barata , 42anos – dançante e tocador na Dança dos Homens. Maio de 2011	<p>RB- “Faz-se um peditório pelo povo a seguir à festa, mal são nomeados os novos festeiros. Parte-se todos os anos com custo zero.”</p> <p>RB- “Os lucros revertem para a igreja ou para melhoramentos relacionados com a festa.”</p> <p>RB- “O dinheiro dos lucros do peditório da festa de Maio irá agora presentemente dar para realizar as 3 festas do ano inteiro.”</p> <p>RB- “Nesta festa que vem, agora em Julho, que é a festa de Stº António faz-se o peditório, chama-se ramo, as pessoas dão dinheiro mas não batem às portas. Vão à missa e é feito o ramo de Stº António. Por exemplo tinham lá sardinhas, uma aparelhagem a tocar, as pessoas foram lá jantar pagaram. No domingo ouve a missa, havia manjericos, dão coisas que tem da horta, fazem bolos e lavam para vender, dão o que podem e o que tem, e depois leiloam, o preço é simbólico.”</p> <p>RB- “A festa de Agosto já é maior, já há um conjunto, Carmesse, mais o bar, é um ensaio para a festa de maio.”</p> <p>RB- “Agora 2 anos e meio depois de eu fazer, quase que nem é preciso gente para ajudar, contrata-se um restaurante e vem servir as pessoas todas.”</p> <p>RB- “Eu acho que não é muito justo este modo, porque é mais um modo de exploração do povo e sobrecarregar mais ainda o povo com despesas.”</p> <p>RB- “Agora fazem muito tudo à grande... mas quem paga tudo é o povo, por vezes já se torna uma exploração. O povo é muito sobrecarregado.”</p> <p>RB- “O que sobra das despesas da festa é investido em melhoramentos públicos relacionados com a festa e/ou entregue á igreja. O ano passado por exemplo foram adquiridos 2 vitrais para a Igreja, o manto da nossa senhora... o vitral da frente.”</p> <p>AB- “...só as coisas que estejam relacionadas com a festa. A comissão de 2010 por exemplo mandou construir 2 casas de banho públicas porque na altura da festa é complicado... as pessoas queriam ir à casa de banho e não tinham onde ir...”</p> <p>Acerca da possibilidade de gerir a festa de modo a que esta traga benefícios económicos que contribuam para o desenvolvimento da Lousa:</p> <p>RB - “Não isso envolveria mais gente, questões políticas, desentendimentos, as questões dos dinheiros são muito complicadas, a parte dos festeiros.... Ui....Nós, as danças pertencemos à Junta de Freguesia, não pertencemos à festa.”</p> <p>AB- “Não isso envolveria mais gente, questões políticas, desentendimentos, as questões dos dinheiros são muito complicadas, a parte dos festeiros.... Ui....Nós, as danças pertencemos à Junta de Freguesia, não pertencemos à festa.”</p> <p>AB- “As danças nunca são convidadas para fazer a festa. As danças tem esse compromisso e são dado adquirido, mas no fundo nós não temos nada a ver com a festa. O apoio económico dado às danças é feito pela junta de freguesia, são coisas à parte. Às vezes somos referidos nos cartazes e no programa, outras nem isso.... Mas a verdade é que nós estamos lá.”</p> <p>RB - “A festa faz-se sempre dentro das possibilidades que se têm, quando não há muito dinheiro faz-se com pouco.”</p> <p>RB - “Antigamente fazia-se com o que se tinha à mão, se não se tinha muito, fazia-se com pouco...”</p>

Referências ao modo de gestão económica da festa a Nossa Senhora de Altos Céus	
<p>Entrevista 6</p> <p>Assunção Marcelino- 60 anos – dançante e ensaiadora na Dança das virgens. Julho de 2011</p>	<p>Acerca da finalidade económica da festa:</p> <p>D^aA – “Não... é mesmo fê, só fê! Vão-se renovando coisas necessárias para a festa e há ainda outra coisa, parte do dinheiro angariado nas festas é aplicado na igreja, seja o manto de nossa senhora, o manto atual da nossa senhora foi bordado na Índia... é porque já não se encontra muito quem faça esse trabalho.”</p> <p>D^aA – “Estamos em crise mas mesmo assim cresce sempre muito dinheiro da festa. Faz-se sempre uma festa com muitos conjuntos famosos caríssimos, é uma festa de muita despesa para um povo tão pequeno... não só pelas oferendas.</p> <p>D^aA – “Até mesmo os Lousences que estão espalhados, ninguém se esquece deste dia,... ninguém se esquece! Os que estão no estrangeiro vêm quase sempre nesta altura da festa e se não vêm, mandam dinheiro, dão prendas, é rara a pessoa que se esquece...”</p> <p>D^aA – “... a questão da festa e das barracas?... Ali a barraca dos indianos parece-me muito mal mesmo ali no largo da igreja onde tudo se passa tão religioso. Eu há tempos disse ao Padre Castanheira que tinha uma coisa atravessada na garganta que era a barraca ali a vender, misturada com aquele cenário lindo que envolve o espaço físico da festa, o adro a decoração das ruas com as flores destoa ali uma barraca... Mas o Padre respondeu-me que aquilo já só tem a ver com os festeiros. Isto é que já é negócio, a única forma de negócio extra festa, onde os motivos pelos quais esta se realiza já não fazem parte... Os comes e bebe ainda vá, as pessoas estão ali para se divertirem e onde há diversão há comida e bebida... mas a barraca ali ... pagam para lá estar... Mas agora é as pipocas e essas porcarias todas... No meu tempo não era assim ... não queremos deixar avançar a ideia de esta festa se transformar numa festa turística... Isso não!”</p> <p>D^aA – “É tudo a favor da igreja, entra nos lucros da festa tal como as outras barracas de comes e bebes. Na altura da minha mãe a carmesse já se fazia só que com coisas da horta ... o borrego, as alfaces, o feijão, a batata Quando podia, a pessoa dava um copo uma caneca, pronto... sempre houve uma ajuda para a festa... a parte dos conjuntos é novo dantes era só a banda e a aparelhagem para o baile... agora é que começaram os conjuntos.”</p> <p>Acerca da junta de freguesia entrar com alguma ajuda económica na realização da festa:</p> <p>D^aA – “Não... nunca, com nada ... quando vamos sair para algum lado e pedimos ajudas de custo para algo que seja necessário ele respondeu que isto é connosco e que a junta não tem nada a ver com isso... mas eu acho que não é assim, nós temos de estar agregados a alguém...”</p> <p>D^aA – “Carmesse, povo e comes e bebe são as ajudas que custo que angariamos para fazer a própria festa...carmesse rifas e leilão da carmesse. As rifas há pouco tempo foram implementadas... prendas, melhores, são leiloadas e as rifas com coisinhas mais pequenas... os homens dão uma garrafinha e as mulheres, uma prenda.”</p> <p>D^aA – “Isto e uma tradição que nos guardamos todo o ano e depois naquele dia apresentamos para ajudar. Uma coisa muito antiga... a Festa sobrevive sozinha, mas há situações em que deveríamos e poderíamos ter algumas ajudas da Junta, nós somos os representantes de uma tradição que é de todos. Temos de estar agregados a alguém.”</p>

Tabela 50

Referências ao modo de gestão económica da festa a Nossa Senhora de Altos Céus.	
<p>Entrevista 7</p> <p>José Teles Chaves - 60 anos, atual Presidente da Junta de Freguesia da Lousa. Setembro de 2011</p>	<p>JMT- “Envolve investimentos elevados.... Mas temos tido sempre saldos positivos... em 2005 quando eu fiz a festa angariamos cerca de 60.000 euros que para uma freguesia destas já é uma quantia considerável... e mesmo assim terminamos com 12.000 euros de saldo positivo.”</p> <p>JMT- “O ano passado e há dois anos o valor subiu bastante mais 70 mil euros de despesa e também acabaram com salto positivo.”</p> <p>JMT- “A coisa tem corrido bem, as pessoas envolvem-se com vontade nesta situação e o povo, felizmente e ao contrario das outras aldeias vizinhas, continua a fazer a festa.”</p> <p>JMT- “Na minha opinião, presentemente até com um bocadinho de exagero em despesas... não devíamos levantar tanto a bitola da festa porque as coisas estão mais complicadas... mas o povo contribui bastante para a realização da festa.”</p> <p>JMT- “Normalmente é o povo que a paga com o dinheiro da chamada “esmola” , chamamos assim por tradição - no domingo de pascoa que antecede a festa, os festeiros aproveitam o facto de as famílias estarem juntas com os elementos que vem de fora e dão uma volta, depois do almoço, pelo povo a pedir essa esmola...faz-se no domingo de Pascoa a prolonga-se todos os domingos até à festa de Maio. Recolha essa que acaba por atingir, entre os 10.000 e os 15.000 mil euros o que não é nada mau.”</p> <p>JMT- “Mas depois ainda contribui com outras coisa para a carnesse e agora surge outra situação, o facto de o povo quase todos os dias vai comer à festa.”</p> <p>JMT- “Esta modalidade é recente, talvez da última década, 7 anos para cá. Antigamente não era assim. Isso é ótimo para a festa, porque o dinheiro que entra é mais uma fonte de receita e é das coisas que mais dinheiro dá. A grande fonte de receita da festa e a própria festa em si...”</p> <p>JMT- “Houve aí um ano em que não houve festeiros mas ainda assim não deixaram cair isto. Juntaram-se algumas pessoas e fizeram uma festa na mesma.”</p> <p>JMT- “Isto é uma situação que está muito enraizada nas pessoas e manter esta situação é muito mais importante que os lucros.... “</p> <p>JMT- “Sou Daqueles que defende que até se deve fazer a festa sem dinheiro....”</p> <p>JMT- “Há anos em que chega a haver uma certa rivalidade entre os festeiros que lutam para de conseguir que sobrar mais dinheiro que aos do ano anterior... isso é mau, mas por outro lado pode ser bom, porque os obriga a trabalhar mais</p> <p>JMT- “Os dinheiros que sobram não transitam de umas comissões para outra... atenção.</p> <p>JMT- “Eles, normalmente aplicam o dinheiro em beneficio da freguesia. Por exemplo a comissão de festa do ano transato, aplicou o dinheiro que sobrou na construção de uma casa de banho que serve a festa e a capela mortuária... benefícios da freguesia ou bens para o centro de dia de idosos, etc, depois apresentam as contas publicamente.”</p> <p>JMT- “É sempre a própria comissão que investe e gere o dinheiro da doação.”</p> <p>JMT- “Fazem à medida daquilo que têm. E depois colocam a placa a dizer qual a comissão que realizou.”</p> <p>JTC. “ Repare que só comerciantes nos dias da festa encerram as portas dos seus estabelecimentos para não interferir na economia da festa”.</p>

Tabela 50 (cont.)

Referências ao modo de gestão económica da festa a Nossa Senhora de Altos Céus.	
<p>Entrevista 7</p> <p>José Teles Chaves - 60 anos, atual Presidente da Junta de Freguesia da Lousa. Setembro de 2011</p>	<p>JMT- “Nada a ver com a junta... eventualmente alguma coisa nos orçamentos que fique aquém e que precisem, mas isso é coisa que raramente acontece. Eles fazem daquela gestão um ponto de honra, que seja uma coisa mesmo deles... mas eventualmente em situações de faltar alguma coisa falam com a junta e poderá haver pontualmente uma ajuda da junta...”</p> <p>JMT- “Antigamente por exemplo, quando o meu sogro e o meu pai fizeram a festa, tinham de dar acolhimento durante a semana à banda, acordeonistas, 2 bandas naquela altura, pessoal da pirotecnia, da iluminação, dos enfeites... As festas faziam-se com 5 ou 6 festeiros, eram cento e tal.JMT- “Era ali uma semana daquilo! Muito complicado! Dai a necessidade de as pessoas terem cá a casa... hoje em dia acabou, as pessoas já vão para os hotéis... a gente paga!”</p> <p>JMT- “As bandas já não têm esse problema, vêm e vão no mesmo dia... a comida vem o restaurante servir, ao clube... a própria modernidade já permite outras coisas que antigamente não permitia.”</p> <p>JMT- “Até uma certa altura eram os próprios festeiros que faziam a comida para as pessoas comerem em casa, depois houve no ano em que começaram a angariar festeiros que não tinham cá casa resolveram fazer eles parópios a comida mas falaram como a união Lousence para servirem as pessoas lá no clube. Nos anos seguintes já nem foram os festeiros que fizeram comida mas contrataram a empresa que fazia as refeições e vinham cá servir.”</p> <p>Acerca do modo como gerem a contratação das empresas que vem tratar da iluminação dos conjuntos musicais etc..ainda ficaram ou não alojadas na aldeia:</p> <p>JMT- “Depende, por exemplo este ano foi uma empresa da Lardosa e como estão perto vão e vem... mas quando eu fiz em 2005 veio um empresa do Bombarral, tivemos de dar comida e dormida às pessoas que vieram. Mas isso faz parte dos contratos. Depende do que se combina, temos de fazer sondagens de mercado e estudar todas as possibilidades. O valor das propostas tem a ver com ou sem essas coisas.”</p> <p>JMT- “Gerir a festa é um pouco como gerir uma empresa.”</p> <p>JMT- “Ainda em relação à questão do reaproveitamento da festa para poder incentivar o desenvolvimento local. Existe uma questão que é fundamental para explicar essa possibilidade. Nos dias da festa há uma preocupação constante de as várias empresas (pequenas que existem cá assim como as instituições como por exemplo a União Lousence, de nos dias da festa não tirar a clientela à festa... não sei se esta a perceber onde quero chegar!”</p> <p>JMT- “Eles entendem que a festa tem de se sustentar de sobreviver sozinha sem prejuízo.”</p> <p>JMT- “Logo essa perspectiva de rentabilizar a festa para desenvolver localmente a região demoraria a implementar, porque é uma questão de mentalidade percebe?”</p>

Tabela 50 (cont.)

Referências ao modo de gestão económica da festa a Nossa Senhora de Altos Céus.	
<p>Entrevista 7</p> <p>José Teles Chaves - 60 anos, atual Presidente da Junta de Freguesia da Lousa. Setembro de 2011</p>	<p>JMT- “Há ainda outro aspeto que deitaria pro terra essa possibilidade que é o facto de se poder criar aqui uma atividade relacionada com a festa e com as danças que teria de ser eventualmente algum tipo de artesanato que estivesse disponível nessa altura para isso... eu acho que a questão da festa e das danças assim como muito do património cultural material e imaterial da aldeia assim como da região. Poderia ser rentabilizado sim, mas de outra forma, de uma forma mais global, mais abrangente a nível de conselho e até mesmo de região, mas isso teria de passar pela câmara municipal, não a junta de freguesia por si só poderia mover-se sozinha. Eu tenho batalhado muito neste sentido e embora a Câmara de Castelo Branco, tenho dado sempre uma grande ajuda e tem sido um grande apoio para nós ao longo deste anos, por outro lado tem descurado um pouco a parte do desenvolvimento turístico. Isto só poderá trazer alguma rentabilidade em termos globais de oferta de turismo. A Lousa tem um património muito rico, esta situação das danças e da festa é muito rica, tem valor patrimonial como haverá poucos e está muito bem divulgado porque temos feito um bom trabalho a nível da divulgação das danças e da festa uma atividade sazonal... só na própria altura da festa! Não me parece que fosse rentável...”</p> <p>JMT- “Este nosso património é riquíssimo e as pessoas que não são deste meio rural referem que as danças são lindíssimas, até a a própria paisagem tem características lindíssimas. Temos dois tipos distintos de paisagem que daria para fazer dois tipos de turismo distintos. Temos as paisagens de inverno e as de verão ... mas lá está! isto não compete à Freguesia, compete à Autarquia é impossível a Lousa conseguir movimentar-se sozinha, operacionalizando o circuito. Nesse caso parece-me que sim, que poderia contribuir para o desenvolvimento da região porque seria uma situação ao longo do ano, não sazonal, periodicamente as pessoas iriam aparecendo e assim já poderiam surgir pequenos nichos de mercado adaptados àquela situação e outro tipo de turismo que aparecesse, restauração...”</p> <p>JMT- “... artesanato por exemplo, nós não temos um tipo específico de artesanato. Temos algumas pessoas que fazem artesanato próprio, por exemplo uma senhora que faz presépios e depois temos outras que fazem pinturas, cestinhas, mas essa situação do artesanato seria uma possibilidade e também alguns produtos naturais, como o azeite e a cortiça.”</p> <p>JMT- “Já tivemos cá 5 em funcionamento, e isto envolve mais de 50% da nossa área, 376 000 hectares de área. Não é muito grande mas é das maiores aqui do conselho.”</p> <p>JMT- “E em relação às danças? eu defendo que as nossas danças fora da festa ficam fora de contexto... é uma dança que não é um racho, tem de estar contextualizada e com uma determinada envolvente, para que pudesse de alguma forma ser geradora de receitas teriam de ser tomadas um conjunto de medidas para criar esse ambiente e essa envolvência.”</p> <p>JMT- “Para mim há que ter em atenção a parte profana da festa porque mobiliza mais as pessoas, os forasteiros, economicamente é aparte profana que mobiliza mais as pessoas, não a religiosa.”</p>

Tabela 51

Referências ao modo de gestão económica da festa a Nossa Senhora de Altos Céus.	
<p>Entrevista 9</p> <p>Alexandra Capinha – 40 anos – Empresária, Natural da Lousa residente em Castelo Branco. Nunca participou nas danças, mas participa ativamente na festa.</p> <p>João Miguel Capinha – 44 anos- Natural da Lousa residente em Castelo Branco. Nunca participou nas danças, mas participa ativamente na festa.</p> <p>António Justino – 41 anos- Natural da Lousa residente em Castelo Branco. Nunca participou nas danças, mas participa ativamente na festa é catequista na Lousa. Colabora no serviço religioso.</p> <p>Paula Justino- 41 anos, Natural da Lousa. Não participante.</p>	<p>TJ- “ E este ritual não tem qualquer finalidade económica nem monetária.”</p> <p>Acerca da possibilidade de rentabilizar a festa de modo a converter lucros benéficos para o desenvolvimento económico da Lousa:</p> <p>TJ- “ Não de modo nenhum! Devíamos divulgar mais a festa, isso acho que sim, divulgar mais e fazer lembrar mais, no ano em que fiz a festa, é tanta coisa em que pensar, e só na última da hora é que nos lembramos de chamar a RTP. Foi daquelas coisas que nos falhou.”</p> <p>AC- “Sim, poderia ser mais divulgada para se começar a ver a Lousa com outros olhos, numa televisão pública ou privada. Aí sim, mas a finalidade da festa nunca é divulgada. Até temos patrocínio nos 3 jornais locais e esses preocupam-se com a intenção e explicação do porquê da festa, mais das danças... mas mais que isso não acontece. Agora se isso pudesse ir a outros níveis,... o que poderia vir atrás disso? Não sei.”</p>

Tabela 51 (cont.)

Referências ao modo de gestão económica da festa a Nossa Senhora de Altos Céus.	
<p>Entrevista 9</p> <p>Alexandra Capinha – 40 anos – Empresária, Natural da Lousa residente em Castelo Branco. Nunca participou nas danças, mas participa ativamente na festa.</p> <p>João Miguel Capinha – 44 anos- Natural da Lousa residente em Castelo Branco. Nunca participou nas danças, mas participa ativamente na festa.</p> <p>António Justino – 41 anos- Natural da Lousa residente em Castelo Branco. Nunca participou nas danças, mas participa ativamente na festa é catequista na Lousa. Colabora no serviço religioso.</p> <p>Paula Justino- 41 anos, Natural da Lousa. Não participante.</p>	<p>AC- “Sim, mas não em termos económicos. Em termos económicos é assim, é complicado sabe como funciona a questão dos festeiros. As pessoas dão o dinheiro para a festa com devoção toda gente dá, mesmo os doentes e sem poder económico, todos querem dar quando digo dão, dão mesmo com devoção. Dão prendas e para mi isso é um erro crasso. Mas isso há de mudar, quanto a mim, nunca mudará radicalmente porque as pessoas gostam de la ver a carnesse, ...mas gastam ali dinheiro de várias formas. Acabam por comprar as próprias prendas para a carnesse, compram e gastam no bar... está a ser muito explorada para o próprio povo. Tive noção disso mesmo quando fui festeiro. E comecei a dizer às pessoas para, em vez de darem prendas para a carnesse porque não dão aos festeiros e pronto! Assim o dinheiro “fica feito”, mas não adianta, dão e voltam a comprar e dão novamente... Antigamente era diferente compravam coisas que não havia cá porque os emigrantes traziam coisas de França que cá não havia e até fazia sentido... mas hoje não as pessoas sobrecarregam-se a comprar coisas que já tem que nem precisam e até que ela próprias já deram.... Até mete dó, ver peças de 90 euros serem vendidas ali por 5 euros ao desbarato. A Alexandra notou mais isso que eu, porque estive dentro da carnesse. Aquilo está a ser uma exploração do povo sem necessidade nenhuma. Mas se não fosse assim ficávamos la com elas e não pode ser...”</p> <p>AC- “Aquilo acaba por ser uma revolta para quem dá. Eu tenho passado a palavra quando faço a festa é preferível oferecerem dinheiro nem que seja um vez. E não há o problema de se vendem ou não se vendem, e se o tempo esta bom ou se o tempo esta mau... este ano a pessoas já estão mudar um pouco a mentalidade e dão o dinheiro aos festeiros, e os festeiros levam já o dinheiro feito. A s carnesse com rifas são mais engraçadas... ninguém faz uma festa daquelas para ganhar dinheiro, penso eu... quer dizer... o intuito da festa não é esse, nunca foi, nós tivemos lucro felizmente!”</p> <p>AC- “O dinheiro que sobrou demos para bem da comunidade ... para a comunidade, repartimos, não sobra nada de um ano para o outro parte sempre do 0. Hoje em dia fala-se tanto em crise que estas coisas têm de ser bem medidas e pensadas.”</p> <p>AC- “Este ano, estou a ajudar uma tia da Alexandra, já se fez o S. Sebastião onde a ajuda monetária recolhida dessa tradição fica já reservada para ser aplicada na festa de Maio. Este tipo de festas está a acabar, nós tínhamos ali várias festas boas, nos Escalcos de Baixo, Escalcos de Cima e algumas já acabaram, a dos Escalcos de baixo já não e o que era! A nossa festa movimentava muito dinheiro e ainda movimentava, a nossa ainda não vai morrer.”</p> <p>AC- “Mas se alguém paga a festa, posso dizer, que é o povo da Lousa. Nem que seja na esmola, nas prendas que compram, não é o povo de fora que lá vai comprar as prendas da carnesse, há pessoas que até compram prendas para oferecer no ano seguinte. Até tenho a sensação que são as mesmas... o povo é mesmo muito unido até nesses momentos de vê.”</p>

